**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**
**INSTITUTO DE LETRAS**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**GRAZIELE FERREIRA DA SILVA SANTOS**

# O LÉXICO DOS JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS NO *CORPUS* DO PROJETO ALiB: VISITANDO O *FALAR NORDESTINO*

Salvador
2018

**GRAZIELE FERREIRA DA SILVA SANTOS**

# O LÉXICO DOS JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS NO *CORPUS* DO PROJETO ALiB: VISITANDO O *FALAR NORDESTINO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Profª. Drª. Silvana Soares Costa Ribeiro

Salvador
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Graziele Ferreira da Silva
O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino / Graziele Ferreira da Silva Santos. -- Salvador, 2018.
207 f. : il

Orientador: Silvana Soares Costa Ribeiro.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, PPGLinC - Universidade Federal da Bahia, 2018.

1. Variação Lexical. 2. Falar Nordestino . 3. Antenor Nascentes. 4. Jogos e diversões infantis . 5. Projeto ALiB. I. Ribeiro, Silvana Soares Costa. II. Título.

**GRAZIELE FERREIRA DA SILVA SANTOS**

# O LÉXICO DOS JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS NO *CORPUS* DO PROJETO ALiB: VISITANDO O *FALAR NORDESTINO*

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

_____

Prof.ª Dr.ª Silvana Soares Costa Ribeiro - UFBA (Orientadora)

_____

Prof.ª Dr.ª Aparecida Negri Isquerdo - UFMS

_____

Prof.ª Dr.ª Jacyra Andrade Mota – UFBA

Salvador
2018

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, de antemão, aos meus pais, Tadeu e Magnolia, autores da minha vida, pela confiança, apoio e, sobretudo, por me mostrarem o que é um sentimento perene.

Ao meu irmão, Everton, por toda sintonia e cumplicidade.

À Família Ferreira, pelo alicerce que mesmo à distância convergirá sempre em afeto e amor.

A Adriele Leão, por existir.

Aos queridos amigos do N.V.N., Anderson Gonçalves, Evanilton Gonçalves, Leandro Souza, Mariana Santos e Marisa Carmo, pela leveza desde a graduação. Foi, certamente, um encontro de almas tortas e excêntricas.

Aos amigos Daiane Souza, Jivan Santos e Marana Ribeiro, companheiros das angústias do Mestrado e das dádivas da vida.

A Tais Amordivino, por não me fazer desistir e por escolher caminhar comigo.

Aos outros muitos amigos, leiam-se todos, que a vida generosamente me apresentou. Obrigada por proporcionarem os meus sorrisos mais sinceros e por entenderem a minha falta nos encontros de sexta-feira.

À Professora Silvana Ribeiro, pessoa que me apresentou a Dialetologia e trilhou junto comigo os caminhos desta dissertação. Agradeço por todas as intervenções, orientações, sugestões e reflexões às quais tive acesso ao longo deste ciclo.

Às professoras Jacyra Mota e Marcela Paim, por todos os conhecimentos divididos nas reuniões do ALiB e nas brilhantes aulas da Pós.

Aos professores do Departamento de Letras e do PPGLinC, pela excelente formação que me foi oferecida, não apenas na área que escolhi como pressuposto teórico deste trabalho, mas também em todas as demais e por despertaram em mim um interesse cada vez maior pelos estudos da linguagem.

Aos meus alunos, todos eles, de todos os espaços, por tudo o que me ensinaram.

Em especial, agradeço à professora Suzana Cardoso, grande mestre, por todos os ensinamentos. A sua trajetória aqui na terra é luz.

Ao Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil pela autorização do uso dos dados recolhidos pelo Projeto.

À CAPES, pela concessão de bolsa para efetivação e divulgação da pesquisa realizada.

A todos os santos, sagrados e profanos, que me guardam.

Isto é tudo que tenho para oferecer.
Isto, e meu coração também.

Emily Dickinson (2008)

SANTOS, Graziele Ferreira da Silva. *O Léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino*. 2018. 208p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

## RESUMO

Este trabalho analisa em que medida a proposta de divisão dialetal do Brasil, empreendida por Nascentes, em 1953, para a área do *Falar Nordestino*, se mantém atual. Para tal feito, o autor sugere a divisão do Brasil em dois grandes grupos de falares, o do Sul e o do Norte, no qual situa o *Falar Nordestino*, e, por fim, propõe uma área que definiu como território incaracterístico. O estudo em causa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia, da Geolinguística pluridimensional Contemporânea e da Lexicologia. Tem por objetivo descrever a variação diatópica e possibilitar o reconhecimento das variantes lexicais características do português falado no Brasil, contribuindo, por consequência, com a Lexicografia, no que tange à catalogação de regionalismos. Para tanto, utilizou-se como *corpus* os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB correspondentes a 53 localidades, perfazendo o total de 240 informantes de ambos os sexos, pertencentes a duas faixas etárias (uma de 18 a 30 anos e a outra de 50 a 65 anos) e dois níveis de escolaridade (fundamental incompleto e ensino universitário – o último apenas nas capitais). A rede de pontos para este trabalho contempla 7 dos 9 Estados do Nordeste brasileiro, a saber: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, que pertencem ao *Falar Nordestino*. Os outros dois Estados do Nordeste – Bahia e Sergipe – pertencem ao *Falar Baiano* e estão descritos em Ribeiro (2012). Foram selecionadas 13 perguntas da área semântica dos *jogos e diversões infantis*, que integram o Questionário Semântico-Lexical do ALiB. Com vistas à objetiva explanação, os resultados alcançados são divulgados através de gráficos, quadros e cartas linguísticas. Além disso, apresenta-se um panorama comparativo com estudos do ALiB que objetivaram identificar áreas dialetais por meio de itens lexicais: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016). A partir das análises engendradas, confirmou-se que é possível traçar áreas dialetais por meio do léxico. Verifica-se, contudo, que a proposta de Nascentes (1953), nesse caso, não possui vitalidade, pois o *Falar Nordestino* não apresenta homogeneidade no que diz respeito ao léxico dos *jogos e diversões* infantis. Em verdade, nota-se particularidades entre os Estados, destacando-se os seguintes aspectos: o Maranhão e, por vezes, o Piauí recebem influência do *Falar Amazônico*; o Rio Grande do Norte, a Paraíba e Pernambuco funcionam como Estados nucleares que ora dialogam com o Ceará, ora dialogam com Alagoas; já Ceará e Alagoas parecem representar pontos de transição entre os Estados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação Lexical, *Falar Nordestino*, Antenor Nascentes, jogos e diversões infantis, Projeto ALiB.

SANTOS, Graziele Ferreira da Silva. *O léxico dos jogos e Diversões no copus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino*. 2018.208p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

## ABSTRACT

This dissertation analyze the proportion of Brazil dialectal division proposal, undertaken by Nascentes, in 1953, for Northeast speech area, which is currently maintained. For this purpose, the author suggests a division in Brazil in two large speech groups, South and North, in which Northeast speech is located and, lastly, he proposes an area which he has defined as uncharacteristic territory. The study in question is based on Dialectology, Contemporary Pluridimensional Geolinguistic and Lexicography theoretical assumption. Our aim is to describe the diatopic variation and enable the lexical variation recognition of Brazilian spoken Portuguese characteristics, contributing, therefore, to Lexicography, with regard to the cataloging of regionalisms. For this reason, the data of the Project Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) *corpus* was used, corresponding to 53 localities, making up the total of 240 informants of both sexes, belonging to two age group (one from 18 years old to 30 and another one from 50 to 65) and two educational levels (incomplete elementary education and college education – the last one only in capitals). The network of points includes 7 of the 9 Brazilian Northeast states, namely Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco and Alagoas. There were selected 13 questions from *games and children's amusements* semantic areas, which integrate the ALiB Lexica-semantic questionnaire. Observing the objetive explanation, the results achieved are disseminated through graphs, charts and linguistics letters. Moreover, it is presented a comparative overview with ALiB studies aimed at identifying dialectal areas through lexical items: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016). From the generated analyzes, it was confirmed that is possible to trace dialectal areas through the lexicon. However, it appears that Nascentes' proposal, in this case, it has no vitality because the Northeast speech has no homogenity with regard to the games and amusements lexicon. In fact, we note particularities among the states, highlighting the following aspects: Maranhão and, by the way, Piauí which receive the Amazonian speech influence; Rio Grande do Norte, Paraíba and Pernambuco function as nuclear states that now dialogue with Ceará, or dialogue with Alagoas; Ceará and Alagoas seem to represent points of transition between the states.

**KEYWORDS:** Lexical Variation, Northeast Speech, Antenor Nascentes, Games and Children's Amusements, ALiB Project.

## LISTA DE FIGURAS


Figura 1 – História dos estudos dialetais no Brasil 30
Figura 2 – Proposta de divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1981) 40
Figura 3 – Proposta de divisão dialetal de Maximino Maciel (1950) 41
Figura 4 – Proposta de divisão dialetal de Rodolfo Garcia 43
Figura 5 – Proposta de divisão dialetal de Nascentes (1922) 44
Figura 6 – Proposta de divisão dialetal de Nascentes (1933/1953) 46
Figura 7 – Perfil dos informantes 64
Figura 8 – Estado do Maranhão – Rede de Pontos ALiB 66
Figura 9 – Vista da igreja da cidade de Turiaçu – Maranhão 67
Figura 10 – Centro histórico 67
Figura 11 – Vista da igreja da cidade 68
Figura 12 – Vista da cidade 68
Figura 13 – Vista da cidade 69
Figura 14 – Vista da cidade 69
Figura 15 – Vista da cidade 70
Figura 16 – Vista da cidade 70
Figura 17 – Vista da cidade 71
Figura 18 – Estado do Piauí – Rede de Pontos ALiB 72
Figura 19 – Parque lagoa do norte 72
Figura 20 – Vista da igreja da cidade 73
Figura 21 – Igreja vista do morro da Mariana 73
Figura 22 – Igreja de Santana 74
Figura 23 – Igreja matriz de Corrente 74
Figura 24 – Estado do Ceará – Rede de Pontos ALiB 75
Figura 25 – Vista da cidade 76
Figura 26 – Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras 76
Figura 27 – Vista da Orla 77
Figura 28 – Bica do Ipu 77
Figura 29 – Basílica de São Francisco das Chagas 78
Figura 30 – Igreja Matriz 78

Figura 31 – Igreja Matriz de Santo Antônio 79
Figura 32 – Vista da cidade 79
Figura 33 – Vista da cidade 80
Figura 34 – Portal da Cidade 80
Figura 35 – Lagoa da Telha 81
Figura 36 – Praça Cristo Rei 81
Figura 37 – Estado do Rio Grande do Norte – Rede de Pontos ALiB 82
Figura 38 – Vista da cidade 83
Figura 39 – Estação ferroviaria 83
Figura 40 – Praia de Ponta Negra 84
Figura 41 – Obelisco de Pau dos Ferros 84
Figura 42 – Arco do Triunfo 85
Figura 43 – Estado da Paraíba - Rede de Pontos ALiB 85
Figura 44 – Vista da cidade 86
Figura 45 – Vista da Igreja da cidade 86
Figura 46 – Monumento Cristo Rei 87
Figura 47 – Vista da cidade 87
Figura 48 – Açude Velho e Museu de Arte Popular da Paraíba 88
Figura 49 – Praia de Tambaú 88
Figura 50 – Estado de Pernambuco – Rede de Pontos ALiB 89
Figura 51 – Entrada da cidade 90
Figura 52 – Vista da cidade 90
Figura 53 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação 91
Figura 54 – Igreja de São Salvador do Mundo 91
Figura 55 – Praça Pe. Cícero 92
Figura 56 – Portal da cidade 92
Figura 57 –Vista da cidade 93
Figura 58 – Vista da cidade 93
Figura 59 – Marco Zero 94
Figura 60 – Catedral do Senhor Bom Jesus dos Aflitos 94
Figura 61 – Praça Relógio das Flores 95
Figura 62 – Vista da cidade 95

Figura 63 – Estado do Alagoas – Rede de Pontos ALiB 96
Figura 64 – Entrada da cidade 97
Figura 65 – Vista da cidade 97
Figura 66 – Vista da cidade 98
Figura 67 – Orla de Maceió 98
Figura 68 – Menino aprendendo a fazer o movimento da *cambalhota*, com o professor, na aula de taekwondo 104
Figura 69 – Carta linguística para *cambalhota* no *Falar Nordestino* 110
Figura 70 – Bola de gude 112
Figura 71 – Carta linguística 1 para *bola/bolinhade gude* no *Falar Nordestino* 120
Figura 72 – Carta linguística 2 para *bola/bolinhade gude* no *Falar Nordestino* 121
Figura 73 – Menino brincando com *estilingue* 124
Figura 74 – Carta linguística 1 para *estilingue* no *Falar Nordestino* 127
Figura 75 – Carta linguística 2 para *estilingue* no *Falar Nordestino* 128
Figura 76 – Crianças empinando *pipa* 132
Figura 77 – Carta linguística para *pipa com varetas* no *Falar Nordestino* 137
Figura 78 – *Pipa sem varetas* pronta para ser empinada 139
Figura 79 – Carta linguística para *pipa sem varetas* no *Falar Nordestino* 143
Figura 80 – Crianças brincando de *esconde-esconde* 145
Figura 81 – Carta linguística 1 para *esconde-esconde* no *Falar Nordestino* 150
Figura 82 – Carta linguística 2 para sema "*esconder"* no *Falar Nordestino* 151
Figura 83 – Crianças brincando de *cabra-cega* às margens do rio Pará, no município de Mosqueiro – MA 153
Figura 84 – Carta linguística para *cobra-cega* no *Falar Nordestino* 156
Figura 85 – Crianças brincando de *pega-pega* 158
Figura 86 – Carta linguística 1 para *pega-pega* no *Falar Nordestino* 163
Figura 87 – Carta linguística 2 para sema "*pegar"* no *Falar Nordestino* 164
Figura 88 – Crianças brincando de *pega-pega* e usando a árvore como o *local combinado* 166
Figura 89 – Carta linguística para *pique (local combinado)* no *Falar Nordestino* 169
Figura 90 – Crianças aprendendo a brincar de *chicotinho-queimado* 171
Figura 91 – Carta linguística para *chicotinho-queimado* no *Falar Nordestino* 176
Figura 92 – Crianças brincando de *gangorra*, no parque 178
Figura 93 – Carta linguística 1 para *gangorra* no *Falar Nordestino* 183

Figura 94 – Carta linguística 2 para *gangorra* no *Falar Nordestino* 184

Figura 95 – Meninas brincando juntas no mesmo *balanço*, na Comunidade Indígena Panará – PA 186

Figura 96 – Criança brincando de *amarelinha* durante a recreação na escola 189

Figura 97 – Carta linguística para *amarelinha* no *Falar Nordestino* 196

## LISTA DE GRÁFICOS


Gráfico 1 – Percentual de ocorrência de variantes para *cambalhota* no *Falar Nordestino* 106

Gráfico 2 – Percentual de presença das variantes para *cambalhota* nas localidades do *Falar Nordestino* (superior a 6%) 107

Gráfico 3 – Percentual de presença das variantes para *cambalhota* nas localidades do *Falar Nordestino* (inferior a 6%) 107

Gráfico 4 – Percentual de ocorrência de variantes para *bola de gude* no *Falar Nordestino* 115

Gráfico 5 – Percentual de presença das variantes para *bola/bolinha de gude* nas localidades do *Falar Nordestino* 115

Gráfico 6 – Percentual de ocorrência de variantes para *estilingue* no *Falar Nordestino* 125

Gráfico 7 – Percentual de presença das variantes para *estilingue* nas localidades do *Falar Nordestino* 127

Gráfico 8 – Percentual de ocorrência de variantes para *pipa com varetas* no *Falar Nordestino* 133

Gráfico 9 – Percentual de presença das variantes para *pipa com varetas* nas localidades do *Falar Nordestino* 134

Gráfico 10 – Percentual de respostas válidas e respostas não válidas para *pipa (sem varetas)* 140

Gráfico 11 – Percentual de ocorrência de variantes para *pipa sem varetas* no *Falar Nordestino* 141

Gráfico 12 – Percentual de presença das variantes para *pipa sem varetas* nas localidades do *Falar Nordestino* 142

Gráfico 13 – Percentual de ocorrência de variantes para *esconde-esconde* no *Falar Nordestino* 147

Gráfico 14 – Percentual de ocorrência de variantes para *esconde-esconde* no *Falar Nordestino* (variantes de sema "*esconder"*) 148

Gráfico 15 – Percentual de presença das variantes para *esconde-esconde* nas localidades do *Falar Nordestino* 149

Gráfico 16 – Percentual de ocorrência de variantes para *cabra-cega* no *Falar Nordestino* 154

Gráfico 17 – Percentual de presença das variantes para *cabra-cega* nas localidades do *Falar Nordestino* 155

Gráfico 18 – Percentual de ocorrência de variantes para *pega-pega* no *Falar Nordestino* 160

Gráfico 19 – Percentual de ocorrência de variantes para *pega-pega* no *Falar Nordestino* (variantes de sema "*pegar"*) 161

Gráfico 20 – Percentual de presença das variantes para *pega-pega* nas localidades do *Falar Nordestino* 162

Gráfico 21 – Percentual de respostas válidas e respostas não válidas para *pique (local combinado)* 167

Gráfico 22 – Percentual de ocorrência de variantes para *pique (local combinado)* no *Falar Nordestino* 167

Gráfico 23 – Percentual de presença das variantes para *pique (local combinado)* nas localidades do *Falar Nordestino* 168

Gráfico 24 – Percentual de respostas válidas e respostas não válidas para *chicotinho-queimado* 172

Gráfico 25 – Percentual de ocorrência de variantes para *chicotinho-queimado* no *Falar Nordestino* 174

Gráfico 26 – Percentual de presença das variantes para *chicotinho-queimado* nas localidades do *Falar Nordestino* 174

Gráfico 27 – Percentual de ocorrência de variantes para *gangorra* no *Falar Nordestino* 180

Gráfico 28 – Percentual de ocorrência de variantes para *gangorra* no *Falar Nordestino* (variantes de sema "*balançar*") 180

Gráfico 29 – Percentual de presença das variantes para *gangorra* nas localidades do *Falar Nordestino* 181

Gráfico 30 – Percentual de ocorrência de variantes para *balanço* no *Falar Nordestino* 187

Gráfico 31 – Percentual de presença das variantes para *balanço* nas localidades do *Falar Nordestino* 188

Gráfico 32 – Percentual de ocorrência de variantes para *amarelinha* no *Falar Nordestino* 193

Gráfico 33 – Percentual de presença das variantes para *amarelinha* nas localidades do *Falar Nordestino* 194

## LISTA DE QUADROS


Quadro 1 – Atlas linguísticos publicados no Brasil 36

Quadro 2 – Recursos de ampliação do léxico 53

Quadro 3 – Questões da seção jogos e diversões infantis 99

Quadro 4 – Resultado dos agrupamentos para *cambalhota* 104

Quadro 5 – Relação das localidades em que aparecem as variantes de *cambalhota* – menos de 6% 108

Quadro 6 - Resultado dos agrupamentos para *bola/bolinha de gude* 114

Quadro 7 – Resultado dos agrupamentos para *estilingue* 124

Quadro 8 – Resultado dos agrupamentos para *pipa com varetas* 133

Quadro 9 – Resultado dos agrupamentos para *pipa sem varetas* 141

Quadro 10 – Resultado dos agrupamentos para *esconde-esconde* 146

Quadro 11 – Resultado dos agrupamentos para *esconde-esconde* (variantes de sema *"esconder"*) 146

Quadro 12 – Resultado dos agrupamentos para *cobra-cega* 153

Quadro 13 – Resultado dos agrupamentos para *pega-pega* 159

Quadro 14 – Resultado dos agrupamentos para *pega-pega* (variantes de sema "*pegar*") 159

Quadro 15 – Relação das localidades em que aparecem as variantes de *pega-pega* – menos de 5% 162

Quadro 16 – Resultado dos agrupamentos para *chicotinho-queimado* 173

Quadro 17 – Resultado dos agrupamentos para *gangorra* 179

Quadro 18 – Resultado dos agrupamentos para *gangorra* (variantes de sema "*balançar*") 179

Quadro 19 – Resultado dos agrupamentos para *balanço* 186

Quadro 20 – Resultado dos agrupamentos para *amarelinha* 192

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| AL | Alagoas |
| ALES | *Atlas Linguístico do Espírito Santo* |
| ALF | *Atlas Linguistique de La France* |
| ALiB | *Atlas Linguístico do Brasil* |
| ALPR | *Atlas Lingüístico do Paraná* |
| ALPR 2 | *Atlas Lingüístico do Paraná 2* |
| ALS | *Atlas Linguístico de Sergipe* |
| ALS II | *Atlas Lingüístico de Sergipe II* |
| APFB | *Atlas Prévio dos Falares Baianos* |
| CE | Ceará |
| CIDS | Congresso de Dialetologia e Sociolinguística |
| EALMG | *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INF | Informante |
| INQ | Inquiridor |
| MA | Maranhão |
| NURC | Projeto Norma Linguística Urbana Culta |
| PB | Paraíba |
| PE | Pernambuco |
| PI | Piauí |
| QFF | Questionário Fonético-Fonológico |
| QMS | Questionário Morfossintático |
| QSL | Questionário Semântico-Lexical |
| RN | Rio Grande do Norte |
| UEL | Universidade Estadual de Londrina |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UFCE | Universidade Federal do Ceará |
| UFG | Universidade Federal de Goiás |
| UFJF | Universidade Federal de Juiz de Fora |
| UFLA | Universidade Federal de Lavras |
| UFMS | Universidade Federal de Mato Grosso do Sul |

| | |
|---|---|
| UFOP | Universidade Federal de Ouro Preto |
| UFPA | Universidade Federal do Pará |
| UFPB | Universidade Federal da Paraíba |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |

**SUMÁRIO**


| | | |
|---|---|---|
| **1** | **INTRODUÇÃO** | 21 |
| **2** | **FUNDAMENTOS TEÓRICOS** | 25 |
| 2.1 | A DIALETOLOGIA: APRESENTANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES | 25 |
| **2.2.1** | **Dialetologia e Sociolinguística: as interfaces** | 27 |
| **2.2.2** | **Breve histórico da Dialetologia no Brasil** | 30 |
| **2.2.3** | **Geolinguística: os Atlas Regionais e o Atlas Linguístico do Brasil** | 33 |
| **2.2.4** | **Propostas de divisão dialetal do Brasil** | 38 |
| 2.2.4.1 | Os estudos lexicais a partir dos dados do Projeto ALiB: uma comparação com a divisão dialetal de Nascentes (1953) | 47 |
| 2.3 | O LÉXICO EM FOCO: REVENDO ALGUNS CONCEITOS | 51 |
| 2.3.1 | **Léxico: Perspectivas social e cultural** | 57 |
| **3** | **MÉTODOS E TÉCNICAS** | 61 |
| 3.1 | SITUANDO O PROJETO ALiB | 61 |
| 3.2 | O PERFIL DOS INFORMANTES | 63 |
| 3.3 | A ÁREA GEOGRÁFICA EM ANÁLISE | 64 |
| **3.3.1** | **Região Nordeste: uma breve contextualização histórica** | 64 |
| **3.3.2** | **Descrição das localidades** | 65 |
| **3.4** | A ÁREA SEMÂNTICA DOS JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS | 99 |
| 3.5 | AS ETAPAS DA PESQUISA | 100 |
| **4** | **DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS** | 103 |
| 4.1 | **Designações para a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado** | 103 |
| 4.1.1 | *O Léxico de cambalhota* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB | 111 |
| 4.2 | **Designações para as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar** | 112 |
| 4.2.1 | *O Léxico de bola de gude* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB | 122 |
| **4.3** | **Designações para o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho** | 123 |
| 4.3.1 | *O Léxico de estilingue* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB | 130 |

**4.4** **Designações para o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha** 132

4.4.1 *O Léxico de pipa com varetas* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 138

**4.5** **Designações para o brinquedo parecido com o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha** 139

4.5.1 *O Léxico de pipa sem varetas* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 144

**4.6** **Designações para a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras** 145

4.6.1 *O Léxico de esconde-esconde* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 152

**4.7** **Designações para a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras** 152

4.7.1 *O Léxico de cobra-cega* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 157

**4.8** **Designações para a brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado** 158

4.8.1 *O Léxico de pega-pega* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 165

**4.9** **Designações para o local combinado na 'brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado'** 166

4.9.1 *O Léxico de pique* (local combinado) no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 170

**4.10** **Designações para a brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair** 171

4.10.1 *O Léxico de chicotinho-queimado* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 177

**4.11** **Designações para uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce** 177

4.11.1 *O Léxico de gangorra* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 185

**4.12** **Designações para uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás** 186

4.12.1 *O Léxico de balanço* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 190

**4.13 Designações para a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só".** 190

4.13.1 *O Léxico de amarelinha* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB 197

**5 CONSIDERAÇÕES FINAIS** 199

**REFERÊNCIAS** 203

# 1 INTRODUÇÃO

O interesse pela diversidade linguística do português falado no Brasil surgiu durante a graduação em Letras Vernáculas, na Universidade Federal da Bahia, sobretudo quando a autora deste trabalho, por meio das aulas de LET C12 – Introdução aos Estudos Dialetais e LET C20 – Metodologia dos Estudos Dialetais, disciplinas ministras pela professora Doutora Silvana Soares Costa Ribeiro, teve os primeiros contatos com o universo das pesquisas desenvolvidas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – doravante Projeto ALiB. Destaca-se que a realização de inquéritos experimentais durante as disciplinas foi o ponto crucial para a escolha de trilhar os caminhos da Dialetologia.

A motivação para esta dissertação, a qual examina a vitalidade, na perspectiva sincrônica, da divisão dialetal brasileira, proposta por Nascentes, em 1953, mais precisamente no que se refere à área do *Falar Nordestino*, utilizando como base o léxico dos *jogos e diversões infantis*, adveio da época em que a autora foi bolsista de Iniciação Científica PIBIC, do Projeto ALiB.

Durante dois anos, pesquisou-se sobre o léxico dos *jogos e diversões infantis* no Estado do Ceará. Também, por meio de bolsas de iniciação científica, o Estado de Pernambuco foi estudado por D'Anunciação e Ribeiro (2014) e os Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão por Rodrigues e Ribeiro (2015; 2016). Acrescenta-se que Ribeiro (2012) descreveu o Estado de Alagoas, contemplando, dessa maneira, toda a área correspondente ao *Falar Nordestino* de Nascentes (1953). Para a delimitação mais precisa dessa área dialetal, principal objetivo deste trabalho, e contraste com o que foi proposto pelo autor, notou-se ser necessário revisitar esses dados, com vistas ao tratamento e interpretação dos resultados específicos de cada Estado de forma global e trilhar, dessa vez, os caminhos de Nascentes (1953). Afinal, conforme o autor "Uma língua não se espelha através de uma região sem alterar-se aqui e ali" (NASCENTES, 1960, p. 253)

Assim, após o estudo dos dados de 12 localidades do Ceará e a observação dos resultados levantados por D'Anunciação e Ribeiro (2014) e Rodrigues e Ribeiro (2015; 2016) estabeleceu-se a seguinte hipótese: a proposta de divisão dialetal de Nascentes, datada de 1953, para a área do *Falar Nordestino*, não corresponde, atualmente, à realidade, considerando o campo semântico dos *jogos e diversões Infantis* nos dados do Projeto ALiB.

O objetivo Geral é identificar o *Falar Nordestino* a partir da reunião de pesquisas com dados do Projeto ALiB acerca do campo semântico escolhido. Os objetivos específicos são: (i) revisitar os dados de Ribeiro (2012), D'Anunciação e Ribeiro (2014), e Rodrigues e Ribeiro (2014; 2015; 2016), Santos e Ribeiro (2015; 2016) a fim de promover a junção, tratamento e interpretação dos dados, vistos de forma global; (ii) apresentar uma proposta de divisão dialetal para a área do *Falar Nordestino*; (iii) comparar a divisão dialetal apresentada com a de Nascentes (1953); (iv) contribuir para a descrição do português falado no Brasil, com dados do léxico dos *jogos e diversões* infantis do *corpus* selecionado.

A justificava maior para o cumprimento deste estudo está, pois, explicitada na necessidade de aprofundamento das investigações sobre as áreas dialetais do Brasil, principalmente no que se refere à área observada. Lembra-se que, passadas seis décadas da divisão de Nascentes (1953), nenhuma outra divisão, para todo o Brasil, foi dada a conhecer. Romano (2015) faz levantamento de alguns trabalhos de cunho lexical, e Mota (2006), de trabalhos de cunho fonético, que já indicam a precisão do diagnóstico de Nascentes (1953) sobre a distinção dos falares do Norte e do Sul. Porém, ainda não há "[...] uma proposta de divisão dialetal do Brasil, contestando ou referendando *in totum* a de Nascentes (1953), seja pela ausência ou insuficiência de dados sobre algumas áreas, seja pela heterogeneidade das amostras disponíveis" (MOTA, 2006, p. 350). Com o *corpus* do Projeto ALiB já constituído e documentado, oportuniza-se a discussão do traçado de Nascentes (1953), mediante amostra atualizada, recolhida com mesma metodologia para todo o país. Os trabalhos monográficos de Amaral (1920), Marroquim (1934), Nascentes (1953), no século XX, já assinalavam a necessidade de destacar os diferentes falares existentes no Brasil.

Ademais, um dos principais desafios da dialetologia é a descrição de áreas dialetais e caracterização dos falares de uma determinada língua. Diante desta tarefa, entende-se que um dos problemas que se apresenta para a ciência dialetológica é a de descrever com fidelidade e baseada em dados coletados *in loco* a realidade linguística do Brasil, no que tange à temática da distribuição espacial da variação linguística. Cabe destacar que a maioria dos estudos que buscam estabelecer áreas dialetais para o Brasil utiliza o nível fonético da língua. Dessa maneira, definiram-se, assim, as perguntas norteadoras desta pesquisa e a pesquisa com o léxico:

- É possível delinear a área do dialetal do *Falar Nordestino* através do léxico?

- Com base em estudo centrado no campo semântico de *jogos e diversões Infantis*, pode-se considerar atual a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), em relação à área denominada *Falar Nordestino*?
- Há subáreas linguísticas dentro do *Falar Nordestino*?

Pontua-se que a escolha de estudar o léxico deveu-se, sobretudo, ao fato desse nível de análise da língua ser um revelador da realidade social e histórica de um povo. O léxico representa, ainda, "um aspecto diferenciador no que se refere à variação linguística, pois, além de evidenciar diferenças de uma região para outra, demonstra também a consequente mobilidade dessas diferenças de um espaço para outro" (ISQUERDO, 2007, p. 533).

Para realizar a pesquisa proposta, foram selecionadas 53 cidades pertencentes a sete Estados do Nordeste brasileiros e que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB. A amostra é constituída pelas elocuções de 240 informantes.

Para fins organizacionais, este trabalho está dividido em seis seções, iniciada por esta parte com aspectos introdutórios, à qual seguem: os fundamentos teóricos, os métodos e técnicas, a apresentação e a análise dos dados, as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

Na seção 2, fundamentos teóricos, apresentam-se os pressupostos que alicerçam a pesquisa. Para tanto, retomam-se os conceitos basilares sobre a Dialetologia, apresentando o percurso histórico dessa ciência no Brasil, as características de suas fases, e seu método, a Geolinguística, voltando-se a atenção para os atlas linguísticos já publicados em solo brasileiro. Além de uma breve contextualização sobre a interface entre a Dialetologia e a Sociolinguística, apresentam-se, também, as propostas de divisão dialetal do Brasil e os estudos lexicais realizados por pesquisadores do ALiB, no intuito de atestar a vitalidade da proposta de Nascentes (1953). Noticiam-se, ainda, questões concernentes ao léxico.

Após apresentação dos pressupostos teóricos, procede-se, então, na seção 3, métodos e técnicas, a explanação das considerações metodológicas adotadas para a realização do estudo: descrição do Projeto ALiB, os detalhes acerca do perfil dos informantes pertencentes ao Projeto, a eleição da área temática dos *jogos e diversões infantis*, as etapas arroladas na pesquisa e uma breve descrição das localidades analisadas.

Por seu turno, a quarta seção, descrição e análise dos dados, apresenta o tratamento e a análise dos dados, através de gráficos, elocuções dos informantes, quando possível, e cartografia experimental a fim de uma melhor contemplação dos resultados obtidos, além de um panorama comparativo com estudos do ALiB sobre delimitação de áreas dialetais, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016). Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

Este Trabalho de Dissertação está inserido em um Projeto maior, de âmbito nacional, o Projeto ALiB, cujo principal objetivo é mapear e descrever a realidade linguística do Brasil no tocante à Língua Portuguesa. O trabalho foi desenvolvido com base em materiais coletados para o ALiB, realizado com dados ainda inéditos e obteve autorização de pesquisa concedida pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

# 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Apresentam-se, nesta seção, os pressupostos teóricos que embasam este estudo. Para tanto, serão abordados, primeiramente, os fundamentos referentes à Dialetologia e sua interface com a Sociolinguística. Registram-se, de modo breve, as características da Geolinguística, enquanto método da Dialetologia. Em seguida, os conceitos básicos relacionados ao léxico, enfocando seu reflexo no contexto social e cultural. E, posteriormente, serão discutidas questões referentes às propostas de divisão dialetal do Brasil, uma vez que o foco desta dissertação, como explicitado na Introdução, é o estudo de áreas dialetais brasileiras, em especial o *Falar Nordestino* descrito por Nascentes (1953).

## 2.1 A DIALETOLOGIA: APRESENTANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A dialetologia, ramo dos estudos linguísticos que se consolida com as publicações do *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, de Georg Wenker (1881) e do *Atlas Linguistique de la France*, de Jules Gilliéron (1903), tem como objeto de análise a variação linguística, considerando, sobretudo, a variação em espaços geográficos. Antes disso, mais precisamente a partir do século XVII, o olhar dos linguistas já começava a se voltar para os dialetos, uma vez que as diferenças dialetais são as mais visíveis dentro da língua. Ademais, trabalhos relativos à dialetologia também já existiam, mas é somente no século XIX, segundo Cardoso (2010), que os caminhos dos estudos dialetológicos, através da geolinguística, seu método específico, começam a se consolidar com eficiência.

As pesquisas no campo da dialetologia surgem num período caracterizado pelo pouco envolvimento entre as regiões geográficas “seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as áreas” (CARDOSO, 2010, p. 39). Assim, muitos estudos dialetais resultaram da necessidade de resgatar a memória linguística de uma determinada região, bem como registrar os estágios da língua em observação sistemática.

Para Chambers e Trudgill (1994), a dialetologia é a ciência do estudo dos dialetos, ou seja, subdivisões de uma língua, dentro de um espaço geográfico sem que haja, no entanto, intrinsecamente qualquer relação de inferioridade e superioridade. O dialeto foi visto, por muito tempo, com valor politicamente depreciativo, mas de acordo com Coseriu

(1982, *apud*, FERREIRA E CARDOSO, 1994, p. 16), o *status* histórico é único fator de diferenciação entre língua e dialeto, como afirmam as autoras:

> Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais- não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

Ferreira e Cardoso (1994, p.16) definem o dialeto como "um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras".

Na busca pela diversidade que a língua assume de uma área para outra, a dialetologia não enfoca sua análise apenas nos dados registrados, mas também na ausência deles. Em verdade, o "não-dado" traz revelações linguísticas importantes acerca do espaço geográfico investigado. Segundo Cardoso (2010, p. 15), "o vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinente para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos."

Partindo dessa mesma ideia, Rossi (1969, p. 88-89) afirma que

> a Dialectologia é uma ciência eminentemente contextual, isto é, o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente ainda que por ausência em outro ponto ou em outra área.

Cardoso (2010, p.25) pontua, ainda, que dois aspectos essenciais estão na gênese da dialetologia:

> i) O reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas; ii) a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixados.

A Dialetologia passou por um período de transformação no que se refere aos processos teórico-metodológicos abordados na observação dos dados. Dessa maneira, na dialetologia considerada tradicional investigavam-se as localidades rurais e distantes dos grandes espaços urbanos e desenvolvidos, priorizando, portanto, a fala sem grandes influências internas e/ou externas e, por assim dizer, conservadora de falantes que

seguiam o padrão denominado por Chambers e Trudgill (1994, p. 57) como NORMs (*nommobile*, *older*, *rural*, *males*)[1]. De modo agregador, a Dialetologia contemporânea passou a acrescentar pesquisas nas localidades urbanas e naquelas de povoamento mais recente. Na atualidade, a dialetologia pluridimensional, conforme Harald Thun (2005, p. 68), "focaliza as inter-relações no espaço". Associado a isso, os estudos, que antes eram puramente diatópicos, passam incluir, de maneira sistemática e com padrões de equidade, a dimensão social, histórica e cultural em suas análises, pois

> Do ponto de vista linguístico, o esquadrilhamento da estrutura das línguas naturais levou ao conhecimento detalhado dos elementos que as constituem, das estruturas segundo as quais se organizam, das relações históricas que entre grupos se estabelecem, dos processos que marcam seu funcionamento. Do ponto de vista sócio-histórico e político, verifica-se que o mundo vem passando – como, aliás, sempre passou – por profundas e sucessivas transformações que lhe oferecem nova configuração e novo perfil. (CARDOSO, 2010, p. 62).

Os resultados dos trabalhos em Dialetologia, revelados por meio das pesquisas, podem figurar por meio de estudos monográficos e/ou atlas linguísticos. No caso dos Atlas Linguísticos e seguindo o método da geolinguística[2], a apresentação dos dados pode ser demonstrada de forma monodimensional ou pluridimensional.

Desde o surgimento da dialetologia, as dimensões monodimensional e pluridimensional ofertaram importantes contribuições para o estudo dos dialetos e caracterização dos espaços geográficos. Portanto, cabe afirmar que não existe uma relação hierárquica entre essas duas faces, a utilização de uma em detrimento da outra dependerá dos objetivos que o pesquisador pretende alcançar.

### 2.2.1 Dialetologia e Sociolinguística: as interfaces

Quando a dialetologia contemporânea ou pluridimensional passa a considerar as dimensões vertical (social) e horizontal (espacial) em sua análise, surgem trabalhos que dialogam entre os campos da dialetologia e da sociolinguística. Esses dois ramos da linguística foram confundidos por muito tempo, pois, desde o início, lançaram o olhar,

---

[1] No Brasil, Zágari (1998, p.36) propõe um novo termo para HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário).

[2] Na seção seguinte, abordam-se os detalhes que caracterizam a metodologia dos estudos dialetais.

prioritariamente, para a diversidade da língua falada. Partindo desse pressuposto, Silva-Corvalán (1998, p. 08) admite que

> Sociolinguística e dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimos uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos individuais. Assim como a sociolinguística, a dialetologia reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística. (Tradução da autora da dissertação).

Ferreira e Cardoso (1994, p. 19) salientam, ainda, que

> definir objetos e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mais fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala da dialetologia e sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala.

Embora haja pontos de congruência entre as duas áreas, sociolinguística e dialetologia diferenciam-se pela maneira de tratar os dados. Enquanto esta prioriza a análise diatópica e o estabelecimento de fronteiras geográficas de certos usos da língua, aquela focaliza sua análise na relação entre língua e os fatos sociais.

O termo “sociolinguística” surge na década de 50, mas só se desenvolve como corrente linguística nos Estados Unidos, através de Labov, Gumperz, Hymes e Bright, na década de 60, depois do advento da dialetologia. Silva-Corvalán (1998) afirma que a sociolinguística assume essencialmente a preocupação de explicar a inter-relação entre variação linguística e os fatores sociais e o papel que essa variação exerce nos processos de mudança linguística. Em outras palavras, a sociolinguística é a ciência da linguagem que estuda a língua em uso real dentro de uma comunidade de fala, levando em conta, principalmente, os aspectos sociais para explicar a variação e a mudança linguística, características inerentes às línguas, pois, conforme afirma Labov

> [...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança lingüística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p.21).

Para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, é fácil perceber formas linguísticas em variação, ou seja, em coocorrência ou concorrência. Essas formas são constituídas pelas variantes linguísticas, que podem ser observadas num dado momento.

Tarallo (1986, p. 08) afirma que: “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”, ao passo que a mudança linguística só se efetiva mediante a competição de duas variantes, com vitória de uma delas. Assim, entende-se que toda mudança deriva de uma variação de formas linguísticas, porém, nem toda variação vai implicar mudança. (TARALLO, 1986. p. 62).

William Labov foi responsável por desenvolver pesquisas que disseminaram a sociolinguística para todo o mundo. Em 1963, o linguista publica o estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard – Massachusetes/EUA, que funciona como espécie de laboratório para uma análise introdutória dos padrões sociais na mudança linguística. O trabalho foi realizado por meio de leituras ou entrevistas gravadas e os resultados obtidos por Labov desvelam a relação intrínseca entre fatores sociais, como sexo, origem, etnia, faixa etária, ocupação e papel na sociedade ao comportamento linguístico dos sujeitos da ilha, mais precisamente, à pronuncia dos ditongos do inglês (ay) e (aw). Verificou-se, com isso, que os falantes de um mesmo espaço geográfico não fazem uso de um modelo homogêneo da língua.

Em 1966, Labov divulga um estudo acerca da estratificação social do inglês. Para tanto, o autor investiga as realizações da vibrante /R/, obtidas na produção de palavras como *car*, *beer*, *board*, em três lojas de departamento de Nova Iorque, as quais podem ser correlacionadas a classes socioeconômicas, a saber: Sak’s, Macy’s e S. Klein. Labov observou que o uso do /R/ como retroflexo estava associado à classe alta, já a não realização do /R/ associada à classe baixa. A pesquisa resulta numa contribuição de grande relevância para a linguística moderna, pois é a partir dela que se concebe a Sociolinguística Variacionista, estabelecendo um padrão de descrição e interpretação dos dados linguísticos no contexto social de áreas urbanas.

É em meio aos avanços da sociolinguística variacionista laboviana, na década de 60, que a dialetologia passa a correlacionar os aspectos sociais em suas análises, embora esses aspectos já estivessem presentes desde o surgimento dos estudos dialetais. Ferreira e Cardoso (1994, p. 18) pontuam que em meados da década de sessenta,

> a Dialetologia já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo, etc. A dialetologia, portanto, já há muito tempo usa de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolinguística.

Com efeito, mesmo considerando os aspectos sociais na coleta e tratamento de dados, a dialetologia, conforme disserta Cardoso (2010, p. 26), “tem como base da sua

descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se, dessa forma, como eminentemente diatópica". Logo, o surgimento da sociolinguística não desqualifica ou anula as pesquisas dialetológicas, mas, sim, amplia seu campo de visão.

É interessante destacar a importância que a dialetologia e a sociolinguística têm para o ensino de língua materna, uma vez que esses campos da linguística diversificam o conhecimento dos estudantes acerca dos fenômenos linguísticos, desmistificando a ideia de uma língua padronizada e indo em direção ao estudo da diversidade sócio-histórica-cultural e geográfica.

### 2.2.2 Breve histórico da Dialetologia no Brasil

No Brasil, os estudos dialetais têm início em 1826, através da presença de Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, no *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi, publicado em 1826. Na oportunidade, Visconde de Pedra Branca escreveu um estudo, cujo objetivo era comparar, do ponto de vista lexical, o português do Brasil com o português de Portugal, registrando exemplos de casos de não coincidência entre os dois usos da língua. A contribuição do autor à obra de Balbi possibilitou o conhecimento sistematizado da realidade linguística do português brasileiro.

No que se refere ao desenvolvimento dos estudos dialetológicos no Brasil, Nascentes (1952 – 1953) propôs uma periodização em duas fases, que estão descritas em dois volumes na revista ORBIS; Ferreira e Cardoso (1994, p. 37 -44) reafirmaram a divisão proposta por Nascentes (1958) e definiram a terceira fase e Mota e Cardoso (2006) a quarta fase.

As características e os fundamentos de cada fase serão discutidos detalhadamente, a seguir, e a periodização pode ser melhor compreendia por meio da figura 1:

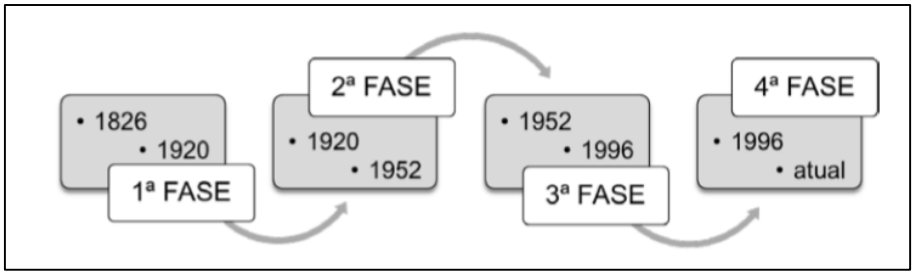


Figura 1: História dos estudos dialetais no Brasil
Fonte: Ribeiro (2012, p. 56).

A **primeira fase** da dialetologia é caracterizada pelo enfoque no léxico através da construção, elaboração e publicação de dicionários, glossários e vocabulários regionais. O trabalho que marca o início dessa fase se deve a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que escreveu, em 1826, um capítulo do livro de Vêneto, como exposto, na obra de Balbi, citada anteriormente. Houve, também, o primeiro estudo gramatical: *O idioma hodierno de Portugal comparado com o Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva, em 1879.

A **segunda fase** inicia-se em 1920 com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, que surgiu, segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 39), "da preocupação do autor com o processo de dialetação do português no Brasil". A pesquisa de Amaral, realizada *in loco*, buscou investigar o uso do português no interior de São Paulo, analisando questões de gramática, vocabulário e pronúncia, destacando-se o estudo do "r" retroflexo/caipira. A obra destaca-se pelo caráter sistemático e pelo estabelecimento de uma metodologia.

Essa fase tem como principal característica a publicação de trabalhos monográficos, uma das formas de divulgação dos resultados dialetológicos. Caracteriza-se, também, como na primeira fase, pelo enfoque em trabalhos de cunho lexicográfico, com grande número de publicações dessa natureza. Entretanto, os estudos tornam-se mais sistemáticos e amplos: a pesquisa avança para outros níveis de análise da língua (fonético-fonológico e morfossintático), além do lexical.

Ademais, na segunda fase, é publicada a clássica proposta de divisão dialetal do Brasil, datada de 1922, veiculada na obra *O Linguajar Carioca em 1922*, de Antenor Nascentes, datada de 1922 e reformulada em 1953[3]. O autor descreve a fala dos cariocas a partir da fonética, da morfologia, da sintaxe e do léxico e apresenta um glossário.

Cabe apontar, nessa fase, a contribuição de Mário Marroquim (1934) com a publicação do livro *A língua do Nordeste*. O autor ressalta a necessidade da criação de uma obra integral que busque mapear e definir a diferenciação dialetal do português falado no Brasil. Mas, inicialmente, sugere a realização de trabalhos parcelados, feitos com critérios e honestidade sobre cada zona do país. A obra, que tem como proposito estudar a língua popular de Alagoas e Pernambuco, considera idêntica a orientação linguística dos Estados e, portanto, compila as duas áreas sob um só aspecto dialetal, tendo em vista a mesma formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos.

[3] Item desenvolvido na próxima seção x.

Marroquim (1934) descreve a língua de Pernambuco e Alagoas por meio da observação de diversos níveis de análise e aspectos linguísticos, a saber: fonologia, vocalismo, consonantismo, figuras de dicção, gênero, número, grau, pronomes, verbos, lexicologia, tematologia e sintaxe.

Outros trabalhos importantes referentes a essa fase foram *O falar mineiro* (1938) e *A linguagem de Goiás* (1944), ambos de José Aparecido Teixeira.

Já a **terceira fase** tem como marco inicial, em 1952, o decreto 30.643 de 20 de março, que registrou, em forma de lei, a intenção de publicação de um Atlas Linguístico do Brasil. Nesse sentido, a característica central é a produção de atlas linguísticos regionais. Nessa fase, tem início a produção e publicação de trabalhos realizados em *corpora* de forma sistemática e começam a se consolidar os trabalhos em Geolinguística no Brasil. Destaca-se a publicação do primeiro atlas linguística do país: o APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos – em 1963, organizado por Nelson Rossi, que é considerado "o pioneiro na aplicação da geografia linguística no Brasil". (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44-45). Durante essa fase, evidenciam-se trabalhos que se apoiavam na metodologia da Geografia Linguística e as importantes obras: *Guia para estudos dialetológicos no Brasil* (1957), de Serafim da Silva Neto e os dois volumes das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958; 1961), que sugere os caminhos para as novas pesquisas dialetais no Brasil.

Publicam-se vários atlas linguísticos estaduais e regionais que serão destacados na seção seguinte.

Em 1996, Cardoso e Mota apresentam a proposta de uma nova fase para os estudos dialetais no Brasil. A retomada de um Projeto de Atlas Linguístico do Brasil marca essa etapa. Dessa forma, pode-se afirmar que a terceira fase vai até 1996, em Salvador – Bahia, com o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, momento em que se constituiu o Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil. Assim, tem início a **quarta fase** da dialetologia brasileira. Essa fase é marcada pela implementação de linhas de pesquisa na perspectiva da Geolinguística, em várias universidades brasileiras. Vale destacar o aumento significativo do número de atlas linguísticos publicados ou em elaboração. Além disso, a quarta fase passa a incorporar novas dimensões ao trabalho dialetológico. Essas novas dimensões referem-se ao movimento de mudança da análise monodimensional ou tradicional pela análise pluridimensional, que vai considerar os fatores diastráticos, diagenéricos, diageracional e diafásicos.

Na quarta fase, os estudiosos brasileiros passam a diversificar o campo de estudo e incluem, em suas análises, trabalhos de natureza morfossintática, metalinguística pragmático-discursiva.

### 2.2.3 Geolinguística: os Atlas Regionais e o Atlas Linguístico do Brasil

É irrefutável que a geolinguística ou geografia linguística é o método por excelência da dialetologia, por documentar os dados mapeados e representá-los através de mapas geográficos. O reconhecimento desse método se deu, de acordo com Cardoso (2010), com a consolidação dos estudos dialetológicos, no século XIX. Nas palavras de Coseriu:

> Na terminologia técnica da linguística atual, 'geografia linguística' designa, exclusivamente, um método dialetológico e comparativo que passou a ter extraordinário desenvolvimento em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas espaciais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unificada em uma rede de pontos de um território determinado ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas em espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (tradução da autora da dissertação)[4]. (COSERIU, 1956, p. 29).

Desse modo, como já mencionado anteriormente, *o Atlas Linguistique de la France*, de Jules Gilliéron, foi a obra que deu início aos estudos sistemáticos da geolinguística. A coleta de dados foi iniciada em 1887, por um único inquiridor, Edmont Edmont, que possuía "uma excelente aptidão para captar a variação fonética dos sons e para transcrevê-las com uma exatidão espantosa" (POP, 1950 *apud* CARDOSO, 2010, p. 42). Para tal empreendimento, foi aplicado um questionário com cerca de 1.900 perguntas em 639 localidades, que resultaram na publicação de cartas linguísticas. Segundo Cardoso (2010), embora o Atlas de Gilliéron tenha recebido críticas de alguns linguistas devido à falta de critério na escolha dos informantes e na descrição e documentação dos dados

[4]En la terminología técnica de la lingüística actual, la expresión "geografia lingüística designa exclusivamente um método dialectológico y comparativo que há llegado a tener extraordinario desarrollo em nuestro siglo, sobte todo em el campo românico, y que presupone el registro em mapas especiales de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria em uma red de puntos de um territorio determinado, o, por lo menos, tiene em cuenta la distribuición de las formas em el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablares estudiados.

obtidos, teve o mérito de ser o precursor do método da geografia linguística com caráter científico.

Para Alinei (*apud* CARDOSO, 2010, p. 67), quando se considera o espaço geográfico, é possível reconhecer quatro tipos de atlas linguísticos:

> Se se classificar todos os atlas linguísticos até agora publicados com base na área que recobrem, a partir do *ALF* de Gilliéron de 1903, registram-se quatro tipos de atlas, do menor ao maior: (i) regionais, (ii) nacionais, (iii) de grupo linguístico, (iv) continentais.

Os procedimentos e técnicas seguidas no tratamento dos dados dos atlas vão "estabelecer categorias diferenciadas de resultados cartografados" (CARDOSO, 2010, p. 77). Por esse viés, os atlas podem ser classificados em três tipos: (i) os atlas de primeira geração, que expõem os dados, apresentando ou não informações complementares; (ii) os atlas de segunda geração, que exibem os resultados e analisam os fenômenos registrados e (iii) os atlas de terceira geração, cuja principal característica é possibilitar ao leitor a audição das respostas fornecidas pelos informantes.

As etapas seguidas para a realização de pesquisas dialetológicas e criação de atlas são apresentadas Ferreira e Cardoso (1994):

1) A preparação da pesquisa: esta etapa tem início com a definição do campo linguístico a ser investigado, seguido da escolha das localidades ou localidade, informantes, método de investigação (inquéritos *in loco* ou por correspondência).
2) Execução dos inquéritos: neste momento é posto em destaque o acesso às localidades, como ocorrerá o contato com o informante (intermédio de terceiros ou por meio de moradores da região que auxiliam no primeiro contato), o preenchimento da ficha de identificação do informante.
3) Exegese e análise dos materiais recolhidos: a análise dos materiais recolhidos está completamente vinculada com um trabalho de exegese dos dados. Para se evitar interpretações errôneas ou mal entendimentos, as respostas dadas pelos informantes devem ser observadas levando-se em conta o contexto utilizado.
4) Divulgação dos resultados obtidos: a publicação de um trabalho dialetal não indica o término da pesquisa, ao contrário, a conclusão e apresentação desses resultados podem servir como ponto de partida para um outro

> momento, voltado para a análise de dados ou conclusões sobre o fato investigado.

Além disso, Cardoso (2010) ressalta que o trabalho dialetal é realizado a partir do tripé básico: rede de pontos, informantes e questionários.

No que tange ao início dos estudos geolinguísticos no Brasil, pontua-se que a necessidade de elaboração de um atlas linguístico nacional, com base em dados empíricos efetivamente coletados e sistematicamente analisados, aparece no Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, o qual atribui à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a responsabilidade de atender às demandas da área e elaborar o atlas linguístico do Brasil. Porém, pela extensão territorial do país e pelo contexto social da época, optou-se pela elaboração, inicialmente, dos atlas regionais, conforme indicava Rossi:

> Em tese, o ideal seria proceder inicialmente a um levantamento exaustivo das modalidades linguísticas de uma área e só depois disso, à luz do maior número possível de diferenciações regionais, traçar isoglossas – lexicais, fonéticas, fonológicas (quando ocorressem) e morfo-sintáticas, para depois conjugadas essas isoglossas, que de antemão podemos garantir que não se superpõem coincidentemente, classificar os falares brasileiros e interpretar historicamente seus limites. (ROSSI, 1967, p.104)

Assim, teve início, na Universidade Federal da Bahia, a elaboração do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, até se chegar à publicação do *Atlas Linguístico do* Brasil. Como foi exposto, o anseio pela elaboração de um atlas linguístico do Brasil já era presente desde 1952, mas, tendo em vista a dificuldade de realização dessa tarefa, optou-se pela produção inicial de Atlas Regionais, os quais representam importantes registros das variações linguísticas locais do país. Com esse tipo de obra, é possível desenvolver um estudo pormenorizado de cada espaço, por considerar um número menor de localidades. Um atlas nacional, nesse caso, precisaria de muito mais tempo para ser finalizando, sobretudo pela extensão territorial do Brasil. Na sequência, através do quadro 1, estão elencados cronologicamente importantes atlas regionais já publicados, de forma resumida, e suas principais características[5].

[5] Neste levantamento, não foram consideradas as teses de doutorado e as dissertações de mestrado.

Quadro 1: Atlas linguísticos publicados no Brasil

| Nome/ Ano de Publicação | Autor(es) e/ou colaboradores/ organizadores | Rede de pontos | Outras características metodológicas |
|---|---|---|---|
| Atlas Prévio dos Falares baianos (APFB) – 1963 | Nelson Rossi | 50 localidades | Atlas pioneiro, observou a fala de 100 informantes, entre homens e mulheres analfabetos ou semianalfabetos, com objetivo de mapear a área dos falares baianos. O questionário é formado por 182 perguntas referentes aos campos semânticos: terra, animais, vegetais, homem. |
| Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG) – 1977 | Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passio e Antônio Gaio | 184 localidades | Inicialmente organizado em quatro volumes, utiliza métodos tradicionais da Geolinguística e, também, inovadores da Sociolinguística, analisando a fala de informantes analfabetos e de nível superior. |
| Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) – 1984 | Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes | 28 localidades | Faz parte do projeto "Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano". O questionário possui 289 questões gerais, compreendendo as áreas semânticas: terra, família, habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais, e as 588 questões específica referem-se aos principais produtos agrícolas do Estado. Localidades: 25 municípios como base e outros 3 satélites. |
| Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) – 1987 | Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi | 15 localidades | Iniciado após o APFB, só foi publicado anos mais tarde com 171 cartas. As questões recobriam as mesmas áreas semânticas do APFB: terra, vegetais, homem e animais. |
| Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) – 1994 | Vanderci de Andrade Aguilera | 65 localidades | O atlas, além de documentar e cartografar a variação lexical e fonética, tem o intuito de criar um glossário. As 325 questões do questionário fazem parte das áreas temáticas: terra e homem |

| Nome/ Ano de Publicação | Autor(es) e/ou colaboradores/ organizadores | Rede de pontos | Outras características metodológicas |
|---|---|---|---|
| Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) – 2002 | Walter Koch | 294 localidades | Primeiro atlas que mapeia mais de um Estado. O questionário traz 711 questões, divididas em questionários Fonético-fonológico, Semântico-lexical e Morfossintático. Os informantes selecionados têm pouca escolaridade e estão entre 28 e 58 anos. Sobre as localidades: 106 no Paraná, 86 em Santa Catarina e 102 no Rio Grande do Sul) |
| Atlas Linguístico de Sergipe-II (ALS-II) – 2002 | Suzana Alice Marcelino Cardoso | 15 localidades | É considerado um atlas de segunda geração, contando com dois informantes, não-alfabetizados ou semialfabetizados, em cada ponto. São 108 cartas centradas no campo semântico "homem". |
| Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA) – 2004 | Abdelhak Razky | 10 localidades | Primeiro atlas sonoro brasileiro. Foram aplicadas 159 perguntas, de um questionário fonético-fonológico, a quatro informantes por localidade, todos estratificados em escolaridade, sexo e idade. |
| Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) – 2007 | Dercir Pedro de Oliveira | 32 localidades | Trata-se de um atlas composto por 231 cartas fonéticas, morfossintáticas e semântico-lexicais. As respostas foram obtidas mediante aplicação de um questionário de 557 perguntas. Os 128 informantes estão distribuídos nos dois sexos e duas faixas-etárias. |
| Atlas Linguístico do Estado do Ceará (ALECE) – 2010 | José Rogério Fontenele Bessa | 70 localidades | O atlas traz, além das 256 cartas, com dados lexicais e fonéticos, um glossário. Os dados refletem o comportamento linguístico de sujeitos de ambos os sexos e com escolaridade entre analfabetos e pessoas com o 1º grau completo. |

Em 2014, durante o III CIDS – III Congresso de Dialetologia e Sociolinguística, em homenagem às professoras Suzana Marcelino Cardoso e Jacyra Mota, realizado em Londrina - PR, ocorreu o lançamento dos dois primeiros volumes do Atlas Linguísticos do Brasil, com dados de 25[6] capitais de Estado.

Na parte introdutória, volume I, há uma contextualização significativa da história da construção do Atlas Linguístico do Brasil. São apresentadas a metodologia seguida, bem como a rede de pontos, os questionários e os informantes. (CARDOSO et al., 2014a).

No volume II, encontram-se 159 cartas linguísticas, com dados fonéticos, semântico-lexicais e morfossintáticos e 10 cartas introdutórias. Além das cartas linguísticas, são apresentados o perfil dos informantes e informações sobre a realização dos inquéritos, como os inquiridores e os auxiliares das entrevistas. (CARDOSO et al., 2014b).

Os próximos volumes com os resultados do interior, distribuídos por todos os Estados brasileiros já estão programados.

### 2.2.4 Propostas de divisão dialetal do Brasil

> Fala-se muito num "dialeto brasileiro", expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialetação, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões. (AMARAL, 1920, p. 43)

As palavras de Amadeu Amaral, manifestadas em *O dialeto caipira*, datado de 1920, introduzem esta subseção e demonstram o interesse dos pesquisadores, desde o início dos estudos dialetais, pelo processo de dialetação do Brasil. Admitindo-se a diversidade do português brasileiro e a importância da delimitação dos falares em espaços geográficos, apresentam-se, na sequência, as principais propostas de divisão dialetal desenvolvidas no país.

Cumpre dizer, de antemão, que a proposta de Nascentes, de 1922, reformulada em 1953[7], na obra *O linguajar carioca*, é a mais aceita entre os estudiosos que pretendem

---

[6] Foram excluídas Palmas, capital do Tocantins e o Distrito Federal, devido aos critérios adotados com relação à data de fundação, 1989 e 1961, respectivamente.

[7] Neste estudo, foi consultada a obra *O linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes, publicada em 1953, apesar de a primeira versão com mesmo título ter sido publicada em 1922.

desenvolver trabalhos dessa natureza. Porém, a dialetologia atual ainda enfrenta barreiras para atestar a atualidade dessa proposta, conforme disserta Ribeiro

> Um dos problemas a serem solucionados pela Dialetologia brasileira, hoje, é o de que passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados in loco, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil. (RIBEIRO, 2012, p. 79)

Nascentes (1953), além de desenvolver a famosa divisão dialetal do Brasil, que depois ficou consagrada como a mais conhecida e difundida, tece críticas às propostas produzidas anteriormente. Júlio Ribeiro, em 1981, é responsável pela primeira tentativa de divisão do país em áreas dialetais, utilizando como critério, exclusivamente, os aspectos geográficos. O autor divide o território brasileiro em quatro grupos, como pode ser visto na Figura 2:

1) **Norte**: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco;

2) **Leste**: Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo;

3) **Centro**: Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso;

4) **Sul**: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

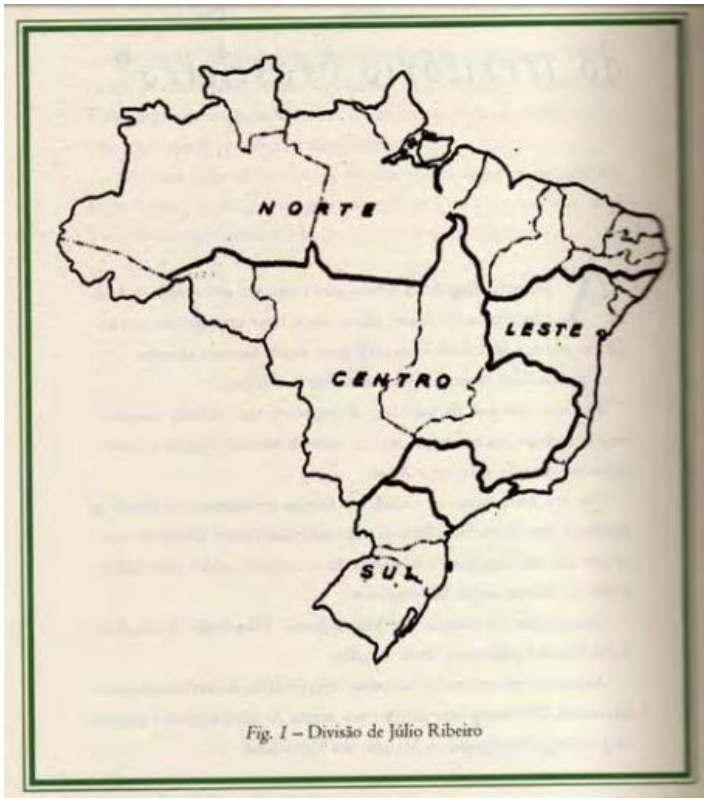


Figura 2: Proposta de divisão dialetal de Júlio Ribeiro (1981)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 692).

Para Nascentes (1953) a delimitação proposta por Júlio Ribeiro apresenta imperfeições, pois

> [...] junta o Norte e o Nordeste, que é diferente dele; Separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; Coloca o Espírito Santo (sem discriminar norte e sul) e o Rio de Janeiro junto da Baía, tão diferente esta; Coloca São Paulo, tão caracteristicamente sulino, junto de Alagoas (!) e junto com Sergipe e Baía e junto com Espírito Santo e Rio de Janeiro; Coloca Minas (sem discriminar) junto com Goiás e Mato Grosso; No sul só há que objetar a falta de S. Paulo. (NASCENTES, 1953, p. 20-21).

Em seguida, Maximino Maciel (1950), considerando, também, apenas os critérios geográficos, propõe uma divisão com as seguintes partes (cf. Figura 3):

1) basilo-guianense ou setentrional;

2) idiodialetos estaduais ou centrais;

3) basilo-castelhano ou meridional.

Nascentes, além de criticar o fato de Maciel se ater apenas aos limites geográficos, aponta outros problemas:

> [...] a língua chamada Guiana Brasileira se estende à região da margem direita do Amazonas; que serão idiodialetos? A influência do castelhano platino na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não vai ao ponto de dominar um subfalar. (NASCENTES, 1953, p. 21)

Figura 3: Proposta de divisão dialetal de Maximino Maciel (1950)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 694).

João Ribeiro, em *A história do Brasil*, diferente de Júlio Ribeiro (1921) e Maciel (1950), inclui a concepção histórica em sua proposta. Nascentes pontua a importância dessa divisão, porque, segundo ele, "sem uma base histórica não se pode fazer nada neste assunto" (NASCENTES, 1953, p. 21). Júlio Ribeiro (1921) descreve o Brasil em cinco grupos locais:

1) **Extremo norte** – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceara;

2) **Norte** – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte;

3) **Centro** – Sergipe, Baía, Ilhéus, e Porto Seguro;

4) **Interior** – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso;

5) **Sul** – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Rodolfo Garcia, na obra *Dicionário de brasileirismos* (1915), associando questões históricas e geográficas, apresenta a divisão detalhada a seguir e representada pela Figura 4:

1) **Norte** – Amazonas, Pará e Maranhão;

2) **Norte-oriental –** Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas;

3) **Central-marítima** – Sergipe, Bahia, Espírito Santos e Rio de Janeiro;

4) **Meridional –** São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul;

5) **Altiplana-centra**l – Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

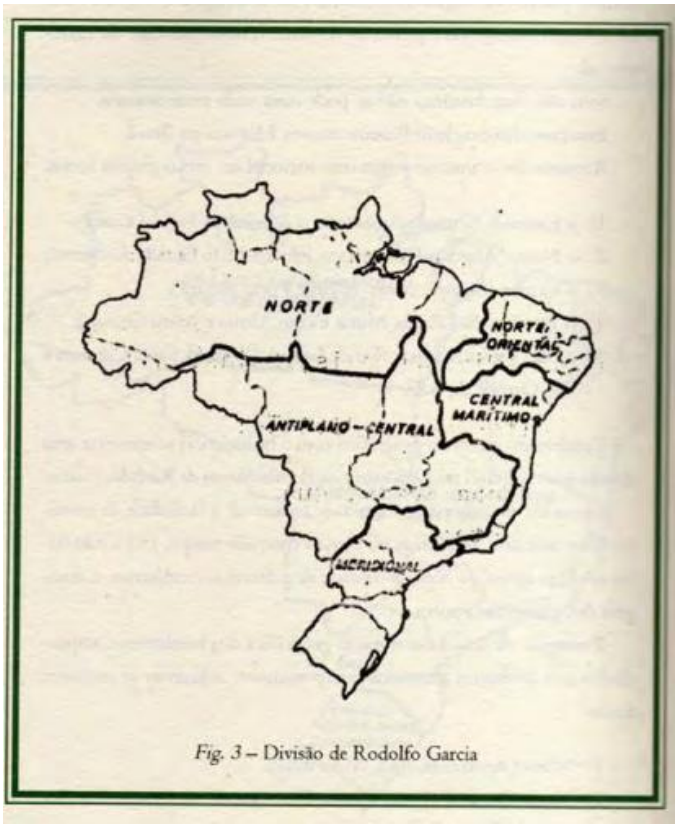


Figura 4: proposta de divisão dialetal de Rodolfo Garcia
Fonte: BARBADINHO NETO. (2003, p. 697).

Para a construção de sua proposta, Garcia (1915) considerou, igualmente, a continuidade territorial, a facilidade de comunicação via terra, mar aberto e rios, a homogeneidade e heterogeneidade das questões culturais e industriais e os localismos listados em glossários. Conforme Nascestes (1953), essa é uma divisão considerada mais aceitável quando comparada às anteriores, mas, ainda assim, apresenta falhas, uma vez que Garcia (1915) não deveria

> [...] colocar o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste; colocar o Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona central-marítima; colocar Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso. (NASCENTES, 1953, p. 21).

Na primeira versão de *O linguajar Carioca*, em 1922, Antenor Nascentes, reformulando a proposta de Garcia, sugere uma nova divisão dialetal para o Brasil (cf. Figura 5):

1) **Nortista** – Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia;

2) **Fluminense** – Espírito Santos, Rio de Janeiro, Sul de Minas Gerais e Distrito Federal;

3) **Sertaneja** – Mato Grosso, Goiás, Norte de Minas Gerais, sertão dos Estados litorâneos, desde o Maranhão até a Bahia;

4) **Sulista** – São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro.

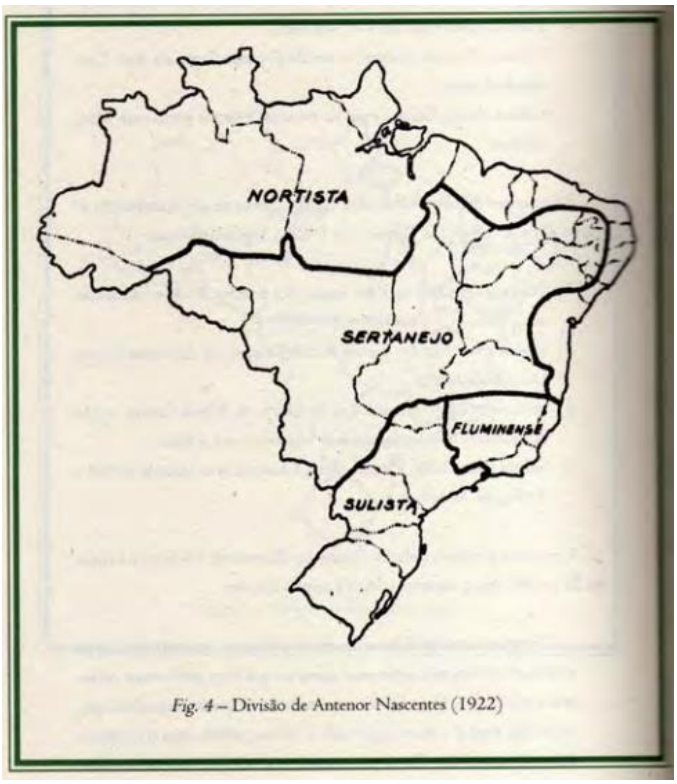


Figura 5: proposta de divisão dialetal de Nascentes (1922)
Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 698).

Pontua-se que Nascentes (1953), quando fez essa divisão, havia percorrido uma pequena parte do território brasileiro. O autor conhecia Minas Gerais, Espírito Santo, o Estado do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco (Recife) e Bahia. (NASCENTES, 1953, p. 23).

Após levar em consideração as ponderações feitas por Lindolfo Gomes, o autor modifica a divisão de 1922 em 1933. Nascentes cria uma zona Norte para Amazonas e Pará; constitui uma zona Nordeste, abrangendo o litoral do Maranhão até o norte do Espírito Santo. Ademais, transfere o sul de Minas Gerais para a área dialetal sulista.

Em 1950, Nascentes propõe uma nova divisão dialetal do Brasil e assim se expressa:

> Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. (NASCENTES, 1953, p. 24)

A proposta é divulgada primeiramente por Serafim Silva Neto, no artigo *A manhã* e transcrito em sua *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, do mesmo ano. Incluída na segunda versão de *O linguajar carioca* (1953), essa divisão considera que no Brasil há dois grandes grupos de falares:

1) o do **Norte**, que engloba os subfalares: Amazônico (Acre, Amazonas, Pará e parte de Goiás que vai da foz do Aquiqui à Serra do Estrondo) e Nordestino (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás que vai da Serra do Estrondo à nascente do Parnaíba;

2) o do **Sul**, que engloba o Baiano (Sergipe, Bahia, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste) Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos; o Fluminense (Espírito Santo, Estado do Rio, Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste); o Mineiro (Centro Oeste e parte do Leste de Minas Gerais) e o Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (sul), Mato Grosso). (NASCENTES, 1953, p. 25-26)

Para Nascentes (1953, p. 25):

> O que caracteriza esses dois grupos é a cadencia e a existencia de protonicas abertas em vocabulos que não sejam diminutivos nem adverbios em *mente*. Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar pessoas pertencentes a cada um destes grupos.

A proposta é, por fim, completada por uma área definida por Nascentes como território incaracterístico ou indefinido (região localizada entre a parte de fronteira do Brasil com a Bolívia e a fronteira do Mato Grosso com o Pará e o Amazonas) (cf. Figura 6).

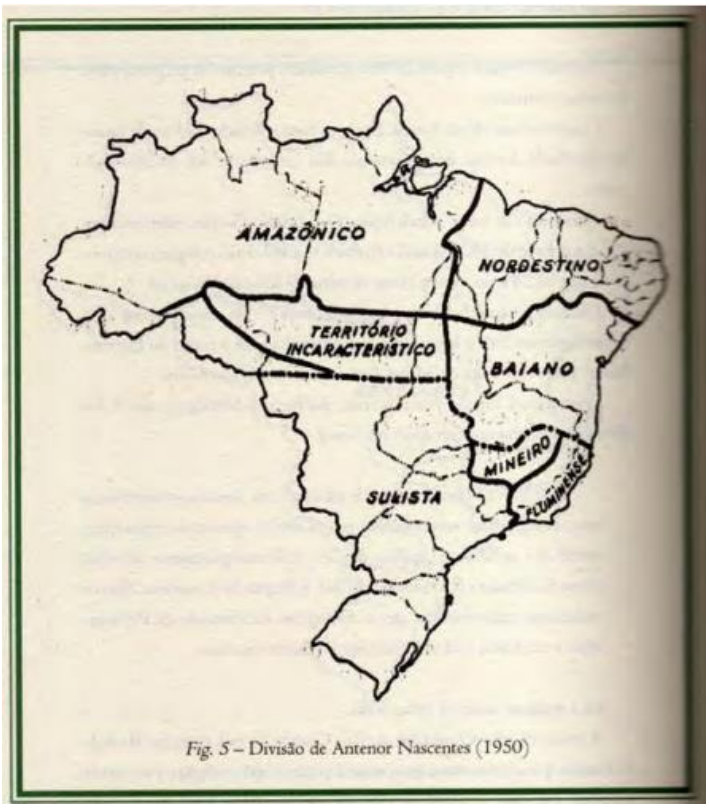


Figura 6: proposta de divisão dialetal de Nascentes (1933/1953)
BARBADINHO NETO (2003, p. 699).

Ainda não há "[...] uma proposta de divisão dialetal do Brasil, contestando ou referendando *in totum* a de Nascentes (1953), seja pela ausência ou insuficiência de dados sobre algumas áreas, seja pela heterogeneidade das amostras disponíveis" (MOTA, 2006, p. 350). Porém, de acordo com a autora (2006, p.328), as pesquisas empíricas desenvolvidas a partir da década de 60, em áreas urbanas e rurais, vem possibilitando o conhecimento da realidade linguística do país. Prova disso é a elaboração de atlas linguísticos e inúmeras monografias, dissertações e teses.

Os atlas linguísticos, embora sejam instrumentos importantes para a demarcação de áreas dialetais, esbarram nas dificuldades de comparações entre eles, pois possuem metodologias próprias e pertencem a épocas diferentes. Desse modo, disserta Mota (2006, p. 351):

> Analisando os dados hoje disponíveis, verifica-se a necessidade de um maior conhecimento das áreas dialetais brasileiras, especialmente daquelas que ainda não dispõem de atlas regionais, assim como de uma amostra atualizada, recolhida simultaneamente, com a mesma metodologia e sob coordenação geral em todo o país, como a que se programa para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Somente a partir de amostra

> desse tipo será possível uma proposta cientificamente justificável de divisão do país em áreas dialetais.

2.2.4.1 Os estudos lexicais a partir dos dados do Projeto ALiB: uma comparação com a divisão dialetal de Nascentes (1953)

Os estudiosos do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil, na tentativa de atestar a realidade linguística do Português falado do Brasil, vêm desenvolvendo diversos trabalhos nos âmbitos lexical, fonético e morfossintático. Aqui, para uma discussão mais aprofundada, elegeram-se os estudos de cunho lexical que testaram a possibilidade de delimitação de áreas dialetais através do léxico, utilizando como escopo os dados do Projeto, em especial àqueles que examinaram questões referentes à área temática dos *jogos e diversões infantis*. Assim, em ordem cronológica, selecionaram-se a tese de doutoramento de Ribeiro (2012), a dissertação de mestrado de Portilho (2013), a tese de doutorado de Romano (2015), a dissertação de mestrado de Santos (2016) e a monografia de D'Anunciação (2016)[8].

O estudo de Ribeiro (2012), *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*, abarcou uma área geográfica de 57 localidades pertencentes ao subfalar baiano e regiões fronteiriças, denominadas *área de controle*. Foram analisadas as 13 questões da seção *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico Lexical do ALiB. Ao testar a vitalidade dos limites dialetais propostos por Nascentes (1953), a autora concluiu que, na realidade presente, há vitalidade na proposta, "mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao *Falar Baiano*." (RIBEIRO, 2012, p. 449). O estudo revelou algumas especificidades linguísticas, que resultaram na descrição de quatro Subáreas Dialetais, nomeadas alfabeticamente de A a D, apresentando evidencias da diversidade na unidade. A autora faz ampla pesquisa em dicionários de língua portuguesa contemporâneos buscando revelar a existência das lexias documentados no *corpus* e seu registro em obras lexicográficas: Houaiss (2002), Ferreira (1999) e Aulete (2006). Também há pesquisa no dicionário de folclore de Câmara Cascado (1954)

---

[8] Todos os trabalhos suguem a metodologia proposta pelo Projeto ALiB: 04 informantes em interior e 08 em capitais de Estado, estratificados em sexo: masculino e feminino; faixa etária: faixa 1 (18 a 30 anos) e faixa II (50 a 65 anos) e grau de escolaridade: ensino fundamental incompleto em todas as localidades e ensino universitário completo, (apenas em capitais). Ressalta-se que Romano (2015), por questões metodológicas pré-estabelecidas, não utilizou os dados dos informantes com ensino universitário completo, com intuito de não enviesar os resultados da pesquisa.

Ribeiro (2012) indica que a continuidade da pesquisa deve se ater a uma pergunta que, em seu estudo, "não foi formulada, mas que esteve presente, durante a feitura do trabalho: qual a importância da sócio-história da área geográfica estudada para a constituição do léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis?". (RIBEIRO, 2012, p. 449). Assim, a autora indica os novos caminhos de investigação:

> A sócio-história dos munícipios que compõem a rede de pontos pesquisada, as linhas migratórias estabelecidas, os processos de mudança de rural para urbano no perfil das localidades, apesar de constituírem temas considerados quando se estudavam os pressupostos teóricos que serviriam de base para a pesquisa, mostraram-se de difícil abordagem dada a amplitude dos temas e a exiguidade de tempo para realização da tarefa. Num trabalho que objetivava traçar áreas dialetais e para o qual não se dispunha do *corpus* totalmente constituído, estudo de tal natureza interdisciplinar merecia uma atenção mais acurada, para que não se incorresse em superficialidades ou impropriedades. Optou-se por não enveredar por tal caminho, no entanto, deve-se ressaltar que em um estudo mais amplo os temas sejam pesquisados.

A tese é inovadora, pois configura-se como o primeiro trabalho com produto cartográfico de uma área dialetal tão ampla, "sem estar atrelada aos critérios de demarcação geopolítica do país (um estado, uma região)." (RIBEIRO, 2012, p. 454).

Em 2013, a análise referente ao *Falar Amazônico* foi o objeto da dissertação de mestrado de Portilho, intitulada *O Falar Amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.* O *corpus* da pesquisa é formado por 196 itens lexicais obtidos como respostas para as 13 perguntas referentes ao mesmo campo semântico investigado por Ribeiro (2012), *jogos e diversões infantis*. O estudo totalizou 128 falantes moradores de 26 municípios brasileiros, pertencentes à área geográfica em análise e mais 06 regiões limítrofes (*área de controle*).

Portilho (2013) estrutura sua análise por meio de duas abordagens: o da distribuição diatópica, com a cartografia dos itens lexicais e o da análise semântica desses itens catalogados. De modo a ampliar a pesquisa lexicográfica empreendida por Ribeiro (2012), Portilho (2013), buscou consultar as seguintes obras: Raphael Bluteau (1712 – 1728), Moraes Silva (1813), Silva Pinto (1832), Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Câmara Cascudo (2001), trazendo um olhar ampliado e complementar ao de Ribeiro (2012), no que se refere aos dicionários não contemporâneos.

No que se refere à vitalidade do *Falar Amazônico*, autora considerou que

> [...] apesar das interinfluências entre os falares, especialmente entre as localidades fronteiriças e a área dialetal investigada nesta pesquisa, foi atestada uma relativa vitalidade do falar amazônico no nível lexical, considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil. (PORTILHO, p. 138).

Portilho (2013) afirma, ainda, que "estudos mais amplos envolvendo as demais áreas dialetais propostas por Nascentes (1953) poderão ratificar ou retificar as conclusões obtidas a partir dos dados lexicais examinados". (PORTILHO, p. 139).

A tese de doutorado de Romano (2015), *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-sul do Brasil*, traz a descrição do *Falar Sulista*. Para a análise, foram utilizados como *corpus* os dados do Projeto ALiB de 118 localidades, contemplando 472 informantes. Romano (2015) estuda uma pergunta da seção dos *jogos e diversões infantis*, agregando a sua pesquisa quatro perguntas de outros campos lexicais do Questionário Semântico-lexical do Projeto: 001 – córrego; 039 – tangerina; 132 – menino; 156 – bolinha de gude e 177 – geleia.

Nesse caso, os resultados encontrados apontam para um caminho diferente do que foi observado nas áreas mapeadas por Ribeiro (2012) e Portilho (2013): as localidades não apresentam homogeneidade e, portanto, "[...] sob o ponto de vista do léxico, a divisão de Nascentes (1953), para o subfalar sulista, não é mais válida." (ROMANO, 2015, p. 265). Por meio da análise diatópica das variantes documentadas, evidenciou-se a existência de dois grandes falares com limites virtuais e fluidos: o paulista e o sulista, pois, conforme Romano:

> [...] sob o ponto de vista do léxico, considerar o Estado de SP e adjacências no mesmo grupo que o RS, possivelmente seria um equívoco, tendo em vista aspectos sócio-históricos envolvidos no processo de ocupação e povoamento do território, o que se reflete na variação lexical das questões selecionadas. (ROMANO, 2015, p. 262).

Além disso, o autor apresenta outra constatação:

> Há indícios da existência de subáreas lexicais em espaços comuns tanto ao falar sulista quanto ao falar paulista, o que indica a necessidade de estudos mais apurados sobre essas áreas, bem como de outros subfalares definidos por Nascentes (1953), a fim de delimitar com mais precisão qual a abrangência desses dois grandes falares por ora identificados, bem como empreender análises considerando outros níveis linguísticos como o fonético e o morfossintático com vistas a traçar as áreas dialetais para o PB. (ROMANO, 2015,p.266).

A dissertação de mestrado de Santos (2016), *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*, considerou 35 cidades que pertencem a cinco Estados brasileiros. O autor, do mesmo modo que Portilho, adotou a área de controle defendida por Ribeiro (2012) como pressuposto para delimitação mais precisa da região examinada. Houve consulta em 4 dicionários escolares, a saber: Bueno (2010), Telles& Bentes (2011), Bechara (2011) e Borba (2011), sem, contudo, debater os registros pesquisados, apenas traz a discussão sobre presença e/ou ausência de registro.

Ao analisar as 152 elocuções dos informantes do ALiB nos Estados englobados no *Falar Fluminense* acerca dos *jogos e diversões infantis*, constatou-se que a área não demonstra aspectos linguísticos que evidenciem uma unidade areal. De acordo com o autor

> É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao cotejar os dados das pesquisas alibianas (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas. No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal. (SANTOS, 2016, p. 189-190).

Para obter um maior entendimento dos falares da área em análise, Santos (2016) sugere a ampliação de pesquisas, seja pelo léxico através de outros campos semânticos seja em outro nível da língua. Além disso, aponta que "outro aspecto que deve ser observado, talvez, seja o estabelecimento de uma maior extensão dos Pontos de Controle, diferindo das ideias preconizadas por Ribeiro (2012)". (SANTOS, 2016, p.190).

O estudo monográfico de D' Anunciação, *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais*, em 2016, mapeou os dados do Estado de Minas Gerais. A autora não fez comparações com a divisão de Nascentes (1953). A pesquisa abrangeu 23 localidades e 96 informantes, trazendo a análise das perguntas: 156 – bolinha de gude, 157 – estilingue, 158 – pipa (com varetas), 159 – pipa (sem varetas) e 167 – amarelinha. O estudo objetivou descrever a variação lexical de todo Estado de Minas Gerais, que, por sua vez, engloba quatro subfalares do autor. Ainda que o traçado de áreas dialetais não tenha sido o foco do trabalho de D'Anunciação, a autora ressalta a necessidade de ampliação do *corpus* para confrontar os resultados obtidos confirmando ou não o traçado de Nascentes (1953):

> É importante ressaltar que os resultados aqui expostos são preliminares, sendo ainda necessário o levantamento do *corpus* para os outros oito brinquedos e/ou brincadeiras infantis (*cambalhota*, *esconde-esconde*, *cabra-cega*, *pega-pega*, *pique*, *chicote-queimado*, *gangorra* e *balanço*) documentados por meio da aplicação do Questionário semântico-lexical do ALiB, nas localidades de Minas Gerais para confrontar os dados obtidos, confirmando ou não o traçado de Nascentes (1953). (D'ANUNCIAÇÃO, 2016, p. 82).

Embora, tratando-se de áreas dialetais, haja prevalência de trabalhos que priorizam as análises fonéticas, os estudos selecionados comprovaram ser factível a tarefa de demarcar falares, utilizando-se de isoléxicas. Salienta-se, também, que o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis tem sido instrumento importante para diversos estudos dessa natureza, como é o caso desta dissertação, que, em soma com as áreas já estudadas, contribuirá com dados para posterior estabelecimento de uma divisão dialetal do Brasil.

Conforme apontam os resultados obtidos por Ribeiro (2012); Portilho (2013); Romano (2015) e Santos (2016), os subfalares delimitados por Nascentes (1953), do ponto de vista lexical, não apresentam uma unidade/homogeneidade dialetal em sua totalidade, pois é impossível uma forma dialetal possuir unidade absoluta quando se trata de distribuição espacial. Observa-se, contudo, nesses estudos, que a divisão dos falares Norte e Sul se confirmam.

## 2.3 O LÉXICO EM FOCO: REVENDO ALGUNS CONCEITOS

O léxico é, tradicionalmente, conceituado como o acervo de palavras de uma língua. Segundo Correia (2012, p. 09)

> O léxico de uma língua é entendido, de forma genérica, como um conjunto de todas as palavras que dela fazem parte. Porém, por trás da simplicidade dessa definição, esconde-se um sem-número de problemas e de questões de difícil resposta no momento em que pretendemos quantificar o léxico.

Precisar a quantidade de itens lexicais de uma língua não é tarefa fácil, na verdade talvez seja algo impossível. Alves (1990, p. 05) afirma que "o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova", pois diversas palavras são criadas diariamente, em algumas áreas com mais frequência que em outras e, desse mesmo modo, outras tantas deixam de existir, tornando-se arcaísmos linguísticos. Nos dias de hoje, a tecnologia, por exemplo, é a área que mais tem trazido contribuições lexicais para a língua, uma vez que há o

aparecimento constante e veloz de novas ferramentas relacionadas a esse campo. Nessa perspectiva, de acordo com Biderman:

> À medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou as técnicas e depois as ciências. Assim, as comunidades que atingiram tal estágio de civilização precisam ampliar sempre mais seu repertório de signos lexicais. (BIDERMAN, 2001, p.14 e 15).

Cumpre dizer, também, que, além do surgimento e desaparecimento de muitos itens lexicais, algumas formas abandonam o significado original e incorporam um novo sentido, resultado de transformações e mudanças de hábitos de uma determinada sociedade[9]. Para Barbosa:

> [...] é lícito definir a norma do universo lexical como o lugar de equilíbrio dinâmico, o lugar do conflito e o epicentro da tensão entre aquelas forças contrárias. Esse equilíbrio e a tensão são observáveis com clareza, em qualquer etapa sincronicamente considerada de uma língua, por três aspectos: a conservação de grande parte do léxico, o surgimento de novas unidades lexicais, o desaparecimento de ouras. Distingue-se, entre as unidades que permanecem as que apresentam frequência de utilização estável, crescente ou declinante (BARBOSA, 2001, p. 36).

Ressalta-se que nem todas as palavras criadas para satisfazer uma necessidade imediata conseguem sobreviver e integrar a língua. Essas formas esporádicas só passam a formas institucionalizadas quando o item se torna familiar, ou seja, conhecido por uma comunidade linguística. O poder da mídia e as exigências pragmáticas, históricas e culturais são fatores que levam a institucionalização ou não dessas formas.

A língua é compreendida como um patrimônio de toda uma comunidade de fala, desse modo, é facultado a todos os falantes da língua o direito da criação lexical. Porém, é através dos meios midiáticos e das obras literárias, como nas produções dos escritores simbolistas, do romancista Guimarães Rosa, dos poetas Carlos Drummond de Andrade e Cassiano Ricardo, dentre outros, que as novas palavras – os neologismos – têm maior possibilidade de ser difundidas e, assim, continuarem existindo na língua.

Segundo Biderman (2001, p.18), “o léxico de qualquer língua constitui um universo sem limites, permanentemente passível de expansão.” Nesse sentido, o indivíduo é capaz de dominar a gramática de sua língua, mas nunca conseguirá ter o

[9] Discussão desenvolvida na seção seguinte: O léxico em contexto social.

mesmo domínio do léxico. Assim, a gramática configura-se um sistema fechado e o léxico, um sistema aberto.

Basílio (1991) ao afirmar, sob à luz do Gerativismo, que o léxico é o acervo de palavras de uma língua, focaliza-se no léxico externo. Já a competência de interpretação e criação de formas novas, ou seja, os conhecimentos gerais de estruturação, referem-se à perspectiva mental, interna.

Sandman (1992), ao realizar revisão de literatura, aponta três recursos principais de ampliação do vocabulário do português, que podem ser vistos por meio do Quadro 2:

Quadro 2: recursos de ampliação do léxico

| **Recursos** | **Aspectos** |
|---|---|
| "Criação do nada" | Recurso extremamente raro. Criação a partir de fonemas ou sílabas e não de palavras ou morfemas já existentes na língua. |
| Empréstimos de outras línguas | Recurso importante, mas secundário. Os empréstimos surgem via contato *in loco*, a partir de invasões políticas e militares, de escravidão/dominação e de migração massiva; via contato geográfico entre duas comunidades de fala contíguas, sobretudo em localidades de fronteira; via contato à distância, mediatizados por canais artificiais. Além de lexicais, os empréstimos podem ser fonológicos, morfológicos e sintáticos. Contemporaneamente, é da língua inglesa que o português mais tem recebido empréstimos. No primeiro momento, há uma resistência, por parte da língua receptora, aos termos emprestados, mas logo são superados e difundidos pelos falantes. |
| Formação de palavras | Recurso central, básico e produtivo. Trata-se da formação de palavras através de palavras/morfemas já preexistentes, por meio da derivação (base + afixo) ou composição (duas ou mais bases). |

Ferraz (2007) sugere três mecanismos comuns que a língua recorre para incorporar unidades novas: **neologia formal**, que corresponde à criação de novas palavras a partir das regras que regem o sistema linguístico, como nos casos das palavras derivadas, compostas, as abreviações e siglas; **neologia semântica**, que ocorre quando uma palavra já existente adquire uma nova acepção, ou seja, há, nesse caso, uma nova associação significado/significante; **neologia de empréstimos**, também citada por Sandman (1992), que consiste na importação de itens lexicais de outras línguas.

Basílio (1991) e Sandman (1992) indicam que as palavras compostas e derivadas, ao serem criadas, assumem três funções fundamentais:

a) **Função semântica**: trata-se da função de rotulação/denominação, que tem o objetivo de dar nome às coisas, às ações, os lugares, ou seja, atende às necessidades semânticas. Observa-se, nesse caso, uma relação direta com a cultura, com a história, a tecnologia, com o mundo em geral.

b) **Função sintática**: emprego de um item lexical de uma classe em outra, cumprindo as exigências do sistema linguística. A criação de um novo item lexical para cada classe seria antieconômica para a língua. O léxico, nesse sentido, é considerado "ecologicamente correto". (BASÍLIO, 2004, p. 10)

c) **Função discursiva**: expressa aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado (função de avaliação), através do uso de sufixos afetivos, enfáticos, pejorativos e intensificadores.

As regras de formação de palavras (RFP)[10], embora centrais na criação de novas palavras, deixam de apresentar formações previsíveis. Na língua portuguesa, foram criadas, por meio da derivação, as palavras *carnal*, *braçal*, *universal*, mas não *pernal*, *muscular*, *planetal*. Apesar de todas essas bases possuírem condições de produtividade da RFP, ou seja, uma medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfologicamente possíveis (BASÍLIO, 1990), apresentam restrições no que se refere às condições de produção, que dependem de fatores de ordem pragmática, discursiva, paradigmática e não estruturais.

De acordo com Basílio (1991), o problema central do estudo da formação de palavras advém das formações regulares ao lado das formações cristalizadas, resultando numa enorme variação de estágios de não-regularidade. Por exemplo, a forma *passadeira* (mulher que trabalha passando ferro em roupas) é mais previsível, quando se toma o verbo *passar* com essa acepção, do que *passadeira* (tapete longo para recobrir lugares de passagem), ainda que relacionado à base *passa* -, radical de *passar*. Ou ainda, a forma *impressão* (noção vaga) é diferente de *impressão* (ato de imprimir). Para a autora

> O problema básico é uma situação típica do léxico, ou seja, a situação em que temos formas construídas de vários elementos, na qual elas evoluem semanticamente como um todo, mas suas partes continuam morfologicamente inalteradas. (BASÍLIO, 1991, p.22).

[10] Como os processos de formação de palavras não são alvo desta Dissertação, sugere-se, para ampliação desta discussão, consultar Basílio (1991;2011), Sandamn (1992;1996), Barbosa (2001), e Rocha (1998) e, sobretudo para tratamento das RFP e de novos processo de formação de palavra no PB.

Além disso, outro obstáculo para a formação de palavras é a diversidade de resultados semânticos que ocorrem por causa das metáforas e da extensão de sentido. A imprevisibilidade frequente nos resultados das formações dificulta o estabelecimento de generalizações e cria problemas para o desenvolvimento de estudos lexicais. Porém, é preciso vencer o círculo vicioso e estabelecer estratégias metodológicas que ampliem a visão acerca das irregularidades do léxico. No que se refere à formação de palavras, portanto, prefere-se falar em semiprodutividade e na existência de um léxico semiorganizado.

Retomando a discussão acerca da definição de *léxico*, observa-se que outro problema incide na ideia de que todo repertório linguístico dos falantes de uma língua está compilado nos dicionários. Para Carvalho (1989, p11) "Léxico (do grego lexicon), no sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionário de uma língua." Segundo Ieda Alves (2009), o número de vocábulos que realmente existe é um pouco maior do que os dicionários conseguem listar. Desse modo, disserta Basílio (2011, p.13):

> Podemos dizer que palavras da língua são aquelas que aparecem listadas nos dicionários. Porém, isso é menos simples do que parece, na medida em que os dicionários só podem efetuar o registro das palavras muito tempo depois de estarem sendo usadas, o que significa que qualquer dicionário sempre estará defasado em relação às palavras da língua.

Entende-se, portanto, que definir léxico como um conjunto de palavras que está listado em dicionários é impreciso. Em verdade, o léxico é um conjunto aberto, que possui mecanismos de extensão. Numa concepção mais dinâmica, o léxico configura-se como uma fábrica de palavras da língua, composto por matéria-prima (lexemas e morfemas), produto acabado (palavras e locuções) e maquinaria (regras lexicais, morfológicas e semânticas).

Basílio, de forma pertinente, afirma que:

> O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados. (BASÍLIO 2011, p. 9).

Após esclarecimentos sobre o léxico como um todo, torna-se importante trazer à tona a discussão acerca da definição de *palavra*. Diferenciar o que é uma palavra do que não é não parece uma tarefa difícil para os falantes. No entanto, a conceituação do que se entende por palavra levanta inúmeros problemas, pois os estudiosos centram-se em aspectos divergentes para conceituar o termo. Desse modo, a palavra pode ser caracterizada como aquelas que aparecem listadas nos dicionários, como constituída indissoluvelmente de uma base fônica (cadeia sonora) e duas formas semânticas – gramatical e lexical (Bechara, 1999), como unidade menor de som e significado, dentro de uma frase (Cunha, 1985), como uma forma livre mínima (Bloomfield). De acordo com Basílio (2011, p. 18)

> O léxico abarca elementos que apresentam diversas facetas: fonológica, gráfica, morfológica, sintática, semântica, pragmática; e nem sempre essas facetas são inteiramente recobertas umas pelas outras. Mas nós sempre ansiamos por categorias com domínios preciosos e não superpostos.

Neste estudo, a palavra será tratada do ponto de vista da morfossintaxe, isto é, como elemento mínimo da estrutura sintática.

Biderman (2001) destaca três ramos que se ocupam do estudo do léxico, a saber: lexicologia, lexicografia e terminologia, "que embora complementares entre si [...] possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos". (BIDERMAN, 2001, p.14 e 15), como pode ser visto a seguir:

a) **Lexicologia –** Ciência antiga que centra seus estudos na análise da palavra, na categorização lexical e na estrutura do léxico, fazendo fronteira com a Dialetologia e Etnolinguística, mais precisamente no que se refere à relação entre língua e cultura. Mais recentemente a Neurolinguística e a Psicolinguística têm utilizado os pressupostos da lexicologia para realizar estudos experimentais sobre estocagem do vocabulário e o problema ao acesso ao repertório lexical armazenado na memória. Conforme se observa em Biderman (2001, p.16).

> Tradicionalmente os estudiosos da Lexicologia tem-se ocupado da problemática da formação de palavras, província em que essa ciência confina com a Morfologia, dita lexical. Os lexicólogos vêm-se ocupando também ao estudo da criação lexical, ou seja, dos neologismos.

A partir da década de 50, os lexicólogos iniciaram pesquisas em Estatística Léxica. Ademais, a ciência preocupa-se com os problemas relacionados ao estudo do léxico, em

especial três problemas teóricos que têm sido pouco analisados pelos linguistas – problema na identificação e definição da unidade lexical; o problema das classes de palavras, estudada apenas pelo viés tradicional dos gramáticos, e a complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico.

b) **Lexicografia** – Conhecida como a ciência dos dicionários, busca descrever o vocabulário de uma determinada língua e a significação das palavras. As pesquisas lexicográficas começaram, efetivamente, nos séculos XVI e XVII, com a elaboração de dicionários monolíngues e bilíngues – latim e uma língua moderna, tendo o Vocabulário Português-Latino de Rafael Bluteau (1712-1728) e o Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Morais Silva (1789) como as primeiras obras do ramo. Mesmo com um método pouco científico, a lexicografia foi responsável, nos últimos séculos, pela descrição do léxico.

c) **Terminologia**: ocupa-se do subconjunto dos termos especializados, ou seja, cada área do conhecimento humano. A terminologia é, por muitas vezes, confundida com a lexicografia. Embora essas ciências tenham afinidades, existem pontos de divergências entre elas, como explicitado por Biderman:

> Os terminógrafos, que são os práticos da Terminologia, têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo (processo onomasiológico); os lexicógrafos, partem da denominação, que é a entrada de dicionário, e a caracterizam funcional e semanticamente: movem-se na direção contrária, do termo para o conceito (processo semasiológico). (BIDERMAN, 2001, p. 19).

Esta dissertação baseia-se nos pressupostos teóricos da lexicologia, uma vez que descreve e analisa os itens lexicais referentes ao *jogos e diversões infantis*, fornecidos pelos informantes do ALiB, na área do *Falar Nordestino*.

### 2.3.1 Léxico: perspectivas social e cultural

É indubitável que o léxico das línguas vivas está em constante processo de expansão e mudança. A flexibilidade do signo linguístico é um reflexo histórico, resultante das mudanças culturais e exigências de contextos sociais. Desse modo, ao passo que a sociedade muda e adquire novos hábitos, o vocabulário dos falantes segue a dinâmica social. Assim, novas palavras passam a integrar a língua, algumas caem em desuso por não terem mais papel efetivo na sociedade, outras desaparecem e são resgatadas com uma conotação diferente e há, também, aquelas que são abandonadas por

questões ideológicas, como é o caso dos tabus linguísticos. Para Mário Vilela (1995, p. 13) “o léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística”.

A atribuição de nomes à realidade é, desde os primórdios da humanidade, utilizada como instrumento de afirmação do mundo e das coisas existentes nele. A nomeação contribui na classificação e na categorização dos seres. Mesmo em diferentes épocas e culturas, o homem sempre categorizou o mundo, por meio das palavras, a partir de suas vivências. De acordo com Biderman (2001), através da experiência sensorial com o mundo, o homem é capaz de organizar, classificar e categorizar os dados da experiência, e o faz através do léxico. Nota-se, com isso, que o léxico é um importante recurso de que se vale a língua para desvelar a realidade social, histórica e linguística de um povo, conforme argumenta a autora:

> O léxico [...] constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...] Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. (BIDERMAN, 2001, p.09).

O sistema lexical, diverso da sintaxe, da fonética e da morfologia, representa o espelho de uma época, possuindo um sistema mais receptivo à criatividade humana. Por esse prisma, admite-se que o léxico de uma língua nasce da tensão entre sujeito e sociedade e, por isso, toda mudança na estrutura social, acarreta alterações no sistema lexical. Câmara Jr (1985, p.25) afirma que “o léxico é a parte mais característica dos dialetos sociais. Quando se observam os processos de mudança linguística, característica inerente às línguas, conclui-se que é no léxico que, geralmente, essa mutabilidade se revela. Assim, comunga-se da mesma ideia de Isquerdo (2009, p.43) quando, ao tratar da tríade léxico, cultura e sociedade, afirma:

> O léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajetória histórica. É por meio dele que o homem nomeia o espaço que o circunda e consubstancia a sua visão de mundo acerca da sociedade. Nessa perspectiva, as migrações do homem se traduzem também em migrações de palavras que ora se fixam na fala de determinados grupos sociais, ora são substituídas por outras que melhor traduzam a realidade sociocultural desses grupos. (ISQUERDO, 2009, p.43).

Partindo das reflexões da autora, é possível afirmar que estudar o componente lexical de uma língua não é apenas entender as nuances estruturais do signo linguístico, mas, sobretudo, compreender a maneira que um determinado povo concebe o mundo, sua história, crença, seus costumes e tradições. Sapir (1961, p. 51) ressalta que o "léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo". Portanto, o acervo lexical do falante é uma espécie de fotografia sócio-histórica-cultural da comunidade a que ele pertence. Salienta-se que a ideia de cultura adota aqui é a mesma defendida por Eagleton:

> A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio. (EAGLETON, 2005, p.184).

Os falantes de uma língua têm a sua disposição um acervo de itens lexicais que podem ser utilizados. No entanto, cada indivíduo domina uma parte desse léxico total, que é construído ao longo de sua trajetória. Por isso, um falante que participa de muitos grupos sociais tende a expandir o repertório e dominar um número maior de palavras.

Ademais, de acordo com Tarallo (1986), as escolhas são motivadas por fatores, como: o sexo, a profissão, o grau de escolaridade, o nível social, o espaço geográfico. Desse modo, é possível reconhecer e diferenciar os grupos sociais pelas escolhas lexicais, uma vez que a seleção lexical dos falantes não é aleatória. Entende-se que variações dessa natureza são essenciais para o reconhecimento da diversidade e dinamicidade da língua.

As mudanças ocorridas no componente lexical de uma língua podem ser observadas por meio de análises diacrônicas. Num momento sincrônico, é possível verificar as variações lexicais, valendo-se de uma análise diatópica e considerando fatores sociais. Destaca-se, entre eles, a diferença cultural que interfere, diretamente, o uso de uma mesma língua em contextos geográficos diferentes. Para Cardoso (2010, p. 15)

> O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Com relação à esta pesquisa, considera-se importante investigar o nível lexical na perspectiva diatópica para atestar a variação da Língua Portuguesa falada no Brasil, pois

este nível evidencia, de forma dinâmica, a soma das relações sociais e culturais de uma comunidade. O falante transporta para seu léxico as culturas regionais e, também, as influências de outras comunidades com as quais teve algum tipo de aproximação, seja via contato *in loco*, seja através do contato mediatizado.

Para retratar melhor a realidade de uma língua em espaços geográficos e sociais distintos, toma-se como base o léxico dos *jogos e diversões infantis*, que configuram-se como uma atividade importante para o reconhecimento cultural de um povo, assunto que será discutido no próximo tópico.

# 3 MÉTODOS E TÉCNICAS

Apresentam-se, nesta seção, os métodos e técnicas que nortearam este estudo. Para tanto, serão explorados os seguintes pontos: o Projeto ALiB, a constituição do *corpus*, o perfil dos informantes e a descrição das localidades que englobam o *Falar Nordestino*.

## 3.1 SITUANDO O PROJETO ALIB

Motivado ao já mencionado decreto nº 30.643, de 1952, em 1996 começa a se delinear o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, durante o Seminário *Caminhos e perspectiva para a Geolingüística no Brasil*, na Universidade Federal da Bahia. Na oportunidade, foram estabelecidas as diretrizes para dar início ao Projeto.

Para a realização do audacioso empreendimento, foi criado um Comitê Nacional responsável por organizar e gerenciar as atividades desenvolvidas no grupo, além de manter a sistematicidade metodológica em todas as regiões. Atualmente, esse Comitê é formado por Jacyra Andrade Mota (Diretora Presidente – UFBA), Silvana Soares Costa Ribeiro (Diretora Executiva – UFBA) e os Diretores Científicos: Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Conceição Maria de Araújo (UFMA), Fabiane Cristina Altino (UEL), Felício Wessling Margotti (UFSC), Marcela Moura Torres Paim (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB), Marilúcia Barros de Oliveira (UFP), Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), Valter Pereira Romano (UFLA), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL). A professora Suzana Cardoso, presidente do Projeto ALiB desde sua fundação, em 1996 e grande responsável pelos objetivos alcançados pelo grupo, faleceu neste ano de 2018, no dia 02 de maio.[11] Observa-se, portanto, que o ALiB trata-se de um Projeto conjunte que envolve diversas instituições.

Definem-se como principais objetivos do Projeto[12]:

> 1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.

---

[11] Além da professora Suzana Cardoso, fizeram parte do Comitê: **Mário Roberto Lobuglio Zágari –** UFJF **(**Diretor Científico - *in memoriam),* **Walter Koch – UFRGS (**Diretor Científico - *in memoriam),* Ana Paula Antunes Rocha – UFOP (Diretora Científica) e Cléo Vilson Altenhofen – UFRGS (Diretor Científico).

[12] Conferir <http://www.alib.ufba.br>.

> 2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
> 3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
> 4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
> 5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, consequentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
> 6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (COMITÊ NACIONAL, 2001, p, vii).

O Projeto ALiB possui uma rede de pontos de 250 localidades, recobrindo todo o território nacional, definidos conforme critérios históricos, demográficos, culturais e de povoamento. O *corpus* do Projeto é constituído por inquéritos realizados com base em questionário previamente estabelecido e de âmbito nacional e está dividido da seguinte maneira:

a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que contém questões para apuração de prosódia;
b) Questionário Semântico-Lexical (QSL);
c) Questionário Morfossintático (QMS).

Incluem-se, ainda, questões de pragmática, sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos, questões metalinguísticas e texto para leitura.

Para este estudo, entretanto, foi feita somente a utilização de parte do questionário Semântico-Lexical (QSL), haja vista a perspectiva da pesquisa. O QSL é composto por 202 perguntas, organizadas em 14 áreas temáticas, a saber: acidentes geográficos;

fenômenos atmosféricos; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Corpo humano; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Religião e crenças; Jogos e diversões infantis; Habitação; Alimentação e cozinha; Vestuário e acessórios; Vida urbana.

## 3.2 O PERFIL DOS INFORMANTES

Os 1.100 informantes do Projeto ALiB foram escolhidos a partir de rígidos critérios pré-definidos. Os entrevistados precisariam ter nascido nos municípios em análise, do qual não poderiam ter se afastado por mais de um terço da sua vida, assim como os pais deveriam ser, preferencialmente, da mesma região. Os informantes são estratificados em sexo (homem e mulher), duas faixas etárias (Faixa I - 18 a 30 anos e Faixa II - 50 a 65 anos) e dois níveis de escolaridade (fundamental incompleto e universitário – o último somente nas capitais). Para melhor explanação do perfil dos informantes do ALiB e, por conseguinte, deste estudo, segue a Figura 7:

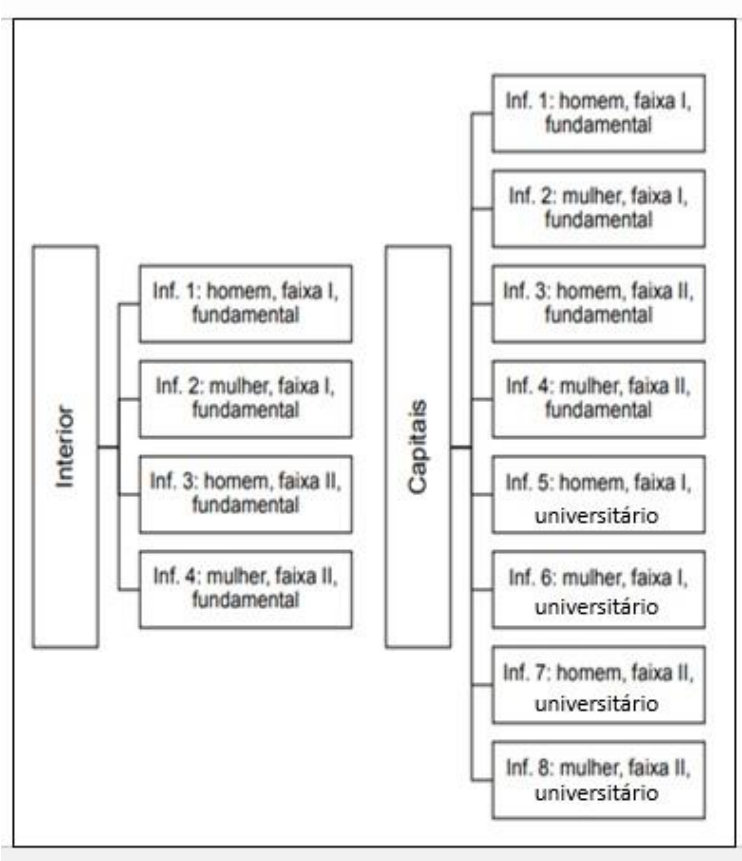


Figura 7: perfil dos informantes
Fonte: Santana (2015, p.72) – Adaptado

## 3.3 A ÁREA GEOGRÁFICA EM ANÁLISE

O estudo engloba grande parte da Região Nordeste do País, exceção para Bahia e Sergipe que fazem parte do Nordeste, mas não fazem parte da área denominada *Falar Nordestino* (NASCENTES, 1953), e sim do *Falar Baiano* (NASCENTES, 1953), como visto na seção 2, quando se descrevem as áreas dialetais.

### 3.3.1 Região Nordeste: uma breve contextualização histórica

Apesar de ainda ser bastante estereotipado, o Nordeste tem um processo de formação da sua identidade que existe desde a época da colonização. Esse processo pode ser compreendido ao se analisar, de maneira interligada, tanto os aspectos históricos quanto os geográficos da região. Hoje, composta por nove Estados, a região já passou por diversas mudanças desde a época em que foi colonizada. Por ter sido a primeira região do Brasil a ser colônia dos portugueses, sua riqueza de recursos naturais atraiu holandeses, franceses e ingleses que se aventuravam e invadiam os territórios nordestinos, a fim de implantar suas sedes, como ocorreu em Pernambuco, área na qual os holandeses dominaram por bastante tempo.

No século XV, após a implantação do Governo Geral do Brasil, os portugueses conquistavam cada vez mais Estados nordestinos, como por exemplo: Bahia e Alagoas, principais Estados responsáveis pela produção açucareira. A área litorânea na Bahia, hoje conhecida como Zona da Mata, foi constituída através do comércio da cana-de-açúcar e, atualmente, é a mais industrializada e de maior concentração populacional. Durante a colonização, os índios colaboravam com os europeus e extraiam o pau-brasil, mas, por conta das revoltas contra os senhores de engenho, muitos sofreram represarias e outros morreram. Nesse mesmo contexto, empregava-se a mão de obra africana no Brasil, a rota Brasil-África que trazia vários africanos através dos Navios Negreiros e, embora muitos já chegassem mortos, os portugueses não deixavam de trazê-los, pois a mão de obra escrava era uma forma de adquirirem lucros através dessa atividade mercantil. Enquanto os escravos eram postos no lugar de subalternos, os donos de engenhos e fidalgos aproveitavam o tempo para gerenciar as propriedades e isso, consequentemente, gerou uma sociedade estereotipada, regida por desigualdades e preconceitos, que, hoje, ainda são muito presentes.

De acordo com Furtado (2005), nos primeiros anos do Brasil, a atual região Nordeste foi a parte mais próspera do país. Nesse sentido, entre os séculos XVI e XVII a região nordeste foi responsável pela maior parte das riquezas brasileiras e concentração populacional, não só pela produção açucareira, como também pela pecuária que ficou concentrada no Sertão e no Agreste, com o objetivo de não prejudicar a lavoura de cana. Ocorreu nessas áreas uma grande imigração por parte dos paulistas neste período, e o estereótipo do sertanejo como um homem capaz de viver exposto a todas as adversidades provocadas pelo clima da região, como cita Euclides da Cunha em *Os Sertões*, "O sertanejo é, antes de tudo, um forte", é reforçado até hoje.

Embora em todo esse período, principalmente do século XV ao XVIII, a região Nordeste tenha sido alvo de imigrações, após o século XIX e, atualmente, no que se refere à situação populacional, ocorreu uma inversão, pois devido à falta de progressão e desenvolvimento a favor das classes sociais mais baixas da sociedade e, sobretudo, dos grandes períodos de seca nos sertões, os nordestinos têm se dispersado para a região Sudeste, a exemplo do Estado de São Paulo, a fim de encontrarem melhores condições de trabalho e êxito profissional.

### 3.3.2 Descrição das localidades

Após essa breve contextualização, far-se-á, para cada localidade, uma sucinta apresentação, elencando-se alguns aspectos caracterizadores de cada uma, expostos na seguinte sequência: ano de fundação, localização geográfica, população, área territorial e dados considerados relevantes sobre a educação no Estado.[13]

## MARANHÃO

Fazendo limite com Piauí, Tocantins e Pará, o Maranhão é o segundo maior Estado da região Nordeste, com uma área de 331.937,450 km² e com 217 municípios, onde vivem cerca de 7.035.055 habitantes. O Maranhão desponta como o quarto Estado mais rico do Nordeste brasileiro. Neste estudo, são consideradas nove localidades que

[13] Os dados foram recolhidos do IBGE (2018) e dos sites oficias dos Estados e das Cidades em análise. Ressalta-se a dificuldade de encontrar informações sobre o Ensino Universitário em algumas localidades, por isso optou-se por registrar apenas as informações mais gerais.

contemplam a rede de pontos do Projeto ALiB, a saber: 25: Turiaçu; 26. São Luís; 27. Brejo; 28. Bacabal; 29. Imperatriz; 30. Tuntum; 31. São João dos Patos; 32. Balsas; 33. Alto Parnaíba, conforme mostra o mapa a seguir:

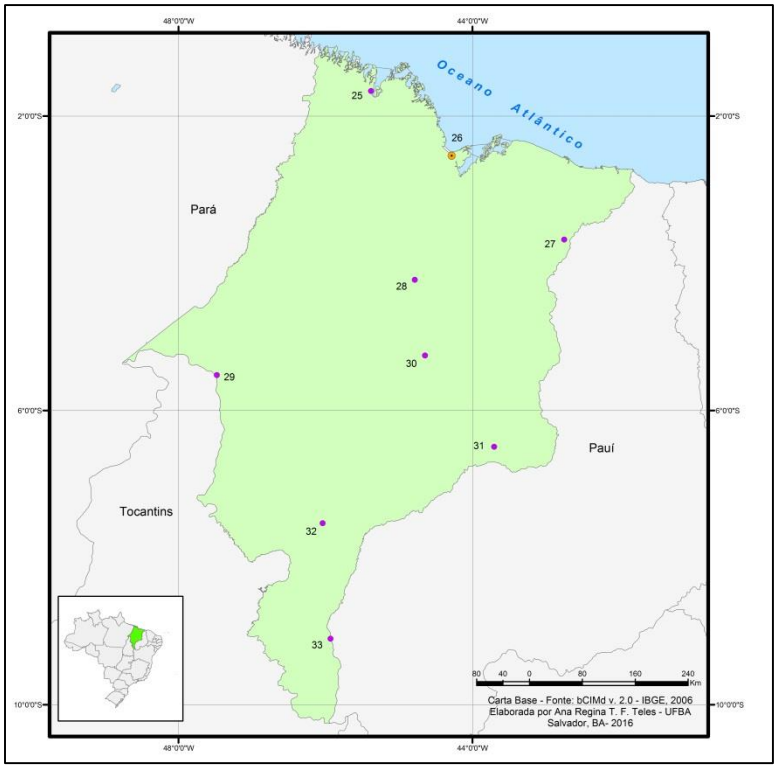


Figura 8: Estado do Maranhão – Rede de Pontos ALiB

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**Turiaçu**

Figura 9: Vista da Igreja da cidade de Turiaçu – Maranhão
Fonte: Disponível em: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/02/72/b5/a8/filename-426876-19774318033165.jpg>. Acesso em 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1870 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Oeste Maranhense |
| **População:** 34.554 habitantes |
| **Área:** 2.578,497 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, inclusive campus da UFMA – Universidade Federal do Maranhão. |

**São Luís (capital)**

Figura 10: Centro Histórico de São Luís
Fonte: Disponível em: <https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/MA/982/sao-luis>. Acesso em 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1612 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Norte Maranhense |
| **População:** 1.053.922 habitantes |
| **Área:** 834,785 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, universidades e institutos federais. |

**Brejo**

Figura 11: Vista da Igreja da cidade de Brejo
Fonte: Disponível em: <http://www.brejo.ma.gov.br/site/>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1870 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Leste Maranhense |
| **População:** 34.754 habitantes |
| **Área:** 1.074,631 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdades privadas. |

**Bacabal**

Figura 12: Vista da cidade de Babacal
Fonte: Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/ma/bacabal.htm>. Acesso em 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1920 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Centro Maranhense |
| **População:** 101.851 habitantes |
| **Área:** 1.683,073km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de Faculdades particulares e campus da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). |

**Imperatriz**

Figura 13: Vista da cidade de Imperatriz
Fonte: Disponível em: <https://www.imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/a-cidade.html>. Acesso em 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1852 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Oeste Maranhense |
| **População:** 251.468 habitantes |
| **Área:** 1.368,988km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. Faculdades particulares e universidades, inclusive campus da UFMA - Universidade Federal do Maranhão. |

**Tuntum**

Figura 14: Vista da cidade de Tuntum
Fonte: Disponível em: <https://www.ferias.tur.br/cidade/2609/tuntum-ma.html>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1955 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Centro Maranhense |
| **População:** 41.621 habitantes |
| **Área:** 3.369,120 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdades privadas. |

**São João dos Patos**

Figura 15: Vista da cidade de São João dos Patos
Fonte: Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2017/09/mp-pede-realizacao-de-concurso-em-sao-joao-dos-patos/>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1938 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Leste Maranhense |
| **População:** 25.199 habitantes |
| **Área:** 1.482,661 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de Faculdades, universidades e institutos federais. |

**Balsas**

Figura 16: Vista da cidade de Balsas
Fonte: Disponível em: <https://www.guiadoturismobrasil.com/cidade/MA/412/balsas>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1918 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sul Maranhense |
| **População:** 89.126 habitantes |
| **Área:** 13.141.757 km² |
| **Educação** Há escolas de níveis fundamental e médio, faculdades particulares e campus da UFMA. |

**Alto Parnaíba**

Figura 17: Vista da cidade de Alto Parnaíba
Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/bom-dia-mirante/videos/v/beira-rio-e-opcao-de-lazer-para-moradores-de-alto-parnaiba-ma/4367827/>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1866 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sul Maranhense |
| **População:** 10.904 habitantes |
| **Área:** 11.132,176 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. |

## PIAUÍ

O Piauí possui uma área de 251.577,738 km² e uma população de 3. 184. 166 habitantes, distribuídos em 224 municípios. O Estado faz limite com Ceará, Pernambuco, Bahia, Tocantins e Maranhão. O Piauí conta com cinco localidades na rede de pontos do ALiB, a saber: 34. Teresina; 35. Piripiri; 36. Picos; 37. Canto do Buriti e 38. Corrente.

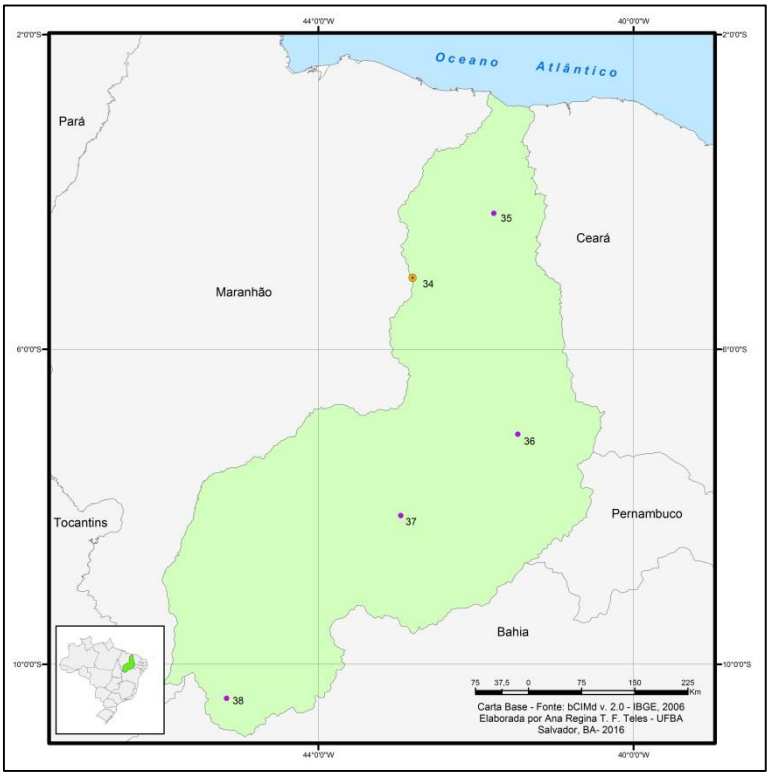


Figura 18: Estado do Piauí – Rede de Pontos ALiB
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**Teresina (capital)**

Figura 19: Parque Lagoa do Norte, em Teresina
Fonte: Disponível em: <https://www.oitomeia.com.br/entretenimento/2018/01/02/parque-lagoas-do-norte-disponibiliza-300-vagas-para-colonia-de-ferias-de-teresina/>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1852 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Centro-Norte Piauiense |
| **População:** 836.475 habitantes |
| **Área:** 1.391,981 km2 |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e instituto federal, além de muitas faculdades privadas e as universidades estadual (UESPI) e federal (UFPI) do Piauí. |

**Piripiri**

Figura 20: Vista da Igreja da cidade de Piripiri
Fonte: Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/n6wba9lk45w/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1910 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Norte Piauiense |
| **População:** 62.542 habitantes |
| **Área:** 1.408,934 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. Possui faculdades privadas e instituto federal. |

**Picos**

Figura 21: Igreja vista do Morro da Mariana, em Picos
Fonte: Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/_wfQ3dyaIJk/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1890 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sudeste Piauiense |
| **População:** 76.042 habitantes |
| **Área**: 577,304 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, universidades e institutos federais. |

**Canto do Buriti**

Figura 22: Igreja de Santana, em Canto do Buriti
Fonte: Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com/-Jy2AbIhg4Ts/WlJTlYLhVYI/AAAAAAAAADg/gfUFqAci2BYeC7CqAetG8xqDSSfmsIeiwCLcBGAs/s1600/cdb.JPG>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1938 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sudoeste Piauiense |
| **População:** 20.528 habitantes |
| **Área:** 4.325,642 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdades privadas. |

**Corrente**

Figura 23: Igreja Matriz de Corrente
Fonte: Disponível em: <http://www.vidadeturista.com/wp-content/uploads/2014/02/corrente-piaui.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1872 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sudoeste Piauiense |
| **População:** 25.927 habitantes |
| **Área:** 3.048,447 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, faculdades particulares e campus de Universidade Estadual do Piauí. |

# CEARÁ

O Ceará tem um total de 223 municípios, que fazem limites com o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí. Ocupa uma área de 148. 920,472 km² e possui 8.778.576 habitantes. O Estado é, hoje, o terceiro mais rico do Nordeste e a capital, Fortaleza, possui o maior PIB da região. No Estado, encontram-se doze localidades que integram a rede de pontos do ALiB, como a seguir se demonstra: 39. Camocim; 40. Sobral; 41. Fortaleza; 42. Ipu; 43. Canindé; 44. Crateús; 45. Quixeramobim; 46. Russas; 47. Limoeiro do Norte; 48. Tauá; 49. Iguatu e 50. Crato.

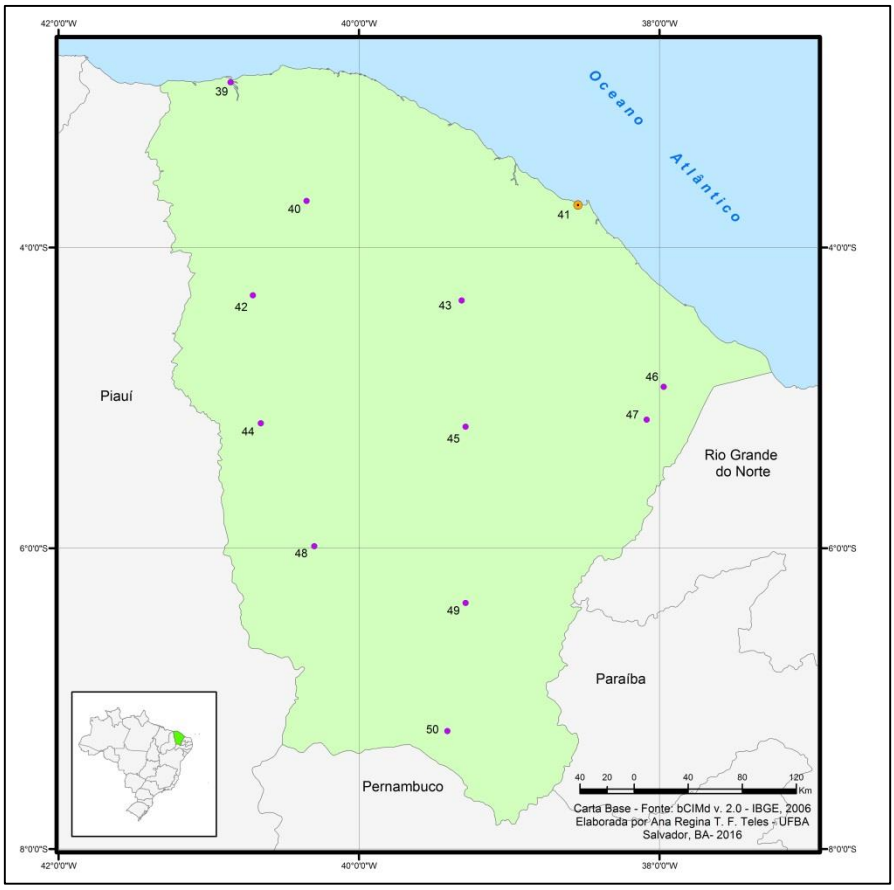


Figura 24: Estado do Ceará – Rede de Pontos ALiB
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**Camocim**

Figura 25: Vista da cidade de Camocim
Fonte: Disponível em: <http://camocim.ce.gov.br/wp/wp-content/uploads/2017/05/1213-1.jpg >. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1879 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Noroeste Cearense |
| **População:** 61.918 habitantes |
| **Área:** 1.124,782 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdade privada. |

**Sobral**

Figura 26: Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras, em Sobral
Fonte: Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/RmQa-K6KvUQ/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1773 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Noroeste Cearense |
| **População:** 197.663 habitantes |
| **Área:** 2.122,897 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. Possui faculdades particulares e a Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA. |

**Fortaleza (capital)**

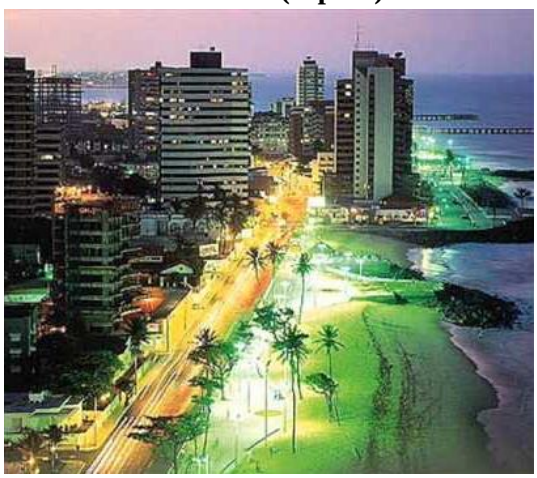

Figura 27: Vista da Orla de Fortaleza
Fonte: Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/bNmkaI-fpFU/hqdefault.jpg>. Acesso em 01 de Maio de 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1726 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião metropolitana de Fortaleza |
| **População:** 2.551.806 habitantes |
| **Área:** 314,930 km2 |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, muitas faculdades privadas e a Universidade Federal do Ceará (UFC) e a Faculdade Estadual do Ceará (UECE). |

**Ipu**

Figura 28: Bica do Ipu
Fonte: Disponível em: <https://static.panoramio.com.storage.googleapis.com/photos/large/44595577.jpg >. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1791 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Noroeste Cearense |
| **População:** 41.190 habitantes |
| **Área:** 629,315 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdade privada. |

**Canindé**

Figura 29: Basílica de São Francisco das Chagas, em Canindé
Fonte: Disponível em: <http://www.vidadeturista.com/wp-content/uploads/2013/10/caninde-ceara.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1846 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Norte Cearense |
| **População:** 75.565 habitantes |
| **Área**: 3.218,481 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, instituto federal e faculdade privada. |

**Crateús**

Figura 30: Igreja Matriz, em Crateús
Fonte: Disponível em <http://inacio.com.br/wp-content/uploads/2013/03/CRATE%C3%9AS-CE-Igreja-Matriz.jpg>. Acesso em: 10 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1832 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertões Cearenses |
| **População:** 74.103 habitantes |
| **Área:** 2.985,152 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, destacando-se o campus da Universidade Federal do Ceará. |

**Quixeramobim**

Figura 31: Igreja Matriz de Santo Antônio, em Quixeramobim
Fonte: Disponível em: <http://www.reporterceara.com.br/wp-content/uploads/2017/08/28-5-750x410.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1856 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertões Cearenses |
| **População:** 75.565 habitantes |
| **Área:** 3.275,625 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdades privadas. |

**Russas**

Figura 32: Vista da cidade de Russas
Fonte: Disponível em: <http://russas.ce.gov.br/wp-content/uploads/2013/01/russas.png>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1859 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Jaguaribe |
| **População:** 73.436 habitantes |
| **Área:** 1.590,258 km² |
| **Educação**: Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades. Há, também, campus da Universidade Federal do Ceará. |

**Limoeiro do Norte**

Figura 33: Vista da cidade de Limoeiro do Norte
Fonte: Disponivel em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/polopoly_fs/1.1574890!/image/image.png>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1871 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Jaguaribe |
| **População:** 57.372 habitantes |
| **Área:** 750,068 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, institutos federais e faculdade privada. |

**Tauá**

Figura 34: Portal da Cidade de Tauá
Fonte: Disponível em: <http://www.culturaam960.com.br/wp-content/uploads/2016/10/01-resized.jpg>. Acesso em 01 de Maio de 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1802 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertões Cearenses |
| **População:** 57.246 habitantes |
| **Área:** 4.018,162 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. A cidade possui faculdades privadas e o campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE). |

**Iguatu**

Figura 35: Lagoa da Telha, em Iguatu
Fonte: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-OjgPdwz7QqU/T9k-iMahxzI/AAAAAAAAHXQ/4SN0FL0_X2Q/s1600/iguatu+lagoa1.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1851 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Centro-Sul Cearense |
| **População:** 100.053 habitantes |
| **Área:** 1.029,214 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, universidades e instituto federal. |

**Crato**

Figura 36: Praça Cristo Rei, em Crato
Fonte: Disponível em: <https://3.kekantoimg.com/al2HFQ0XjIaTGdriT5NsqYHRlNc=/fit-in/600x600/s3.amazonaws.com/kekanto_pics/pics/187/556187.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1763 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sul Cearense |
| **População:** 126.591 habitantes |
| **Área:** 1.176,467 km² |
| **Educação**: Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, entre elas: a Universidade Regional do Cariri – URCA. |

## RIO GRANDE DO NORTE

O Estado possui um total de 3.373.954 habitantes, distribuídos em 167 municípios. Sua área é de 52 811,047 km² e faz limite com os Estados da Paraíba e do Ceará. O Rio Grande do Norte registra a maior renda *per capita* e o melhor IDH do Nordeste e, além disso, ocupa o primeiro lugar no índice de expectativa de vida do Norte-Nordeste. No Rio Grande do Norte, encontram-se cinco localidades que integram a rede de pontos do ALiB, como a seguir se demonstra: 51.Mossoró; 52. Angicos; 53. Natal; 54. Pau dos Ferros e 55. Caicó.

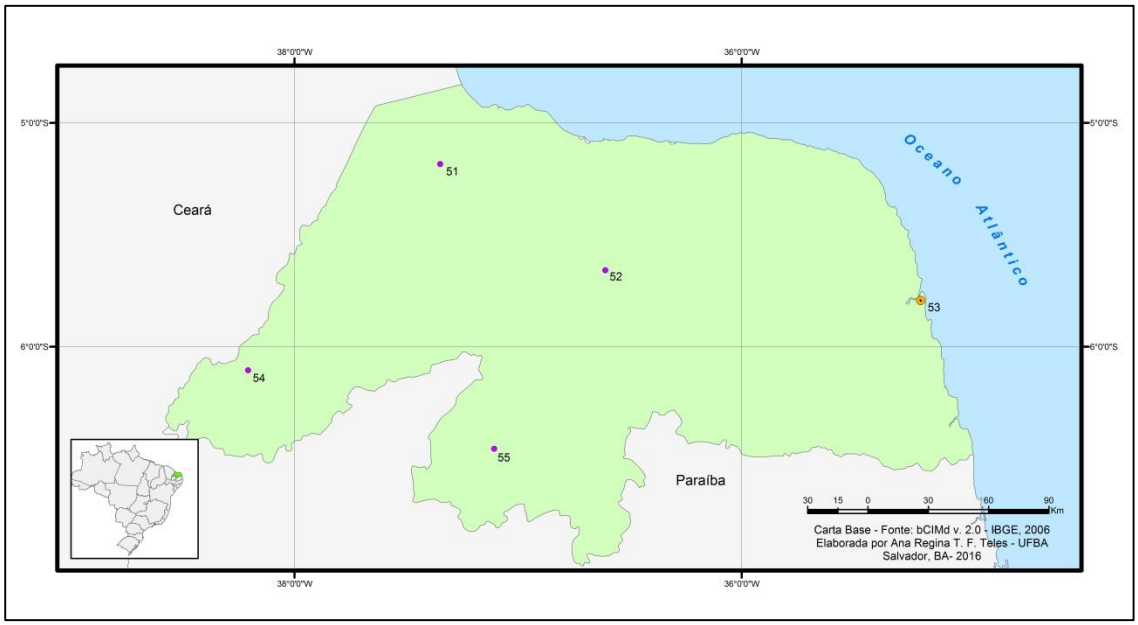


Figura 37: Estado do Rio Grande do Norte – Rede de Pontos ALiB
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**Mossoró**

Figura 38: Vista da cidade de Mossoró
Fonte: Disponível em: <http://www.cactustecnologia.com/jom/layout/images/slider/01.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1852 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Oeste Potiguar |
| **População:** 280.314 habitantes |
| **Área:** 2.099,333 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades. Abriga a reitoria da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). |

**Angicos**

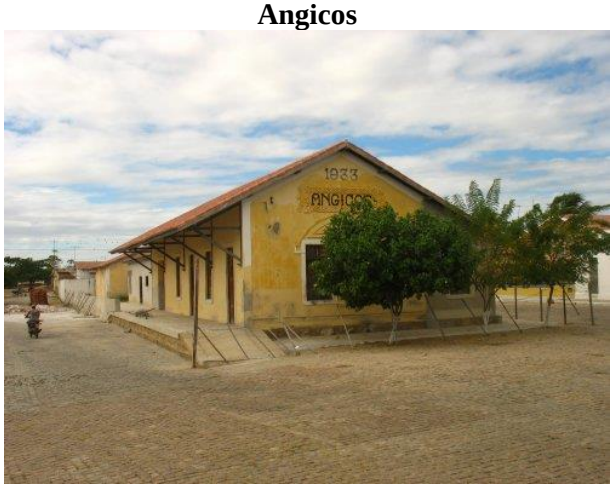


Figura 39: Estacao ferroviaria de Angicos
Fonte: Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rgn/fotos/angicos071.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1833 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Central Potiguar |
| **População:** 11.905 habitantes |
| **Área:** 741,582 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades. Além disso, possui campus da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). |

**Natal (capital)**

Figura 40: Praia de Ponta Negra, em Natal
Fonte: Disponível em: <https://a1.cdn-hotels.com/cos/production36/d945/84b75dd0-9446-11e6-a061-0242ac110012.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1599 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Leste Potiguar |
| **População:** 853.928 habitantes |
| **Área:** 167,263 km2 |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, universidades. É sede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e possui campus da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) |

**Pau dos Ferros**

Figura 41: Obelisco de Pau dos Ferros
Fonte: Disponível em: <http://photo620x400.mnstatic.com/eda20ad585b2bbe5d4d51eef36088afb/obelisco-de-pau-dos-ferros.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1856 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Oeste Potiguar |
| **População:** 29.430 habitantes |
| **Área:** 259,959 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, universidades e institutos federais. |

**Caicó**

Figura 42: Arco do Triunfo, em Caicó
Fonte: Disponível em: <https://media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/08/e0/3d/d4/arco-do-triunfo.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1788 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Central Potiguar |
| **População:** 66.246 habitantes |
| **Área:** 1.228,583 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, destacando-se o campus da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). |

## PARAÍBA

O Estado da Paraíba está dividido em 223 municípios, com 3.914.421 habitantes e uma área de 56.469,778 km², faz limite com Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará. Seis municípios compõem a rede de pontos do ALiB no Estado, são eles: 56. Cuité; 57. Cajazeiras; 58. Itaporanga; 59. Patos; 60. Campina Grande e 61. João Pessoa

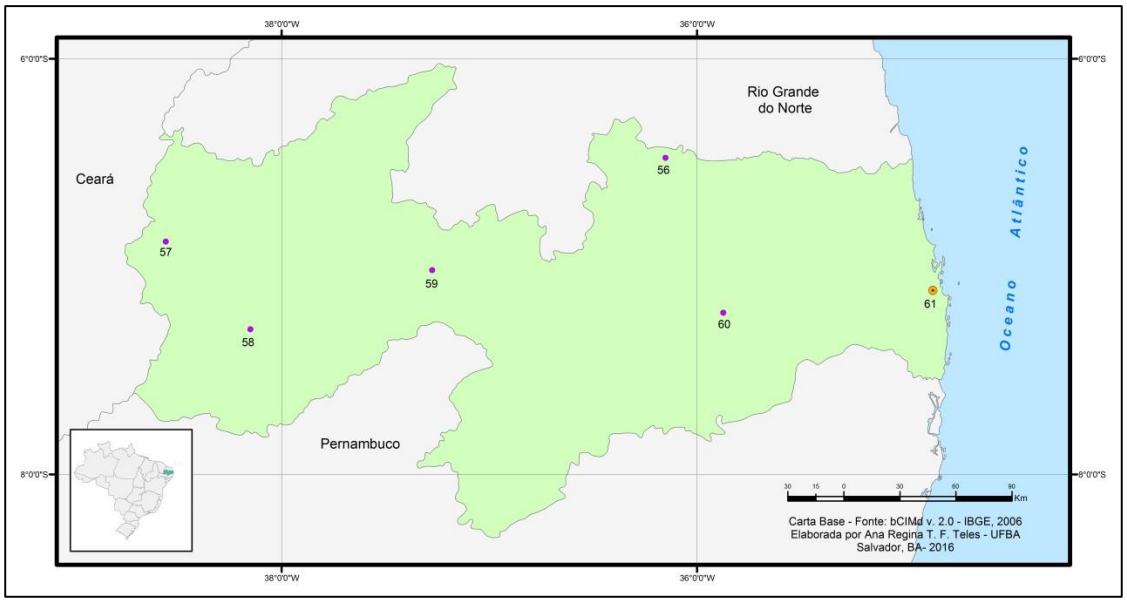


Figura 43: Estado da Paraíba – Rede de Pontos ALiB
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**Cuité**

Figura 44: Vista da cidade de Cuité
Fonte: Disponível em: <http://www.jeansouza.com.br/wp-content/uploads/2016/10/Cuite-4.jpg>. Acesso em: 01 de Maio de 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1827 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Agreste Paraibano |
| **População:** 20.299 habitantes |
| **Área:** 741, 840 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades. Possui campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). |

**Cajazeiras**

Figura 45: Vista da Igreja da cidade de Cajazeiras
Fonte: Disponível em: <https://www.guiadoturismobrasil.com/up/img/1446824015.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1863 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Paraibano |
| **População:** 60.612 habitantes |
| **Área:** 565,899 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, inclusive o campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). |

**Itaporanga**

Figura 46: Monumento Cristo Rei, em Itaporanga
Fonte: Disponível em: <https://www.paraibaemminuto.com.br/wp-content/uploads/2018/02/itaporanga-pb-660x330.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1865 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Paraibano |
| **População:** 24.128 habitantes |
| **Área:** 468,059 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdade privada. |

**Patos**

Figura 47: Vista da cidade de Patos
Fonte: Disponível em: <http://www.patosonline.com/painel/uploads/3aadb730a6ff3d6cd7077445b1b94bc9c85e41c5/87eec259c23de46b8b08441ede5c29e3.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1903 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Paraibano |
| **População:** 104.716 habitantes |
| **Área:** 473,056 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades. Possui campus da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). |

**Campina Grande**

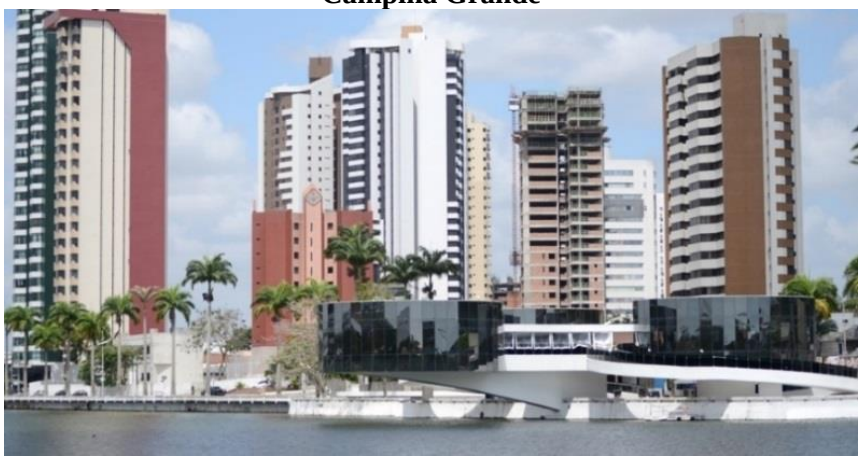

Figura 48: Açude Velho e Museu de Arte Popular da Paraíba, em Campina Grande
Fonte: Disponível em: <https://conteudo.imguol.com.br/c/noticias/2014/10/24/24out2014---as-margens-do-acude-velho-em-campina-grande-pb-o-museu-dos-tres-pandeiros-leva-a-assinatura-do-arquiteto-oscar-niemeyer-1414173791959_956x500.jpg>. Acesso em: 01 mai. 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1864 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião |
| **População:** 407.472habitantes |
| **Área:** 593,026 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, universidades, incluindo a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) |

**João Pessoa (capital)**

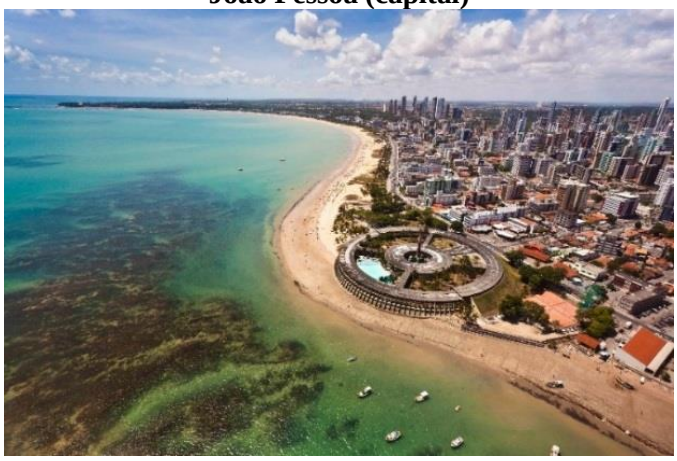

Figura 49: Praia de Tambaú, em João Pessoa
Fonte: Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/T_nXluu9Xrs/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1585 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Mata Paraibana |
| **População:** 69.607 habitantes |
| **Área:** 211,475 km2. |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, inclusive campus da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB). |

## PERNAMBUCO

Pernambuco tem como limites Paraíba, Ceará, Alagoas, Bahia e Piauí. O Estado tem uma população total aproximada em 9.208.550 habitantes e ocupa uma área de 98 148, 323 km². Possui 185 municípios e doze fazem parte da rede de pontos do ALiB, como a seguir se destaca: 62. Exu; 63. Salgueiro; 64. Limoeiro; 65. Olinda; 66. Afrânio; 67. Cabrobó; 68. Arcoverde; 69. Caruaru; 70. Recife; 71. Floresta; 72. Garanhuns e 73. Petrolina.

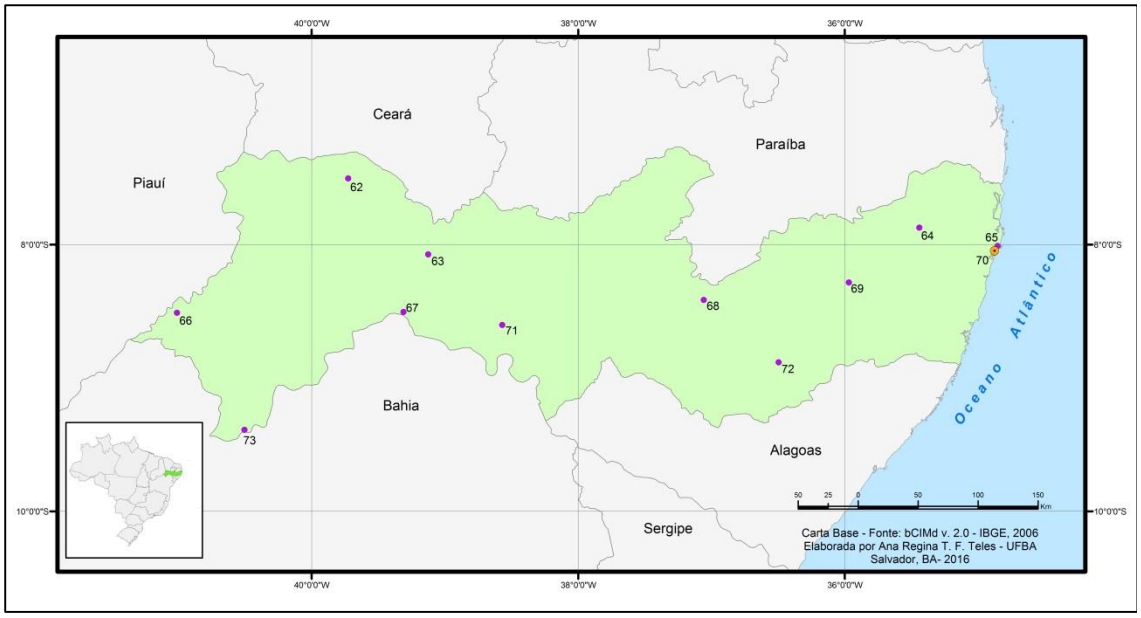


Figura 50: Estado de Pernambuco – Rede de Pontos ALiB
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**Exu**

Figura 51: Entrada da cidade de Exu
Fonte: Disponível em: <http://www.geraldojose.com.br/ckfinder/userfiles/images/exu(1).jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1909 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Pernambucano |
| **População:** 32.076 habitantes |
| **Área:** 1.336,788 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdades privadas. |

**Salgueiro**

Figura 52: Vista da cidade de Salgueiro
Fonte: Disponível em: <http://www.alvinhopatriota.com.br/wp-content/uploads/2016/12/salgueiro-pe-foto-aerea.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1864 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Pernambucano |
| **População:** 59,037 habitantes |
| **Área:** 1.686,814 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, inclusive campus da UPE – Universidade de Pernambuco. |

**Limoeiro**

Figura 53: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, em Limoeiro
Fonte: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_lsoY_2MrvYM/TSzNw4u_iJI/AAAAAAAAAA8/Jxim4YwFaXs/s1600/110102_141444.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1881 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Agreste Pernambucano |
| **População:** 56.407 habitantes |
| **Área:** 273,739 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, universidades e instituto federal. |

**Olinda**

Figura 54: Igreja de São Salvador do Mundo, em Olinda
Fonte: Disponível em: <https://abrilviagemeturismo.files.wordpress.com/2016/10/igreja-de-sao-salvador-do-mundo-olinda-pernambuco.jpeg?quality=70&strip=info&w=928>. Acesso em 11 de Novembro de 2018.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1537 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Metropolitana do Recife |
| **População:** 388.127 habitantes |
| **Área:** 41,681 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, universidades e instituto federal. |

**Afrânio**

Figura 55: Praça Pe. Cícero, em Afrânio
Disponível em: <https://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/67654047.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1864 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião São Francisco Pernambucano |
| **População:** 18.625 habitantes |
| **Área:** 1.490,594 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. |

**Cabrobó**

Figura 56: Portal da cidade de Cabrobró
Fonte: Disponível em: <http://www.cabrobonews.com.br/wp-content/uploads/2016/06/portal-cabrobo-transparencia.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1903 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião São Francisco Pernambucano |
| **População:** 32.596 habitantes |
| **Área:** 1.657,706 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdades privadas. |

**Arcoverde**

Figura 57: Vista da cidade de Arcoverde
Fonte: Disponível em: < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/1d/Cidade_de_Arcoverde%2C_Pernambuco.jpg/1200px-Cidade_de_Arcoverde%2C_Pernambuco.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1928 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Pernambucano |
| **População:** 72.102 habitantes |
| **Área:** 323,369 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, inclusive campus da UPE – Universidade de Pernambuco. |

**Caruaru**

Figura 58: Vista da cidade de Caruaru
Fonte: Disponível em: <https://static.consolidesuamarca.com.br/data/images/caruaru-pe.jpg?24092018>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1857 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Agreste Pernambucano |
| **População:** 337.416 habitantes |
| **Área:** 920,610 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades. Possui campus da UPE – Universidade de Pernambuco e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). |

**Recife (capital)**

Figura 59: Marco Zero, em Recife
Fonte: Disponível em: <http://transladorecife.com.br/wp-content/uploads/2015/09/marco-zero.jpg> . Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1537 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Metropolitana do Recife |
| **População:** 1.599.513 habitantes |
| **Área:** 218,435 km2 |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, muitas faculdades particulares e a Universidade Estadual – UPE e a Federal – UFPE. |

**Floresta**

Figura 60: Catedral do Senhor Bom Jesus dos Aflitos, em Floresta
Fonte: Disponível em: <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/25680343.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1864 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião São Francisco Pernambuco |
| **População:** 31.088 habitantes |
| **Área:** 3.644,168 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e faculdade privada. |

**Garanhuns**

Figura 61: Praça Relógio das Flores, em Garanhuns
Fonte: Disponível em: <http://melhorespontosturisticos.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Relogio-de-Flores-Garanhuns.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1874 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Agreste Pernambuco |
| **População:** 135.138 habitantes |
| **Área:** 458,552 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio e universidades, incluindo o campus da UPE – Universidade de Pernambuco. |

**Petrolina**

Figura 62: Vista da cidade de Petrolina
Fonte: Disponível em: <http://s2.glbimg.com/8tLd2A1PxaSDzkEB5MIOTf4rtEc=/620x465/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/06/14/mauricio_andre_anjos_-_205x145cm.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1895 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião São Francisco Pernambuco |
| **População:** 319.893 habitantes |
| **Área:** 4.561,874 km² |
| **Educação**: Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades, instituto federal e universidades. Destaca-se a UNIVASF Universidade Federal do Vale do São Francisco. |

# ALAGOAS

Composto por 102 municípios, Alagoas limita-se com Pernambuco, Bahia e Sergipe. Possui 3.300.935 habitantes e uma área de 27.778,506 km², sendo o segundo menor Estado do Nordeste do Brasil. Há, no Estado, um total de quatro localidades pertencentes à rede de pontos do ALiB, a saber: 74. União dos Palmares; 75. Santana do Ipanema; 76. Arapiraca; e 77. Maceió (cf. Figura 63) .

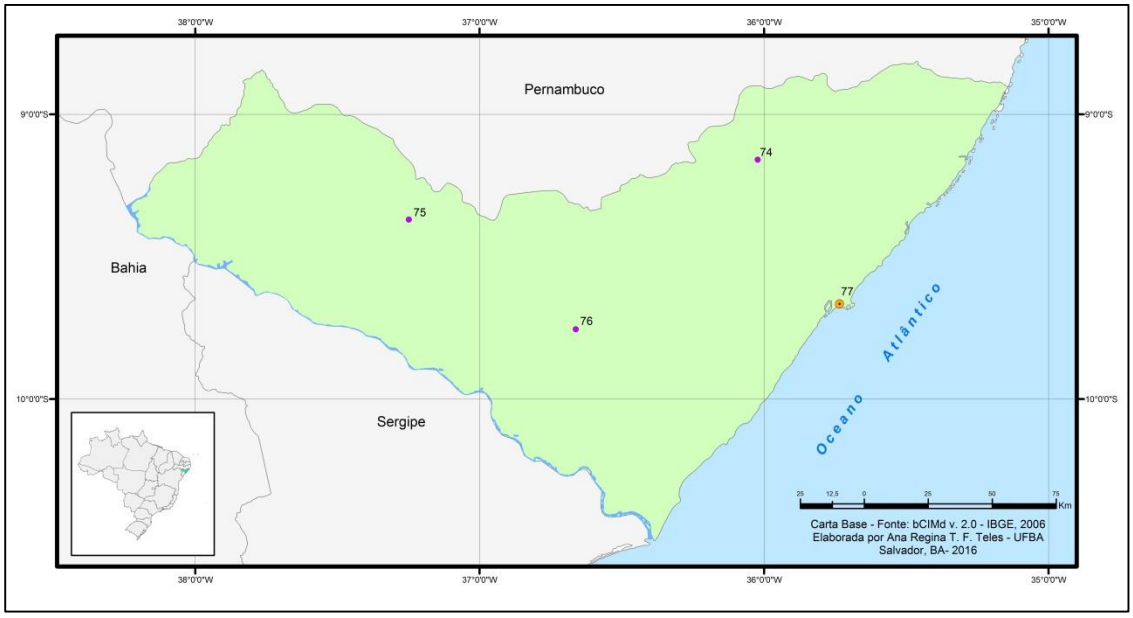


Figura 63: Estado do Alagoas – Rede de Pontos ALiB
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Comissão de Cartografia e Informatização – CIC

**União dos Palmares**

Figura 64: Entrada da cidade de União dos Palmares
Fonte: Disponível em: <http://s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2013/11/16/zumbi.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1831 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Leste Alagoano |
| **População:** 65.495 habitantes |
| **Área:** 420,720 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades particulares e o *campus* da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). |

**Santana do Ipanema**

Figura 65: Vista da cidade de Santana do Ipanema
Disponível em: <https://minutosertao.imgix.net/imagens/b04ed604-3ac1-4c19-b247-2cb3a51c71af.jpg?w=350&h=263&fit=crop&crop=faces&auto=format,compress>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1875 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Sertão Alagoano |
| **População:** 47.352 habitantes |
| **Área:** 437,875 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. Dispõe de faculdades particulares e universidades e instituto federal. |

**Arapiraca**

Figura 66: Vista da cidade de Arapiraca
Fonte: Disponível em: <https://alertaconcursos.com.br/wp-content/uploads/2018/08/concurso-arapiraca-al.jpg>. Acesso em 11 de Nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1924 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Agreste Alagoano |
| **População:** 227.640 habitantes |
| **Área:** 345,655 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio, além de faculdades privadas. |

**Maceió (capital)**

Figura 67: Orla de Maceió
Fonte: Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/al/maceio/gifs/maceio.jpg>. Acesso em: 11 nov. 2017.

| |
|---|
| **Ano de Fundação**: 1815 |
| **Localização Geográfica**: Mesorregião Leste Alagoano |
| **População:** 996.733 habitantes |
| **Área:** 509,552 km² |
| **Educação:** Há escolas de níveis fundamental e médio. Possui muitas faculdades particulares e Públicas, destacando-se a Universidades Federal de Alagoas – UFAL e a Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. |

## 3.4 A ÁREA SEMÂNTICA DOS JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS[14]

A escolha dessa área temática do questionário do Projeto ALiB teve grande motivação. Entende-se que as designações para os itens dos *jogos e diversões infantis* podem atuar como elementos reveladores de traços de natureza histórica e cultural da área em análise.

As brincadeiras e os brinquedos infantis são transmitidos de geração a geração. Fazem parte da formação da criança, refletem a relação do homem com o mundo, integram o folclore e desvelam aspectos culturais e sociais de uma comunidade. Vários fatores como a urbanização, a insegurança gerada pela violência e a evolução tecnológica mudaram radicalmente a relação das crianças com os brinquedos e brincadeiras infantis. Hoje, são mais populares, como diversão para crianças, os brinquedos eletrônicos, o computador e a televisão. A escola, em contrapartida, procura resgatar as atividades e objetos lúdicos que integram o folclore e recuperam aspectos culturais de uma comunidade. Associado ao resgate social dos brinquedos e brincadeiras empreendido pela escola, este trabalho dialetológico objetiva-se fazer uma documentação sobre a variação lexical, ao investigar a diversidade linguística deste campo.

Logo, foram selecionadas para a análise 13 perguntas da área semântica em questão, do Questionário Semântico-Lexical (QSL), conforme ilustra o quadro a seguir:

Quadro 3: Questões da seção *jogos e diversões infantis*

| **QSL** | **Formulação da pergunta** |
|---|---|
| 155 | Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? *Mímica.* |
| 156 | Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar? *Mostrar objeto.* |
| 157 | Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha *(mímica)*, que os meninos usam para matar passarinho? *Mostrar gravura.* |
| 158 | Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? |
| 159 | E um brinquedo parecido com o _____ (*cf. item 158*), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha? |

[14] Adota-se a mesma nomenclatura utilizada pelos Questionários ALiB (2001).

| QSL | Formulação da pergunta |
|---|---|
| 160 | Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? |
| 161 | Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? |
| 162 | Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado? |
| 163 | Como se chama esse ponto combinado? |
| 164 | Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? |
| 165 | Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica. Mostrar gravura*. |
| 166 | Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mímica. Mostrar gravura*. |
| 167 | Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA. |

Fonte: (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 34-35)

## 3.5 AS ETAPAS DA PESQUISA

Como exposto na introdução, este estudo tem por objetivo reunir os dados dos sete Estados que compõem o *Falar Nordestino* já coletados separadamente por estudantes de Iniciação Científica. Durante essa época, cumpriram-se as seguintes etapas metodológicas: audição cuidadosa dos inquéritos linguísticos, seleção das variantes lexicais nos inquéritos, transcrição, organização e agrupamento das variantes em planilha do Excel, tratamento estatístico dos dados, por meio da construção de gráficos, e cartografia dos dados. Assim, a análise dos dados foi feita juntamente com a constituição do *corpus*, que foi sistematizada na audição e na transcrição dos inquéritos. No que tange à transcrição, inicialmente foram utilizados os dados já transcritos e, em alguns casos,

feitas novas transcrições para complementação do *corpus*. Posteriormente, procedeu-se o tratamento estatístico e o mapeamento linguístico (cartografia), como resultado da variação encontrada acerca das respostas obtidas para as 13 questões referentes aos *jogos e diversões infantis*.

No tocante ao tratamento estatístico, são apresentadas primeiramente as frequências por número de ocorrências de cada variante e, na sequência, apresentam-se os dados referentes à distribuição diatópica, através de gráficos de presença das formas lexicais em localidades e cartografia experimental. A análise linguística da cartografia foi realizada pela autora da dissertação.

As respostas para os dados coletados e não validados como designações estão agrupadas da seguinte maneira:

- **NS (Não sabe):** corresponde às elocuções que os informantes dizem não conhecer o item que lhe foi perguntado;
- **NL (Não lembra):** ocorrências em que os informantes conhecem o item, porém não lembram, naquele momento, de uma designação para nomeá-lo;
- **NO (Não obtida):** casos em que, embora o inquiridor tenha tentando apurar as designações, o informante não sugere respostas. Somam-se, ainda, as situações em que o inquiridor, ao fazer a pergunta, dá a resposta e os casos de problemas técnicos com os áudios.

São consideradas mais de uma resposta por informante e as respostas com apenas uma ocorrência foram agrupados em *outras denominações*. Os demais agrupamentos seguiram os seguintes critérios: neutralização das variantes fônicas; simplificação da derivação de grau – diminutivo ou aumentativo, e flexão de gênero e número; remoção dos verbos de ação; transformação das lexias compostas em lexias simples. Caso haja alguma situação específica diferente dessas, será explicada durante a realização da análise de cada lexia.

Ao final de cada análise, com o objetivo de comparar dados do Projeto ALiB e visualizar a distribuição das variantes para a área temática dos *jogos e diversões infantis* pelo território brasileiro, foi realizado um cotejo com os dados de outras pesquisas já realizadas acerca de temas aqui abordados: Tese de Ribeiro (2012), no *Falar Baiano*, Dissertação de Portilho (2013), no *Falar Amazônico*, Tese de Romano (2015), uma questão apenas (gude – QSL 156), no *Falar Sulista*, e Dissertação de Santos (2016), no *Falar Fluminense*.

Assinala-se que a comparação, sobretudo, com os trabalhos de Ribeiro (2012), no *Falar Baiano* e de Portilho (2013), no *Amazônico* é imprescindível, pois essas áreas fazem limite com os Estados que integram o *Falar Nordestino* e, portanto, são consideradas as áreas de controle deste trabalho[15].

Cabe ressaltar que não houve vasta pesquisa das variantes documentas em dicionários de língua portuguesa, pois essa tarefa já foi realizada pelos trabalhos anteriormente mencionados. Nesse sentido, para subsidiar a análise léxico-semântica, elegeu-se o Dicionário Houaiss (2011) para definir a forma designada no Questionário Semântico-Lexical do ALiB.

[15] De acordo com Ribeiro (2012, p.138), o critério para determinação da área de controle é: "critério único para escolha dos pontos a posição geográfica (ser o ponto ALiB mais próximo à linha do *Falar Baiano*).

# 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, expõem-se a descrição e a análise das respostas para as 13 questões da área semântica dos *jogos e diversões infantis* (QSL/ALiB), fornecidas por 240 informantes da região dialetal do *Falar Nordestino*. As questões são apresentadas isoladamente e cada subseção é organizada na seguinte ordem:

- Breve contextualização do brinquedo ou brincadeira, através de imagens, comentários e o resultado da consulta realizada no Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss (2011);
- Explanação das propostas de agrupamentos estabelecidas para cada item, seguindo o padrão mencionado na metodologia. Salienta-se que casos específicos são explicados em cada análise;
- Representação dos dados através de gráficos de frequência de ocorrência e de distribuição diatópica com as lexias mais produtivas de cada questão;
- Apresentação da cartografia experimental dos resultados para uma melhor visualização das lexias dispostas na área examinada, permitindo, assim, realizar o traçado de isoglossas. A cartografia baseia-se na análise estatística da frequência em localidades. São expostos, em alguns casos, exemplos de trechos de inquéritos linguísticos;
- Embora os dados não tenham sido explorados sob a perspectiva da variação social, haja vista a perspectiva da pesquisa, sempre que necessário, são feitos comentários desse aspecto;
- Por fim, uma comparação dos itens lexicais designativos do brinquedo ou brincadeira em questão com os resultados encontrados por pesquisadores do ALiB.

Para a sequência de apresentação das questões seguiu a numeração adotada pelo Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (2001).

## 4.1 Designações para a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado

A brincadeira desenvolve a adaptação e o domínio corporal, por isso faz parte de diversos esportes, tais como: ginástica acrobática, natação, no movimento da virada

olímpica, mergulho, durante a entrada na água, artes marciais, dentre outros. A Figura 68 ilustra a atividade lúdica no universo dos esportes. No Houaiss (2011), *cambalhota* é definida como o "movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para a frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão; bagaço, cabriola, cambota."

Figura 68: menino aprendendo a fazer o movimento da *cambalhota*, com o professor, na aula de taekwondo.
Fonte: Disponível em <https://jornalibia.com.br/destaque/creche-laranjinha-aposta-em-aulas-diferentes/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

A partir da pergunta 155 do Questionário Semântico-Lexical, "**Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?**" (COMITÊ NACIONAL... 2001, p.34), foram obtidas 286 ocorrências, das quais 93,7% (268 ocorrências) constituem respostas válidas e 6,3% (18 ocorrências) são de NS/NL/NO. Documentaram-se diversas formas para nomear a brincadeira em análise, que, uma vez reunidas, formaram 18 agrupamentos, conforme explicita o Quadro 4. Informa-se que a proposta de agrupamento segue os passos estabelecidos na metodologia deste trabalho.

Quadro 4: resultado dos agrupamentos para *cambalhota*

| Forma lexical agrupadora | Formas lexicais agrupadas |
|---|---|
| ***bananeira*** | *bananeira* |
| ***bunda canastra*** | *bunda canassi; bunda canasca; bunda canástica; bunda carnassa; bunda* |

| | |
|---|---|
| | *cabasca; bunda canassa; bunda canasso;bunda canasco;bunda canata; bunda canasta; bunda canastra; bunda canasso; bunda quinasca; virar bunda cansaca; virar bunda canaca; virar bunda canastra; virar bunda canassa; canastra* |
| ***(bunda) ginástica*** | *bunda ginástica; bumba ginástica; ginasca; ginástica; virando ginástica* |
| ***cabeça pra baixo*** | *cabeça pra baixo* |
| ***cambalhota*** | *cambalhota; cambalhotas; virar cambalhotas* |
| ***cambota*** | *cambota* |
| ***cambute*** | *cambute; virar cambute; virar de combute* |
| ***combona*** | *combona* |
| ***cangapé*** | *cangapé; cambapé* |
| ***capoeira*** | *capoeira* |
| ***carambela*** | *carambela; virar carambela; virar de carambela; carambelo* |
| ***carambola*** | *carambola* |
| ***estrelinha*** | *estrelinha* |
| ***pirueta*** | *pirueta* |
| ***(pulo/salto) mortal*** | *mortal; pulo mortal; salto mortal* |
| ***tiúba*** | *tiúba, virou tiúba* |
| ***tumbica*** | *tumbica* |
| ***outras denominações*** | *pulutrica; boio; ponta pé; rolamento; salto solto; revirão* |

Cabe salientar que algumas respostas, como *bananeira*, *estrelinha* e *(pulo/salto) mortal*, não foram validadas nos casos em que os informantes descreveram a brincadeira com movimentos acrobáticos que fogem do que se apura na questão155 do QSL, a saber: “cai em pé” e “dar giros no ar”.

O agrupamento *bunda canastra* foi o que apresentou a maior vitalidade da amostra, com 43,3% das ocorrências. O conjunto composto pelas variantes de *cambalhota* aparece em segundo lugar, com frequência de 25,4%, seguido de *carambela* (9,3%), (*pulo/salto) mortal* (3,4%), *estrelinha* e (*bunda ginástica)* (2,6% cada), *cambute* (1,9%), *capoeira* (1,5%), *cabeça pra baixo*, *cangapé* e *pirueta* (1,1% cada), *bananeira*, *carambola*, *cambota*, *combona*, *tiúba* e *tumbica* (0,7% cada). As seis designações que compõem as *outras denominações* somaram juntas 2,2%. O gráfico 1 – Percentual de

ocorrência de variantes para *cambalhota* no *Falar Nordestino* – traz um recorte das respostas, evidenciando as formas com índice percentual superior a 2% das ocorrências[16].

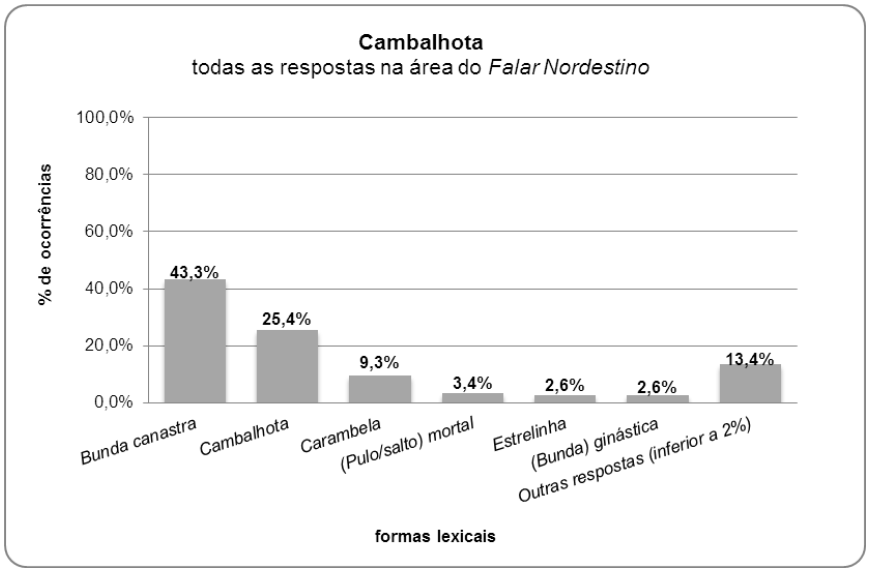


Gráfico 1: – Percentual de ocorrência de variantes para *cambalhota* no *Falar Nordestino*

Referente à diatopia, destaca-se que *bunda canastra*, além de ser o agrupamento com maior frequência em número de ocorrências (43,3%), também é a forma mais disseminada nos pontos de inquérito observados, com 84,9% de presença. O item lexical aparece em 45 dos 53 municípios do *Falar Nordestino*, demonstrando ser a norma de grande parte da região. Ressalta-se, também, a presença de *cambalhota* em mais da metade das localidades (35 das 53), o que representa um total de 66,0%.

O agrupamento *(pulo/salto) mortal*, por sua vez, foi catalogado em 15,1% da área (8 localidades), seguido de (*bunda) ginática* e *carambela*, que somaram 13,2% de presença cada (7 localidades) e *estrelinha*, com percentual de 11,3% (6 localidades).

Na sequência, os Gráficos 2 e 3 apresentam os dados separadamente. No Gráfico 2, encontram-se as variantes que obtiveram frequência em localidades superior a 6% e no Gráfico 3 estão as demais variantes com presença inferior a 6%.

[16] No Gráfico 1, as lexias do grupo o*utras denominações* estão inseridas nas *outras respostas (inferior a 2%)*.

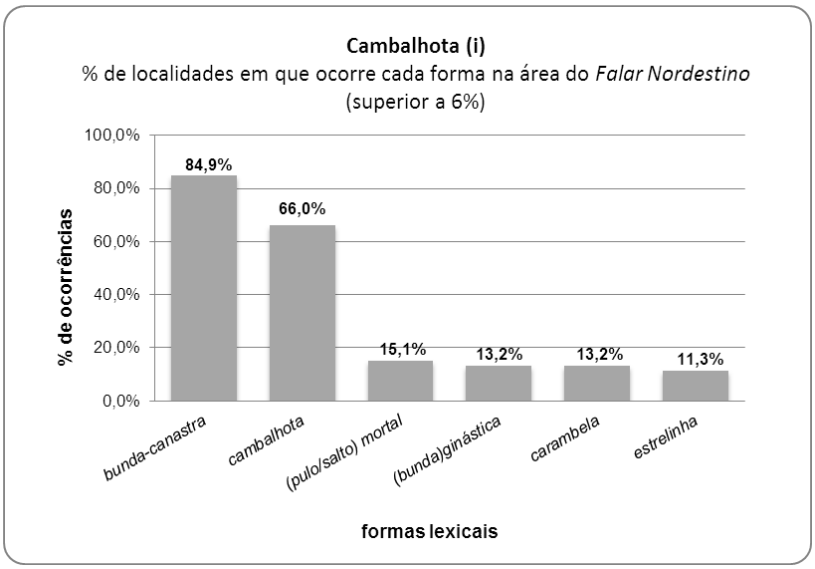


Gráfico 2: Percentual de presença das variantes para *cambalhota* nas localidades do *Falar Nordestino* (superior a 6%)

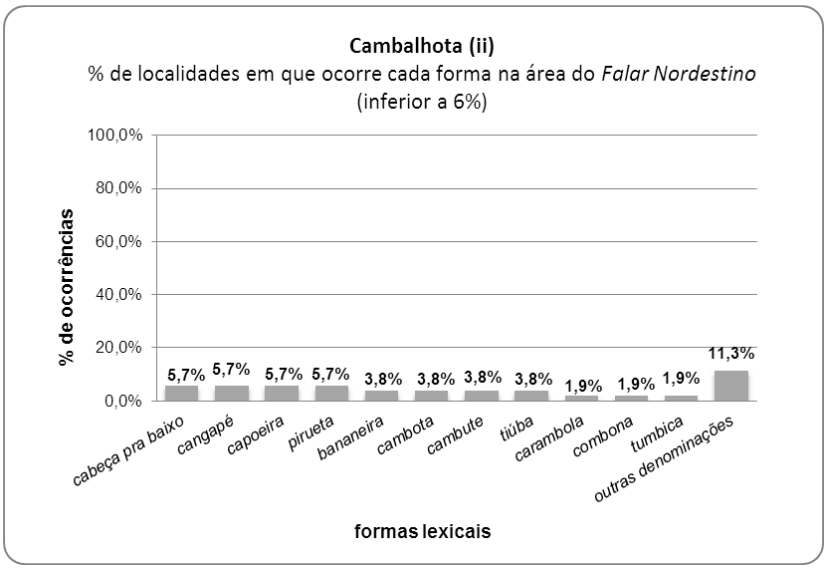


Gráfico 3: Percentual de presença das variantes para *cambalhota* nas localidades do *Falar Nordestino* (inferior a 6%)

No quadro, exibido a seguir, estão relacionados os pontos de inquérito em que apareceram as formas com menos de 6% de presença em localidades. Assinala-se que, pela preservação da visualização dos dados, essas variantes não foram cartografadas.

| **Designação agrupadora** | **Localidades em que foram documentadas** |
|---|---|
| ***bananeira*** | 44;75 |

Quadro 5: relação das localidades em que aparecem as variantes de *cambalhota* – menos de 6%

| | |
|---|---|
| ***cabeça pra baixo*** | 46; 57; 65 |
| ***cambota*** | 41;72 |
| ***cambute*** | 32;33 |
| ***combona*** | 77 |
| ***cangapé*** | 41;43;45 |
| ***capoeira*** | 47;48;50 |
| ***carambola*** | 34 |
| ***pirueta*** | 26;59;69 |
| ***tiúba*** | 31;32 |
| ***tumbica*** | 38 |
| ***outras denominações*** | *pulutrica* (34)*; boio* (42)*; ponta pé* (49)*; rolamento* (60)*; salto solto* (68)*; revirão* (71) |

Através da carta linguística, representada pela Figura 69, na qual estão cartografadas as ocorrências com presença em localidades superior a 6%, observa-se que *bunda canastra* e *cambalhota* percorrem todos os sete Estados analisados. O discurso do informante idoso de Recife – PE revela que *bunda canasca* (agrupada em *bunda canastra*) é uma forma antiga que vem perdendo espaço para *cambalhota*, denotando traços da variação diageracional.

> INF. – Aqui chamava-se **bunda canasca**, **cambalhota**... virá **cambalhota** (...) **cambalhota**. E hoje os palhaço usa muito no circo... dá uma **cambalhota**.
> INQ. – Mas o outro nome que o senhor falou era...
> INF. – **Bunda canasca**. Aí o pessoal... os meninote, os menino de antigamente usava muito essa palavra.
> **(070/03) – (Recife/PE). Inf.: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto**

As designações *(pulo/salto) mortal* e *(bunda) ginática* estão presente em quatro Estados. A primeira citada aparece no Maranhão, Ceará, Pernambuco e Alagoas a segunda no Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Segundo a mulher idosa, faixa II, universitária, de Recife –PE, a lexia *bunda canástica* (agrupada em *bunda canastra*) é uma variante que veio da forma *bunda ginástica*.

> INF[17]. – É **bunda**... **ginástica**...
> INQ. – Eh, né?
> INF. –... Que saía **bunda canástica**.
> INQ. – Sim...
> INF. – Mas é **bunda**... **ginástica.**.. tem gente que chamava **bunda canas**... **canásta**, mas era... a **ginasta**... né, a **ginástica**, mas a gente dizia errado.
> **(070/08) – (Recife/PE). Inf.: mulher, faixa 2, ensino universitário**

A forma *estrelinha* está presente nos Estados do Piauí, Ceará e Paraíba. Já *carambela* foi registrada em sete cidades do Maranhão e na capital do Piauí, Teresina, demonstrado ser, na área do *Falar Nordestino*, uma variante exclusiva desses dois Estados, sobretudo do Maranhão, conforme revela a fala da informante, faixa etária II, de Imperatriz.

> INF. – **Carambela**, aqui pra nós mesmo é **carambela**.
> **(029/04) – (Imperatriz/MA). Inf.: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto**

[17] As siglas INQ. e INF. Indicam a fala dos inquiridores e a fala dos informantes, respectivamente.

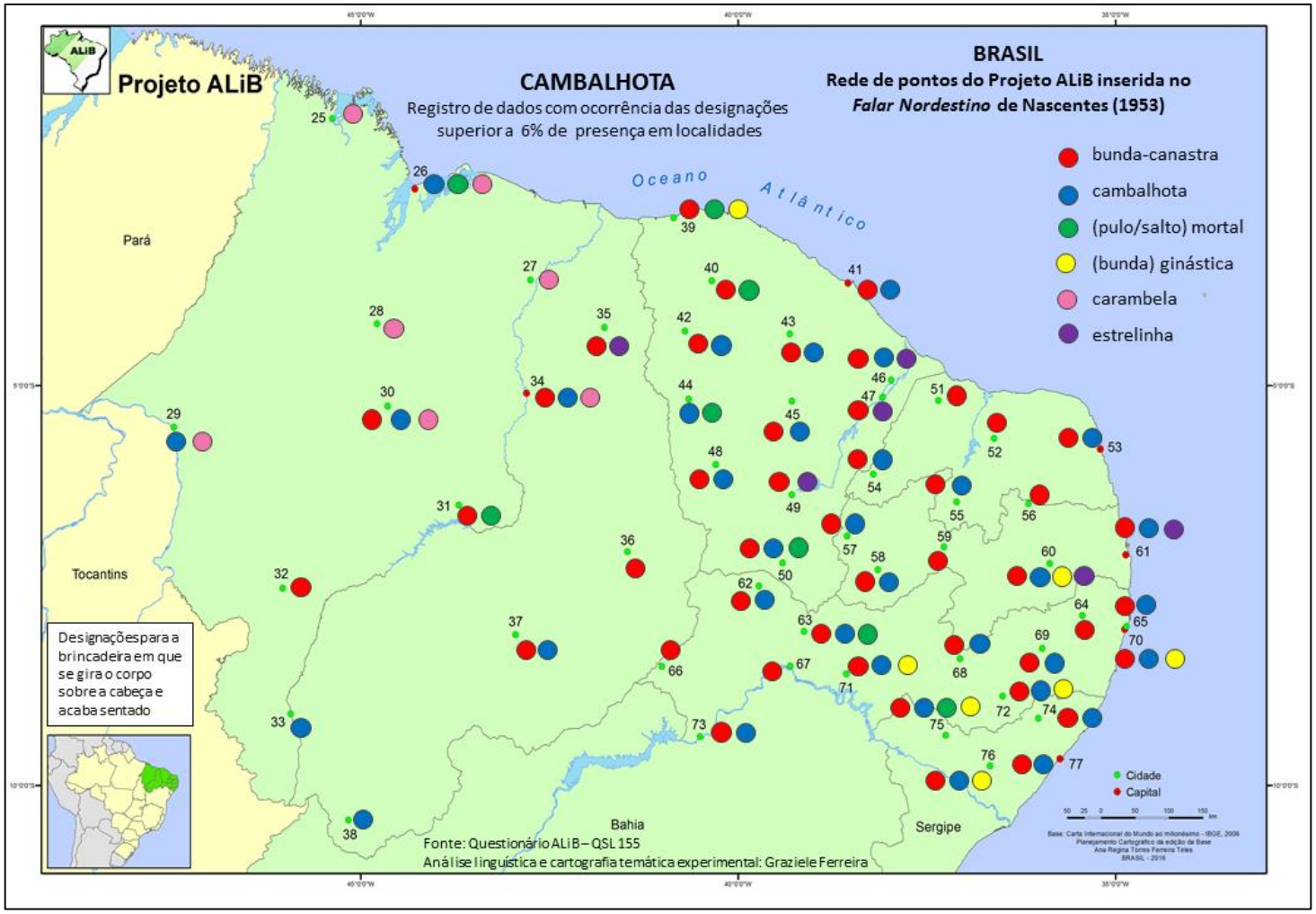


Figura 69: carta linguística para *cambalhota* no Falar Nordestino

### 4.1.1 *O léxico de cambalhota* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

Conforme o levantamento feito por Ribeiro (2012), na área correspondente ao *Falar Baiano*, a questão 155 do QSL parece ser bastante conhecida, pois das 285 respostas catalogadas, 275 foram válidas (96,5%) e dez ocorrências representam casos de NS/NL/NO[18] (3,5%). Houve registro de muitas formas lexicais, as quais foram reunidas em grupos diversos. O agrupamento mais recorrente foi *cambalhota*, com frequência de 38,5%, seguido de *maria escambota* (19,3%), *bunda canastra* (10,2%), *maria escambona* (8,7%), *pulo/salto mortal* (5,8%) e *cabriola* (2,9%). Com menos vitalidade, documentaram-se as seguintes variantes: *pirueta*, *cangapé*, *combute*, *aú*, *bananeira*, *ginástica*, *tiúba*, *tumbica* e mais 19 *respostas únicas*[19]. No que tange à diatopia, observa-se que *cambalhota* é predominante, a forma ocorreu em 47 das 57 localidades analisadas, totalizando 82,5% de presença.

O estudo de Portilho (2013) acerca da área dialetal do *Falar Amazônico* apresentou, igualmente, alto índice de respostas válidas, apenas 4 informantes não forneceram designações para nomear a brincadeira em foco. Foram encontradas 23 formas lexicais, reunidas em distintos grupos, a saber: *cambalhota*, *carambola*, *carambela*, *tiúba* e outras (junção das variantes com pouca produtividade): *cambota*, *mortal*, *salto mortal*, *salto*, *cangapé*, *bunda canastra*, *pirueta*, *piruleta*, *capoeira* e *giro*. Com 48% das ocorrências, o agrupamento *cambalhota* é o mais vital da amostra e está presente em quase todos os municípios examinados. *Carambola* somou 18,2% de frequência, seguido de *carambela* (15,5%) e de *tiúba* (4,1%).

Santos (2016) computou 156 ocorrências, sendo 94,2% delas respostas válidas (147 ocorrências) e 5,8% são de NS/NL/NO (9 ocorrências). *Cambalhota*, com 86,9% de frequência e distribuída em, praticamente, todas as localidades, foi a resposta majoritária no *Falar Fluminense*. Registram-se, ainda: *cambota*, com 7,6%, *mortal* e *pirueta*, que obtiveram 2,1% e unidade lexical *caneleta*, com 1,4%.

Na comparação entre os três estudos mencionados e o levantamento feito neste trabalho, percebe-se que existem formas comuns aos *Falares Baiano*, *Amazônico*, *Fluminense* e *Nordestino*. Ressalta-se que o *Falar Nordestino* diferencia-se por ser o

---

[18] Ribeiro (2012) e Santos (2016) nomeiam as respostas não obtidas através dos subgrupos NS/NL/NO. Nesta dissertação, utiliza-se o mesmo parâmetro.

[19] As respostas catalogadas uma única vez são representas em Ribeiro (2012) pela designação *respostas únicas*; em Portilho (2013) por *ocorrências únicas* e em Santos (2016) por *outras formas*.

único que não registra *cambalhota* como a forma predominante. A documentação de *carambela* no Piauí e, principalmente, em mais da metade dos municípios do Maranhão, Estado que faz limite com localidades do Norte, indica que parte da área, aqui analisada, recebe influência do *Falar Amazônico*, uma vez que *carambela* foi a terceira forma mais vital descrita por Portilho (2013).

## 4.2 Designações para as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar

O jogo com as coisinhas redondas de vidro não tem origem precisa. Porém, há registros do brinquedo na Roma Antiga. Na época, era praticado com sementes e frutos arredondados. Na Europa, difundiu-se por volta do século XVI, aparecendo em citações poéticas e pinturas. Desde que surgiram no Brasil, as bolinhas de gude custam um preço bastante acessível e, em geral, é uma das boas opções de brinquedo para as crianças, Embora a pergunta do Questionário Semântico-Lexical – 156 sugira que essa seja uma brincadeira de meninos, é possível encontrar as meninas se divertindo com as bolinhas de gude.

Figura 70: bola de gude

Disponível em <https://anosincriveisblog.wordpress.com/2014/05/25/bola-de-gude/>. Acesso em 15 mai. 2018.

Salienta-se que, segundo pesquisas em sites na internet sobre fabricação de objetos lúdicos, o brinquedo pode ser confeccionado com materiais diversificados, ganhando

características e nomenclaturas diferentes a depender de sua configuração em cores e em transparência. Destacam-se os seguintes tipos:

- bola de gude tradicional: feita de vidro, geralmente, nas cores verde e azul.
- bola de gude opaca: feita de vidro leitoso, que confere efeitos coloridos externos ao objeto.
- bola de gude leitosa: feita de mármore e parecida com a opaca pelos efeitos coloridos que revela.
- bola de gude olho de gato ou americaninha: feita com vidro transparente, possui detalhes coloridos na parte interna que se assemelham aos olhos de um gato.
- bola de gude buticão, bigolhão, bigoião, bulicão ou bolichão: distingue-se pelo tamanho, são maiores que as bolinhas tradicionais.

Possivelmente, as nomeações citadas possam variar conforme a região, embora não tenham sido citadas pelos informantes inquiridos. O presente estudo não objetivou identificar essas formas e suas variantes, restringindo-se ao estudo da diversidade lexical da bola de gude de modo geral.

No dicionário Houaiss (2011), o jogo de gude é definido como regionalismo brasileiro. De acordo com a obra, *gude* consiste no "jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial". O autor discorre que o nome do jogo pode, ainda, ser englobado na figura de linguagem metonímia – *bolinha* (de gude), uma vez que evidencia a ideia da parte pelo todo. Nesse caso, bolinha constituiria uma parte do brinquedo.

Em território nacional, a bolinha de gude pode ser jogada de diversas maneiras, desde modalidades mais simples, com quantidade ilimitada de jogadores até modalidades mais complexas, com desenhos e buraco no chão e com quantidade específica de jogadores e bolas de gude.

O objeto é muito conhecido na área geográfica investigada, uma vez que somente um informante (0,3%) não soube responder à questão solicitada, configurando um caso de N.S./N.L./N.O. Nesse contexto, foram registradas 99,7% (349 ocorrências) de

respostas válidas distribuídas em 33 itens lexicais, que resultaram em dez agrupamentos distintos, conforme pode ser observado no quadro que segue:

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| ***bila*** | *bila; bilazinha; bilhá; bilinha* |
| ***biloca*** | *biloca; bilocas* |
| ***bola de fone*** | *bola de fone* |
| ***bola/bolinha de gude*** | *bola de gude; bolinha de gude; gude; bola de grude; bola de glude; bola de guda; bolas de gudes; bolhazinha de gude* |
| ***bola de vidro*** | *bola de vidro; bola de vrido; bolinha de vidro; bolinha de vrido; pedra de vidro* |
| ***bolinha*** | *bolinha; bolinhas* |
| ***cabiçulinha*** | *cabiçulinha; capiçulia; cabeçulinha; camiçulim; cabiçulim* |
| ***peteca*** | *peteca* |
| ***ximbra*** | *ximbra; ximbre* |
| ***outras denominações*** | *bola; esfera; tapa buraco* |

Quadro 6: resultado dos agrupamentos para *bola/bolinha de gude*

Utilizou-se o conceito *bola/bolinha de gude* e não apenas *bola de gude* ou *bolinha de gude* pelo fato de as duas formas e suas variantes agrupadas aparecerem de modo recorrente nos discursos dos informantes ouvidos. As lexias *bola de fone* e *peteca* foram as únicas que não apresentam variação e, desse modo, o agrupamento recebe o nome de cada forma. O agrupamento *outras denominações* foi composto por três unidades léxicas que apareceram uma única vez cada, a saber: *bola*, *esfera* e *tapa buraco*.

A análise e o tratamento estatístico dos dados revelaram que a resposta mais produtiva para a questão 156, do QSL, foi *bola*/*bolinha de gude*, com 36,6% das ocorrências.

A forma *bila* desponta como a segunda mais conhecida, com 29,1%, seguida de *peteca* (16,0%), *ximbra* (7,4%), *bola de vidro* (3,1%), *biloca* (2,9%), *cabiçulinha* (2,0%), *bolinha* (1,1%), *bola de fone* (0,9%) e *outras denominações* (0,9%). O Gráfico 4, a seguir, mostra a frequência das lexias documentadas.

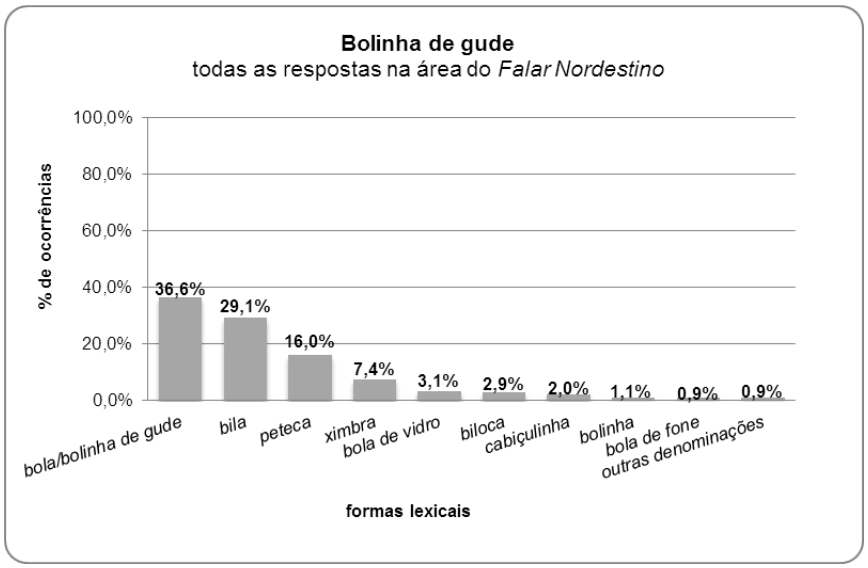


Gráfico 4: Percentual de ocorrência de variantes para *bola de gude* no *Falar Nordestino*

Ao analisar os dados através do viés espacial, observa-se que, na área do *Falar Nordestino*, os informantes ofereceram uma quantidade expressiva de itens lexicais para denominar o brinquedo em questão. A forma *bola/bolinha de gude* é a mais produtiva no conjunto de todas as localidades, com 90,6% de aparições. Posteriormente, aparece *bila*, também com percentual elevado de ocorrência na região (54,7%), seguida de *peteca* (26,4%), *ximbra* (13,2%) e *bola de vidro* (13,2%). Registram-se, com valores percentuais mais baixos, as formas *cabiçulinha* (7,5%), *biloca* (5,7%), *bolinha* (3,8%) e *bola de fone* (1,9%). O conjunto *outras denominações*, que consiste no agrupamento dos itens que aparecem uma só vez, perfaz 5,7%, como pode ser visualizado através do Gráfico 5.

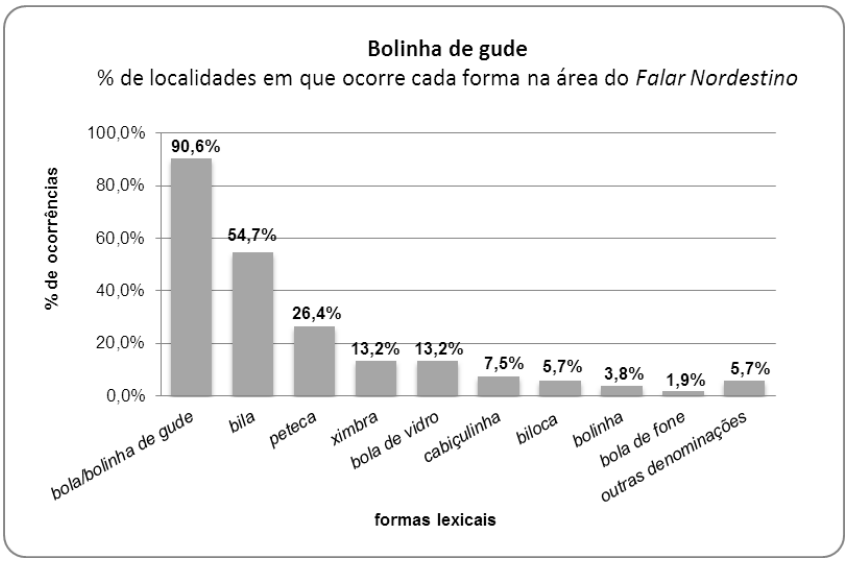


Gráfico 5: Percentual de presença das variantes para *bola/bolinha de gude* nas localidades do *Falar Nordestino*

Na distribuição diatópica, exibida por meio das cartas linguísticas, expostas adiante (Figura 71 e Figura 72), observa-se que a lexia *bola/bolinha de gude* está disseminada por toda a área do *Falar Nordestino*. A designação é, também, a mais frequente quando se observa os Estados isoladamente, exceto no Maranhão, onde a forma predominante é *peteca*, que aparece em todas as localidades do Estado, se estendendo por quatro das cinco cidades do Piauí e no município de Camocim, no Ceará.

Na sequência, apresentam-se trechos de inquéritos do Maranhão e do Piauí nos quais os informantes, embora tenham fornecido mais de uma resposta para a pergunta em questão, desvelam que *peteca* é a forma mais usada em suas respectivas localidades.

> INF. – **Peteca**?
> INQ. – Tem outro nome?
> INF. – **Bolinha de gude**.
> INQ. – Qual o mais usado aqui?
> INF. – **Peteca**.
> **(028/02) – (Bacabal/MA). Inf.: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto**

> INF. – Isso aqui nós conhece aqui por dois nome: **peteca** e **bolinha de gude**.
> INQ. – Usa mais qual?
> INF. – É a **peteca**.
> **(037/03) – (Canto do Buriti/PI). Inf.: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto**

> INF. – A gente chama de **peteca**, **bola de gude** e de **bilhá**.
> INQ. – A senhora acha que ainda chamam muito de peteca aqui?
> INF. – Chamam.
> INQ. – O que é que chamam mais aqui das três que a senhora falou?
> INF. – **Peteca**.
> **(037/04) – (Canto do Buriti/PI). Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto**

> INF. – **Biloca**, mas aqui é conhecido como **peteca**.
> INQ. –Então vamos repetir aí...
> INF. – **Peteca**
> INQ. – Você deu um outro nomezinho aí, qual foi?
> INF. – **Biloca**.
> INQ. – Usa todas as duas aqui?
> INF. – Não, aqui não usa. Usa **peteca**.
> INQ. – Você acha que ouviu **biloca** em outro lugar?
> INF. – Já sim.
> INQ. – Aprendeu em outro lugar isso? Onde foi que você aprendeu?
> INF. – **São Paulo** e **Brasília**.
> INQ. – Aqui é peteca mesmo...?
> INF. – É, **peteca**.
> **(037/01) – (Canto do Buriti/PI). Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto**

Os exemplos a seguir, além de revelarem traços da diatopia, informam que, para os informantes, a designação *peteca* seria mais antiga, portanto, utilizada pelos indivíduos mais velhos, ao passo que *bola/bolinha de gude* teria sido incorporada mais tardiamente ao léxico dos falantes.

> INF. – **Peteca**.
> INQ. – Chama outro nome ou só esse?
> INF. – (inint.) é **bola de gude**, né?
> INQ. – Como é?
> INF. – **Bola de gude**.
> INQ. – Bola de gude... Mas alguém aqui ainda chama aqui de bola de gude?
> INF. – Só **peteca**.
> INQ. – Só peteca? E tu conheces bola de gude por quê? Tu já ouviste outra pessoa chamar? Mas são assim pessoas assim novinhas como tu?
> INF. – É.
> **(027/01) – (Brejo/MA) – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto**
>
> INF. – **Peteca**.
> INQ. – Existe outro nome?
> INF. – **Bola de gude**, que o pessoal chama mais agora, mas no tempo antigo só era **peteca**.
> INQ. – Os meninos chamam mais agora...
> INF. – É **bola de grude**.
> **(027/02) – (Brejo/MA) – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto**

No Ceará, além de *peteca*, em Camocim, foram documentadas as lexias *bola/bolinha de gude* e *bila* – em todas as localidades – e *cabiçulinha*, que mostrou ser uma forma exclusiva do Estado. Pontua-se que o item lexical apareceu somente nas vozes dos informantes de faixa II, indicando, provavelmente, seu desaparecimento, uma vez que os informantes mais novos parecem não conhecer a forma.

A designação *bila* é, também, recorrente no Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, sendo, muitas vezes, a forma mais usada nas localidades dessas regiões, conforme ilustram os exemplos a seguir.

> INF. – Uma **bila**.
> INQ. – Tem mais nomes?
> INF. – **Bolinha de gude**.
> INQ. – Qual você acha que todos conhecem aqui?
> INF. – **Bila**.
> INQ. – E **bola de gude**, você acha que veio de onde?
> INF. – Não sei.
> INQ. – Não sabe, mas já ouviu falar?
> INF. – Já.

**(027/02) – (Mossoró/RN). Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto**

INQ. – E você sabe o nome disso aí que é de vidro?
INF. – Isso é uma **bila**.
INQ.- Tem outro nome aqui?
INF. – **Bola de gude**.
INQ. – Usa mais qual aqui?
INF. – **Bila**.
**(071/01) – (Floresta/PE). Inf.: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto)**

*Ximbra* está concentrada em Alagoas, aparecendo nas quatro localidades estudadas e em três das doze localidades de Pernambuco: Garanhuns, Caruaru e Arcoverde. Os trechos dos inquéritos expostos, adiante, demonstram o conhecimento de mais de uma variante por parte dos informantes e denunciam a forma *ximbra* como a predominante em Alagoas e nas três cidades do Pernambuco anteriormente mencionadas.

INF. – **Ximbre**.
INQ. – Chama assim?
INF. – Né as bolinhas, né?
INQ. – É.
INF. – É **ximbre**, **bolinha de gude** e **ximbre**.
INQ. – E qual é o nome que usa mais aqui?
INF. – A **ximbre**.
**(072/02) – (Garanhuns/PE). Inf.: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto**

INF. – Aquilo é **ximbra**.
INQ. – Tem outro modo de chamar?
INF. – **Bolazinha de gude** também.
INQ. – Chama assim também?
INF. – É, **ximbra**. Normalmente é **ximbra**, né?
INQ. – É? É o mais comum...?
INF. – É.
**(077/03) – (Maceió/AL). Inf.: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto**

INF. – **Ximbra**.
INQ. – Uhum e o que mais? Tem outro nome?
INF. – **Bola de gude**.
INQ. – É o mesmo?
INF. – É.
INQ. – E usam mais aqui o quê? Chamam mais aqui como?
INF. – **Ximbra**.
INQ. – É?
INF. – É.
**(075/01) – (Maceió/AL). Inf.: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto**

INF. – Óia, no meu tempo é **ximbre**, né? mas agora é **bola de grude**, né? Mas no meu tempo era **ximbre**.
INQ. – **Ximbre**?

INF. – É, agora é **bola de grude**, né? Vai...
INQ. – Eu sei, vai mudando, né?
**(072/03) – (Garanhuns/PE). Inf.: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto**

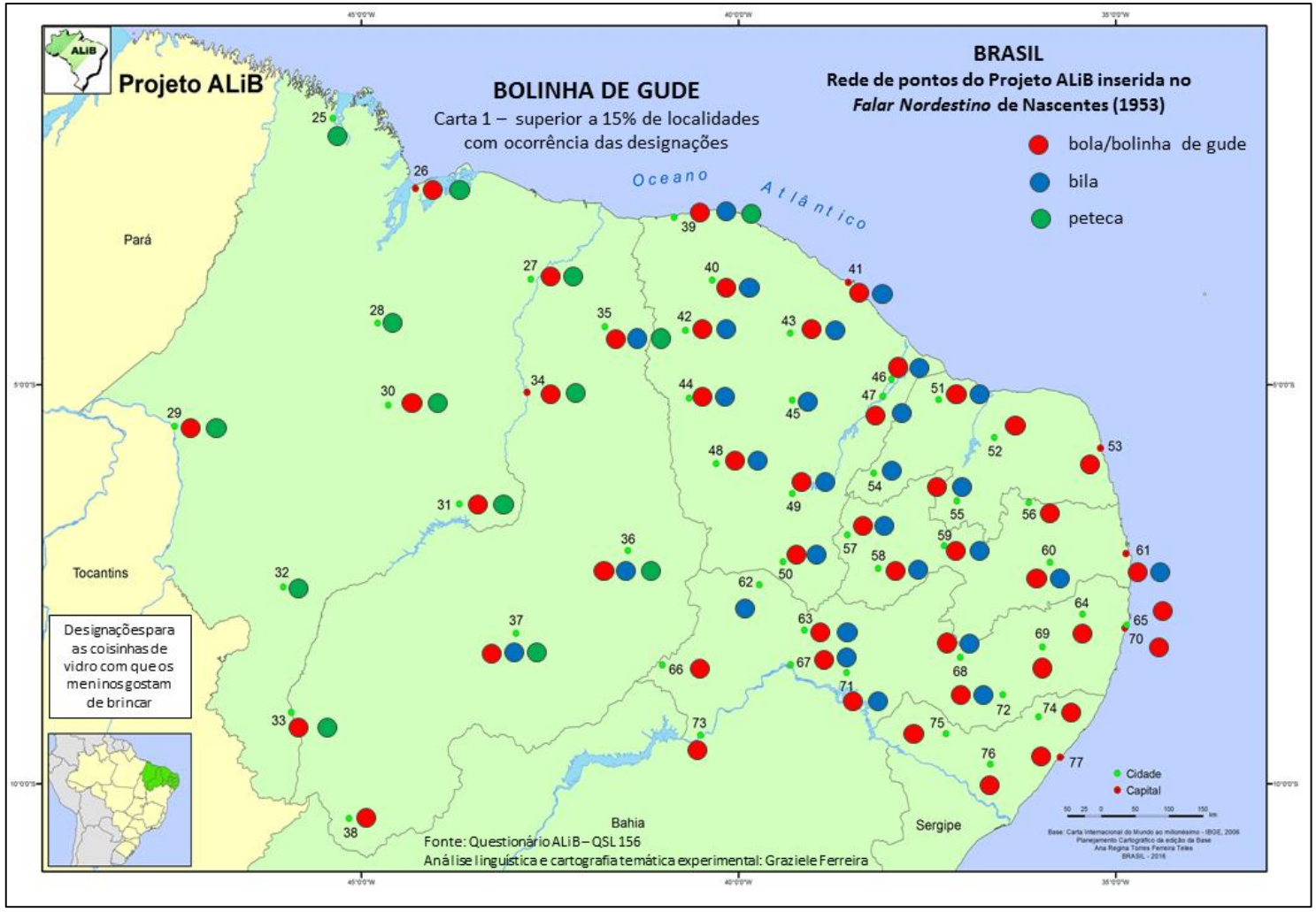


Figura 71: carta linguística 1 para *bola/bolinhade gude* no *Falar Nordestino*

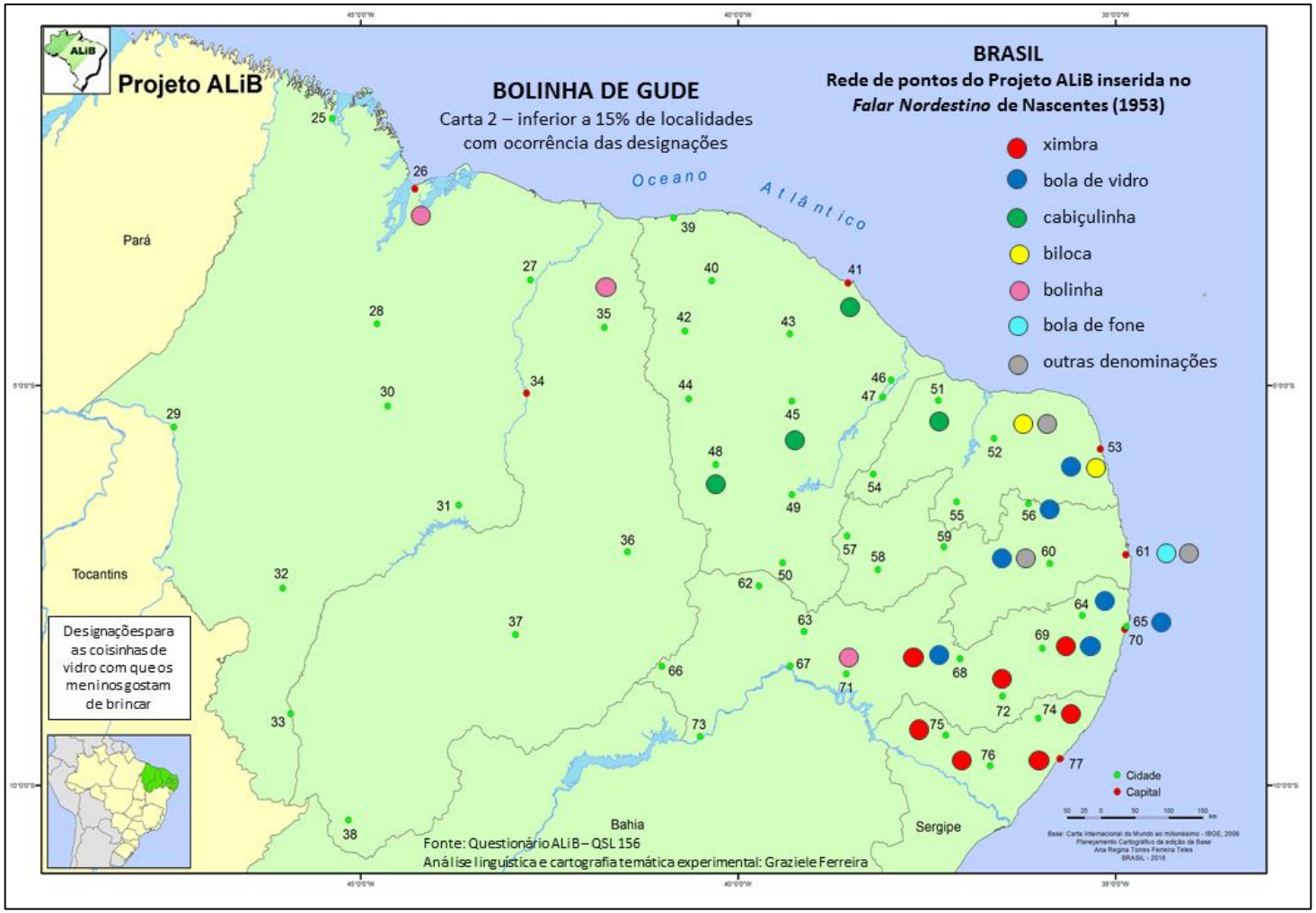


Figura 72: carta linguística 2 para *bola/bolinhade gude* no *Falar Nordestino*

### 4.2.1 O léxico de *bola de gude* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

No *Falar Baiano*, a pergunta obteve significativo índice de ocorrência, somente cinco informantes não indicaram respostas à questão. Foram totalizadas 319 respostas, sendo 314 válidas. A lexia *gude* foi documentada com a frequência de 65,3% das ocorrências e, assim, considerada a definidora das generalizações. Outras lexias foram registradas, porém, com índices percentuais inferiores a 10%, são elas: (*bola de*) *vidro*, *bolinha*, *bila*, *biloca*, *peteca*, *ximbra*, (*bola de*) *marraio*, *birosca*, *boleba*, *bolita* e *china*. Ao observar os dados a partir da distribuição diatópica, nota-se que *gude* passeia, praticamente, por toda área geográfica analisada, com 95,6% de presença.

Os dados encontrados por Ribeiro (2012) demonstram que as formas *peteca*, *ximbra* e *bila* estão concentradas na área de controle – situada no *Falar Nordestino* – ainda que apareçam de modo esporádico em algumas localidades do *Falar Baiano.*

Portilho (2013) documentou cinco unidades lexicais na área do *Falar Amazônico* para nomear o item em questão: *peteca*, *bola/bolinha de gude*, *bolita/bolica*, *bolinha* e *bila*. Não houve casos de abstenção. Com 75,7% das ocorrências, *peteca* foi a mais produtiva, sugerindo que Maranhão e Piauí sofrem forte influência do *Falar Amazônico*, já que são os únicos Estados do *Falar Nordestino* onde a forma aparece e de maneira relevante. Corrobora-se, dessa maneira, com as conclusões de Portilho (2013) no que se refere à análise de *peteca* no Norte do Brasil e sua disseminação pelo Nordeste. Para a autora, a designação *peteca* é

> uma forma regional da região Norte do Brasil (já que ocorreu também nas localidades do Norte que pertencem à área de controle), irradiando-se para a região Nordeste devido à proximidade geográfica, uma vez que as localidades do Nordeste pertencentes à área de controle também evidenciaram elevada produtividade de peteca, mas isso não ocorre, por exemplo, nas localidades da área do falar baiano (RIBEIRO, 2012). (PORTILHO, 2013, p. 83)

Romano (2015), na área do *Falar Sulista*, obteve 663 registros, distribuídos em 11 itens depois dos agrupamentos. A variante *bola de* gude foi a mais recorrente, despontando com 43,44%, seguida de *bolita* (18,70%), *bolinha/bola de vidro* (12,97%) e *búrica* (12,67%). Com valores percentuais menores que 10%, registraram-se *biloca* (6,94%), *clica* (1,81%), *birola* (0,90%), *fubeca* (0,75%), *peca* (0,60%) e *peteca* (0,30%).

O estudo revelou que *bolinha de gude* está presente em todo *Falar Sulista* e adjacências. Pontua-se que Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio grande do Sul foram os únicos Estados em que a forma *bolita* teve percentual maior que *bolinha de gude*.

Na área do *Falar Fluminense*, o brinquedo em foco também apresentou alto índice de frequência – foram registradas 189 respostas, sendo 186 ocorrências válidas (98,4%). *Bola/bolinha de gude* foi a resposta mais frequente, com 65,1% das ocorrências. Documentaram-se, ainda, as unidades lexicais *boleba* (16,1%), *bolinha de vidro* (6,5%), *birosca* (5,4%), *bolinha* (2,7%), *china* (2,2%) e *bolinha de crique* (1,1%). Segundo Santos (2015), "a área do *Falar Fluminense*, como pode ser visto, apresenta uma gama de denominações para nomear o brinquedo, embora a forma mais conhecida e utilizada seja *bola/bolinha de gude*" (p.112).

A pergunta 156, do Questionário Semântico Lexical, permite conclusões mais completas acerca da atualidade dos dialetos brasileiros, uma vez que é possível comparar, com o mesmo item, cinco Falares de Nascentes (1953): *Baiano, Amazônico, Sulista, Fluminense* e *Nordestino*. No geral, os resultados informam que *bola/bolinha de gude* percorre as cinco áreas observadas e, em quatro delas, é a forma mais frequente. Os *Falares Amazônico* e *Nordestino* diferenciam-se dos demais pelo fato de apresentarem outras variantes (a exemplo de *peteca*, *ximbra*, *marraio* e *bila*), além de *bola/bolinha de gude*, com elevado número de presença.

## 4.3 Designações para o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho

Utilizado muitas vezes para matar passarinho, o brinquedo (ou arma) faz parte da memória infantil de muitos indivíduos. Os estilingues tradicionais são construídos com galho de árvore forquilhado, em forma de "y", e tiras elásticas nas pontas. A partir do século XX, começaram a surgir estilingues com formatos e materiais diversos, como metal, plástico, acrílico, madeira entalhada. Na atualidade, *estilingue* é descrito como arma, mas neste trabalho, concebe-se o objeto apenas como brinquedo, como buscava-se apurar com aplicação do QSL.

A palavra *estilingue*, no Dicionário Houaiss (2011), é considerada um regionalismo brasileiro. O autor conceitua o objeto como "Arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros; atiradeira, bodoque" (Houaiss, 2011).

Figura 73: menino brincando com *estilingue*

Fonte: Disponível em <http://www.boasemente.jex.com.br/bom+pastor/a+historia+do+pato>. Acesso em: 10 nov. 2017.

No cômputo geral das respostas, foram documentas 377 ocorrências, sendo 375 (99,5%) respostas válidas e três casos de N.S./N.L./N.O. (0,5%). Os informantes ofereceram 27 formas, que estão agrupadas em 10 itens lexicais: *atiradeira*, *badogue/badoque*, *baladeira*, *baleadeira*, *baleeira*, *balinheira*, *estilete*, *estilingue*, *peteca* e *outras denominações* (cf. quadro 7).

*Peteca* e *estilete* representam agrupamentos sem variações. *Badogue* e *badoque* foram mantidas juntas como designação agrupadora (*badogue/badoque*) pela quantidade aproximada de aparições, levando em conta o aspecto lexical deste estudo. As formas *baladeira*, *baleadeira*, *baleeira* e *balinheira* não foram consideradas, aqui, variantes fônicas, optou-se por mantê-las desmembradas, sobretudo pelo número relevante de vezes que essas formas aparecem. Há inclusive registro de algumas das formas em dicionários do português brasileiro, a exemplo de *baleeira*, registrada por Houaiss (2011) como regionalismo da Paraíba.

O agrupamento *outras denominações* é formado por um único item: *balador*. Opta-se por deixar *balador* como ocorrência deste tipo, tendo em vista que a lexia também foi documentada por Portilho (2013), como se verá no próximo item, e pode revelar um indício de área de transição.

| Designação agrupadora | Formas lexicais agrupadas |
|---|---|
| ***atiradeira*** | *atiradera, atiratera* |
| ***badogue/badoque*** | *badogue, badoque, bodoque* |

| | |
|---|---|
| ***baladeira*** | *baladera, baladeira, baladeiras, baladerinha* |
| ***baleadeira*** | *baleadera, baleadeira, baliadeira, baliadera, bariadera.* |
| ***baleeira*** | *baleeira, balieira, baliera* |
| ***balinheira*** | *balinheira, balinhera* |
| ***estilete*** | *estilete* |
| ***estilingue*** | *estilin, estilinda, estilinga, estilingue, estilique* |
| ***peteca*** | *Peteca* |
| ***outras denominações*** | *balador* |

Quadro 7: resultado dos agrupamentos para *estilingue*

A análise quantitativa dos dados linguísticos, após agrupamentos, evidenciou que *baladeira*, com 42,4% das ocorrências, foi a lexia mais mencionada pelos informantes, como sugere o Gráfico 6.

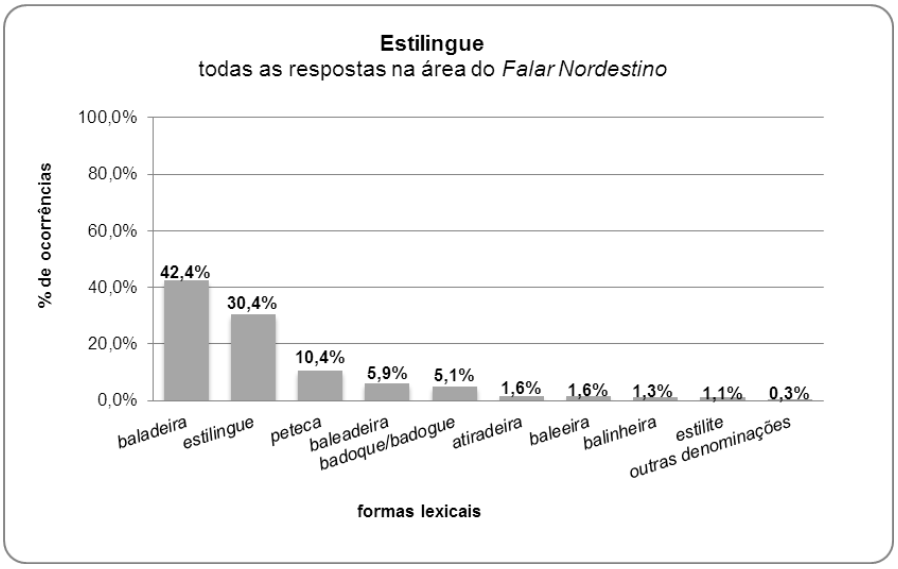


Gráfico 6: percentual de ocorrência de variantes para *estilingue* no *Falar Nordestino*

*Estilingue* ocupa o segundo lugar, com 30,4%, seguido de *peteca* (10,4%), *baleadeira* (5,9%), *badogue/badoque* (5,1%), *atiradeira* (1,6%), *baleeira* (1,6%), *balinheira* (1,3%), *estilete* (1,1%) e *outras denominações* (0,3%).

Cabe salientar que o *estilete* é, tradicionalmente, conhecido como uma ferramenta cortante. A unidade lexical foi indicada como resposta para a questão 157 do QSL por quarto informantes. Portilho (2013), na área do *Falar Amazônico*, registrou duas

ocorrências da forma. Nas pesquisas em dicionários, a autora não encontrou *estile* com a acepção de brinquedo infantil. Ainda assim, não é possível afirmar que a lexia tenha sido usada apenas pela semelhança acústica com *estilingue*, uma vez que há um número relativamente importante de registros. Pontua-se que, nesse caso, houve falta de aferição precisa dos inquiridores, por isso a designação foi mantida na análise.

Quando os dados são observados pela presença em localidades, nota-se um movimento contrário ao que ocorreu na análise por frequência de ocorrências. Em relação à diatopia, o vocábulo *estilingue* teve a maior representatividade, aparecendo em 47 dos 53 municípios analisados (88,7%). Ao passo que *baladeira* está presente em 40 localidades (75,5%). O Gráfico 7 demonstra os dados percentuais alcançados por cada forma.

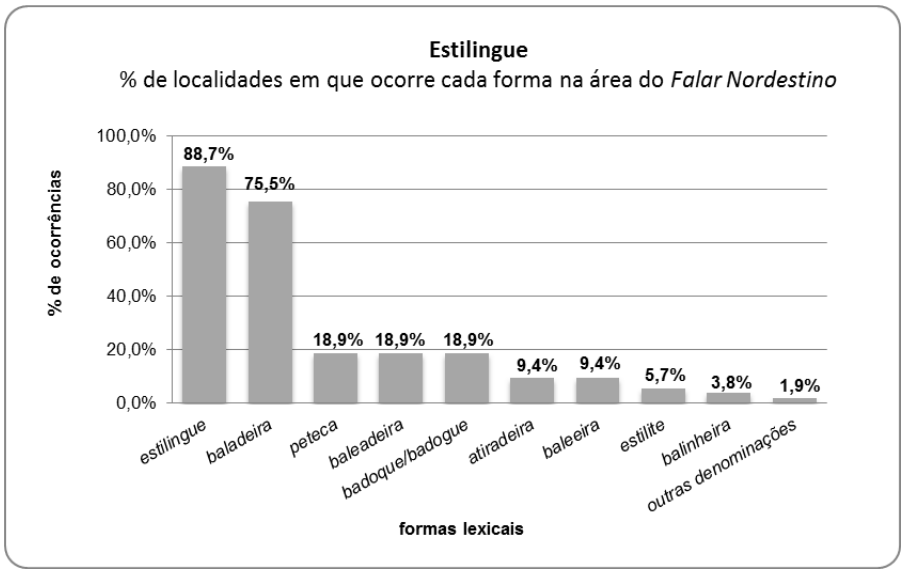


Gráfico 7: percentual de presença das variantes para *estilingue* nas localidades do *Falar Nordestino*

Com 18,9% de presença nas localidades, foram catalogadas as lexias *peteca*, *baleadeira* e *badogue/badoque*. Além das denominações *atiradeira* (9,4%), *baleeira* (9,4%), *balinheira* (3,8%), *estilete* (5,7%) e as *outras denominações* (1,9%).

A distribuição das variantes para “o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho” pode ser melhor visualizada nas Figuras 74 e 75.

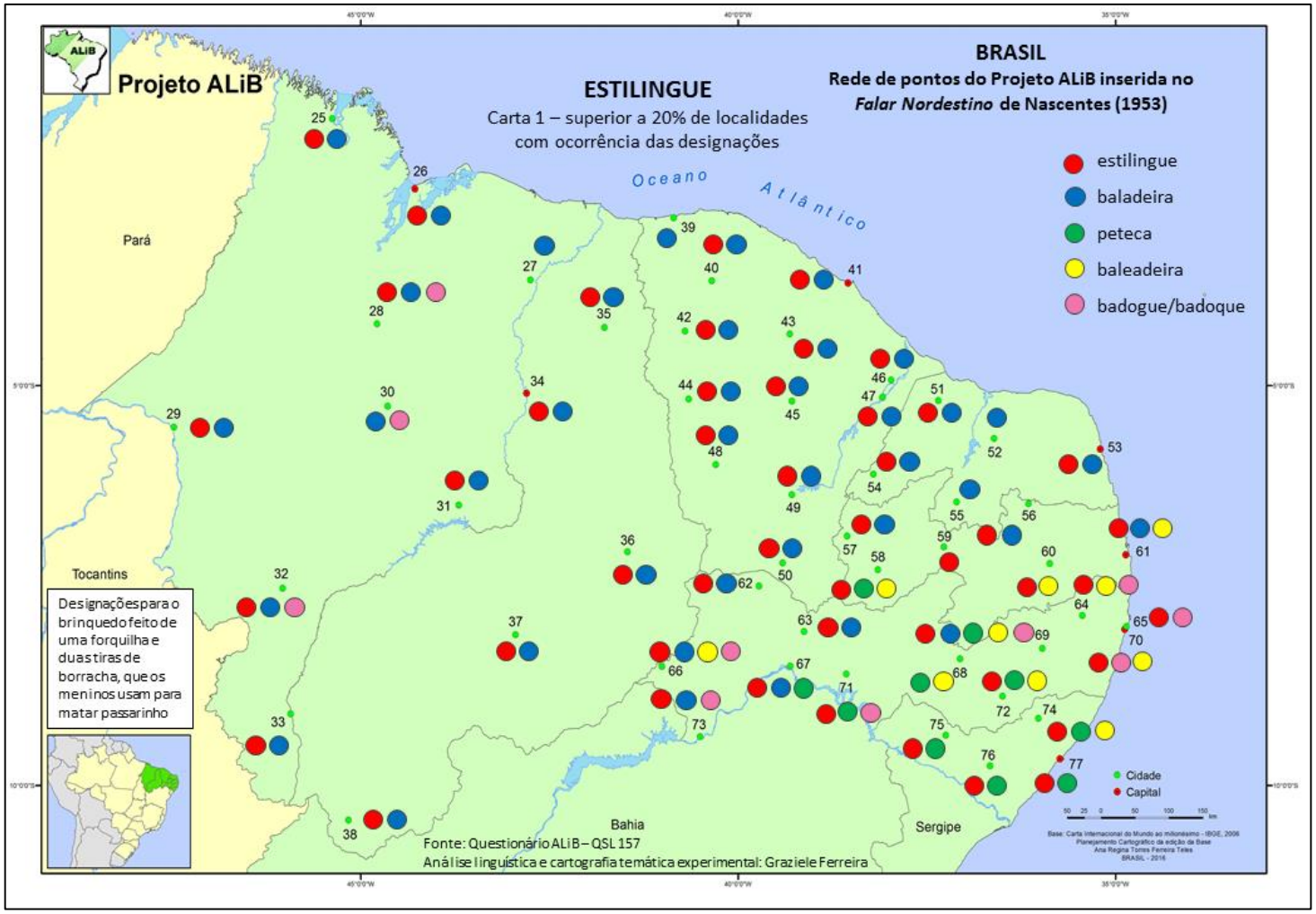


Figura 74: carta linguística 1 para *estilingue* no *Falar Nordestino*

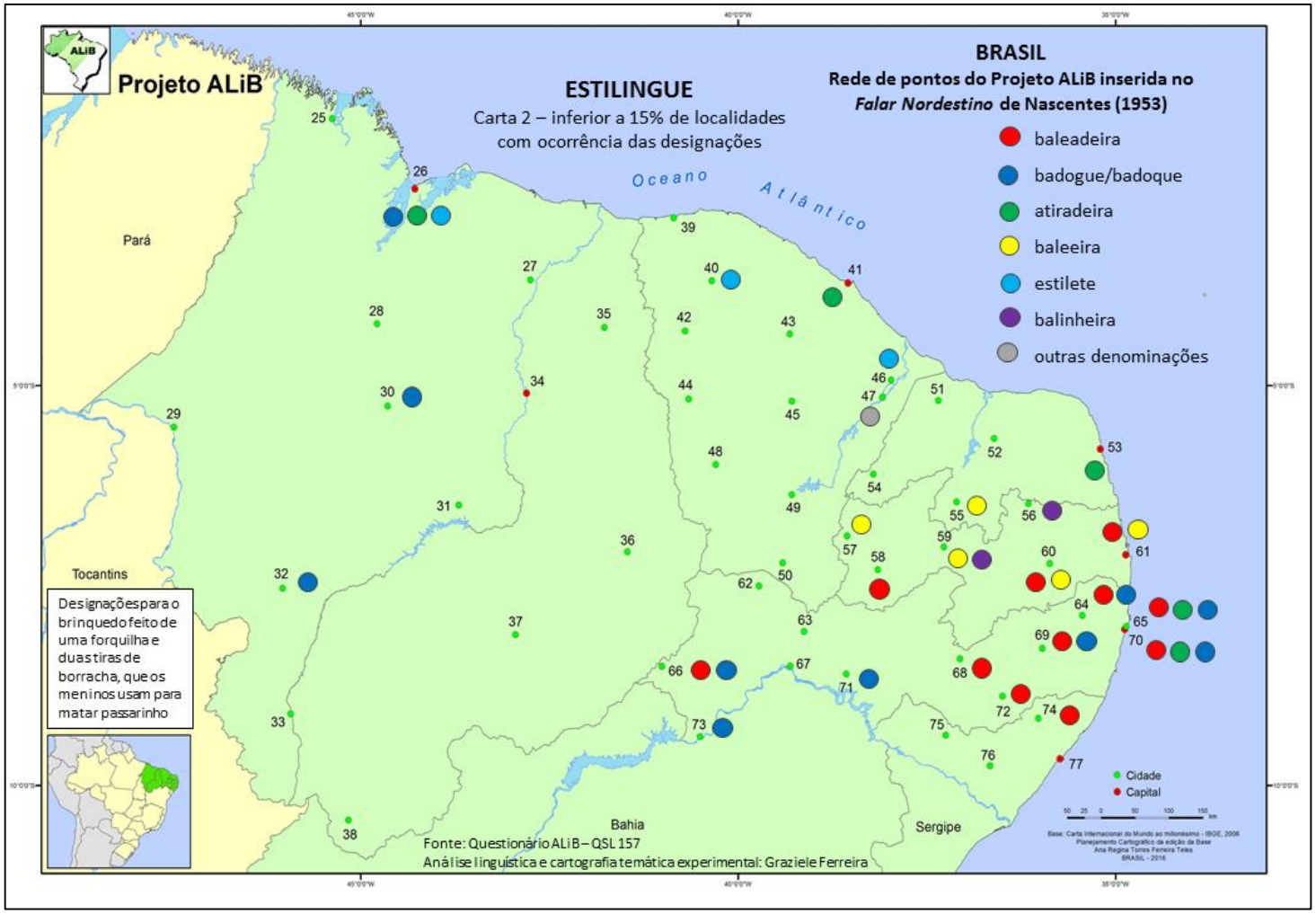


Figura 75: carta linguística 2 para *estilingue* no *Falar Nordestino*

Em primeira análise, é possível observar que *estilingue* está disseminado em toda a área do *Falar Nordestino*, deixando de aparecer apenas em seis localidades – Brejo e Tuntum (Maranhão), Camocim (Ceará), Angicos e Caicó (Rio Grande do Norte) e Arcoverde (Pernambuco) – representando, nesse caso, uma unidade na diversidade.

*Baladeira* está presente em todas as localidades do Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. A forma vai perdendo a força e aparece em metade das localidades da Paraíba e de Pernambuco. Em Alagoas, *baladeira* não foi registrada. Na elocução da informante jovem de Bacabal – MA, a seguir, é possível observar que, embora haja uma competição entre *estilingue* e *baladeira*, a forma *baladeira* é predominante na localidade.

> INF. – **Baladera**, chamam **baladera**, **estilingue**.
> INQ. – E qual o nome que é mais usado aqui?
> INF. – **Baladera**.
> **(028/02) – (Bacabal/MA). Inf.: mulher, faixa I, ensino fundamental incompleto**

A informante idosa de Garanhuns – PE comenta, em poucas palavras, sobre o possível desuso da forma *baladeira*. É importante notar as marcas da variação diageracional demonstrada no trecho que segue.

> INF.- Chamava **baladeira**, hoje é **estilingue**.
> **(063/04) – (Salgueiro/PE). Inf.: mulher, faixa II, ensino fundamental incompleto**

*Peteca* encontra-se em Alagoas (100% das localidades), Pernambuco (cinco localidades) e Paraíba (uma localidade). Na sequência, os exemplos revelam traços do predomínio dessa variante nos municípios de Maceió –AL e Garanhuns –PE.

> INF. – **Peteca**, **estilingue**.
> INQ. – Chama de peteca também?
> INF. – É, é **peteca**... (inint.) geralmente a gente pega a borrachinha... pra matá passarinho.
> INQ. – Tanto pode chamar estilingue quanto de...?
> INF. – Aqui é **peteca**.
> INQ. – Ah, aqui é peteca?
> INF. – É, **peteca**.
> **(077/05) – (Maceió/AL). Inf.: homem, faixa I, ensino universitário**

> INF. – **Estilingue**
> INQ. – Chama de outro jeito?
> INF. – **Peteca**, **peteca** e **estilingue**.
> INQ. – É o mesmo? São iguais?
> INF. – São iguais.
> INQ. – E usa mais que nome aqui?
> INF. – A **peteca**.

**(072/02) – (Garanhuns/PE). Inf.: mulher, faixa I, ensino fundamental incompleto**

A forma *baleadeira* foi documentada em metade das localidades de Pernambuco e da Paraíba e em uma das cinco localidades de Alagoas. O item lexical *badogue/badoque* aparece nos dois extremos do *Falar Nordestino*: três municípios do Maranhão e sete de Pernambuco. O comentário do informante de Limoeiro – PE, além retratar o uso de *baleadeira* e *badoque*, revela a força dos meios de comunicação na disseminação de formas lexicais relativamente prestigiadas, nesse caso de *estilingue*.

INF. – **Baliadeira**, **badoque**, **estilingue**.
INQ. – Todos os nomes usam por aqui?
INF. – Só os primeiros **badoque** e **baleadeira**.
INQ. – Estilingue você aprendeu como?
INF. – Televisão e livro.
**(064/01) – (Limoeiro/PE). Inf.: homem, faixa I, ensino fundamental incompleto**

*Baleeira* está presente em quatro municípios do Estado paraibano e em uma localidade do Rio Grande do Norte – Caicó. Já *balinheira* é uma variante exclusiva da Paraíba. Foi registrada mais precisamente em Cuité e Patos.

A leitura cartográfica dos dados expõe a heterogeneidade do *Falar Nordestino*, pois, embora haja uma predominância de *estilingue* e *baladeira*, há diversas outras formas coexistindo na área.

### 4.3.1 *Estilingue* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

Os informantes da área do *Falar Baiano* foram, praticamente, unânimes quanto ao conhecimento do brinquedo: Ribeiro (2012) documentou 99,5% de respostas válidas. A lexia *estilingue* desponta como a mais frequente, somando 48,0% das ocorrências, seguida de *badogue* (23,2%), *baladeira* (14,9%), *peteca* (7,5%), *atiradeira* (2,4%), *seta* (2,1%) e beca (1,1%) e as *respostas únicas* que contabilizaram 0,8%.

No que se refere à presença das lexias nas localidades estudadas, encontraram-se os seguintes resultados: *estilingue* possui a maior frequência, com 98,2% e *badogue*, a segunda maior, com 54,4%. Além das duas formas lexicais mais recorrentes, foram registradas com menores percentuais de presença as variantes *baladeira* (31,6%), *peteca* (14,0%), *atiradeira* (10,5%), *seta* (3,5%) e *beca* (1,8%).

A análise dos dados linguísticos aponta que, no *Falar Amazônico*, *baladeira* foi a variante mais produtiva no conjunto das localidades em análise, com 70% das ocorrências. Houve um caso de resposta não obtida e outro de questão não formulada pelo inquiridor. Destaca-se, ainda, a presença das formas: *estilingue* (21,5%), *balador*, (5,5%), *botoque*, *estilete(a)* e *atiradeira*, que, juntas, perfazem 3% de ocorrências. Acerca da predominância da forma *baladeira*, Portilho (2013) informa:

> Considerando, então, que o item lexical *baladeira* é um regionalismo da região Norte, pode-se entender que essa forma ainda resiste nas localidades da área do falar amazônico, mas apresentando sinais iniciais de "competição" com a forma inovadora *estilingue*, que, por sua vez, tende a ser adotada pelos falantes mais jovens (PORTILHO, 2013, p. 91).

No *Falar Fluminense*, a partir da pergunta 157 do QSL, foram obtidas 202 ocorrências, das quais 97,5% são respostas válidas. Os informantes forneceram, em suas respostas, as seguintes nomeações: *estilingue*, que com 49,7%, foi a forma predominante, *seta* (23,4%), *bodoque* (14,2%), *atiradeira* (12,2%) e houve um registro de *outras formas*, com 0,5%. Segundo Santos (2016),

> Embora a área do Falar Fluminense seja predominantemente de *estilingue*, tal forma convive com outras como, por exemplo, o litoral do Rio de Janeiro e do Espírito Santo a forma seta é bem conhecida e utilizada. Nota-se que há uma heterogeneidade das formas em todo o espaço geográfico, tanto na área estudada e referida quanto nos pontos de controle. (SANTOS, 2016, p. 119).

Observa-se, a partir da comparação dos estudos, que *estilingue* é a forma disseminada no Brasil, uma vez que está presente em todas as áreas aqui mencionadas. No entanto, é possível notar que o item coexiste com outras designações regionais, dando indícios de uma possível competição.

Os dados revelam, ainda, que o *Falar Nordestino* sofre influência da Região Norte, fato que se explica pela grande presença de *baladeira*, forma predominante do *Falar Amazônico*, nos Estados do Nordeste, aqui visto como área de controle.

## 4.4 Designações para o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha

Figura 76: crianças empinando *pipa*

Fonte: Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/09/a-reducao-da-maioridade-penal/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

As primeiras *pipas* surgiram nos céus da China, por volta de 1200 a.c. Na época, eram ferramentas de sinalização de guerra dos grupos militares. As mensagens enviadas eram decifradas pelos movimentos e cores específicas das *pipas*. No Brasil, "o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha" foi trazido pelos portugueses, durante a colonização. A atividade lúdica é praticada, geralmente, nas lajes das casas e nas praias, por crianças e adultos. Os formatos e modelos são variados. No Questionário Semântico-Lexical do ALiB, são feitas duas perguntas que buscam apurar as denominações para dois tipos de pipa: 158 – *com varetas* e 159 – *sem varetas* (tema da próxima subseção).

No Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2011), o verbete *pipa* é conceituado como "o mesmo que papagaio". Já *papagaio* é definido como o "brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, e que se empina no ar por meio de uma linha; arraia, cafifa, pandorga, pipa, raia".

A audição dos inquéritos e a análise estatística dos dados resultaram na seguinte proposta de agrupamento.

Quadro 8: resultado dos agrupamentos para *pipa com varetas*

| Designação agrupadora | Formas lexicais agrupadas |
|---|---|
| ***pipa*** | *pipa* |
| ***papagaio*** | *papagaio, papagai, papagaio de papel* |

| | |
|---|---|
| ***arraia/raia*** | *arraia, raia* |
| ***coruja*** | *coruja, curuja* |
| ***jamanta*** | *jamanta* |
| ***outras denominações*** | *andorinha, bode, curica, balão, rabo de gato, pássaro colorido, chalopinha, bandeirola, loro, pandorga, biquito, índio* |

Em relação à proposta de agrupamento, é cabível esclarecer os seguintes pontos: os vocábulos *pipa* e *jamanta* não apresentaram variações e, por isso, os agrupamentos levam os nomes das próprias lexias. Nos casos de *papagaio* e *coruja*, houve neutralização das variantes fônicas (*papagaio* x *papagai*), (*coruja* x *curuja*) e agrupamento de lexia composta em lexia simples (*papagaio de papel*). *Arraia* e *raia* foram mantidas juntas no agrupamento (*arraia/raia*) pelo número perecido de ocorrências das duas formas. O grupo *outras denominações* está composto por formas de diversificadas, conforme suscita o quadro x.

A questão 158 do QSL: "**Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?**" (COMITÊ... 2001, p. 34), proporcionou uma variedade relevante de lexias. Foram computados 377 dados, dos quais 372 ou 98,7% representaram respostas válidas. Ao passo que apenas 1,3 % dos informantes não forneceram respostas, totalizando cinco ocorrências. Os valores percentuais de cada forma estão representados no Gráfico 8.

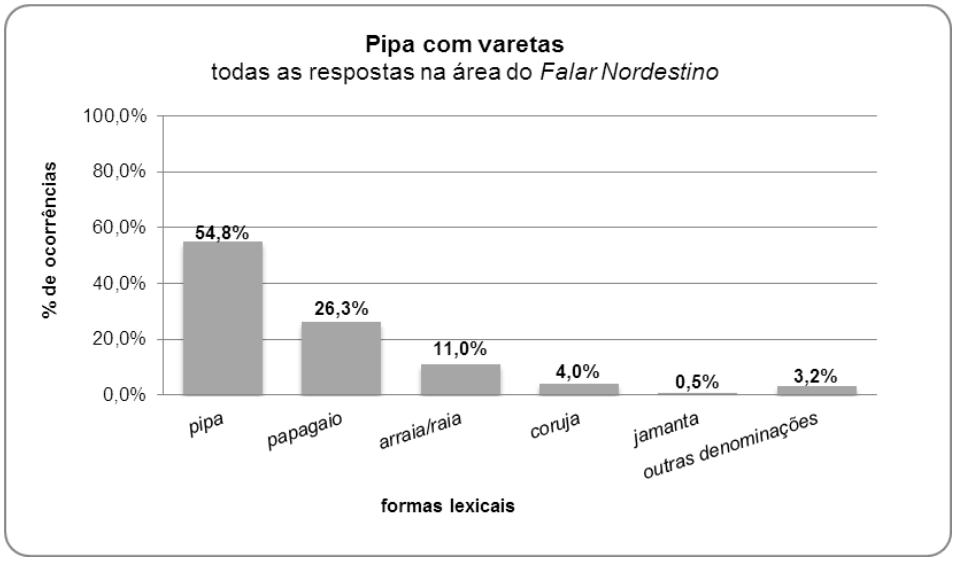


Gráfico 8: Percentual de ocorrência de variantes para *pipa com varetas* no *Falar Nordestino*

As unidades lexicais *pipa* e *papagaio* apresentaram as maiores produtividades da área em análise, com frequências de 54,8% e 26,3%, respectivamente. Com valores menores que 12%, estão as lexias *arraia/raia*, *coruja* e o agrupamento *outras denominações*.

Além de ser a variante com maior vitalidade, *pipa* também desponta como a forma que mais aparece nas localidades estudadas, somando 100% de presença. *Papagaio*, por seu turno, também aparece com alto índice de presença (73,6%), pois está disseminada em 39 dos 53 municípios pertencentes ao *Falar Nordestino*. Os valores percentuais de localidades em que ocorre cada forma estão representados no Gráfico 9 a seguir.

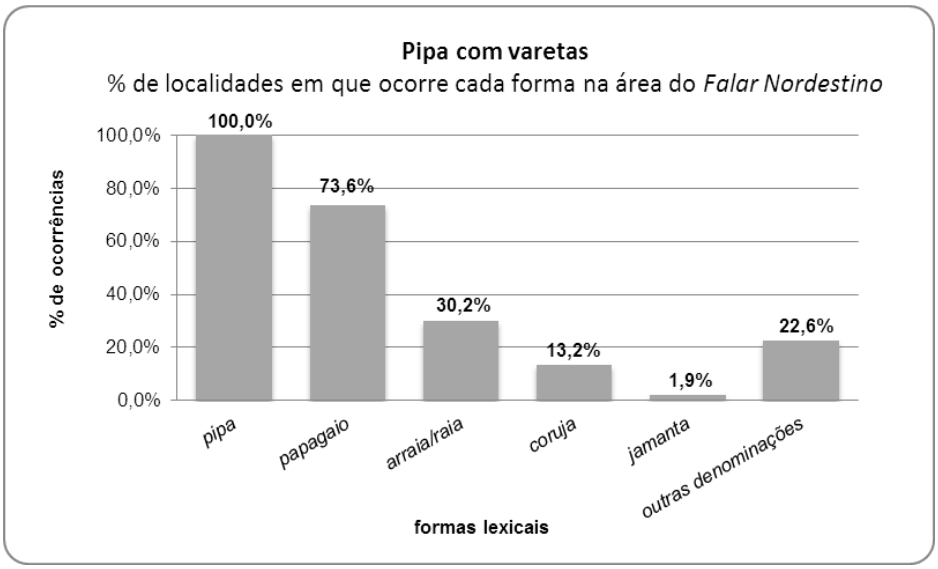


Gráfico 9: percentual de presença das variantes para *pipa com varetas* nas localidades do *Falar Nordestino*

A análise da carta linguística, representada pela Figura 77, desvela a disseminação de *pipa* que, como dito anteriormente, está presente em todas as 53 localidades do *Falar Nordestino*. *Papagaio*, embora não apareça em todos os pontos de inquérito, foi registrada em todos os sete Estados. O Maranhão foi o único Estado em que a forma foi documentada em todas as localidades.

Na sequência, seguem trechos de inquéritos, transcritos *ipsis litteris*, de informantes do Piauí e Pernambuco, que mostram a coexistência das lexias *pipa* e *papagaio* e, além disso, denotam marcas da variação diageracional. Conforme o discurso dos entrevistados, a designação *papagaio* seria uma forma mais antiga, ao passo que *pipa* teria sido incorporada posteriormente no vocabulário dos indivíduos desses Estados.

INF.–**Pipa**.
INQ. – Tem outros nomes pra isso?
INF.– Antigamente chamava **papagaio**, mas agora tá tudo igual.
**(036/04) – (Picos/PI). Inf.: mulher, faixa II, ensino fundamental incompleto**

INF. – **Papagaio**. A gente chama por aqui **pipa**, **papagaio**.
INQ. – E pipa e papagaio é a mesma coisa?
INF. – A gente sempre chamou **papagaio** e depois ficô chamano **pipa**, né? **Pipa**, **pipa**, aí...
**(070/04) – (Recife/PE). Inf.: mulher, faixa II, ensino fundamental incompleto**

INF. – **Pipa**.
INQ. – É igual a esse aqui?
INF. – É.
INQ. – E a senhora só conhece como pipa mesmo?
INF. – de primeiro, as crianças soltava e chamava de **papagaio**, **papagaio de papel**.
**(063/04) – (Salgueiro/PE). Inf.: mulher, faixa II, ensino fundamental incompleto**

INF. – **Pipa**, agora no meu tempo era **papagaio**. Chama **pipa** muderno, mas no meu tempo era **papagaio**.
**(072/03) – (Garanhuns/PE). Inf.: homem, faixa II, ensino fundamental incompleto**

No próximo exemplo, o informante idoso de Recife sugere que ainda mais antigo que *papagaio* é a forma *pandorga*, registrada apenas uma vez e agrupada em *outras denominações*.

INF. – **Papagaio**.
INQ. – Você tem outro nome pra papagaio? Aqui chamam de outro jeito?
INF. – Não, só **papagaio**. Agora já chama **pipa** e ... o mais antigo seria **pandorga**... mas o usado é **papagaio**.
**(070/08) – (Recife/PE). Inf.: mulher, faixa II, ensino universitário**

O agrupamento *arraia/raia* encontra-se em todas as cidades do Ceará, exceto em Crato; em uma localidade do Piauí, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco – Canto do Buriti, Angicos e Petrolina, respectivamente e em dois municípios de Alagoas – Arapiraca e a capital Maceió. J*amanta* é uma forma exclusiva de São Luís – Maranhão. Já *coruja* está concentrada em duas cidades do Rio Grande do Norte – Natal e Caicó – e em cinco das seis cidades da Paraíba.

A informante idosa de Caicó- RN oferece duas respostas e informa que a unidade lexical *coruja* estaria sendo substituída pela forma *pipa*.

> INF.- No tempo de nóis, era **coruja**. Agora, chama **pipa**.
> **(055/04) – (Caicó/RN). Inf.: mulher, faixa II, ensino fundamental incompleto**

Pontua-se, dessa maneira, que *pipa* e *papagaio* parecem estar em situação de competição na área do *Falar Nordestino* e as outras formas documentas estão distribuídas em pontos específicos.

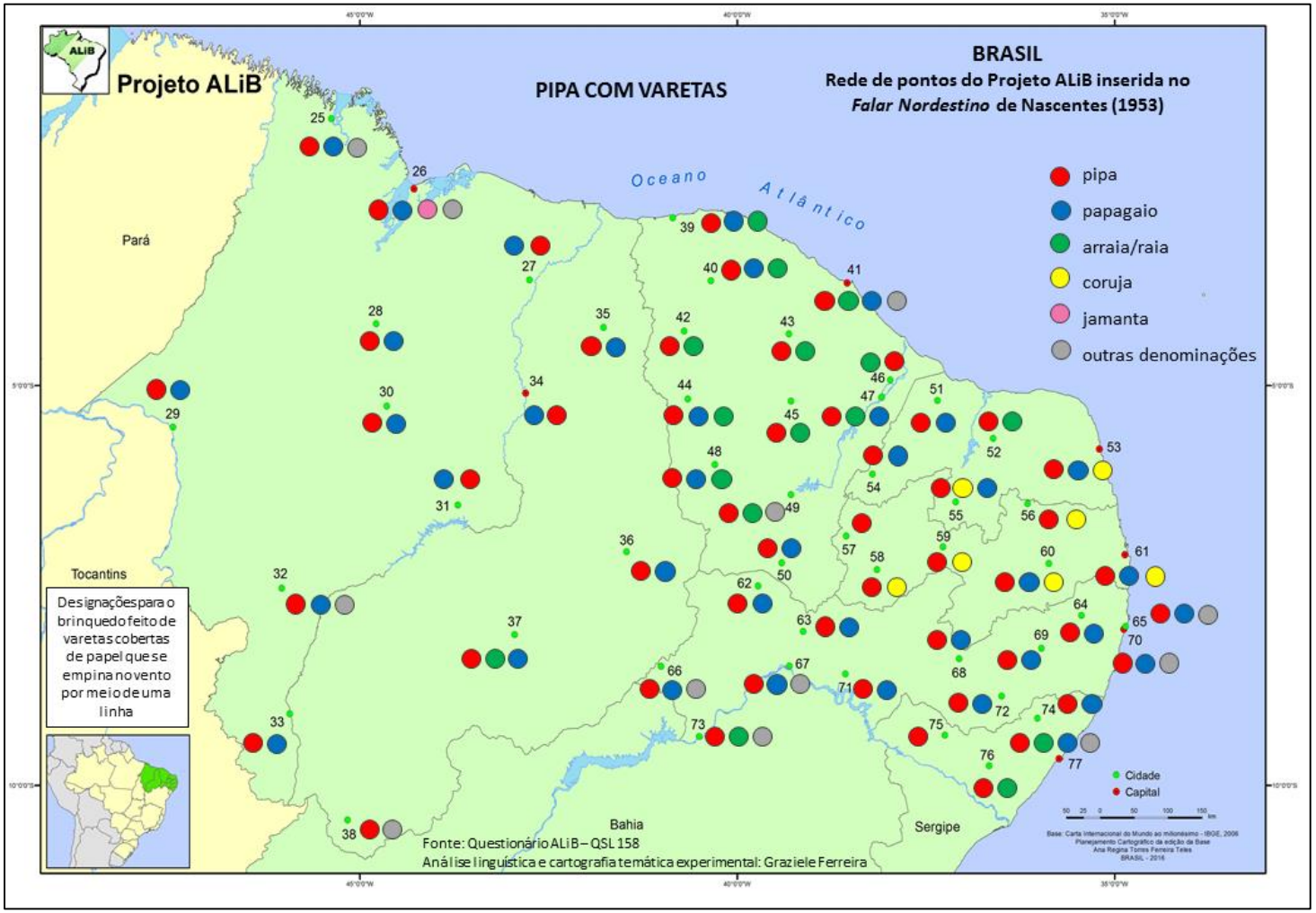


Figura 77: carta linguística para *pipa com varetas* no *Falar Nordestino*

### 4.4.1 O léxico de *pipa com varetas* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

No *Falar Baiano*, verificou-se que a pergunta 158 do QSL teve alto índice de produtividade. Registraram-se um total de 429 respostas, das quais 425 são válidas (99,1%) e quatro (0,9%) pertencem ao grupo N.S./N.L./N.O. As lexias *pipa* e *arraia* têm as maiores frequências na amostra, com 45,6%, e 26,4%, respectivamente. A forma *papagaio* desponta como a terceira mais recorrente, totalizando 19,3% de frequência. Com valores percentuais menores, foram documentadas também: *arara*, *carambola*, *avião*, *balão*, *cuíca*, *peixinho*, *pião*, *suru* e o agrupamento *respostas únicas*, que reúne as variantes que apareceram somente uma vez. Segundo Ribeiro (2012), no que se refere à distribuição diatópica, *pipa* está presente em 100% das localidades, seguida de *arraia* (71,9%) e *papagaio* (61,4%). As outras lexias computaram menos de 10% de presença nas 57 localidades do *Falar Baiano.*

A pesquisa realizada por Portilho (2013) revelou que a unidade lexical mais produtiva foi *papagaio*, com 54,5% de frequência. Em segundo lugar, aparece *pipa*, com 30,6% das ocorrências, ao lado de *rabiola* (7,2%), *curica* (2,4%), *peteca* (1,9%), *cangula* (1%) e os casos de *ocorrência única*: *arraia*, cometa, *andorinha*, *casquetinho* e *carrapeta*, com percentual de 0,5% cada uma. Nota-se, a partir dos dados, que há duas formas em competição na área do *Falar Amazônico*: *papagaio* e *pipa*.

No *Falar Fluminense*, estudado por Santos (2016), diversas lexias foram fornecidas para nomear o item em questão. Houve um total de 239 ocorrências, sendo 237 (99,2%) delas respostas válidas e duas (0,8%) são casos de N.S./N.L./N.O. Com frequência de 58,2%, *pipa* é a forma com maior vitalidade. Em seguida, aparece *papagaio*, representando 27% das ocorrências válidas. Documentaram-se, ainda, as lexias: *arraia*, com frequência de 5,9%; *cafifa*, com 2,1%; *jaú* e *pião*, com frequências de 1,3% cada e as lexias *balão* e *papa-vento*, as duas com frequência de 0,8% cada. Ademais, as *outras formas*: bandeja, chupão, cata-vento, pandorga e rabiola somam 2,5%.

A comparação entre os dados dos quatro estudos permite afirmar que o *Falar Nordestino* aproxima-se do *Falar Fluminense* e, sobretudo, do *Falar Baiano*, ponto de controle deste trabalho, porque as áreas apresentam o mesmo item lexical com maior vitalidade, *pipa*. O *Falar Amazônico* possui comportamento diferente, tendo *papagaio* como a forma mais representativa.

## 4.5 Designações para o brinquedo parecido com o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha

Essa categoria de *pipa* é uma das primeiras versões a ser empinada pelas crianças, em virtude da facilidade de fazer o brinquedo: papel dobrado, material para rabada e linha são suficientes para garantir a brincadeira. A pergunta para esse item está relacionada à pergunta anterior (QSL/158), pois é um brinquedo semelhante, porém sem varetas.

Figura 78: pipa sem varetas pronta para ser empinada

Fonte: Disponível em: <http://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras/bicudas-2/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

A aplicação da questão 159 do QSL resultou em 258 ocorrências: foram 131 respostas válidas e 127 casos de N.S./N.L./N.O., representando um considerável índice de respostas não válidas, ou seja, quase metade dos informantes não ofereceram designações para a pergunta em análise, como exposto no Gráfico 10.

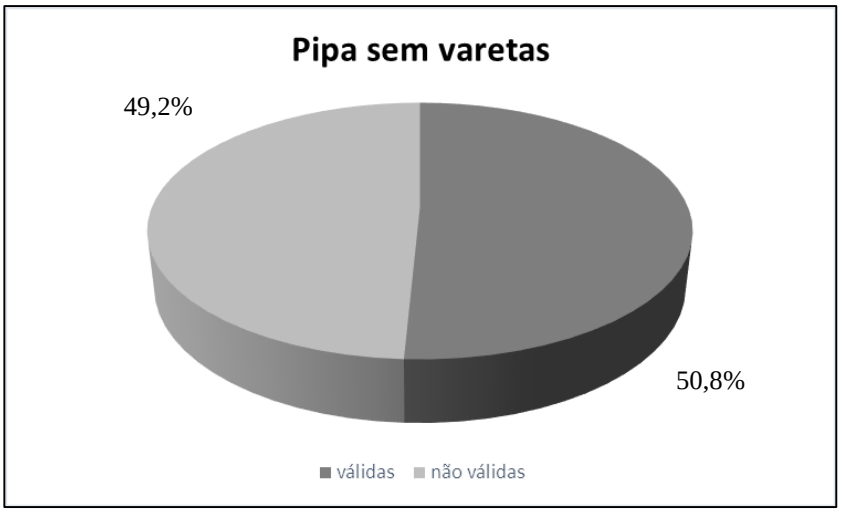


Gráfico 10: percentual de respostas válidas e respostas não válidas para *pipa (sem varetas)*

Pontua-se que, mesmo com alto índice de N.S./N.L./N.O., houve grande variedade de formas registras no *Falar Nordestino*. Foram fornecidas 27 lexias, que, posteriormente, foram reunidas em 11 agrupamentos (cf. Quadro 9).

*Balão*, *bolachinha*, *chalopa* e *curica* foram agrupados com as próprias nomenclaturas, porque não foram registradas variações para esses vocábulos. Os itens lexicais *arraia* x *raia* (*arraia/raia*) e *ratinho* x *ratinha* (*ratinho/a)* estão mantidos juntos como designações agrupadoras pelo índice aproximado de aparições de cada um. Houve, ainda, casos de neutralização das variações fônicas (*aviãozinho* x *aviãozin*), (*coruja* x *curuja*), (*papagaio* x *papagai*) e transformação de lexia composta em lexia simples (*pipa* x *pipa de papel*).

Quadro 9: resultado dos agrupamentos para *pipa sem varetas*

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| ***arraia/raia*** | *arraia, raia* |
| ***aviãozinho*** | *aviãozinho, aviãozin, avião, aviãozinho de papel* |
| ***balão*** | *balão* |
| ***bolachinha*** | *bolachinha* |
| ***chalopa*** | *chalopa* |
| ***coruja*** | *coruja, curuja* |
| ***curica*** | *curica* |
| ***papagaio*** | *papagaio, papagai* |
| ***pipa*** | *pipa, pipa de papel* |
| ***ratinho/a*** | *ratinho, ratinha* |

| | |
|---|---|
| ***outras denominações*** | *bicó, sura, foguete, charupinha, paletinha, bandeirinha, camaleão, índio, caixa* |

*Pipa* e *papagaio* correspondem às denominações mais produtivas da amostra, totalizando 32,8% e 28,2%, respectivamente. Os outros nove agrupamentos apresentaram índices percentuais menores que 10%, incluindo as nove lexias que compõem as *outras denominações*. Os dados podem ser vistos no Gráfico11 que segue.

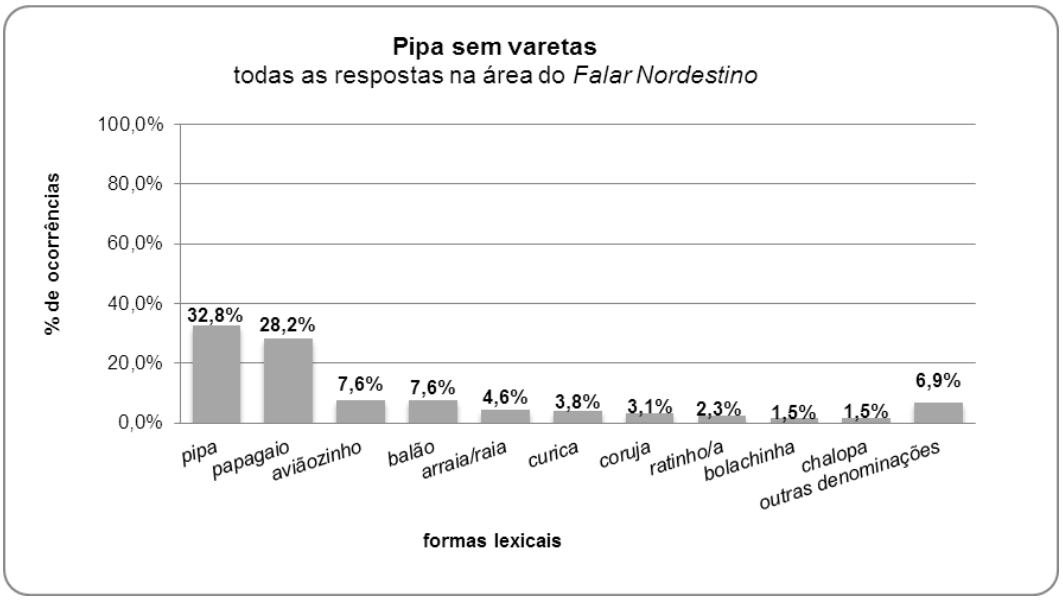


Gráfico 11: percentual de ocorrência de variantes para *pipa sem varetas* no *Falar Nordestino*

Em relação à diatopia, o Gráfico 12 revela um resultado, nos dois primeiros lugares, invertido do que se observa nos dados do ponto de vista do número de ocorrências. Com 43,4% de presença nas localidades observadas, *papagaio* desponta em primeiro lugar. Em seguida, com percentual parecido, aparece *pipa*, que está presente em 41,5% da área em análise, seguido de *aviãozinho* (17,0%), *balão* (15,1%), *arraia/raia* (9,4%), *curica* (5,7%), *coruja* (5,7%), *ratinho/a* (5,7%), *chalopa* (3,8%) e *bolachinha* (1,9%). As nove designações do agrupamento *outras denominações* estão distribuídas em 11,3% dos 53 municípios.

Nota-se que *pipa* e *papagaio* são as duas unidades lexicais mais frequentes e com mais presença em pontos de inquérito tanto para *pipa (com varetas)*, como para *pipa (sem varetas)*. Cabe destacar que, durante a audição das entrevistas, muitos informantes

disseram que os dois brinquedos, embora tenham diferenças, eram chamados da mesma forma.

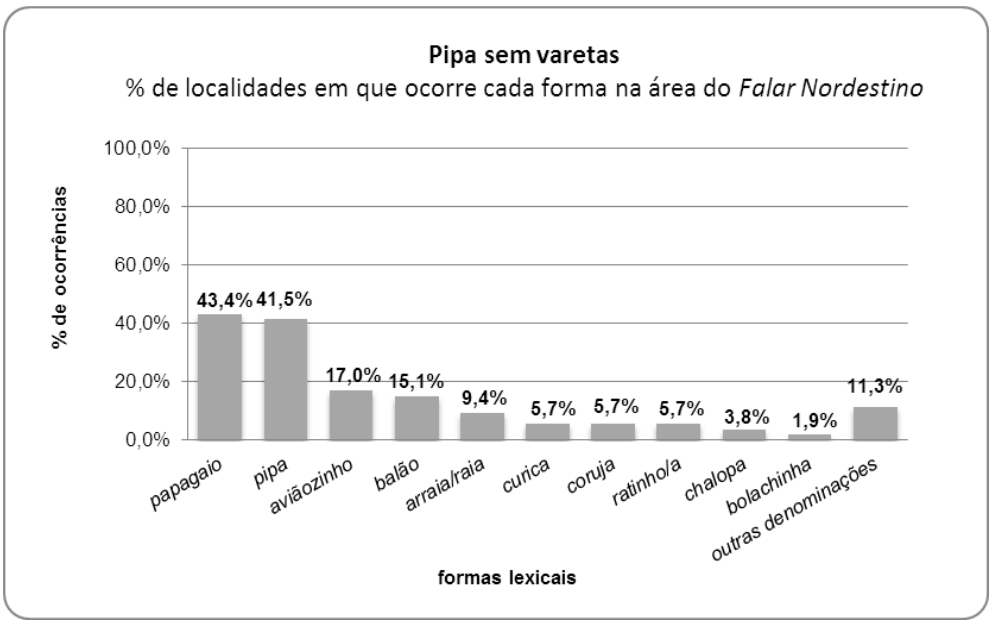


Gráfico 12: Percentual de presença das variantes para *pipa sem varetas* nas localidades do *Falar Nordestino*

Ainda no que se refere à distribuição das formas nas localidades do *Falar Nordestino*, as cartas linguísticas, expostas a seguir (cf. Figuras 79 e 80), demonstram que existem formas coexistindo em muitas cidades e existem formas que só aparecem em determinados Estados e/ou localidades. Optou-se, neste caso, pela marcação, nas cartas, das respostas não obtidas, tendo em vista o número alto de informantes que não souberam responder à questão.

A variante *papagaio* está disseminada em 23 localidades e só deixa de aparecer no Estado do Rio Grande do Norte. *Pipa* percorre todos os sete Estados, aparecendo, mais precisamente, em 22 municípios. No Maranhão e na Paraíba, a forma só é documentada em uma localidade – Alto Paraíba e Cuité, respectivamente. O item lexical *aviãozinho* foi resposta de informantes de cinco Estados – MA, PI, CE, PE e AL. Ao passo que *balão* foi documentada em quatro localidades do Maranhão e quatro do Ceará. O agrupamento *arraia/raia* foi registrado em quatro Estados – PI, CE, RN e AL.

*Curica* foi catalogada em duas cidades do Maranhão e uma do Piauí e *ratinho/a* nos Estados do RN, PB e AL. A forma *bolachinha* aparece exclusivamente na capital Fortaleza – CE. Já *coruja* está presente apenas no Rio Grande do Norte e *chalopa* apenas em Pernambuco.

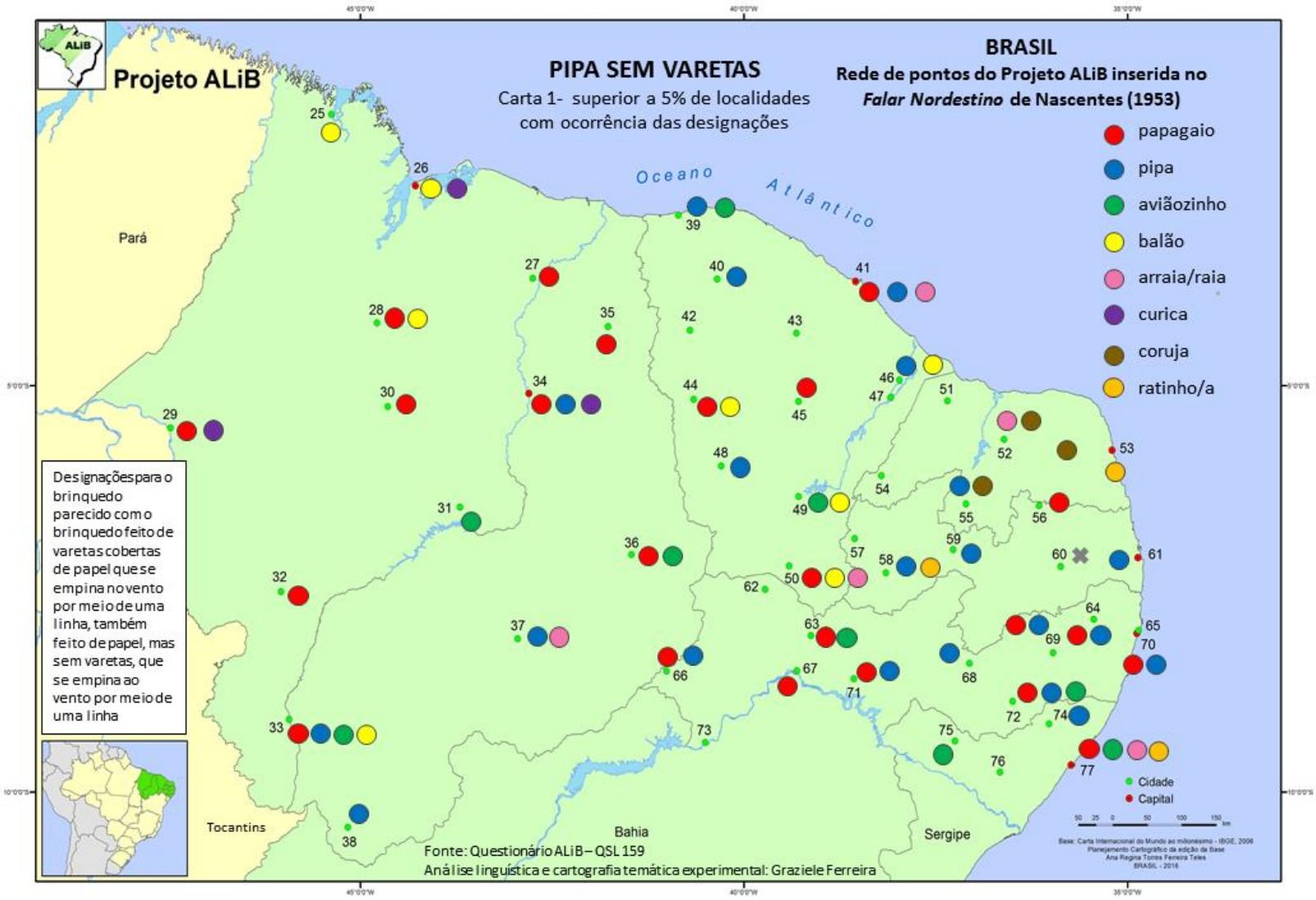


Figura 79: carta linguística 1 para *pipa sem varetas* no *Falar Nordestino*

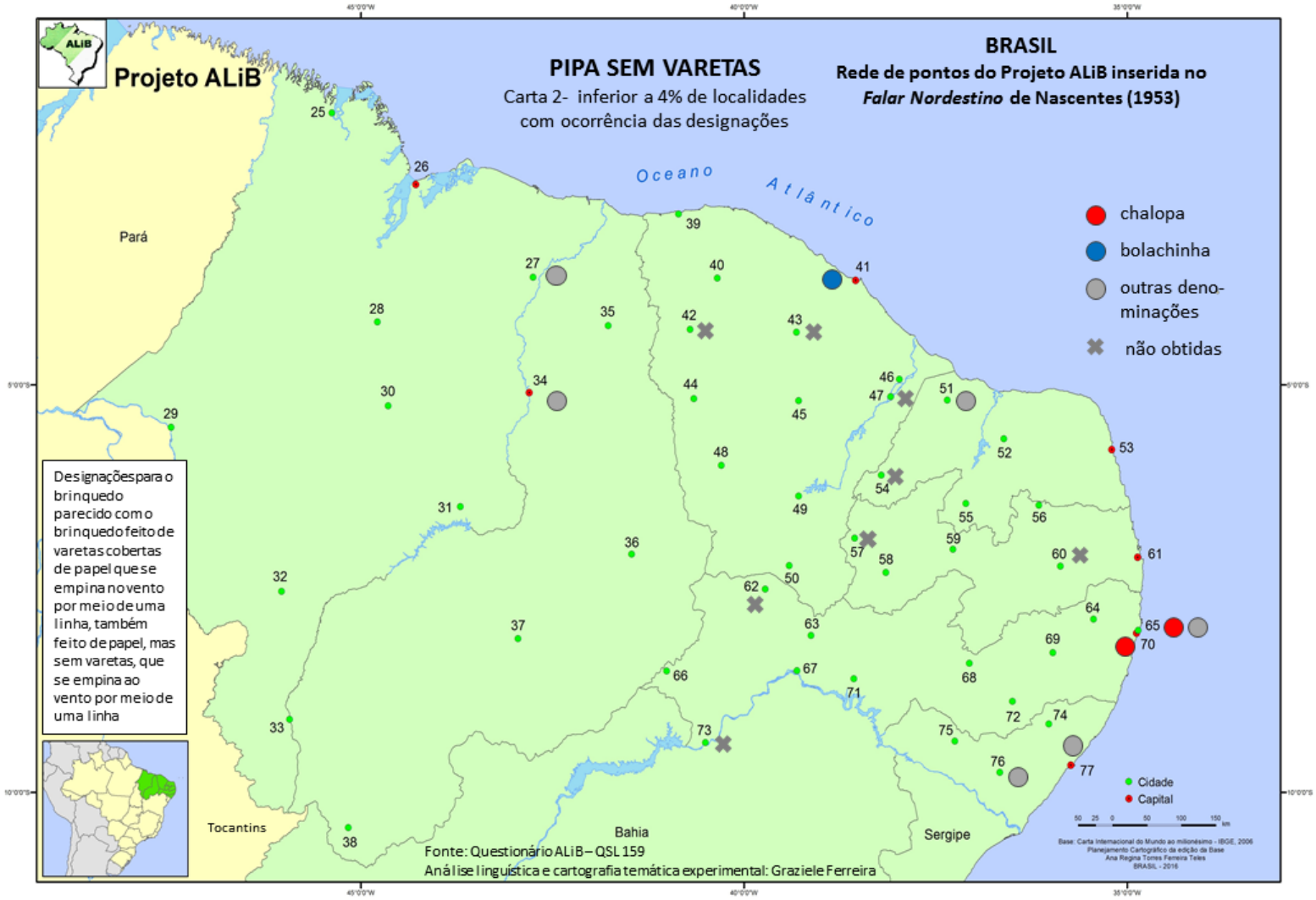


Figura 80: carta linguística 2 para *pipa sem varetas* no *Falar Nordestino*

### 4.5.1 O léxico de *pipa sem varetas* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

O estudo proposto por Ribeiro (2012), sobre a área do *Falar Baiano*, demonstrou que *pipa*, *papagaio* e *arraia* são as formas com a maior vitalidade na área e, desse modo, possuem os maiores valores percentuais de frequência em número de ocorrências, a saber: 26,4%, 19,3% e 15,7%, respectivamente. Com valores menores, estão as lexias: *periquito* (12,2%), *ratinho* (6,1%), *avião* (4,6%) e *suru* (3,0%). As *respostas únicas*, isto é, as variantes que aparecem somente uma vez e as respostas com percentual inferior a 2% somaram um total de 12,7%. Em relação à distribuição geográfica das formas, observa-se que *pipa* foi registrada em 31 das 57 cidades visitadas, perfazendo um total de 54,4% de presença nas localidades da área analisada. Em segundo lugar, aparece *papagaio*, com 42,1%, seguido de *arraia*, com 40,4%, *periquito*, com 15,8%, *avião* e *ratinho* documentados em 14% das localidades. Com percentual inferior a 10% de presença na área do *Falar Baiano*, estão as demais lexias.

Os dados coletados por Portilho (2013) no *Falar Amazônico* revelaram que 45 informantes (35,2%) não souberam responder à pergunta 159 do QSL. No geral, foram documentadas as seguintes lexias: *curica/curiquinha*, *pipa*, *papagaio*, cangula, *rabiola*, *morcego*, *andorinha*, *suru/suruba*, *pepetinha*, *avião* (de papel), *paraquedas*, *buzugão* e *big bob*. A variante com maior produtividade na área foi *curica/curuquinha*, que somou 54% das ocorrências. Em segundo lugar, aparece *pipa*, com 19,3%, seguida de *papagaio*, com 10,2%; *cangula*, com 3,3% e *rabiola*, *morcego* e *suru/suruba*, que contabilizaram 2,2% de produtividade cada uma. Registraram-se, também, seis casos de ocorrências únicas. De acordo com Portilho (2013),

> a variante curica tem presença majoritária em muitas localidades da área do falar amazônico, levando-nos a crer que se trata de uma forma regional do Norte do Brasil. Assim, a norma da área dialetal estaria influenciando a da área de controle, pois em localidades como Porto Velho (RO) e Imperatriz (MA), por exemplo, a presença da designação curica também é marcante.

No *Falar Fluminense*, conforme levantamento de Santos (2016), foram contabilizados 166 dados: são 135 respostas válidas (81,3%) e 31 casos de N.S./N.L./N.O. (18,7%). Os números atestam que a questão teve um número expressivo de ocorrências. Além disso, assinala-se a diversidade dessas ocorrências, foram catalogados treze agrupamentos, com as seguintes frequências: *papagaio* (28,9%), *arraia* (14,8%), *pipa*

(12,6%), *gereco* (8,1%), *avião* (7,4%), *caixote* (4,4%), *balão* (3,7%), *ratinho* (3,7%), *capucheta* (3,0%), *papa-vento* (2,2%), *pião* (2,2%) e *estrela* (1,5%). No agrupamento *outras formas*, foram documentadas dez lexias, que correspondem a 7,4% de frequência. A forma *papagaio* está distribuída em todos os Estados e as outras formas estão distribuídas pela área em análise.

Diante do exposto, pode-se afirmar que, levando em consideração as três formas mais produtivas, os quatro estudos possuem pontos de consenso, afinal todos registraram *pipa* e *papagaio* nessas primeiras posições. No entanto, enquanto os *Falares Baiano*, *Fluminense* e *Nordestino* têm uma dessas duas formas com a mais vital, o *Falar Amazônico* destoa, apresentando a lexia *curica* como a mais produtiva. Observa-se que *curica* é uma forma presente no *Falar Nordestino*, mais precisamente no Piauí e no Maranhão, Estado que faz limite com o *Falar Amazônico*, demonstrando a possível influência do Norte do Brasil em parte da área dialetal analisada nesta dissertação.

## 4.6 Designações para a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras

*Esconde-esconde* é a brincadeira na qual uma criança fica com os olhos fechados contando até um certo número enquanto os demais participantes se escondem para não serem encontras pelo jogador que está contando. No Houaiss (2011), *esconde-esconde* é conceituado como o “jogo infantil em que um participante deve encontrar os demais que estão escondidos”. Na figura 81, vê-se essa atividade lúdica:

Figura 81: crianças brincando de *esconde-esconde*

Fonte: Disponível em <https://www.omo.com.br/atividades-para-criancas/como-variar-pega-pega-e-pique-esconde/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

A questão 160 do QSL: "**Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?**" (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 34) demonstrou excelente produtividade. Das 264 ocorrências coletadas, 239 foram respostas válidas, totalizando 90,5% dos casos. Registra-se que 25 informantes não forneceram respostas, configurando 9,5% ocorrências de NS/NL/NO.

Na proposta de agrupamento para o item em foco, optou-se por reunir as respostas que apresentaram o sema *"esconder" – esconde-esconde; (se) esconder; (se) esconde; pique-esconde; (se) esconda; esconderijo* – num mesmo grupo. O detalhamento dessas formas e das demais podem ser visualizados nos Quadros 10 e 11, apresentados na sequência.

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| ***pega*** | *pega* |
| ***trinta e um*** | *trinta e um; trinta; trinta e um alerta; brincadeira dos trinta* |
| ***trisca*** | *trisca* |
| ***outras denominações*** | *bandeirinha; brincar de agú; ceguinho; marinheiro; milú; peru-galo; tica; toca; rabo de gata; salva-latinha* |

Quadro 10: resultado dos agrupamentos para *esconde-esconde*

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| *(se) esconda* | *esconda; brincadeira do se esconda; brincar de esconda; se esconda* |
| *(se) esconde* | *esconde; brincar do esconde; se esconde; toca se esconde* |
| *(se) esconder* | *esconder; bicho de se esconder; brincar de esconder; brincar de se esconder; brincadeira de se esconder; brincadeira do esconder; brincadeira do se esconder; brincadeira de esconder brincando de se esconder; de esconder; pega se esconder; se escondendo* |
| *esconde-esconde* | *esconde-esconde; brincar de esconde-esconde; brincadeira do esconde-esconde; brincadeira de esconde-esconde* |
| *esconderijo* | *Esconderijo* |
| *pique-esconde* | *pique-esconde* |

Quadro 11: resultado dos agrupamentos para *esconde-esconde* (variantes de sema *"esconder"*)

As formas que têm o sema *"esconder"* foram as mais recorrentes da amostra, com 91,2% de produtividade, mais precisamente 218 ocorrências. *Pega*, *trinta e um* e *trisca* apresentaram frequências de 2,1%, 1,7% e 0,8%, respectivamente. O agrupamento *outras denominações*, que representam dez designações distintas documentas somente uma vez, possui frequência total de 4,2% (cf. Gráfico 13).

Quando se observam as lexias com sema *"esconder"* separadamente, nota-se que, das 218 ocorrências para o agrupamento, as respostas mais fornecidas pelos entrevistados foram *esconde-esconde* e *(se) esconder*. A primeira, com 54,1% e a segunda com 34,9% de vitalidade, seguida de *(se) esconde* (4,1%), *pique-esconde* (4,1%), *(se) esconda* (2,3%) e *esconderijo* (0,5%), conforme demonstra o Gráfico 14.

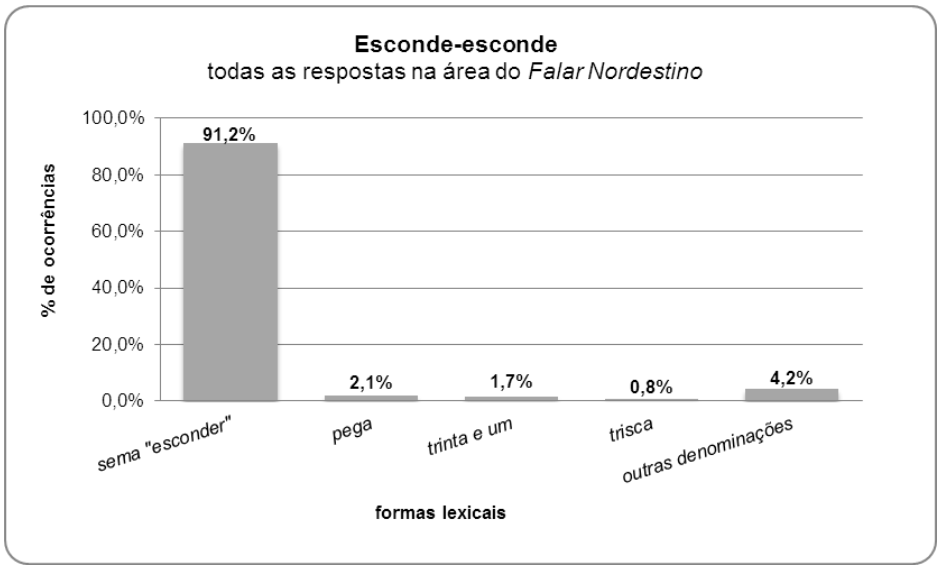


Gráfico 13: – Percentual de ocorrência de variantes para *esconde-esconde* no *Falar Nordestino*

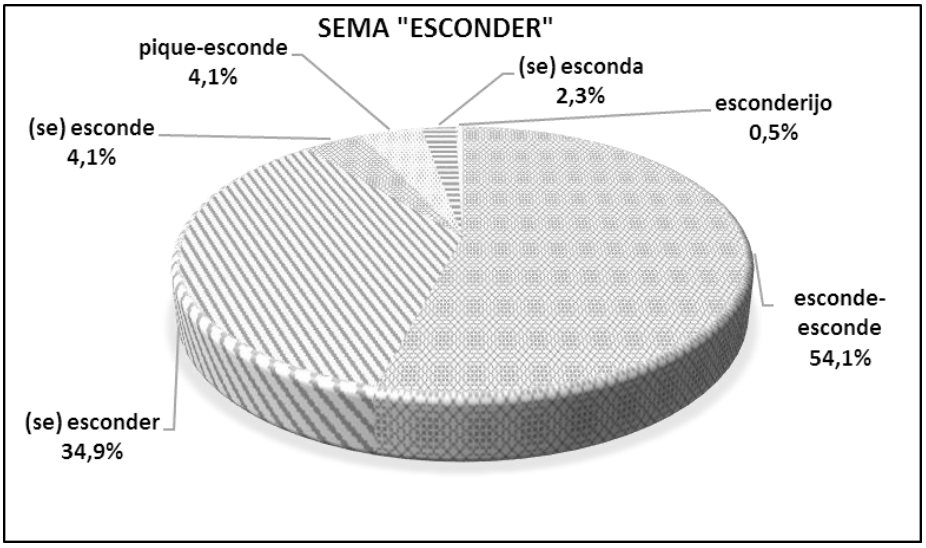


Gráfico 14: Percentual de ocorrência de variantes para *esconde-esconde* no *Falar Nordestino* (variantes de sema "*esconder"*)

Os resultados referentes à distribuição diatópica desvelam que o agrupamento sema *"esconder"* está presente em todas as 53 localidades da região em análise, somando 100% de presença. *Pega* foi documentada em quatro municípios do Maranhão e em Recife, no Pernambuco, totalizando 9,4%. Presente em 7,1% do *Falar* Nordestino, a forma *trinta e um* está distribuída em quatro Estados – PI, RN, PE e AL. *Trisca* apareceu em 3,8% dos pontos de inquéritos, mais precisamente em Teresina e Canto do Buriti, no Piauí. Veja-se o Gráfico 15 e a Figura 82 com os percentuais e a destruição das formas catalogadas por localidade. Ademais, apresenta-se a Figura 83, com a cartografia do agrupamento sema *"esconder"* desmembrado, revelando a predominância de *esconde-esconde*.

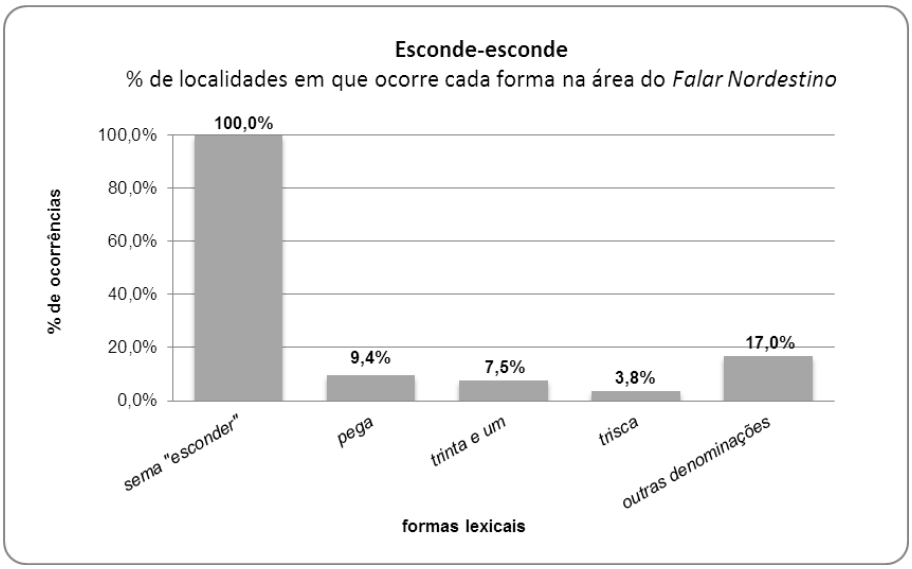


Gráfico 15: Percentual de presença das variantes para *esconde-esconde* nas localidades do *Falar Nordestino*

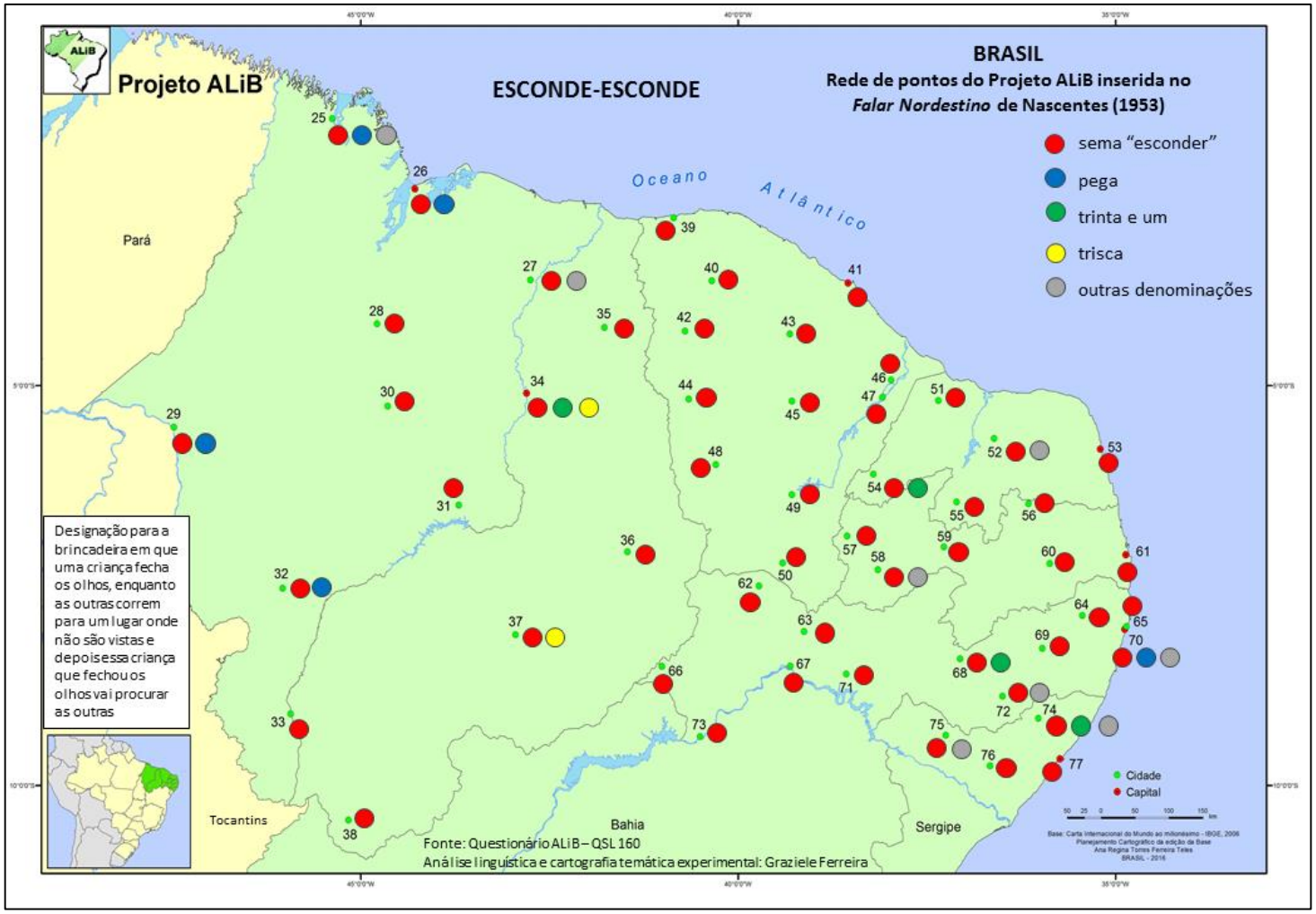


Figura 82: carta linguística 1 para *esconde-esconde* no *Falar Nordestino*

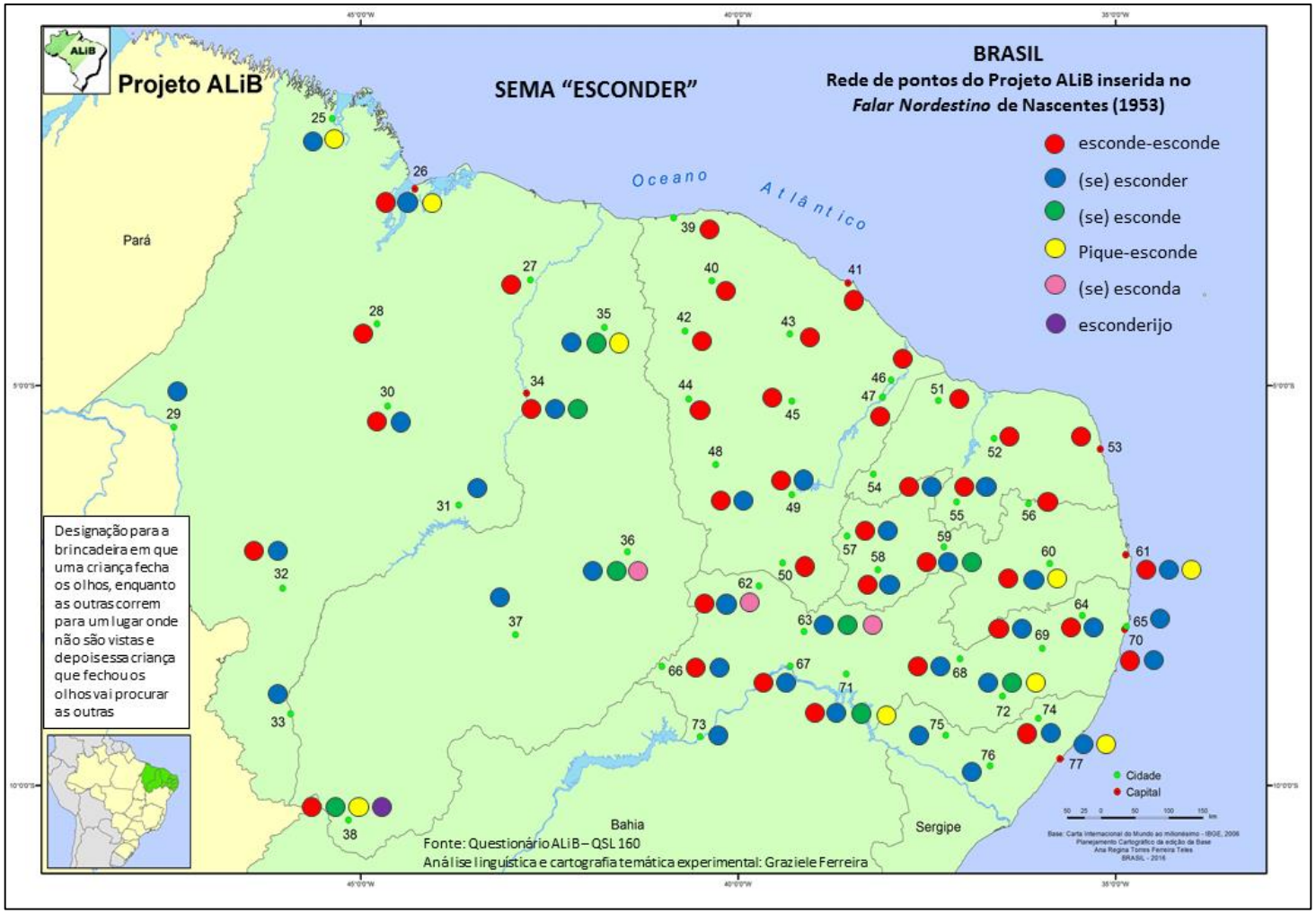


Figura 83: carta linguística 2 para sema "*esconder*" no *Falar Nordestino*

### 4.6.1 O léxico de *esconde-esconde* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

De acordo com Ribeiro (2012), a questão 160 do QSL obteve alto índice de produtividade. Foram documentadas 260 ocorrências, das quais 236 representam respostas válidas e as não-obtidas somam 24. Com 86,0% de frequência e despontando em 100% das localidades, as lexias que possuem o sema *"esconder"* (*esconde-esconde, esconder, esconder o olho, esconderijo, pique-esconde, se esconder, esconda, esconde, sobe-esconder*) predominaram na área no *Falar Baiano.* Considerando, exclusivamente, o sema*"esconder"* a variante *esconde-esconde* é aparece como a mais vital do grupo. Registraram-se, ainda, as formas: *pique* (2,1%), *cobra-cega* (2,1%), *bacandê* (1,7%), *bicho* (1,3%), *pega-pega* (0,8%), *picula* (0,8%) e mais 13 variantes do agrupamento *respostas únicas*.

Segundo Portilho (2013), no *Falar Amazônico*, a lexia *esconde-esconde* foi a principal resposta, pois que somou 60,9% das ocorrências, seguida de *pira/pira-esconde* (16,5%), *manja/manja-esconde* (4,5%), *pique/pique-esconde* (3%), *trinta e um/trinta* e *um alerta* (3%), *pega-pega/do pega/pega* (2,3%), e as *ocorrências únicas*.

Os informantes do *Falar Fluminense* nomeiam a brincadeira em foco, majoritariamente, pelas unidades lexicais que possuem o sema *"esconder"* (*pique-esconde, esconde-esconde, pique (de) (se) esconde(r), (se) esconder e pega*-esconde, representando 92% das respostas válidas. Segundo Santos (2016), dentre as formas reunidas no agrupamento sema *"esconder"*, *pique-esconde* é a resposta mais recorrente, com frequência de 60,9%. Com valores percentuais menores que 5%, foram catalogadas as seguintes variantes: *pique* (4,0%), *pegador* (3,3%) e uma ocorrência de *outras formas*.

De posse dos dados dos quatro subfalares, pode-se afirmar que há convergência entre os *Falares Baiano, Amazônico* e *Nordestino*, já que os três têm a forma *esconde-esconde* como a mais frequente. Por outro lado, no *Falar Fluminense*, destaca-se a presença majoritária de *pique-esconde*.

## 4.7 Designações para a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras

Durante a idade média, a brincadeira era um passatempo praticado pelos palacianos. Hoje, é uma atividade lúdica popular em que um dos jogadores, de olhos

vendados, procura tocar nos outros. O participante que for tocado passará a ficar com os olhos vendados e, assim, dará continuidade ao jogo. Em outra versão, a pessoa com a venda nos olhos deverá, também, adivinhar qual jogador foi tocado por ela.

No Dicionário Houaiss (2011), a brincadeira *cobra-cega* está conceituada como um "certo tipo de brincadeira infantil, em que um participante fica vendado e deve conseguir agarrar outro participante (e, em certas modalidades, identificá-lo) para ser por este substituído; batecondê".

Figura 84: crianças brincando de *cabra-cega* às margens do rio Pará, no município de Mosqueiro – MA

Fonte: Disponível em < https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/brinca7.htm>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Ao serem inquiridos sobre "**como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?**" (COMITÊ..., 2001, p.34), os informantes do *Falar Nordestino* mostraram conhecer 21 variantes, que foram reunidas em cinco agrupamentos lexicais: *cabra-cega, cobra-cega, maria-cega, pata-cega* e as *outras denominações*, que englobam as ocorrências que foram registradas apenas uma vez. Houve um total de 204 (82,6%) respostas válidas e 43 casos (17,4%) de informantes que não lembraram a resposta ou não souberam responder à questão.

O detalhadamente dos agrupamentos pode ser melhor visualizado no Quadro 12, exposto a seguir.

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| ***cabra-cega*** | *cabra-cega, caba-cega, caba-cego, cabo-cego, cabra-cego* |
| ***cobra-cega*** | *cobra-cega, coba-cega, cobra, cobrinha-cega* |
| ***maria-cega*** | *maria-cega* |

| | |
|---|---|
| ***pata-cega*** | *pata-cega* |
| ***outras denominações*** | *bombarquim, bitica, cabo-soldado, brincadeira do cego, se esconder, doidinho, ceguinho, cara-preta, pega* |

Quadro 12: resultado dos agrupamentos para *cobra-cega*

As formas *maria-cega* e *pata-cega* não sofreram variação e os agrupamentos foram denominados com os respetivos nomes dos itens lexicais. *Cabra-cega* e *cobra-cega* registram variações de ordem fônica (*cabra* x *caba*), de flexão de gênero (*cega* x *cego)* e de formas no diminutivo (*cobrinha-cega*). O grupo *outras denominações* é formando por lexias diversas: *bombarquim, bitica, cabo-soldado, brincadeira do cego, se esconder, doidinho, ceguinho, cara-preta, pega*.

O levantamento e tratamento estatístico de dados mostrou que *cobra-cega* foi a forma predominante, somando 46,1% das respostas válidas. Com percentual parecido, *cabra-cega* desponta em segundo lugar, com 41,2%, seguida de *pata-cega* (6,4), *maria-cega* (1,0%) e *outras denominações* (5,4%), conforme evidenciado no Gráfico 16.

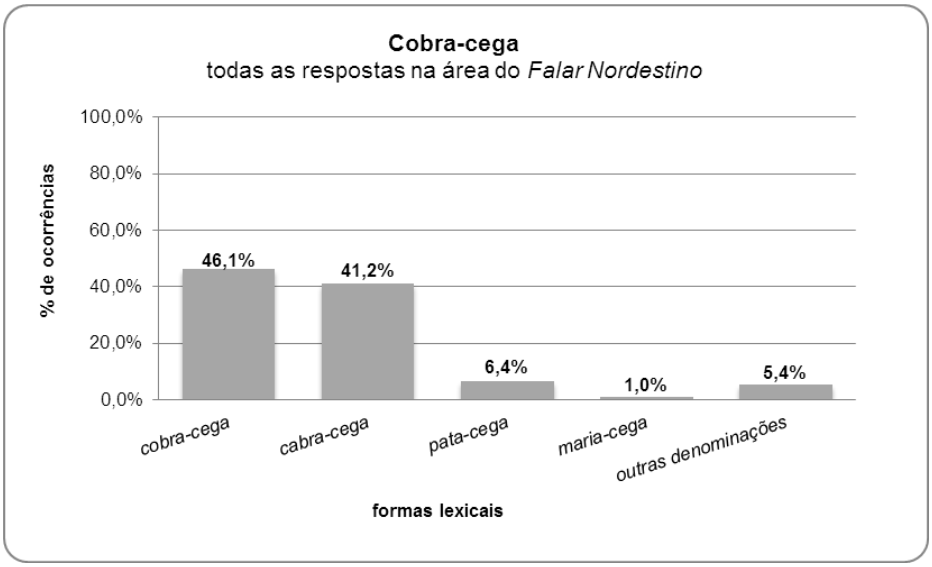


Gráfico 16: percentual de ocorrência de variantes para *cobra-cega* no *Falar Nordestino*

Em relação à diatopia, constatou-se que *cobra-cega* foi a variante com maior vitalidade na região, aparecendo em 35 das 53 localidades pesquisadas, totalizando 66,0% de presença. *Cabra-cega* também está presente em mais da metade da área em análise, mais precisamente em 31 municípios (58,5%). Com valores menores, estão: *pata-cega* (9,4%), *maria-cega* (1,9%) e *outras denominações* (15,1%). (cf. Gráfico 17).

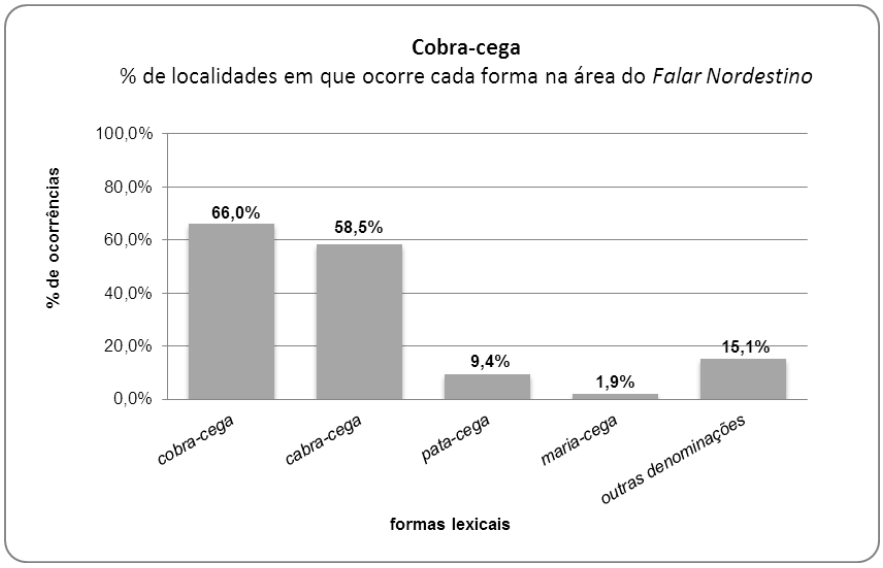


Gráfico 17: Percentual de presença das variantes para *cobra-cega* nas localidades do *Falar Nordestino*

Através da carta linguística, retratada pela Figura 85, é possível perceber como as lexias oferecidas como respostas para a pergunta 161 do QSL estão distribuídas na área do *Falar Nordestino*. A forma *cobra-cega* está disseminada em todos os Estados, exceto em Alagoas, que é o único que não apresenta variação. Ao passo que *cabra-cega*, mesmo que em alguns Estados esteja catalogada em poucas localidades, aparece em todos os sete.

*Pata-cega* foi registrada apenas no Maranhão, nas seguintes localidades: Turiaçu, Bacabal, Imperatriz, Tuntum e na capital São Luís. Já *maria-cega* é uma forma exclusiva da cidade de Mossoró – RN.

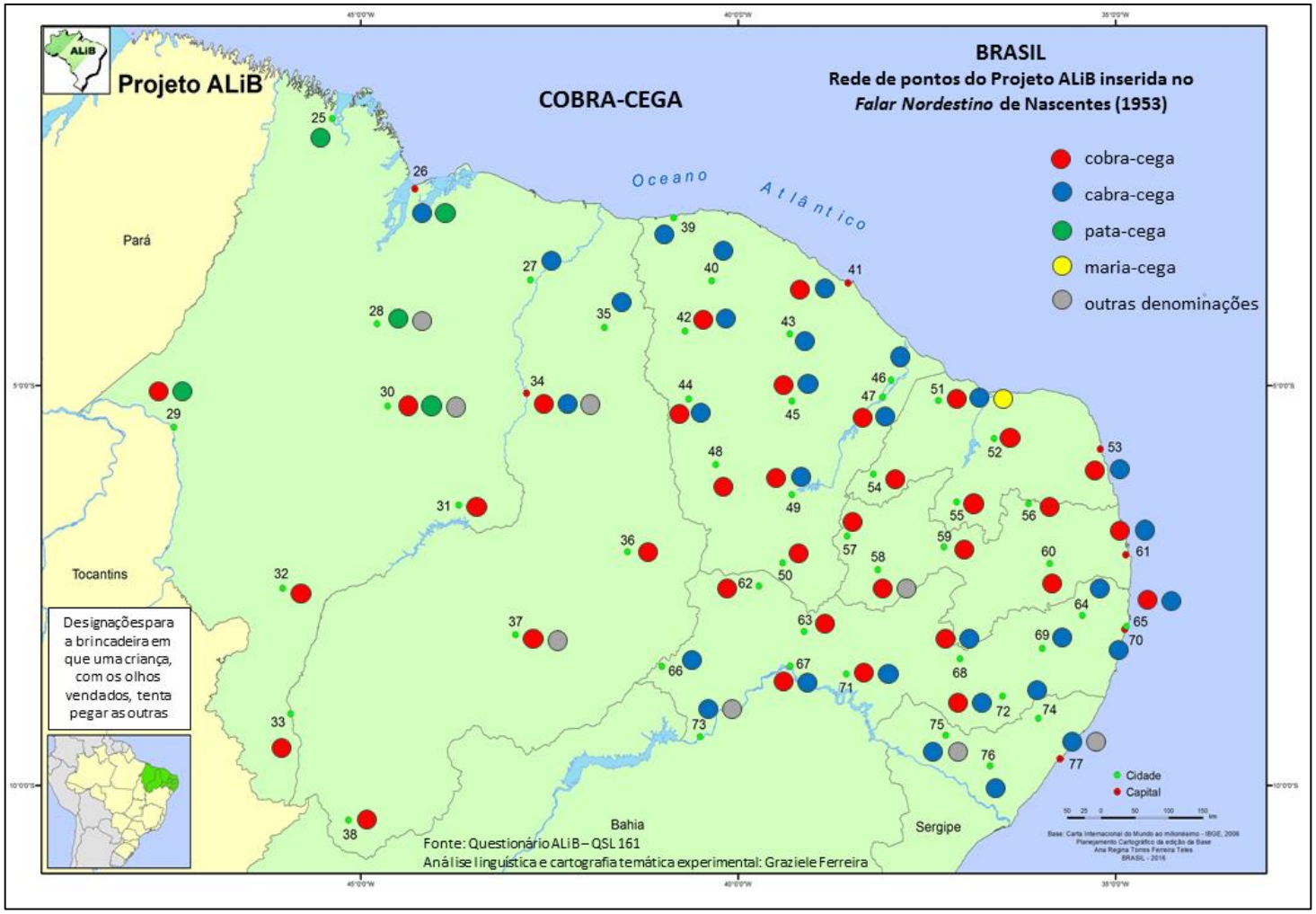


Figura 85: carta linguística para *cobra-cega* no *Falar Nordestino*

### 4.7.1 O léxico de *cobra-cega* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

Conforme os resultados fornecidos por Ribeiro (2012), no *Falar Baiano*, depois de feitos os agrupamentos necessários, *cobra-cega* destacou-se, com a frequência de 47,6% das ocorrências e foi estabelecida como definidora das generalizações que são feitas sobre o item em questão. A variante *cabra-cega* representa 40% das respostas válidas, seguida de *gata-cega* (5,7%), outras com *sema "cego,cega"* – formas que não continham "cobra", "cabra" ou "gata" – (2,9%) e *respostas únicas* (3,8%). Quando os dados são analisados na perspectiva geográfica, nota-se que *cobra-cega* foi registrada em 43 das 57 localidades, perfazendo 75,4% de presença na área estudada. A forma *cabra-cega* está presente em 59,6% dos municípios, *gata-cega* em 8,8%, *sema "cego/cega"* em 10,5% e as *respostas únicas* aparecem em oito localidades.

Na área do *Falar Amazônic*o, a denominação *pata-cega* predominou, com 58,2% das ocorrências, aparecendo em praticamente todas as localidades observadas. Portilho (2013) documentou, ainda, as variantes *cobra-cega* (19,7%) e *cabra-cega* (17,2%) e seis respostas agrupadas em *únicas*: *pata choca*, *barata tonta*, *pira cega*, *pega-pega*, *pira-pega* e *nó cego*.

A partir da pergunta 161 do QSL, foram obtidas, no *Falar Fluminense*, 156 respostas, sendo 135 delas ocorrências válidas (86,5%) e 21 foram N.S./N.L./N.O (13,5%). De acordo com Santos (2016), a resposta mais fornecida foi *cobra-cega*, computando 65,2% de frequência, seguida de *cabra-cega*, com 23,7%, *gata-cega*, com 8,1% e quatro lexias no grupo *outras formas*: *brincar de cego*, *cobra-morta*, *tapa-cego* e *combater*.

A comparação dos estudos demonstra que *cobra-cega* e *cabra-cega* percorrem os *Falares Baiano*, *Amazônico*, *Fluminense* e *Nordestino*, sendo as formas predominantes em todas as áreas, exceto no *Falar Amazônico*, onde *pata-cega* tem maior vitalidade. Segundo Portilho (2013) "Possivelmente pode-se considerar *pata-cega* uma unidade lexical típica da região do falar amazônico, já que esse foi o item lexical mais produtivo na região Norte, e que não houve registro dele na área do falar baiano (RIBEIRO, 2012)." (PORTILHO, p. 109). Nesse sentido, a presença de *pata-cega* em cinco das nove localidades do Maranhão, Estado que faz limite com as localidades que compõem o *Falar Amazônico*, mostra, mais uma vez, a influência dessa área em parte do *Falar Nordestino*.

## 4.8 Designações para a brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado

A brincadeira é centrada em dois tipos de jogadores: o pegador e os que devem evitar o toque. Quem for tocado, automaticamente, vira o pegador. Um ponto, que pode ser um poste, uma árvore ou uma parede, é combinado entre os jogadores para ser o lugar em que eles estão "a salvo" do pegador, que não poderá mais apanhá-los. O dicionário de Língua Portuguesa Houaiss (2011) remete o consultante para outro verbete ao definir *pega-pega* como o "mesmo que pique (brincadeira infantil)". Em *pique*, encontra-se a seguinte explicação: "brincadeira infantil em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e pegá-la(s), o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo, onde se está a salvo; pega-pega". A Figura 86 aponta a execução da brincadeira.

Figura 86: crianças brincando de pega-pega

Fonte: Disponível em <https://www.saude.rj.gov.br/viver-melhor/noticias/2018/02/hora-de-brincar-pega-pega-esconde-esconde-pique-bandeira-e-pular-corda-sao-otimas-atividades-para-os-pequenos>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Por meio da pergunta "**Como se chama a brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?**" (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 34), documentaram-se 258 ocorrências, das quais 179 foram consideradas respostas válidas (69,4%) e 70 representaram casos de NS/NL/NO (30,6%). A análise e o tratamento estatístico dos dados revelaram a presença de diversas lexias para nomear o objeto em questão, resultando em 13 agrupamentos distintos. Pontua-se que as formas que possuem o sema *"pegar"* formam um grupo, no qual realizaram-se agrupamentos internos. Os Quadros 13 e 14, expostos a seguir, trazem

a proposta desses agrupamentos e as especificidades das lexias reunidas em sema *"pegar"*

| Designação agrupadora | Formas lexicais agrupadas |
|---|---|
| ***bicheira*** | *bicheira; brincar de bicheiro* |
| ***bôto*** | *bôto; brincar de bôto; brincadeira de boto* |
| ***brincadeira do gato*** | *brincadeira do gato; brincar de gato* |
| ***chave*** | *chave; brincar de chave* |
| ***congela*** | *congela* |
| ***liga-liga*** | *liga-liga* |
| ***manja*** | *manja* |
| ***milú*** | *milú; brincar de milú* |
| ***tica/tica-cola*** | *tica; brincar de tica; tica-cola; tica-tica* |
| ***toca*** | *toca; brincar de toca; bicho de toca* |
| ***trisca*** | *trisca; trisco; brincar de trisca* |
| ***outras denominações*** | *pira; se esconder; posta; lagarta pintada; trinta e um salve eu; biga; cola; coro; guerra ou guerreiro; bandeira; peia-quente; garrafão; catuca; tô duro; futura* |

Quadro 13: resultado dos agrupamentos para *pega-pega*

| Designação agrupadora | Formas lexicais agrupadas |
|---|---|
| *pega-pega* | *pega-pega* |
| *pega* | *pega; pegando; brincar de pega; ninguém me pega; brincadeira do pega; pega-ajuda; pega-fogo; pega-ladrão; pega-macaco; pega-pegou; pega-solto; pique-pega* |
| *pegador* | *pegador* |

Quadro 14: resultado dos agrupamentos para *pega-pega* (variantes de sema "pegar")

No agrupamento das unidades lexicais que possuem o sema *"pegar"*, não houve variação para as formas *pega-pega* e *pegador*. Por outro lado, *pega* representa a união de 12 variantes. Cabe destacar que, nesse contexto, optou-se por manter nesse grupo as lexias que apresentaram *pega* + modificador diferente de *pegar*, como nos casos de: *pega-ajuda, pega-fogo, pega-ladrão, pega-macaco, pega-pegou, pega-solto, pique-pega*.

As respostas fornecidas pelos informantes revelam a predominância das formas que têm o *sema "pegar"*, com frequência de 52,0%. Outras lexias foram catalogadas, com valores percentuais menores, a saber: *tica/tica cola* (10,6%), *toca* (7,3%), *trisca* (7,3%), *bicheira* (3,4%), *manja* (2,8%), *boto* (1,7%), *brincadeira do gato*, *chave*, *congela*, *liga-liga*, *milú* e *queimado* (1,1% cada) e, por fim, as *outras denominações*, que somaram 8,4%, como verifica-se no Gráfico 18.

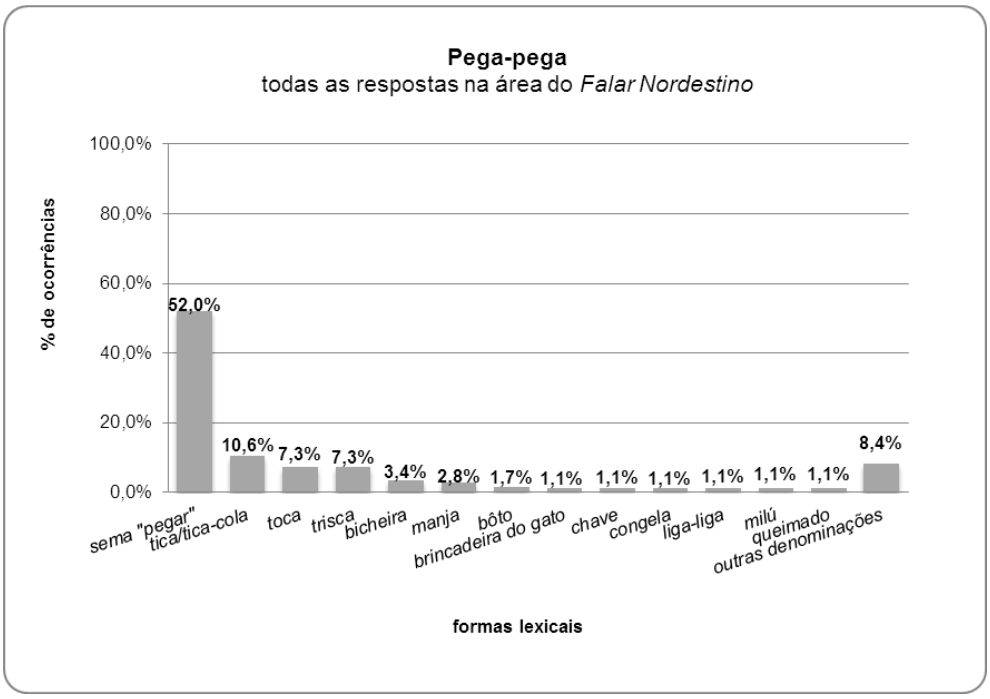


Gráfico 18: Percentual de ocorrência de variantes para *pega-pega* no *Falar Nordestino*

No que se refere à análise isolada dos itens com o sema *"pegar"*, há o seguinte cenário: *pega-pega* foi a resposta mais recorrente, já que representa 55,9% das ocorrências, seguida de *pega*, com 30,1% e *pegador*, que obteve 14,0% de frequência.

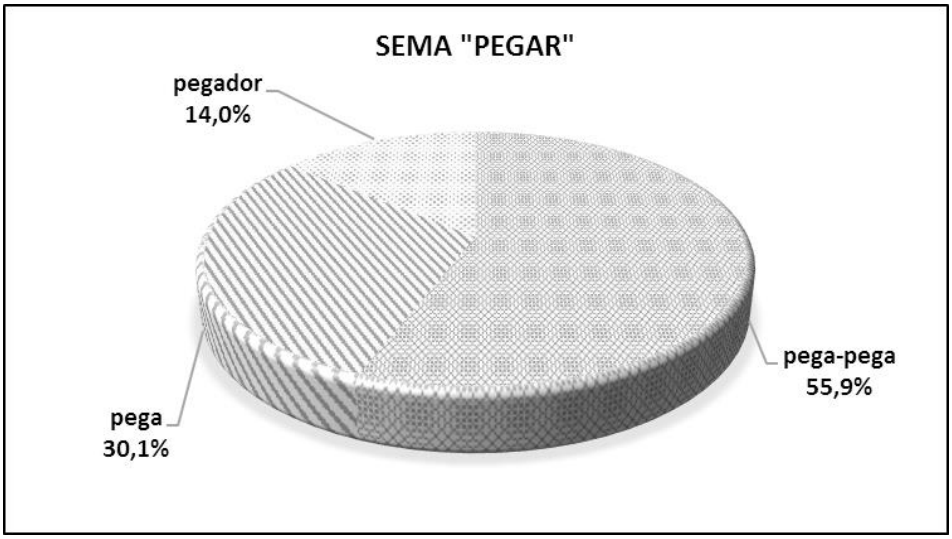


Gráfico 19: percentual de ocorrência de variantes para *pega-pega* no *Falar Nordestino* (variantes de sema "*pegar"*)

Em relação à diatopia, ressaltam-se alguns aspectos relevantes: as formas que têm o sema *"pegar"* estão disseminadas em todos os Estados e distribuídas em 39 localidades, o que corresponde a presença em 73,6% da região em análise. A forma *trisca*, com 15,1%, foi fornecida como respostas em quatro Estados: MA, PI, RN e PE. Ao passo que o agrupamento *tica/tica-cola* está presente em dois municípios da Paraíba – Cuité e Patos – e em quatro das cinco cidades do Rio Grande do Norte, perfazendo um total de 11,3% de presença.

A distribuição das demais variantes soma menos de 10% cada e estão ilustradas no Gráfico 20 e Figura 87. Na Figura 88, apresenta-se a cartografia do agrupamento sema *"pegar"* desmembrado. Nesse caso, é possível perceber que a forma que percorre o *Falar Nordestino* é *pega-pega*.

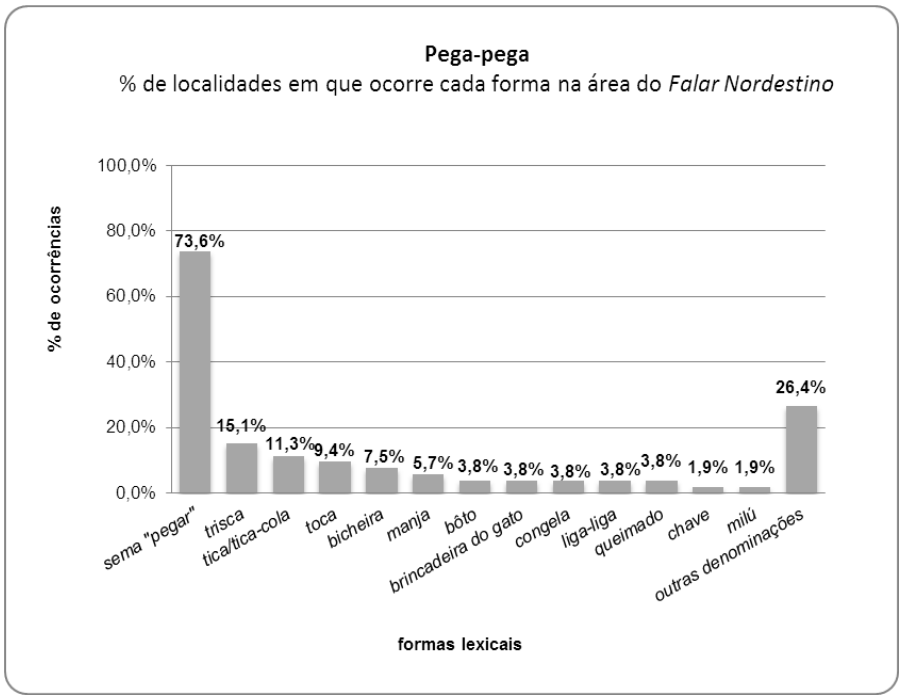


Gráfico 20: Percentual de presença das variantes para *pega-pega* nas localidades do *Falar Nordestino*

A seguir, apresente a relação dos pontos das localidades em que aparecem as formas com menos de 5% de presença em localidades e que não foram cartografadas.

| Designação agrupadora | Localidades em que foram documentadas |
|---|---|
| ***bôto*** | 74;76 |
| ***brincadeira do gato*** | 34;40 |
| ***chave*** | 73 |
| ***congela*** | 30;70 |
| ***liga-liga*** | 43; 47 |
| ***queimado*** | 35;77 |
| ***milú*** | 72 |
| ***outras denominações*** | *pira* (31)*; se esconder* (32)*; posta* (33)*; lagarta pintada* (34)*; trinta e um salve eu* (34)*; biga* (36)*; cola* (42)*; coro* (44)*; guerra ou guerreiro* (46)*; bandeira* (50)*; peia-quente* (52)*; garrafão* (61)*; catuca* (68)*; tô duro* (69)*; futura* (71) |

Quadro 15: relação das localidades em que aparecem as variantes de *pega-pega* – menos de 5%

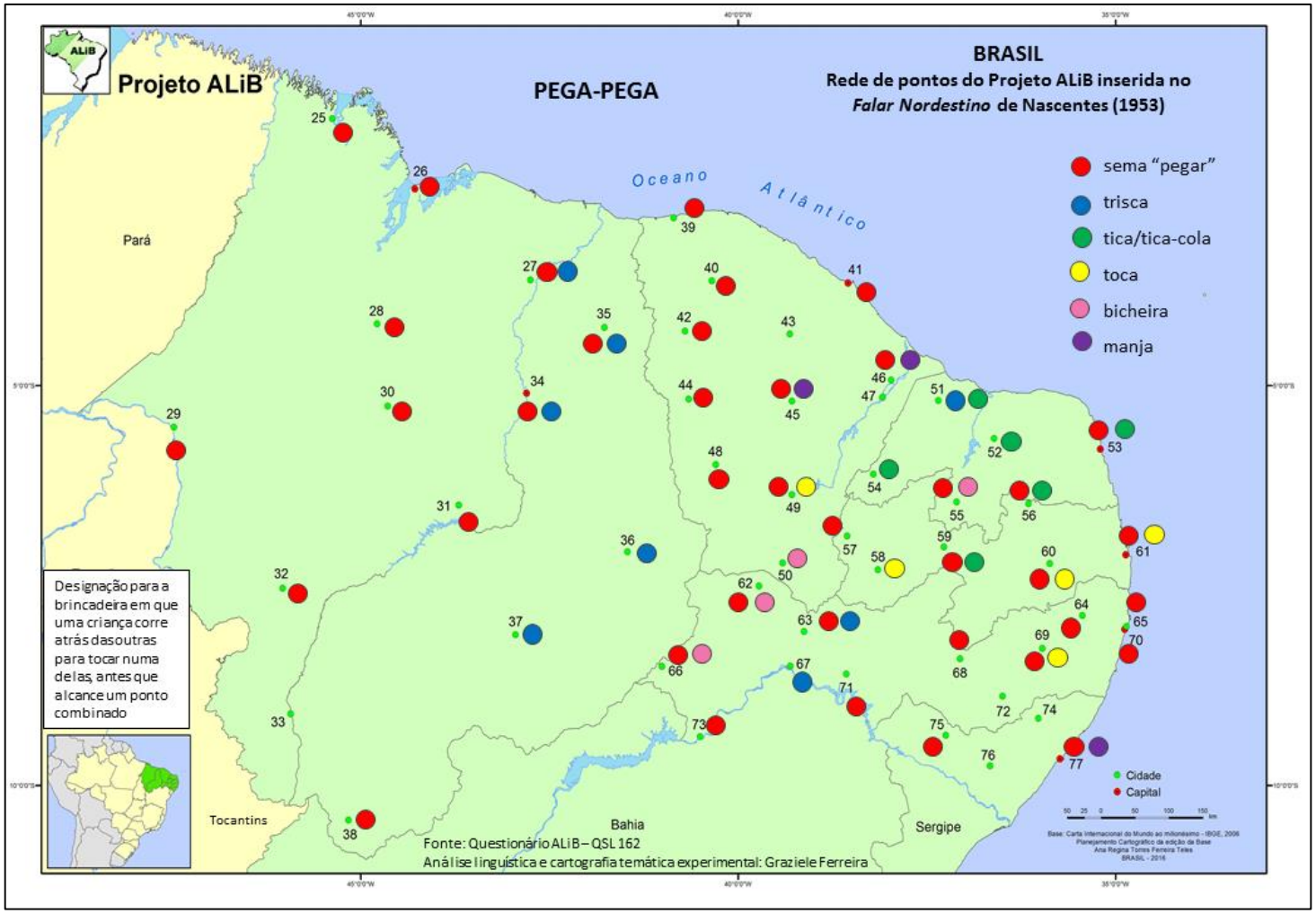


Figura 87: carta linguística 1 para *pega-pega* no *Falar Nordestino*

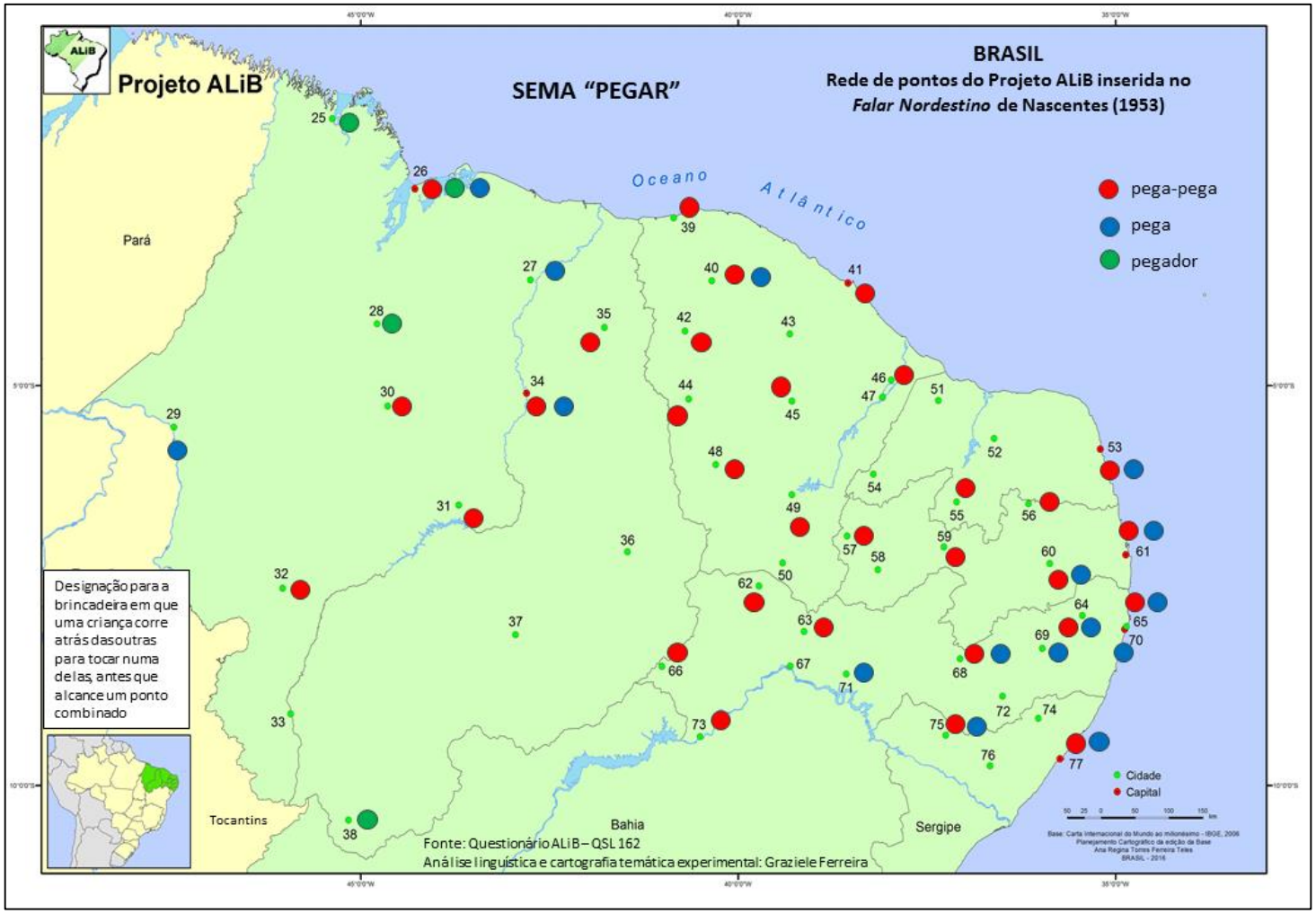


Figura 88: carta linguística 2 para sema "*pegar*" no *Falar Nordestino*

### 4.8.1 O léxico de *pega-pega* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

Na área do *Falar Baiano*, conforme dados coletados por Ribeiro (2012), foram registradas 254 ocorrências: 152 respostas válidas e 102 casos de N.S./N.L./N.O. Os itens lexicais agrupados em sema "pegar" (*pega, pegador, pega-pega, pique-pega, triscou-pegou*) foram os que apresentaram a maior vitalidade, representando 49,3% da amostra. Em seguida, documentou-se *pique*, com 12,5% de frequência. As outras formas encontradas tiveram valores percentuais menores que 10%: *picula, manja, trisca, bôto, tóda, bacondê, bira, chave, João-golô/gorô, jôti/lôti*, além das quatorze ocorrências de *respostas únicas*. Na perspectiva diatópica, nota-se que as lexias vinculadas ao sema "pegar" estão presentes em 40 cidades, perfazendo 70,2% de presença em pontos de inquérito. "Dentre as outras denominações *pique* ocorre em 21,1% das localidades. As demais correspondem a menos de 20% das localidades." (RIBEIRO, 2012, p. 338).

Para a questão 162 do QSL, Portilho (2013) encontrou diversas lexias, que formaram 5 agrupamentos: *pira, manja, pega, pique* e *outras*: *cola, brincadeira do cola, cola-descola, brincadeira do trisca, mãe, congelar/congelado, juju, Jô-jô, queimei, barra, papai ajuda, chicote quente, brincadeira do lário* e *estátua*. A forma *pira* obteve a maior vitalidade do *Falar Amazônico*, distribuída, praticamente, por toda região analisada. Para a autora "é possível levantar a hipótese que pira seja um item lexical regional conservador circunscrito à região do falar amazônico." (PORTILHO, 2013, p. 111). Acrescenta-se que o agrupamento *pega* também teve uma distribuição abundante.

No tocante ao *Falar Fluminense*, Santos (2016) obteve 162 respostas, das quais 70,4% foram validadas e 29,6% delas foram de N.S./N.L./N.O. Depois de realizados os agrupamentos necessários, constatou-se que as formas que têm o sema "pegar" (*pique-pega, pega-pega, pegador* e *pegar*) são as predominantes, com total relativo de 55,3%. As demais lexias encontradas foram as seguintes: *pique*, que somou 35,1%, queimada, com 4,4% e *outras formas*, com 5,3%.

Nota-se, a partir da comparação das três análises com o estudo empreendido nesta dissertação, a aproximação dos *Falares Baiano, Fluminense* e *Nordestino*, uma vez que constataram a predominância das formas com o sema *"pegar"*. Em contrapartida, o *Falar Amazônico* diferencia-se pela presença majoritária da lexia *pira*.

## 4.9 Designações para o local combinado na ‘brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado’

Figura 89: crianças brincando de pega-pega e usando a árvore como o *local combinado*

Fonte: Disponível em <https://www.riobranco.org.br/noticias/rb-brinca-a-moda-antiga-em-projeto-do-3o-trimestre/attachment/brincadeiras-pega-2016-31/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

A pergunta 163 do QSL refere-se ao ponto combinado da brincadeira anterior – *pega-pega* (QSL-162) – em que os participantes ficam a salvo de quem está pegando. Desse modo, as questões 162 e 163 do QSL estão interligadas e são realizadas na seguinte sequência:

> 162. PEGA-PEGA: Como se chama a brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado? (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 34).
>
> 163. FERROLHO/SALVA/PICULA/PIQUE: Como se chama esse ponto combinado? (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 34).

Foi possível observar, na fala de muitos informantes, que o *local combinado* não possui uma designação específica, o que resultou num elevado índice de NS/NL/NO. Dos 240 dados recolhidos (número mínimo de respostas possíveis – uma por entrevistado), 171 foram casos de informantes que não ofereceram respostas, ao passo que 69 representaram ocorrências válidas, confirmando, nesse contexto, a falta de produtividade da questão em foco, como ilustra o Gráfico 21.

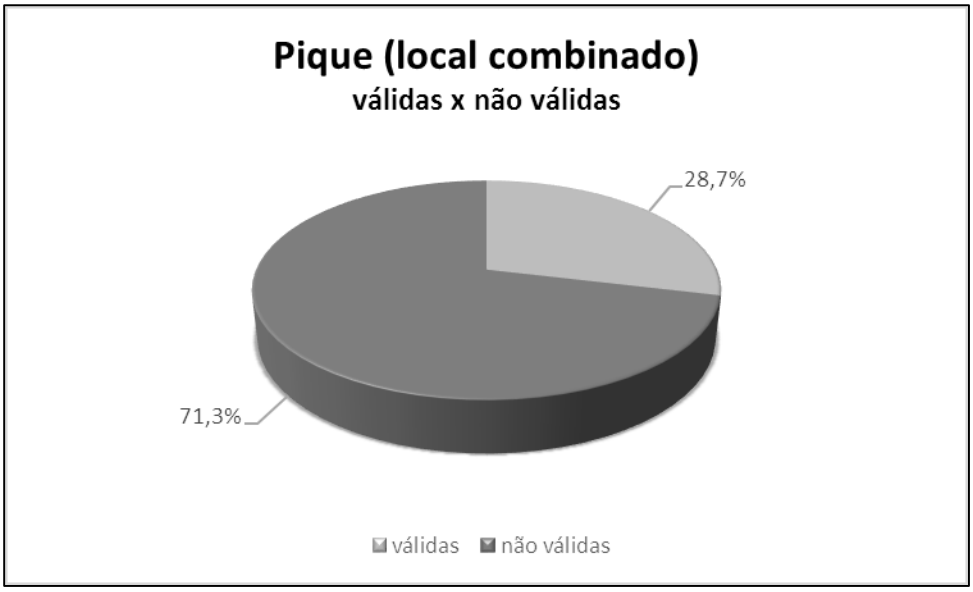


Gráfico 21: percentual de respostas válidas e respostas não válidas para *pique (local combinado)*

As 69 respostas válidas correspondem a 17 itens lexicais. A forma predominante foi *mancha/manja*, que representa 58% das ocorrências, seguida de *ronda* (8,7%), *ganzola* (7,2%), *salva* (4,3%) e *bandeira* (2,9%). (cf. Gráfico 22).

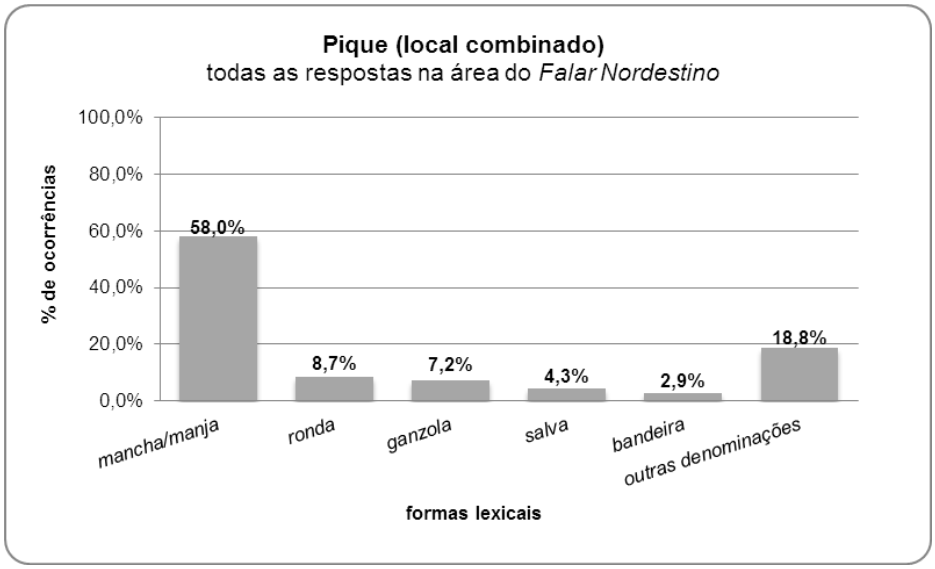


Gráfico 22: – Percentual de ocorrência de variantes para *pique (local combinado)* no *Falar Nordestino*

O agrupamento *outras denominações*, com 18,8% de frequência, foi o único necessário e reúne as 12 formas registras uma única vez: *cola e descola, magi, queimado, trinta e um, final, poste, pi, voga, tica, congela* e *pega macaco.*

No que tange à presença das variantes nos pontos de inquérito em estudo, observa-se que *mancha/manja* foi documentada em 39,6% localidades, a forma *ronda* em 7,5%, *salva* em 5,7%, *bandeira* em 3,8% e *ganzola* em 3,8% dos munícipios. Demonstram-se os dados da distribuição de diatópica para a pergunta 163 do QSL, no *Falar Nordestino*, através do Gráfico 23 e da cartografia exposta na Figura 90.

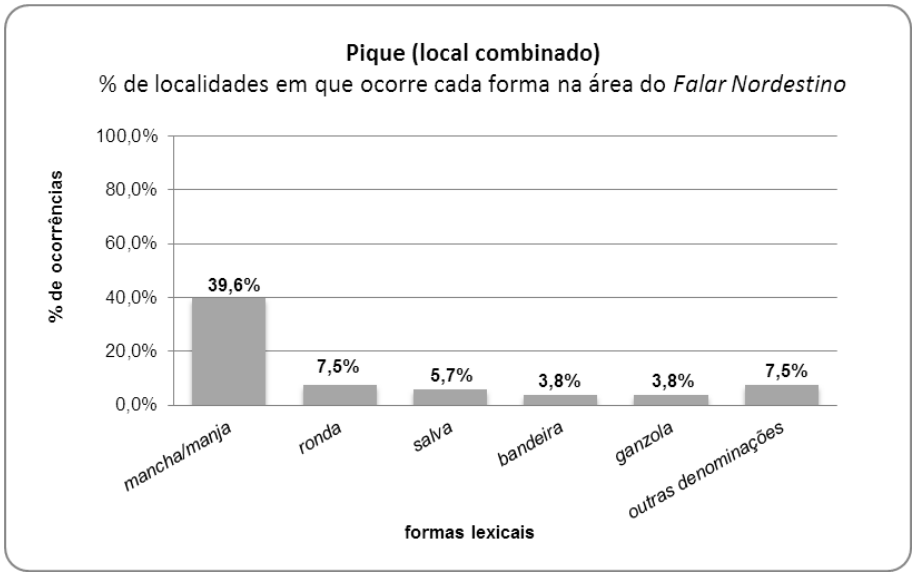


Gráfico 23: Percentual de presença das variantes para *pique (local combinado)* nas localidades do *Falar Nordestino*

*Mancha/manja* foi documentada em cinco Estados e 21 localidades. A forma só não figura no Maranhão. No Piauí, houve apenas um registro, na capital Teresina. *R*onda está presente no Piauí – Canto do Buriti e Corrente – e em Pernambuco – Afrânio e Petrolina. Ao passo que *salva* foi catalogada no Ceará – Crateús e Crato – e no Rio Grande do Norte – Natal. O item lexical *ganzola* aparece, exclusivamente, no Maranhão, foram registradas três ocorrências em São Luís e uma Turiaçu. Já *bandeira* está no Piauí – Piripiri – e no Rio Grande do Norte – Natal.

Observa-se, dessa forma, que em 19 localidades não houve registro de respostas válidas.

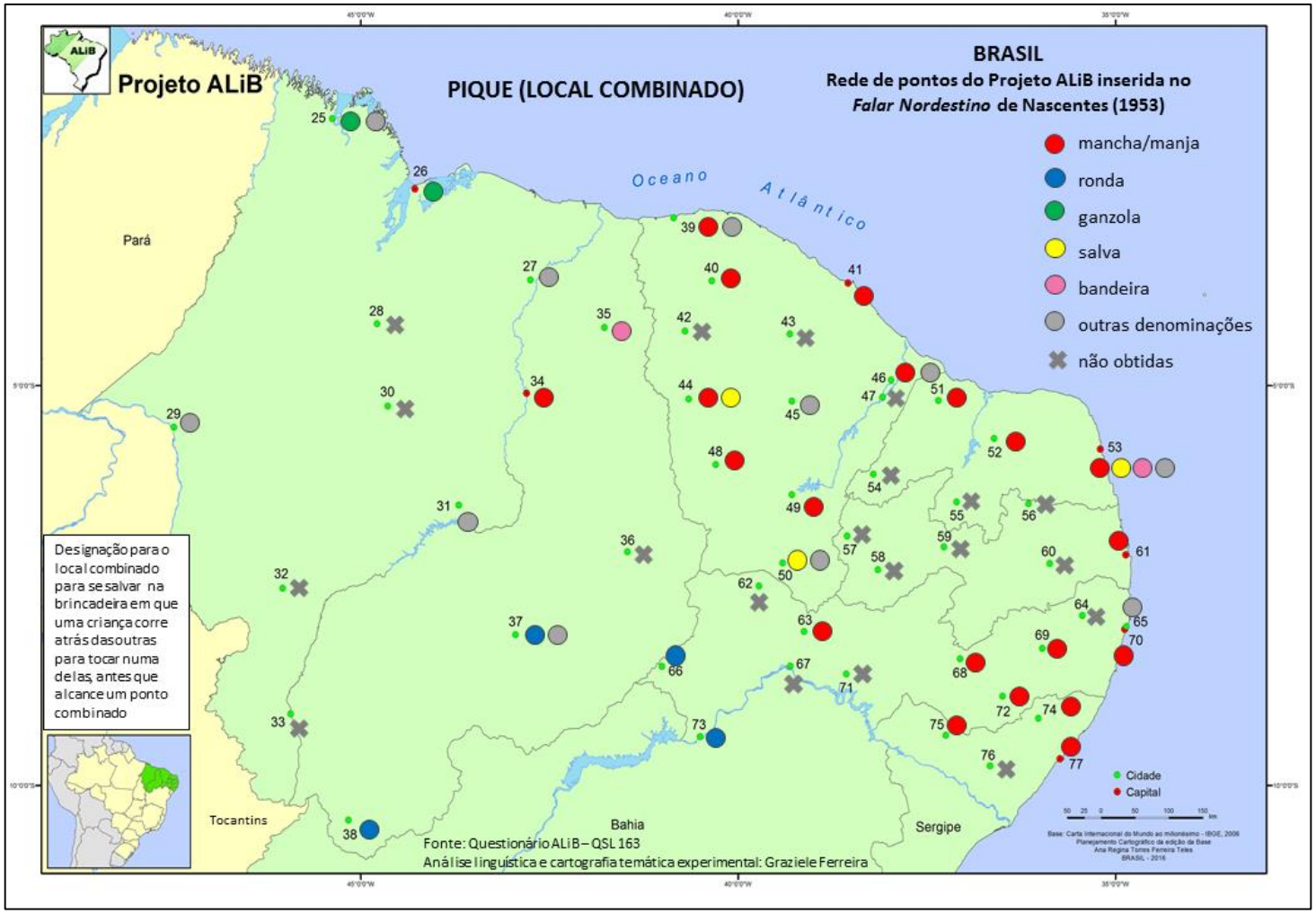


Figura 90: carta linguística para *pique (local combinado)* no Falar Nordestino

### 4.9.1 O léxico de *pique* (local combinado) no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

O *Falar Baiano* apresentou alto índice de respostas NS/NL/NO, mais precisamente 66,8% dos casos e somente 33,2% de respostas válidas. *Pique* e *manja* são as formas mais vitais, com frequência de 49,4% e 18,5%, respectivamente. Com valores menores que 10% estão documentadas: *ronda*, *rol*, *picula* e *ponto final*. Somam-se, ainda, mais 12 formas reunidas nas *respostas únicas*, registradas uma vez. No tocante à distribuição diatópica, *pique*, com 33,3% e *manja*, com 14,0% também apresentaram os maiores percentuais de presença em localidades.

Conforme explanações de Portilho (2013), a questão abordada totalizou 58,6% de não respostas, demonstrando, também, ser pouco produtiva na área do *Falar Amazônico*. As respostas válidas (41,4%) resultaram nos seguintes itens lexicais: *mãe* (32,8%), *manja* (21,2%), *pique/pique no alto* (13,6%), *barra* (3,9%) e mais 15 formas agrupadas em *ocorrências únicas*. Destaca-se que *mãe* parece ser uma forma conservadora da região, uma vez que 82% dos registros dessa variante estão nas vozes dos informantes da segunda faixa etária.

Santos (2016), ao se debruçar sobre os dados da questão 163 do QSL, obteve 35 formas válidas e houve 118 casos de informantes que não forneceram respostas. No *Falar Fluminense*, a variante *pique* é a mais recorrente, pois obteve 77,1% de frequência e está propagada em todos os Estados observados. Com percentuais menores, estão registras as lexias: *altinho* (5,7%) e o grupo *outras formas* (17,1%), composto por *picolê*, *poste*, *santinho*, *seguro* e *pegador*.

Por meio dessas considerações, nota-se que a questão 163 do QSL é pouco produtiva nos quatro falares, evidenciado que os informantes conhecem a brincadeira da qual o local combinado faz parte, já que as perguntas 162 e 163 são interligadas, porém não sabem ou não nomeiam esse local. Pode-se inferir que o *Falar Nordestino* possui certa influência das áreas de controle – *Falar Baiano* e *Falar Amazônico* – uma vez que as duas áreas registram *manja* como a segunda forma mais vital.

**4.10 Designações para a brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair**

A atividade lúdica, geralmente, acontece nas ruas e pode ter um número aleatório de crianças, que ficam sentadas em roda, como pode ser visto na Figura 91. Além disso, a brincadeira é sempre acompanhada de uma cantiga.

Figura 91: crianças aprendendo a brincar de *chicotinho-queimado*

Fonte: Disponível em <http://www.insp2.com.br/aprendendo-com-as-brincadeiras-antigas/>. Acesso em: 10 nov. 2017.

No Houaiss (2011), a entrada *chicote queimado* diz respeito ao "jogo infantil em que um participante procura atingir um dos companheiros batendo-lhe com um lenço enrolado como chicote", diferindo da brincadeira que se estuda nesta dissertação.

Ribeiro (2012), na seção dedicada à descrição da brincadeira, revelou que em nenhuma das obras lexicográficas estudadas pela autora há uma definição para a variante de execução aqui estudada. A autora, ao recorrer a obras sobre o folclore brasileiro, destacando matéria da Revista Jangada Brasil (2003), informa:

> Variante do tradicional jogo de esconder objetos a serem depois encontrados, o chicotinho-queimado é assim desenvolvido: as crianças se colocam em roda, com uma delas ficando do lado de fora e trazendo uma varinha (chicotinho) na mão. Enquanto os da roda cantam pequena melodia, o de fora corre por detrás delas, colocando a varinha no chão, aos pés de uma das do círculo. Nenhum dos que cantam deve olhar para trás: quem olhar leva um beliscão. Quem teve a varinha colocada perto de si, deve pegá-la e correr em volta do círculo, tentando agarrar quem a colocou, que, por sua vez, trata de ocupar o lugar vago na roda. Nessa corrida, o que for alcançado, levará uma varada. (FRADE, 1979, p.76 apud RIBEIRO, 2012, p.213).

A pergunta 164 do QSL mostrou-se improdutiva na área do *Falar Nordestino*. Os dados sugerem a hipótese de que a brincadeira não faça parte do universo dos informantes entrevistados. Apesar da baixa ocorrência, alguns informantes, quando ofereceram respostas, mostraram conhecer a brincadeira e descreveram-na de forma precisa, conforme está exposto na fala da informante 04, de Teresina – Piauí.

> INF. – Essa aí a gente chamava de **cipó queimado**.
> INQ. – Ah, é? Que bom! Eu não sabia que essa era uma forma.
> INF. – É, é uma roda, faz uma roda... aí, tem um monte de criança. Aí, uma sai correndo e pega o cipó. Aí, a outra não viu se jogou o cipó lá.
> INQ. – Certo, certo...
> INF. – Aí, sai correndo atrás, se a pessoa chegar no lugar e tiver, dá nela até rudiar e voltá pro mesmo lugá.
> **(034/04) – (Teresina/PI). Inf.: mulher, faixa II, ensino fundamental incompleto**

No exemplo que segue, a informante 06, de Recife – Pernambuco, responde à pergunta e salienta que a brincadeira pode ser desenvolvida com vários tipos de objetos, mostrando, nesse contexto, ter intimidade com a atividade.

> INQ. – A gente chama de **lenço atrás**.
> INF. – É?
> INQ. – Chama lenço... a gente chama de lenço atrás, mas num é só o lenço... pode sê qualqué... objeto.
> **(070/06) – (Recife/PE). Inf.: mulher, faixa I, ensino universitário**

Foram documentas 240 ocorrências, sendo 228 casos de respostas não válidas (N.S./N.L./N.O) e 12 casos de respostas válidas. O gráfico 24 expressa, em valores percentuais, a falta de produtividade da brincadeira.

Gráfico 24: percentual de respostas válidas e respostas não válidas

Catalogaram-se onze formas distintas que, depois de reunidas, geraram quatro agrupamentos diferentes: *batata quente*, *sema "lenço"*, *sema "queimado"* e *outras denominações*. O Quadro 16 – resultado dos agrupamentos para chicotinho-queimado – traz, de maneira detalhada, a proposta de agrupamento para o item em questão.

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| *batata quente* | *batata quente* |
| *sema "lenço"* | *brincadeira do lenço, lenço atrás* |
| *sema "queimado"* | *cipó queimado, queimado, chicote-quemado* |
| *outras denominações* | *brincar de roda, bombaquim, alô bandeira, la cochia* e *vovozinha* |

Quadro 16: resultado dos agrupamentos para *chicotinho-queimado*

A lexia *batata quente* não apresentou variantes que precisassem de agrupamento. Optou-se por agrupar as formas que apresentaram *lenço* e *queimado* em *sema "lenço"* e *sema "queimado"*, respectivamente. O agrupamento *outras denominações*, composto por lexias registradas uma única vez, apresenta cinco formas diversas que estão listadas no Quadro 16.

Depois de organizadas as ocorrências, iniciaram-se a análise e o tratamento estatístico dos dados, observando os itens, primeiramente, pela frequência e, em seguida, pela presença nos sete Estados que integram este estudo.

O Gráfico 25, apresentado na sequência, demonstra que o agrupamento *sema "queimado"* foi o mais produtivo no universo das respostas registradas, totalizando 25,0% de frequência, seguido de *batata quente* e do agrupamento *sema "lenço"*, cada um com 16,7% e *outras denominações*, que representam 41,7% das ocorrências.

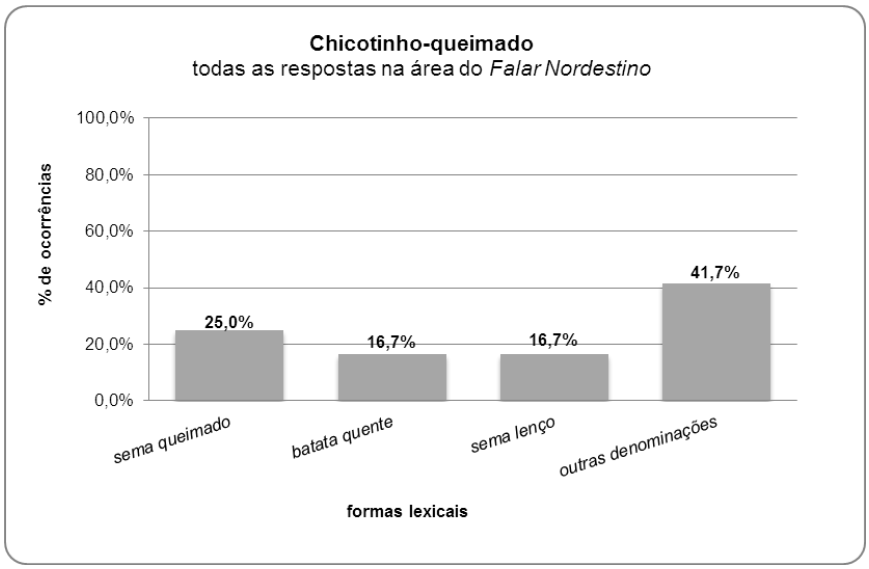


Gráfico 25: percentual de ocorrência de variantes para *chicotinho-queimado* no *Falar Nordestino*

No que se refere à diatopia, as formas catalogadas não ultrapassaram 10% de presença nas localidades analisadas: *sema "queimado"* aparece com 5,7%, as lexias *batata quente* e *sema "lenço"* contabilizam 3,8% cada e o agrupamento *outras denominações* 41,7% (cf. Gráfico 26).

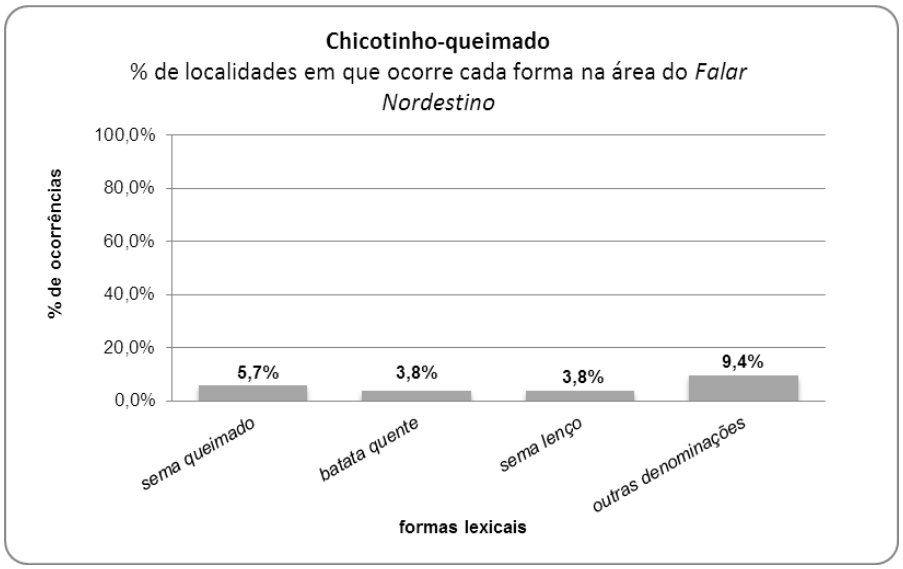


Gráfico 26: Percentual de presença das variantes para *chicotinho-queimado* nas localidades do *Falar Nordestino*

A forma *sema "queimado"* está distribuída em três cidades: Teresina – Piauí, Angicos – Rio Grande do Norte e Recife – Pernambuco. Ao passo que *batata quente* ficou restrita ao Ceará, aparecendo nas localidades de Fortaleza e Limoeiro do Norte.

Do mesmo modo, a forma s*ema "lenço"* foi exclusiva de um Estado: Pernambuco. O agrupamento está registrado na capital Recife e em Limoeiro. Pontua-se que as variantes citadas aparecem na voz de um único por localidade.

Apresenta-se, a seguir, a figura 92– carta linguística para *chicotinho-queimado* no *Falar Nordestino* – que demonstra os casos recorrentes de respostas não obtidas (N.S./N.L./N.O).

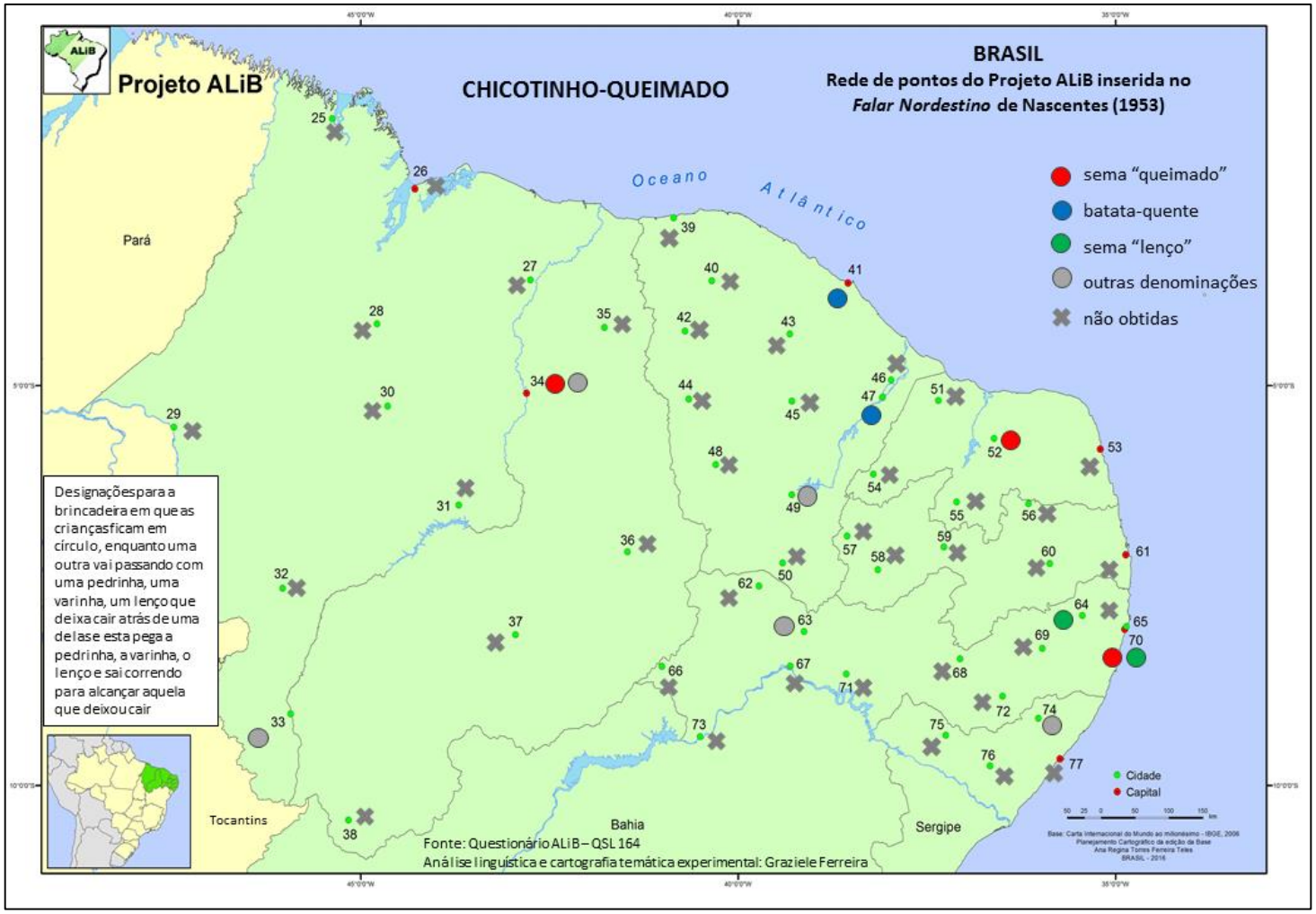


Figura 92: carta linguística para *chicotinho-queimado* no *Falar Nordestino*

### 6.10.1 O léxico de *chicotinho-queimado* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

No estudo acerca da pergunta 164 do QSL na área do *Falar Baiano*, Ribeiro (2012) compilou 245 ocorrências, porém apenas 48 (19,6%) foram validadas e as outras 197 (80,4%) são casos de N.S./N.L./N.O. A autora indica, contudo, que o baixo número de registros válidos não significa "desaparecimento" da atividade lúdica, mas dá indícios de "desuso" na área geográfica pesquisada. O item lexical *chicotinho-queimado*, com 54,2% das ocorrências, foi o que apresentou a maior frequência. Há, também, formas menos produtivas: *corre-cutia/la coxia* (10,4%), *roda* (8,3%), *ciranda/ciranda-cirandinha* (6,3%) e o agrupamento *respostas únicas*, com 20,8% de frequência.

Quando se observam os dados pela ótica espacial, nota-se, praticamente, a mesma configuração: *chicotinho-queimado* percorreu 36,8% das localidades e *corre-cutia/la coxia*, *roda* e *ciranda/ciranda-cirandinha*, com 8,8%, 7,0% e 5,3%, respectivamente.

Na área do *Falar Amazônico*, 80% dos informantes não souberam responder à questão. Ressalta-se que o índice de ocorrências não obtidas prevaleceu entre os homens. As variantes encontradas tiveram pouca produtividade: *má-cochila*, alcançou o índice de 11,5% das ocorrências; *corre-cotia*, 7,7%, e *chicote queimado/chicotinho queimado*, 7,7%, além de 17 *ocorrências únicas*. (PORTILHO, 2013).

De acordo com as análises de Santos (2016), a pergunta, também, não foi produtiva no *Falar Fluminense*. Do total de 154 respostas, 129 (83,8%) são de N.S./N.L./N.O. A resposta mais frequente para a pergunta 164 (QSL) foi *corre-cotia*, com 37,5%, seguida de *chicotinho-queimado*, com 24%, *ovo-choco*, com 12,5% e outras formas, 25%, que reuniu 6 ocorrências.

Nota-se que, nas quatro áreas em análise, o número de informantes que não conhece a brincadeira e/ou não soube responder à questão foi elevado, evidenciando, portanto, pontos de contato entre os estudos. Em contrapartida, é possível afirmar, pelos resultados aqui expostos, que cada área apresenta especificidades quanto à predominância de certas formas.

## 4.11 Designações para a tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce

A gangorra é um brinquedo muito comum nos parques, praças e escolas das pequenas e grandes cidades brasileiras, conforme ilustra a Figura 92 a seguir apresentada.

O Dicionário Houaiss (2011) define *gangorra* como a "prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto."

Figura 93: crianças brincando de *gangorra*, no parque

Fonte: Disponível em <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/10/parquinho-com-balanco-escorregador-e-gangorra-e-academia-de-crianca-dizem-especialistas-3526370.html>. Acesso em: 10 nov. 2018.

A pergunta 165 do QSL: "**Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?** (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 35), suscitou 257 ocorrências, sendo 201 respostas válidas (78,2%) e 56 respostas (21,8%) de NS/NL/NO.

Após levantamento dos dados, obtiveram-se diversas formas lexicais, as quais foram reunidas e resultaram em 10 agrupamentos: *balouço, burrica, canoa, cavalete, cavalo (-inho/de pau*), *galamarte, gangorra, sobe e desce, outras denominações* e, por fim, optou-se por reunir as formas com sema "balançar" num único grupo. Na sequência, através dos Quadros 17 e 18, apresentam-se: (i) a proposta de agrupamento para a pergunta em foco e, também, de maneira detalhada, (ii) os itens que compõem o grupo *sema "balançar"*.

Realizou-se, nos agrupamentos, a neutralização das variantes fônicas, simplificação dos diminutivos (*canoa* x *canoinha*), (*balanço* x *balancinho*) e transformação das lexias compostas em lexias simples, como nos casos: "*balancinho de madeira*" e *"João galamarte"*.

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| *balouço* | *balouço; baloço* |
| *burrica* | *burrica, burrinca* |
| *canoa* | *canoa, canoinha* |
| *cavalete* | *cavalete* |
| *cavalo (-inho/de pau)* | *cavalo; cavalo de pau; cavalinho* |
| *galamarte* | *galamacho; galamarte; galamarque; João galamarte; galamate* |
| *gangorra* | *gangorra* |
| *sobe e desce* | *sobe e desce* |
| *outras denominações* | *bangalô; trampolim; capa-sapo; carrossel; barquinho* |

Quadro 17: resultado dos agrupamentos para *gangorra*

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| *balança* | *balança* |
| *balançador* | *balançador* |
| *balanceio* | *balanceio; balancei* |
| *balancete* | *balancete* |
| *balanço* | *balanço; balancinho; balancinho de madeira; balancin* |

Quadro 18: resultado dos agrupamentos para *gangorra* (variantes de sema “balançar”)

No cômputo geral das respostas, como pode ser visto no Gráfico 27, observa-se que a unidade lexical *gangorra* foi a que mais ocorreu na área analisada, apresentando frequência de 51,7%, seguida das formas com *sema “balançar”* (25,9%), *galamarte* (6,0%), *burrica* (5,5%), *canoa* (2,5%), *sobe e desce* (2,0%), *cavalete* e *cavalo (-inho/de pau)* (1,5% cada uma), *balouço* (1,0%) e *outras denominações* (2,5%).

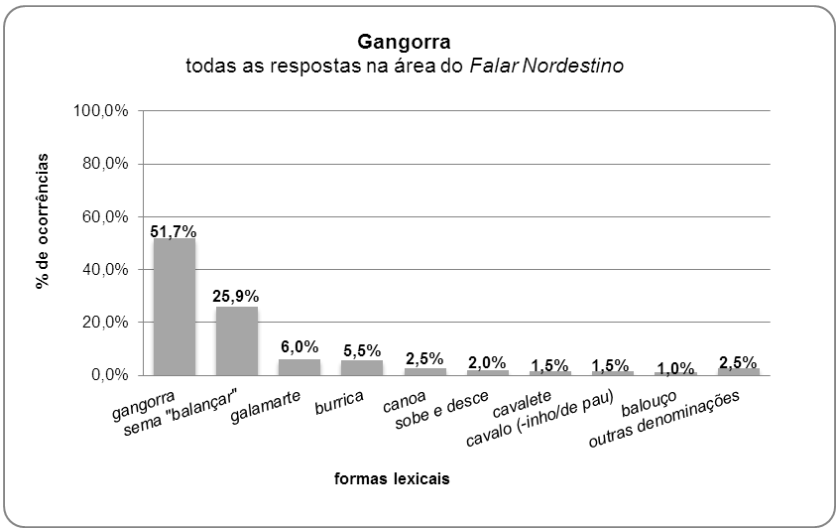


Gráfico 27: Percentual de ocorrência de variantes para *gangorra* no *Falar Nordestino*

A análise estatística das ocorrências da amostra referente aos agrupamentos de sema "balançar" desvela que *balanço* é a forma com maior vitalidade, totalizando 59,6% de frequência, em segundo lugar aparece *balanceio*, com 17,3%. Os demais valores em percentual podem ser observados no Gráfico 28, exposto a seguir.

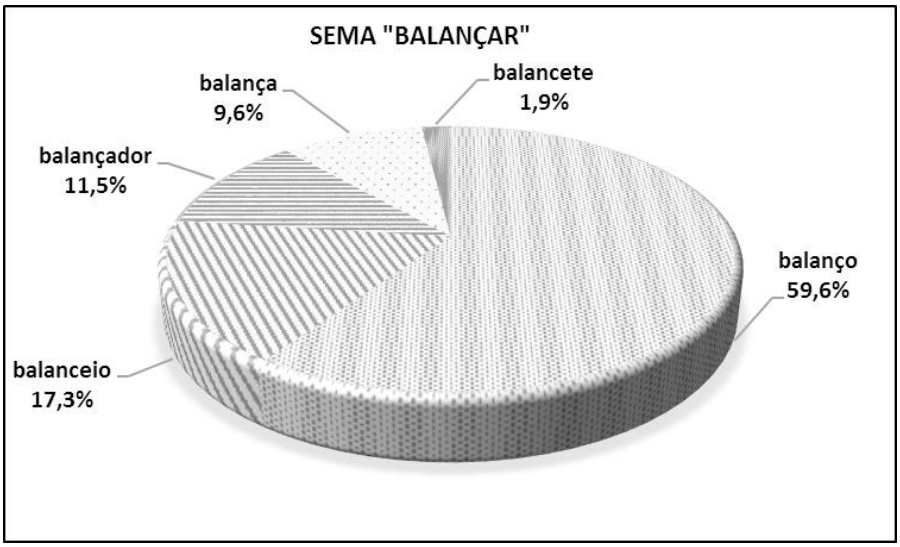


Gráfico 28: percentual de ocorrência de variantes para *gangorra* no *Falar Nordestino* (variantes de sema "balançar")

Em relação ao parâmetro diatópico, considerando todos os agrupamentos, identifica-se que *gangorra* está distribuída 88,3% das localidades, mais precisamente em 44 pontos de inquérito. Já as formas que têm o sema "balançar" foram documentadas em

64,2% da região em análise. Com valores menores que 25%, estão as demais lexias (cf. Gráfico 29).

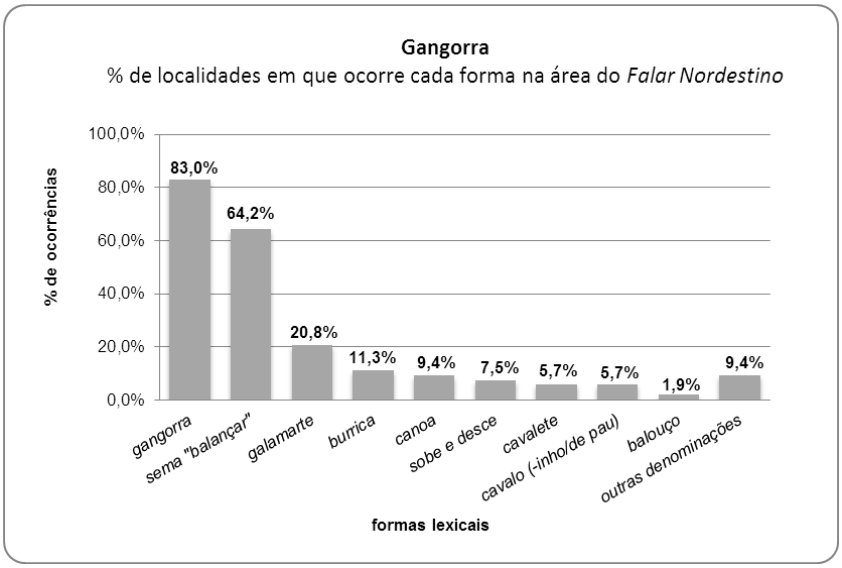


Gráfico 29: percentual de presença das variantes para *gangorra* nas localidades do *Falar Nordestino*

A leitura das cartas linguísticas (Figuras 94 e 95) permite detectar a presença de *gangorra* em todos os sete Estados, com destaque para o Maranhão, Piauí e Alagoas, onde a forma foi documentada em todos os municípios. As designações que apresentam o sema "balançar" também estão presentes em todo os sete Estados que contemplam este estudo.

*Galamarte* aparece em apenas uma localidade nos Estados do Maranhão, Piauí e Paraíba. Em duas localidades no Rio Grande do Norte e Pernambuco e em quatro cidades do Ceará. No *Falar Amazônico*, como será apresentado adiante, Portilho (2013) também documenta, com baixa frequência, a forma. De acordo com a autora,

> No sítio Substantivo plural[20], vê-se que o galamarte, também conhecido por galamacho ou joão galamarte, é um brinquedo típico do Nordeste, o que reforça a hipótese de que joão galamarte tenha migrado para a região Norte do Brasil. (PORTILHO, 2013, p. 125).

Vale destacar que, das 12 ocorrências da variante *galamarte*, 11 foram fornecidas por informantes da segunda faixa etária.

O item lexical *burrica* foi catalogado em João Pessoa, na Paraíba e em cinco municípios de Pernambuco. Ressalta-se, mais uma vez, a presença marcante da forma na

[20] Site independente de jornalistas de Natal (RN).

fala dos informantes da faixa etária dois, dando indícios de seu desaparecendo no vocabulário dos informantes entrevistados, visto que a forma não aparece na fala dos mais jovens. O exemplo demonstra tal fato.

> É o costume nóis aqui chamá *burrica*. Antigamente, né?
> Chamava burrica. Hoje em dia, eu nem sei. Deve ter mudado já.
> **(070/04) – (Recife - PE). Inf.: homem, faixa etária II, ensino fundamental incompleto**

As ocorrências de *cavalete* forma encontradas, exclusivamente, no Ceará, em três localidades – Camocim, Sobral e Canindé. Já *balouço* foi documentado, unicamente, em São Luís – Maranhão.

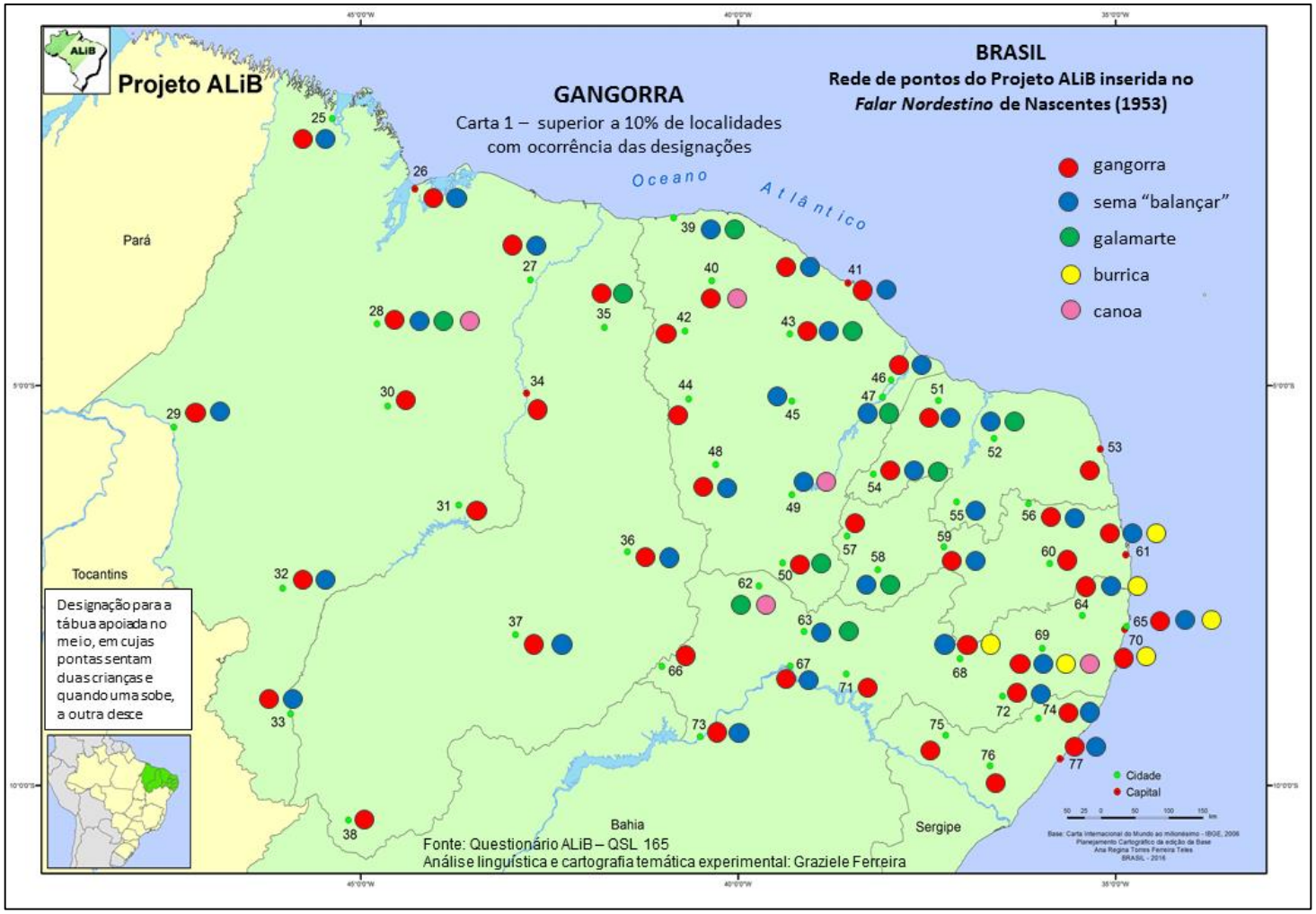


Figura 94: carta linguística 1 para *gangorra* no *Falar Nordestino*

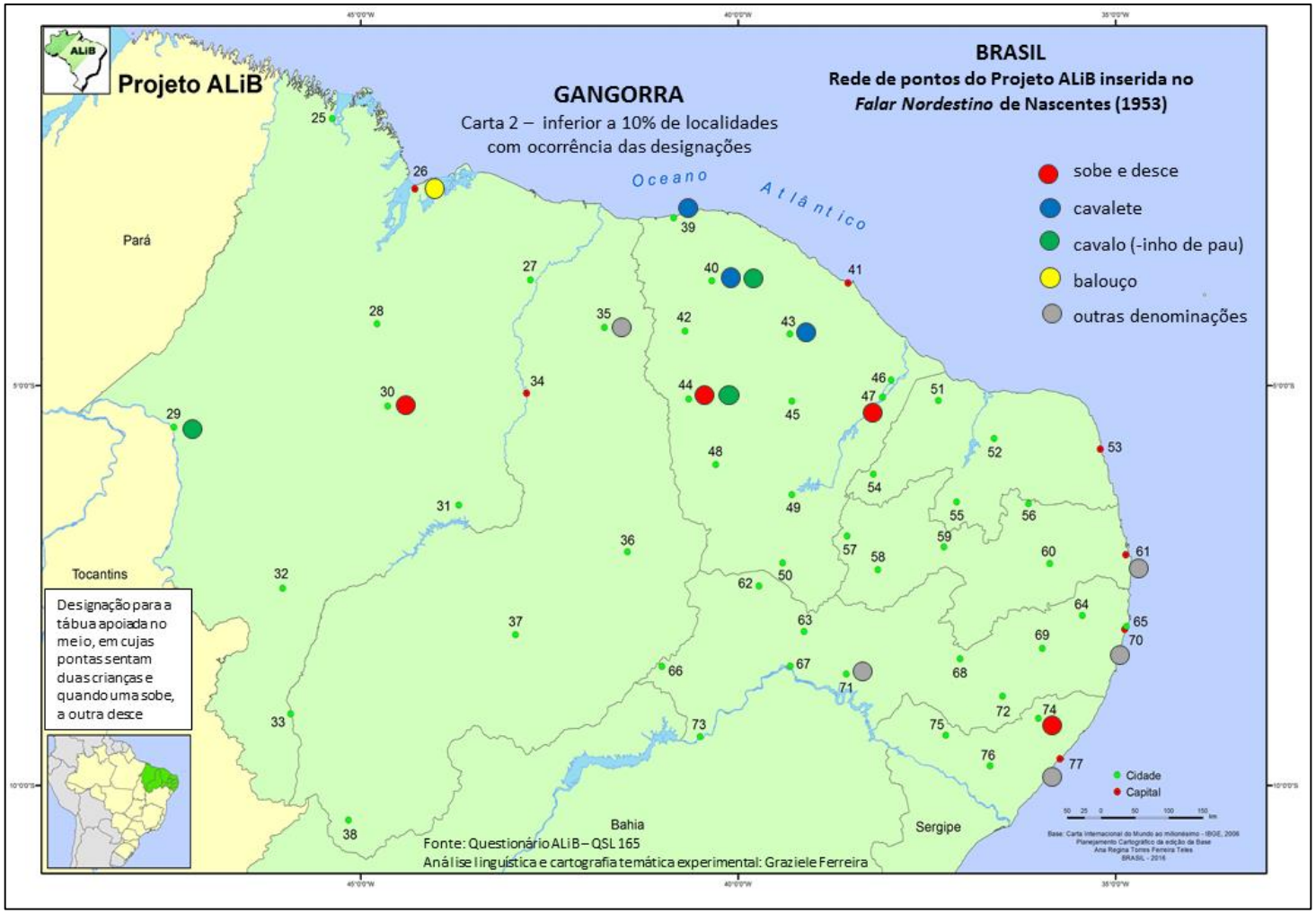


Figura 95: carta linguística 2 para *gangorra* no *Falar Nordestino*

### 4.11.1 O léxico de *gangorra* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

Segundo estudo de Ribeiro (2012), 262 ocorrências foram coletadas, as respostas válidas somam 80,9% (212) e 19,1% (50) correspondem às ocorrências de NS/NL/NO. *Gangorra* foi a forma com maior vitalidade (55,7%) e, desse, modo considerada a definidora das generalizações, ao lado de *balanço* (26,9%), *balança* (8,0%), *balango* (4,2%), *balanceio* e *zanza* (0,9% cada uma). Com 3,3% estão as *respostas únicas*: *banguê*, *barca*, *barquinho*, *carrossel*, *pinhê*, *pula-pula* e *sobe-desce*.

*Gangorra* foi documentada em 50 das 57 cidades do *Falar Baiano*, totalizando 87,7% de presença em localidades. A variante *balanço* também está amplamente disseminada na área em análise, perfazendo 59,6%, seguida de *balança* (21,1%), *balango* (12,3%), *balanceio* (3,5%) e *zanza* (1,8%).

Para a questão 165, na área no *Falar Amazônico*, (PORTILHO, 2013), foram documentadas 16 lexias: *balanço*, com produtividade de 47,5%; *gangorra*, com 39,2%; *burrica*, com 2,5%; *barquinha*, com 1,7%; *João galamarte*, com 1,7% e *pula tábua*, que representa 1,7% das ocorrências. Com 5,7%, registram-se, ainda, mais nove formas diversas, reunidas no grupo *ocorrências únicas*.

Os dados recolhidos por Santos (2016) demonstraram o alto índice de produtividade da questão em foco. Das 155 ocorrências obtidas, 139 são respostas consideradas válidas e 16 são de NS/NL/NO, totalizando um percentual de 10,3%. Dentre as formas encontradas, *gangorra* apresenta a maior vitalidade, com frequência de 74,1% e percorre todos municípios do *Falar Fluminense*. Com menores valores de frequência, foram documentadas as seguintes unidades lexicais: *balanço* (17,3%), *sobe-desce* (2,2%), *balango*, *zanga-burrinho* e *vai e vem* (1,4% cada uma) e *outras formas*, que obteve 2,2%.

A comparação entre os estudos permite identificar a aproximação dos quatro subfalares, pois, embora tenham especificidades, todos apresentam *gangorra* e *balanço* (itens com sema “balançar”, no caso do *Falar Nordestino*) como as duas formas mais frequentes. A variante *gangorra* prevalece em três áreas, *Baiano, Fluminense e Nordestino*, enquanto, no *Falar Amazônico*, *balanço* é a lexia mais vital.

## 4.12 Designações para a tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás

O *balanço* é um brinquedo que conta com um assento suspenso, feito de madeira ou, muitas vezes, substituído por pneus e amarrado por cordas ou correntes em uma trave ou em galho de árvore, conforme ilustra a Figura 96. Assim como a *gangorra*, o *balanço* também é muito comum nos parques e escolas espalhados pelo Brasil.

Figura 96: meninas brincando juntas no mesmo balanço, na Comunidade Indígena Panará – PA

Fonte: Disponível em <http://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras/balanco-de-embira/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

No Dicionário Houaiss (2011), *balanço* está definido como o "brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes fixas num suporte, permitindo a realização de movimentos oscilatórios; balouço, bambão".

Ao fazer a pergunta: "**Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?**" (COMITÊ NACIONAL... 2001, p. 35), obtiveram-se 237 respostas válidas para QSL 166, perfazendo 95,2% das ocorrências e 12 informantes (4,8%) não souberam responder, demonstrando a produtividade da questão na área geográfica em análise. Foram recolhidos 17 itens lexias, distribuídos em sete grupos (cf. Quadro 19)

Quadro 19: resultado dos agrupamentos para *balanço*

| Designação agrupadora | Formas lexicais agrupadas |
|---|---|
| ***balança*** | *balança* |
| ***balançador*** | *balançador; balançadorzinho; brincar de balançador* |
| ***balanceio*** | *balanceio; balancei; balanceio de corda; balancê* |

| | |
|---|---|
| ***balancete*** | *Balancete* |
| ***balanço*** | *balanço; balancinho; balancin; balanço de corda; cadeirinha de balanço* |
| ***balouço*** | *balouço* |
| ***outras denominações*** | *barquinha; balangute; cadeirinha; vai e vem* |

O Quadro 19 informa que *balança*, *balancete* e *balouço* não apresentaram variações. Nas outras formas, houve a neutralização das variantes fônicas, remoção dos verbos de ação (*balançador* x *brincar de balançador*), simplificação dos diminutivos (*balançador* x *balançadorzinho*), (*balanço* x *balancinho)* e transformação das lexias compostas em lexias simples (*balanço* x *cadeirinha de balanço*), (*balanço* x *balanço de corda*).

Com percentual de 68,8%, *balança* foi a forma majoritária, estabelecendo grande diferença para *balançador*, segunda variante mais frequente, com 16,9%. No Gráfico 30, vê-se os percentuais de ocorrência de todos os agrupamentos propostos para a questão 166 do QSL.

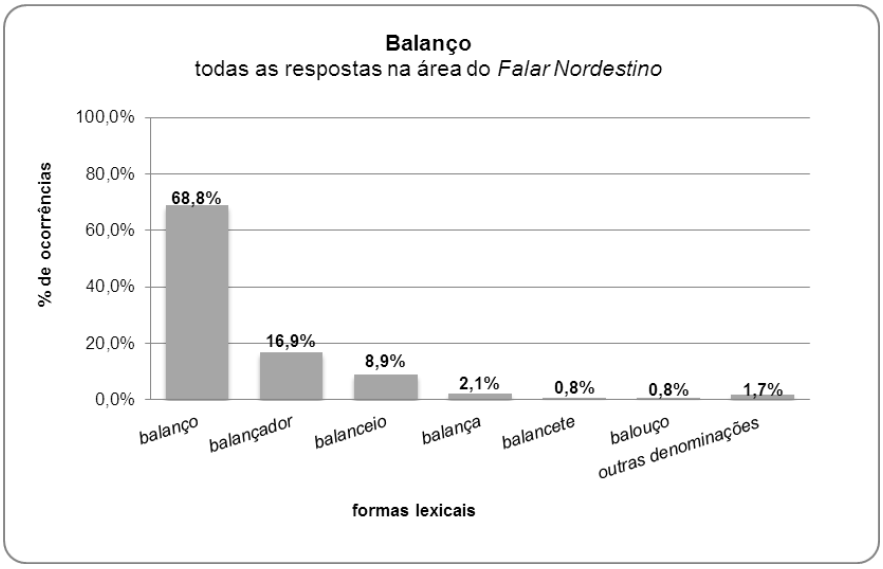


Gráfico 30: percentual de ocorrência de variantes para *balanço* no *Falar Nordestino*

Observa-se que todas as variantes registradas para a questão 166 do QSL – *balanço* – foram, igualmente, fornecidas para a questão 165 – *gangorra*, o que sugere a hipótese de que, para alguns informantes, os dois brinquedos podem ser nomeados pelas mesmas formas.

No tocante à presença das variantes nos pontos de inquérito, observa-se que *balanço* é a forma mais recorrente, pois está disseminada em 88,7% das localidades. Além disso, foi documentada em todos os sete Estados, com destaque para Piauí, Rio Grande do Norte e Alagoas, Estados onde a lexia percorre todas as cidades.

O item *balançador*, com 35,8% de presença, foi registrado em quatro Estados: Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco e Alagoas. Já a resposta *balaceio* foi mencionada no Ceará, na Paraíba e em Pernambuco, totalizando 18,9% de frequência nas localidades.

Com valores percentuais de presença menores que 10%, foram catalogadas as seguintes formas: *balança* (7,5%), *balancete* (3,8%) e *balouço* (1,9%). Salienta-se que a forma *balouço* foi documentada, exclusivamente, em São Luís do Maranhão. As quatro lexias reunidas em *outras denominações* foram registradas em 7,5% dos munícios do *Falar Nordestino*. O Gráfico 31 e a Figura 97 indicam a distribuição diatópica das variantes.

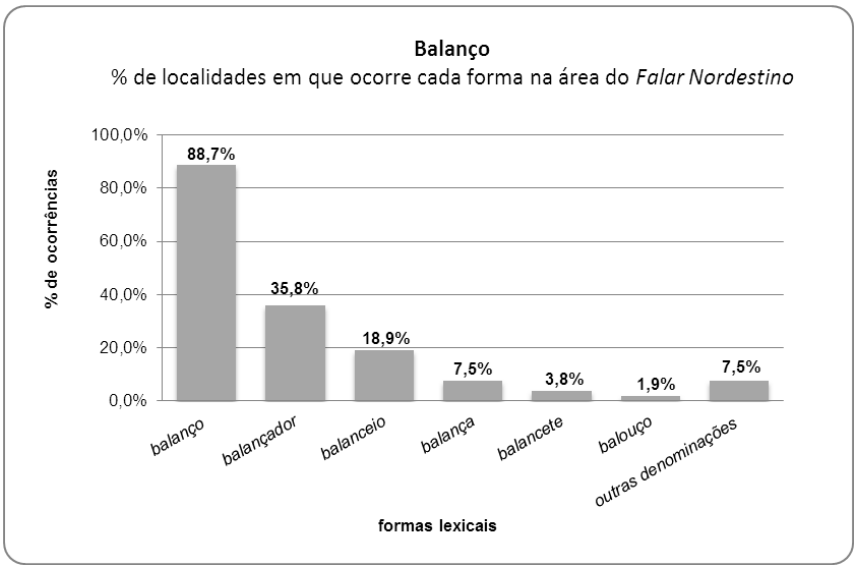


Gráfico 31: percentual de presença das variantes para *balanço* nas localidades do *Falar Nordestino*

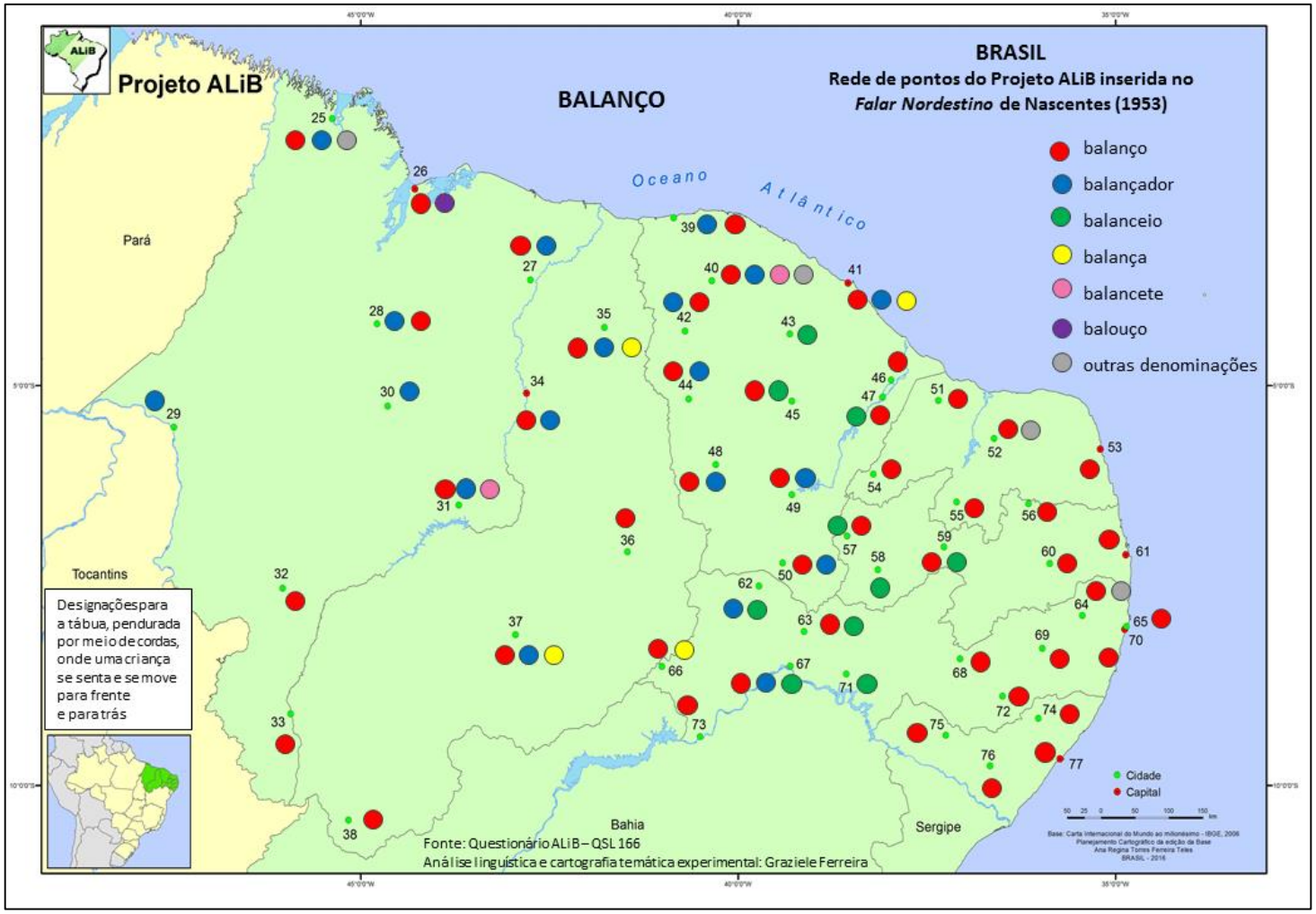


Figura 97: carta linguística para *balanço* no *Falar Nordestino*

### 4.12.1 O léxico de *balanço* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

De acordo com Ribeiro (2012), a questão 166 do QSL teve excelente resultado, foram 99,7% casos de respostas válidas. A forma que mais ocorreu, no *Falar Baiano*, foi *balanço*, pois obteve 60,8% de produtividade, seguida de *gangorra* (14,3%), *(bango) balango* (11,0%), *balança* (6,2%), *zanza* (3,7%), *balanceio* (1,8%), *balançador* (0,7%) e as *respostas únicas* (1,5%). Ademais, *balanço* também mostrou grande percentual de presença em localidades, aparecendo em 53 das 57 observadas (94,7%). A segunda variante com maior presença é *gangorra*, que está disseminada em 16 localidades (28,1%). As demais formas foram registradas com valores menores que 25%.

Na área correspondente ao *Falar Amazônico*, Portilho (2013) registra que foram documentados seis agrupamentos lexicais para a questão em foco: *balanço*, *balançador*, *balancinho*, *embalo*, *barquinha* e *ocorrências únicas*: *trapézio*, *balancê*, *jamarrô*, *pau de arara*. A primeira forma citada foi a mais vital, com 84,5% de frequência, distribuída em 11 localidades.

O levantamento de dados, realizado por Santos (21016), revelou que a resposta mais conhecida no *Falar Fluminense* foi balanço, com 74,7% e presente em todos os Estados. Com menor produtividade, registraram-se as lexias: *gangorra* (15,6%), *balango* (9,1%) e *outras formas* (0,6%).

Atesta-se, a partir do exposto, que, mesmo ocorrendo várias denominações para o brinquedo, há convergência entre os estudos, uma vez que *balanço* foi predominante, com mais de 60%, em todos os quatro subfalares.

## 4.13 Designações para a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só

A brincadeira consiste em saltar com uma só perna sobre um desenho, formado por quadrados numerados de 1 a 10, tradicionalmente, feito na calçada com giz ou carvão. O jogador deve lançar um objeto, que pode ser uma varinha, pedrinha, casca de banana, ou outros objetos, dentro dos limites de cada casa e ir pulando com um pé só nas casas isoladas e com os dois pés nas casas duplas até chegar ao “céu”. Destaca-se que outras formas de confecção do desenho e de regras podem ser encontradas no território brasileiro.

Ressalta-se a importância do jogo no desenvolvimento das habilidades motoras e cognitivas das crianças. É possível, através da brincadeira, conhecer e escrever os números, exercitar as habilidades de contar, de raciocinar e o de promoção do equilíbrio. Do mesmo modo, a atividade lúdica favorece outras capacidades tais como: desenhar, pensar no trajeto ou no tamanho dos quadrinhos. O jogo, por muito tempo, foi essencialmente feminino. No entanto, a escola passou a incluir, em sua prática, os meninos na brincadeira.

Figura 97: criança brincando de *amarelinha* durante a recreação na escola

Fonte: Disponível em: < http://www.colmagno.com.br/Telas_Magno/noticias2013/hoje_brinq_1505.htm>. Acesso em: 15 mai. 2018.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2011), a *amarelinha* é uma

> brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma Figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto. Houaiss (2011).

A aplicação da questão 167 do QSL resultou em 196 respostas válidas e 69 casos de N.S./N.L./N.O. Registra-se que foram 35 casos de NL (não lembra), 28 de NS (não sabe) e 06 de NO (não obtida). Com isso, nota-se que a maioria desses informantes tem conhecimento da existência da brincadeira, porém, naquele momento, não foram capazes de lembrar o nome. Documentaram-se três ocorrências de *céu*, uma das partes do desenho

que compõe a brincadeira, nas localidades de Fortaleza (CE) e São Luís (MA), e como opção metodológica e para efeitos deste estudo estão elencadas como NO. Cabe informar que não houve aferição por parte do inquiridor sobre "céu" ser parte da brincadeira ou parte do desenho. Não é possível apurar se, nestes casos, "céu" é uma designação válida, o que justifica a decisão metodológica de anotação como NO.

Os informantes forneceram 36 itens lexicais para a pergunta em questão, que foram grupados da seguinte forma:

| **Designação agrupadora** | **Formas lexicais agrupadas** |
|---|---|
| *academia/cademia* | *academia; cademia; pular cademia* |
| *amarelinha* | *amarelinha; amarelinho; marelinha; amarelinhas; amarela; brincar de amaré; amaré* |
| *avião* | *avião; aviãozinho; brincadeira do avião; brincar de avião* |
| *boneca* | *boneca; brincar de boneca* |
| *cancão* | *cancão; pular cancão* |
| *macaca/o* | *macaca; macaco; macacão; pular macacão; maracacão; pular macaco.* |
| *pula-pula* | *pula-pula* |
| *outras denominações* | *ganraiô; meia-lua; soldado; cinco salomão; pulador; moreninha; jogo de xadrez; pinga-fogo* |

Quadro 20: resultado dos agrupamentos para *amarelinha*

No agrupamento, descrito anteriormente, seguindo os passos traçados na metodologia, realizou-se a neutralização das variantes fônicas; simplificação da derivação de grau e flexão de gênero; remoção dos verbos de ação; transformação das lexias compostas em lexias simples, como nos casos: "brincar de avião" e "brincadeira do avião".

As ocorrências *academia/cademia* (junção de *academia* e *cademia*) e *macaca/o* (junção de *macaca* e *macaco*) não foram consideradas variantes fônicas. Decidiu-se utilizar as duas formas concomitantemente para estabelecer as designações agrupadoras, devido ao número aproximado de dados computados. Não houve índices altos de uma forma em detrimento de outra. Em contrapartida, não foi possível aplicar essa mesma regra para *amarelinha* e *marelinha*, pois o item *marelinha* aparece uma única vez, na

localidade de Tauá – Ceará e, nesse contexto, a lexia *marelinha* foi mantida como caso de variação fonética. )

A forma *amarelinha* foi registrada como a mais recorrente, com 37,2% das ocorrências. O nome da brincadeira provém do francês, "marelle", que significa pedaço pequeno de madeira ou pedrinha, que é, geralmente, o objeto utilizado para começar o jogo. A palavra, para os portugueses, soava como diminutivo de amarelo, daí "amarelinha". Observa-se, nesse sentido, que o nome da brincadeira não tem relação com a cor. A segunda lexia que mais apareceu na área em análise foi *academia/cademia*, com 26,5%, seguida de *macaca/o* (13,8%). Outras lexias, com menores frequência, também foram encontradas, a saber: *cancão* (7,7%), *avião* (7,1%), *boneca* (2,0%), *pula-pula* (1,5%) e as *outras denominações* (4,1%), conforme ilustra o Gráfico 32:

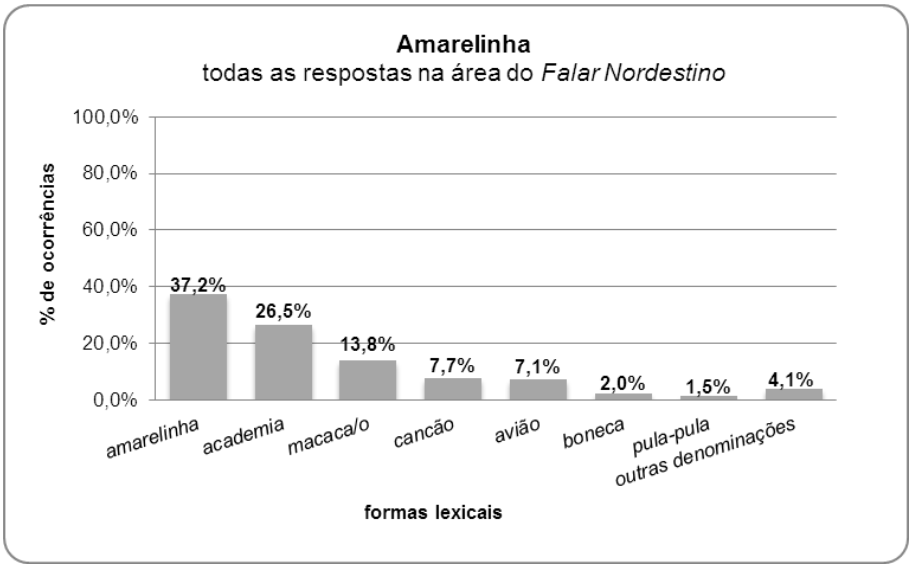


Gráfico 32:percentual de ocorrência de variantes para *amarelinha* no *Falar Nordestino*

No que se refere à diatopia, observa-se que há formas que percorrem toda a área, porém existem formas que predominam em determinados Estados. Isto pode ser observado por meio do Gráfico 33 e da Figura 98 e no que a seguir se explicita para cada designação em foco.

*Amarelinha*, com 73,6% de distribuição entre as localidades, aparece em todos os Estados analisados, sendo, desse modo, a forma generalizadora.

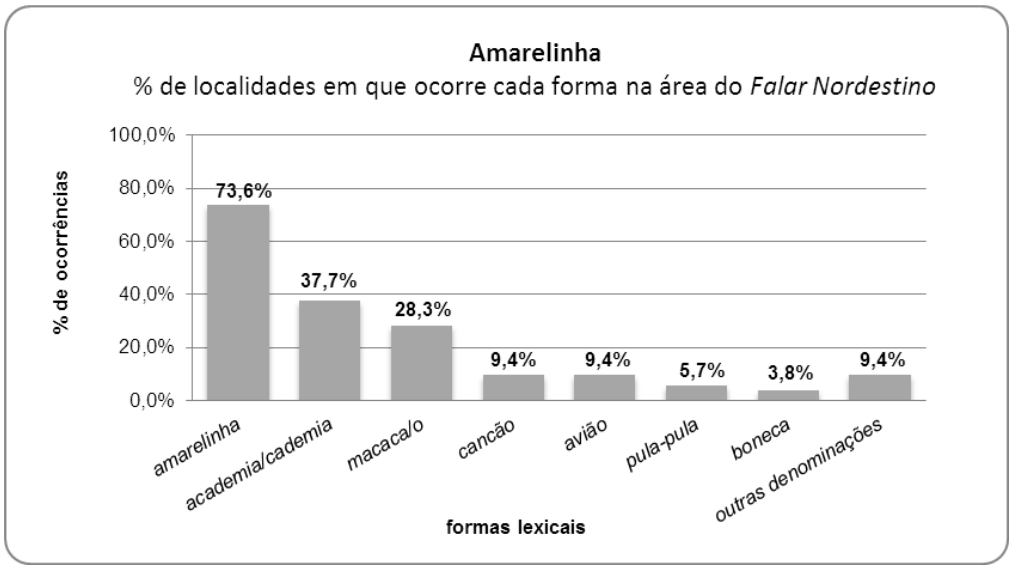


Gráfico 33: percentual de presença das variantes para *amarelinha* nas localidades do *Falar Nordestino*

*Academia/cademia*, com percentual de 37,7% de presença em localidades (20 localidades de 53) desponta, com grande frequência, nas localidades dos Estados do Rio Grande do Norte; Paraíba; Pernambuco e em uma localidade de Alagoas. Em contrapartida, a lexia *macaca* está presente nos outros três Estados: Maranhão, apenas em uma localidade; Piauí; Ceará e em duas localidades de Pernambuco.

A designação *macaca/o* alcançou 28,3% de presença, sendo, então, a terceira forma com mais presença no *Falar Nordestino*. O item lexical aparece em quatro Estados: Maranhão (apenas uma localidade), Piauí (quatro das cinco localidades), Ceará (sete localidades) e Pernambuco (três localidades).

*Cancão* (9,4%) é uma forma que se restringe ao Maranhão e a uma localidade do Piauí. A elocução do informante 03 de Imperatriz confirma a predominância de *cancão* no Maranhão e, além disso, revela traços da variação diageracional:

> INF. –É **cancão** pra gente. Nós chama **cancão**.
> INQ. – Você sabe se tem outros nomes?
> INF. – Agora os meninos chama amarelinha.
> INQ. – Ah, amarelinha?
> INF. – É, de hoje, né? Hoje eles chamam amarelinha, mas na minha época era **cancão**.
> **(029/03) – (Imperatriz - MA)/ Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto.)**

A unidade léxica *avião*, que está presente em 9,4% da área, aparece nas quatro localidades de Alagoas e em uma cidade de Pernambuco. Confirma-se aqui a

especificidade que o Estado de Alagoas vem demonstrando ao longo da descrição realizada com este estudo.

Fica clara, na fala do informante 02, de Santana do Ipanema, a consciência da variante mais usada na região:

> INF. – Pra nós aqui, que nós somos do... do... do... do interior mermo...
> INQ. – Humrum.
> INF. – ... aqui... Eu acho que o nome certo é **amarelinha**, mas, aqui, nós chamamos **avião**, essa brincadeira aí.
> INQ. – Mas é a mesma coisa?
> INF. – Sim.
> INQ. – Você chama **amarelinha** ou **avião**?
> INF. – Eu chamo **avião**... É que o desenho no chão parece um **avião**.
> **(075/02) – (Santana do Ipanema - AL). Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto**

Documentaram-se, ainda, as variantes *pula-pula* (5,7%), *boneca* (3,8%) e o agrupamento com *outras denominações* (9,4%) de ocorrência única e que não estão cartografadas.

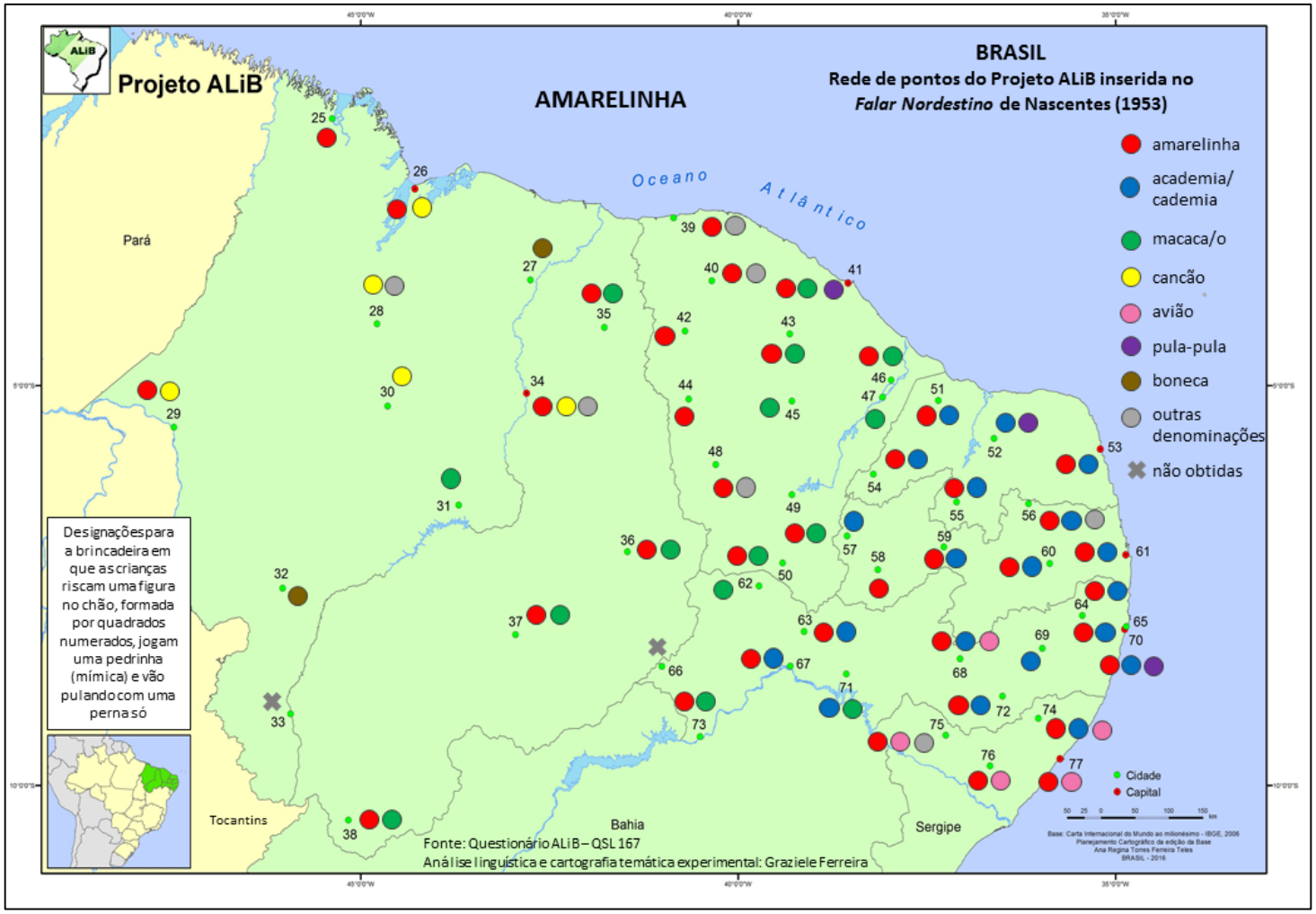


Figura 98: carta linguística para *amarelinha* no *Falar Nordestino*

### 4.13.1 O léxico de a*marelinha* no Brasil: o que revelam os dados do ALiB

Ribeiro (2012), ao analisar as denominações para a questão 167 do QSL, na área do *Falar Baiano*, documentou 265 ocorrências, sendo 188 respostas válidas (70,9%). A forma *macaco* foi a mais produtiva, com 39,9%, seguida de *amarelinha*, com 31,4%. Quando se considera a distribuição diatópica, ou seja, a frequência em localidade, *amarelinha* destacou-se, com 69,4% e *macaco* apareceu com 52,6%. Optou-se por *amarelinha* como definidora das generalizações, pois o estudo objetivou identificar a diversidade geográfica e reconhecer áreas dialetais. Houve, também, a presença dos itens lexicais *maré*, *maê*, *avião*, *academia*, *capiçola* e *baliza*. Pontua-se que *academia* e *avião* estiveram presentes apenas na área de controle, mais especificamente nos Estados de Pernambuco e Alagoas, respectivamente, ou seja, Estados que fazem parte do *Falar Nordestino*.

O estudo de Portilho (2013), no *Falar Amazônico*, demonstrou que o conjunto rotulado *macaca* (resultado do agrupamento: *macaca*, *macacão*, *macaco*, *macaquinha*) predominou nas localidades examinadas, com 51,3%. A autora documentou, ainda, as lexias *amarelinha*, com presença em 24 das 26 cidades analisadas, *cancan*[21], *tia chica*, *queimada*, *cemitério* e *jogo da velha*, que acabou sendo descartada por se tratar de outra brincadeira.

Houve, portanto, aproximação com o Piauí, Estado em que a dissertação de Portilho (2013) dialoga como área de controle com este trabalho, já que *macaca/o* é documentada em, praticamente, todas as localidades de Piauí e disseminada pelo Ceará e Pernambuco.

Na área do *Falar Fluminense*, Santos (2016) registrou 153 respostas para a pergunta, totalizando 128 válidas (83,7%). *Amarelinha* é a forma majoritária, apresentando frequência de 71,9% e despontando em todos os Estados analisados. Outras denominações, com valores percentuais menores, também apareceram: *maré*, *pula-pula*, *maê*, *baliza*, *pé-pe* e as *outras formas*.

Com isso, verifica-se que *amarelinha* percorre todas as áreas dialetais aqui apresentadas, configurando-se como o item lexical mais frequente nos *Falares Fluminense* e *Nordestino*. Nota-se que *macaca/o* desponta com grande relevância nos Falares *Amazônico*, *Baiano* e *Nordestino*. Dessa maneira, os dados obtidos sugerem a

[21] Aqui podendo ser considerada *cancão* por aproximação com os dados descritos nesta dissertação.

comprovação da hipótese defendida por Portilho (2013) de que *macaca/o* seja uma variante do Norte e Nordeste brasileiro e mesmo sendo documentada no *Falar Baiano*, Ribeiro (2012, p. 430) observa "que não há registros em Goiás e Minas Gerais, a exceção de duas localidades do Falar Baiano, uma em cada Estado: São Domingos (GO/119) e Januária (MG/127)".

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto da pesquisa que analisou a atualidade da proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), no que tange ao *Falar Nordestino*, através das respostas apuradas para as 13 perguntas do campo semântico dos *jogos e diversões infantis*, por meio dos inquéritos linguísticos realizados em 53 localidades brasileiras que integram a rede de pontos do Projeto ALiB. Pretende-se, a partir dos resultados, colaborar com dados para outros estudiosos interessados no tema, além de contribuir para um melhor conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil.

Foi possível observar que certos brinquedos e brincadeiras infantis, bem como as lexias utilizadas para nomeá-los estão bastante presentes no repertório cultural e linguístico dos falantes. Desse modo, as questões utilizadas na amostra demonstraram alto índice de produtividade, a exceção das perguntas QSL/163 *pique (local combinado)* e QSL/164 *chicotinho-queimado*, que apresentaram menos de 30% de aproveitamento. O fato sugere a hipótese de que os informantes não utilizam uma nomeação específica para indicar o *ponto combinado* para se salvar, em brincadeira do tipo "correr e pegar", já que a questão 163 - *pique* está relacionada diretamente com a 164 - *pega-pega*, que obteve boa vitalidade. Isto é, os informantes nomeiam a atividade recreativa, mas não conhecem as lexias para o *local combinado*. A brincadeira *chicotinho-queimado*, por seu turno, parece que não faz parte do universo lúdico dos entrevistados. Nas áreas do *Falar Baiano*, *Amazônico* e *Fluminense* também foram documentados altos índices de não obtenção para essas perguntas.

Observa-se, também, que certas formas foram registradas em todos os 53 pontos de inquéritos, são elas: *pipa* e as variantes pertencentes ao *sema "esconder"*. Documentaram-se, ainda, com mais de 80% de presença em localidades as variantes: *bola/bolinha de gude*, *balanço*, *estilingue*, *bunda-canastra* e *gangorra*. Nota-se, com isso, que há, na região observada, uma tendência a utilização de formas lexicais relativamente prestigiadas, pois os itens que aparecem com maior frequência nas localidades estão dicionarizados com o mesmo sentido nas obras lexicográficas consultadas por Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016)[22] em em Houaiss (2011), utilizada nesta dissertação.

[22] As obras lexicográficas utilizadas pelos autores estão apresentadas na subseção os estudos lexicais a partir dos dados do projeto ALiB: uma comparação com a divisão dialetal de Nascentes (1953**).**

Por meio das análises dos estudos realizados com os mesmos dados do ALiB (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015; Santos, 2016) e dos resultados obtidos neste trabalho, é possível afirmar que há exatidão no traçado de Nascentes (1953) para os Falares do Norte e do Sul. Santos (2016), ao comparar esses mesmos estudos, já havia comprovado a precisão do autor. Os resultados referentes ao *Falar Nordestino* corroboram com essa constatação. Nesse sentido, o fato valida-se, dentre outras coisas, pela presença exclusiva de algumas lexias nos *Falares Nordestino* e *Amazônico*, subfalares do Norte, como nos casos da documentação de *carambela* e *carambola* para a pergunta 155 (cambalhota); *bila* e *peteca* para 156 (bola de gude); *balançador* para 165 (balanço); *pata-cega* para 161 (cobra-cega); *cancão e academia/cademia* para 166 (amarelinha). Assim, atesta-se ser possível visualizar áreas dialetais tendo o léxico como objeto de análise.

Voltando-se às perguntas que nortearam os objetos desta pesquisa, pretende-se demonstrar o que foi possível compreender ao final da investigação.

As perguntas norteadoras foram as seguintes:

1) É possível delinear a área do dialetal do *Falar Nordestino* através do léxico?
2) Com base em estudo centrado no campo semântico de *jogos e diversões Infantis*, pode-se considerar atual a proposta de divisão dialetal de Nascentes (1953), em relação à área denominada *Falar Nordestino*?
3) Há subáreas linguísticas dentro do *Falar Nordestino*?

Observando a primeira questão, os dados coletados mostraram que foi possível, por meio de itens lexicais, delinear diatopicamente a área do *Falar Nordestino* de Nascentes (1953).

Verificando toda a área pesquisada responde-se negativamente à segunda questão, pela ausência de atualidade na proposta de Nascentes (1953), no que se refere ao *Falar Nordestino* como uma área homogênea. A falta de unidade linguística pode ser explicada pela extensão e pela diversidade sócio-histórica da área.

Refletindo sobre a terceira questão norteadora, foi possível estabelecer a existência de duas subáreas dialetais com limites fluidos. O Estado do Maranhão e, por vezes, algumas cidades limítrofes do Piauí representam uma subárea, que se aproxima da região Norte do país (limites do *Falar Amazônico*). A outra subárea é formada pelos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, que ora dialogam com o Ceará, ora dialogam com Alagoas.

Os Estados do Ceará e Alagoas apresentam especificidades, comportando-se como áreas de transição. Pontua-se que essas características são mais claras quando observadas algumas respostas às questões descritas durante a análise e a seguir destacadas.

(i) Em Alagoas: *ximbra* (QSL156 – *bola de gude*), com presença também em dois pontos de PE (72 e 69), e *avião* (QSL167 – *amarelinha*), com presença em todas as localidades de AL em área de contato em PE (68).

(ii) No Ceará: *cabiçulinha* (QSL 156 – *bola de gude*), com contato em área de fronteira com o RN (ponto 51); *estilete* (QSL 157 – *estilingue*), em um ponto do Maranhão (26), e *cavalete* (QSL 165 – *gangorra*).

A heterogeneidade linguística demonstrada na área examinada comprova a hipótese admitida na Introdução: a proposta de divisão dialetal de Nascentes, datada de 1953, para a área do *Falar Nordestino*, não corresponde, atualmente, à realidade linguística observada, considerando o campo semântico dos *jogos e diversões infantis* nos dados do Projeto ALiB e uma descrição baseada no léxico.

Entende-se, dessa forma, que é preciso ampliar a investigação na área do *Falar Nordestino* através da testagem analítica com outros campos semânticos do questionário do Projeto o ALiB, buscando identificar com precisão a norma lexical da região. Estudos como o de Romano (2015) podem ser aplicados nesta situação, visto que o autor testou itens do léxico pertencentes à diversas áreas semânticas do QSL ALiB.

Além da ampliação da pesquisa com itens do léxico, sugere-se estudo com base em outros níveis de análise da língua para compreensão mais precisa dos falares da área.

Embora não tenha sido um dos objetivos desta pesquisa, compreende-se, ainda, que um estudo aprofundado da sócio-história da região Nordeste seja importante para elucidar questões especificas observadas nos Estados em foco.

Tendo em vista as etapas cumpridas, os resultados apresentados e as reflexões suscitadas, a pesquisa cumpre os objetivos estabelecidos: identificar o *Falar Nordestino* a partir da reunião de pesquisas com dados do Projeto ALiB acerca do campo semântico escolhido; apresentar uma proposta de divisão dialetal para a área do *Falar Nordestino;* comparar a divisão dialetal apresentada pela autora com a de Nascentes (1953).

Os resultados aqui discutidos podem, por fim, contribuir para a descrição da norma lexical do português falado na região Nordeste do Brasil e colaborar com dados

para a elaboração dos volumes do Atlas Linguístico do Brasil referentes ao interior do país.

Entende-se que o estudo não tem como fim esta dissertação, uma vez que não foram esgotadas todas as investigações que permitem descrever a variação diatópica e a variação lexical aqui fotografadas.

**REFERÊNCIAS**

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná.* Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALVES, Ieda. Ma. *Neologismo:* criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1920.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.

BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2ª ed.- Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil.* São Paulo: Contexto, 2011.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical.* São Paulo, Ática, 1991.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). *Atlas Linguístico do Ceará.* Vol.I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza C. Lexicologia, Lexicografia e Terninologia. In: ISQUERDO. Aparecida Negri. Maria. *As ciências do Léxico*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007, p. 53 - 75.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editoria, 2010.

CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.

Carvalho, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionários. Londrina: Editora UEL, 2001.

CORREIA, Margarita. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

D'ANUNCIAÇÃO, E.; RIBEIRO, S. *Léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis*: em busca do Falar Nordestino – Pernambuco (PE). Relatório de Pesquisa UFBA/CNPq 2013-2014 (Programa PIBIC). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

D'ANUNCIAÇÃO, E. *Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais.* 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultuta*. São Paulo: 2005.

FERRAZ, Aderlane Pereira. *Neologismo na publicidade impressa*: processos mais frequentes no português do Brasil. *In:* ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe.* Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 32. ed São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de la France*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Villar. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011. 1 CD-ROM.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxic*o: lexicologia, lexicografia e terminologia, volume II Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1963.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York.* Washington, D.C.: Center for Applied Liguistics, 1996.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste:* Alagoas e Nordeste. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2008[1934]. 176 p.

MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana (Orgs.). *Documentos 2.* Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Süssekind de Mendonça, 1922.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA. Ana Maria Pinto P. (Orgs). *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume V. Campo Grande, MS, 2001. Editora UFMS. 268p.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”. 2012. 752p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

RODRIGUES, G. K.; RIBEIRO, S. *Léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis*: em busca do Falar Nordestino – Piauí (PI), Rio Grande do Norte (RN), Maranhão e Paraíba. Relatório de Pesquisa UFBA/CNPq 2014-2016 (Programa PIBIC). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, Nelson. *A Dialectologia*. ALFA, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.

ROSSI, Nelson. *Os falares regionais do Brasil*. In: O SIMPÓSIO DE SÃO PAULO, 1969, São Paulo. Atas... São Paulo: [s.n.],1969.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. 2ª ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SANTOS, Graziele Ferreira da Silva; RIBEIRO, S. *Léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis:* em busca do Falar Nordestino - Ceará (CE). Relatório de Pesquisa UFBA/FAPESB 2014-2016 (Programa PIBIC). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos Caminhos do Falar Fluminense*. 155p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2016.

SAPIR, Edward. Linguística como ciência: Ensaios. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica,1961.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, José Jorge Paranhos da. *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*. Rio de Janeiro, 1879.

SILVA-CORVALÁN, Carmem. *Sociolingüística*: teoría y analisis. Madrid: Alhambra, 1988.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, José Aparecido. A. *O falar mineiro. Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Cultura, 1938.

TEIXEIRA, José Aparecido. *Estudos de dialectologia portuguesa*: linguagem de Goiás. São Paulo: Edit. Anchieta, 1944.

THUN, Harald. *A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata*. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. (Org.) Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, 63-92.UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

ZÁGARI, Mário et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

ZÁGARI, Mário. *Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A Geolingüística no Brasil*. Trilhas seguidas, caminhos a perseguir. Londrina: Editora da UEL, 2005[1998]. p. 43-72.